

Os Oráculos de Nostradamus



Por Charles A. Ward

Traduzido e editado
por Eric Jansen

Os Oráculos de Nostradamus



Por Charles A. Ward

Traduzido e editado
por Eric Jansen

OceanofPDF.com

Oráculos de Nostradamus

Por Charles A. Ward

Traduzido e editado por Eric Jansen

Ward é um dos 'Nostradamianos' mais conhecidos. Ele é um crente enfático na exatidão das previsões e reúne uma grande quantidade de erudição linguística e histórica para defender sua posição. Ele também é um estilista consumado; sua complicada prosa Vitoriana deixará muitos leitores esfregando os olhos. Às vezes, sua escrita torna-se quase (inadvertidamente) joyciana.

Ward apresenta alguns pontos-chave para qualquer intérprete em perspectiva de Nostradamus. Em primeiro lugar, o texto de Nostradamus não foi escrito inteiramente em francês; certamente não serviria como um bom texto para aprender francês moderno. Ele mistura francês do século 16, latim, Lang d'Oc (um dialeto provençal do francês semelhante ao catalão), palavras de sua própria invenção, como anagramas e estranhos amálgamas; bem como (deixe a câmara de eco) *palavras do futuro*. Ward observa que Nostradamus usa uma gíria, no contexto, para um componente de uma pederneira aprimorada ("cachorro") quase um século antes de ser inventada. Nostradamus também usa um termo para recrutamento em um sentido não usado até cerca de 1800.

Outro ponto que surge repetidamente é que é quase impossível usar Nostradamus para realmente *prever* eventos. As previsões geralmente só fazem sentido em retrospectiva. É muito fácil prever 'haverá terremotos, inundações, fome'. O que distingue Nostradamus é a precisão de seus 'golpes' quando vistos no espelho retrovisor. Em particular, a exposição de Wards dos presságios de Nostradamus de eventos específicos da Revolução Francesa é uma das partes mais fortes do livro. Nostradamus prevê detalhes do desenrolar dos eventos que estão muito próximos para serem coincidências, mas não teriam feito nenhum sentido quando publicados pela

primeira vez. Por exemplo, é feita referência constante a 'um lugar de azulejos' (as Tulherias), muito antes de sua construção.

Por último, Ward faz uma especulação interessante sobre o método de Nostradamus. Ele supõe que Nostradamus viu e ouviu os eventos que descreveu em sequência e escreveu notas em prosa; posteriormente, ele compôs a poesia enigmática, cortou-os em versos separados e os randomizou (*antecipando* os poetas surrealistas, talvez?). Embora Ward só dê detalhes de 15% dos versos de Nostradamus, ele os une em uma sequência que faz muito sentido.

Em retrospectiva.

Introdução © 2003, JB Hare

Nota bibliográfica: embora este livro seja bastante raro como uma primeira edição, há uma reimpressão da Biblioteca Moderna de Charles Scribner e Sons de 1940. A edição da Modern Library tem uma seleção de quadras adicionais anexadas (que não podem ser incluídas aqui por motivos de direitos autorais). Esta edição é muito comum e barata no mercado de livros usados e deve ser a pedra angular de qualquer coleção da Nostradamus.

Página de título

Dedicação de três profecias dos velhos tempos Prefácio

Conteúdo

Vida de Nostradamus

O prefácio de Michael Nostradamus às suas profecias Epístola a Henrique II

Magia

Fragmentos históricos

Henri Quatre

Luís XIII

Luís XIV

Luís XV

Inglaterra

Revolução Francesa
Luís XVI
A Convenção Nacional
Pio VI
Regra Napoleônica
Luís XVIII e Louis Philippe
Republic, 1848, e Napoleão III
Apêndice

ORÁCULOS DE NOSTRADAMUS

POR CHARLES A. WARD

Londres, The Leadenhall Press; Nova York, C. Scribner & Welford
[1891]

"Gentem quidem nullam vídeo, neque tam humanam atque aoc tam neque
tam immanem tamque barbaram, quæ non significari futura, et a quibasdam
intelligi praedicique posse censeat."

CICERO, De Divinatione, i. 2

'Quorum potentia intellectualis immediato à Deo agitata creditur, profetae
dicuntur; quorum voluntas heroës; at quorum intellectus et voluntas
censetur agitata à potentiis invisibilibus dependenteibus, appellantur magi. "

--CRISTO. THOMASIIUS, *em Brunck, Hist. Phil* . v. 512.

Tu te mocques aussi des prophètes que Dieu
Choisit en tês enfants et les fait au milieu
De ton sein apparôître, afin de te prédire
Ton malheur à venir; mais tu n'en fais que rire . Ou soit que le grand Dieu

l'immense éternité
Ait de Nostradamus l'enthousiasme excité,
Ou soit que le démon bon ou mauvais l'agite...
Comme un oracle antique, il a de
mainte année Prédit la plus grand part de nostre destinée."

RONsARD, Para Nostradamus. PARA A MINHA MAE
Οὐδὲν ἐν ἀνθρώποισι πατρὸς καὶ μετρὸς ἄμενον Ἐπλετο, τοῖς ὁσίῃ, Κύρνε,
μέμηλε δίκη.
THEOGNIS, p. 16, ed. 1766.
"Mas muito mais alto sobem minhas orgulhosas pretensões, O filho dos pais
passou para os céus."
COWPER, On My Mother's Picture, linha 110.

SE PODE HAVER ALGUMA COISA NUM LIVRO COMO ESTE
DIGNO DE DEDICAÇÃO A UM SER TÃO NOBRE COMO VOCÊ FOI
NUNCA NA VIDA, UM SER AGORA MAIS ENVELHECIDO AINDA
PELO RAIOS CÉU DE IMORTALIDADE ACONTECEU; A TI, PURA
ALMA SERENA! A TI SEU FILHO AINDA AMANTE, HAMPERADO,
DEDICA ESTE MELHOR TRABALHO DO SEU CORAÇÃO, CABEÇA
E ANOS. O MELHOR DELE É A SUA FÉ JÁ; E FOI COLHIDO O
RESTO MAIS PIOR DO QUE TALVEZ SEJA,
- A MORTALIDADE SER PERMITIDA DEVIDAMENTE, - O
RECEBIMENTO DE SUA ALMA DEVE SER MUITO ALTERADO
PELA EXALTAÇÃO, SE COMO RAINHA, NÃO PODE FAZER UM
PESAROSO PRESENTE DE AMOR RICO COM UM PRESENTE DE
BOAS-VINDAS DE OURO.

SE AS COISAS DE KITH SÃO PARES, QUER DEUS, NOS
ENCONTRAREMOS DE NOVO ANTES. ATÉ QUANDO, DESTA
HEATH NU TERRENE E SEM CASA, ACELEREI A PALAVRA ADIEU.
QUERIDO! POR UM POUCO ENQUANTO ADIEU.

THY SON,
Sr. CAW

TRÊS PROFECIAS DOS ANTIGOS

Que Troia triunfasse em Roma

Νῦν δὲ δὴ Αἰνεῖο βίη Τρώεσσιν ἀνάξει, Καὶ παίδων παῖδες, τοί
κεν μετόπισθε γένωνται.

Ilíada , xx. 306.

Que a América deve ser descoberta

"Venient annis

Sæcula seris, quibus Oceanus Vincula rerum laxet e ingens Pateat Tellus,
Tiphysque novos Delegat orbs; nec sit terris Ultima Thule."

SENECA.

Revolução Francesa, 1788-89, prevista no século 10.

“A partir do século V, Albumasar tinha calculado que o ano *mil setecentos e oitenta e nove* seria fecundo em revoluções sociais, por causa de uma das grandes conjunções de Saturno. Astrologia é vaidade, erro, mentira, tudo o que se quiser; mas finalmente aqui está uma previsão de autenticidade indiscutível. " - ALBUMASAR, *De Magnis Conjunctionibus Tract* . ii., *Diferente* . 8. Vazio MIGNÉ, *Dict. Profecias* , ii. 339.

vi

Prefácio

Este é sem dúvida um livro estranho. Uma tentativa de extrair um significado de algumas das quadras complicadas, tortuosas e místicas do grande vidente da França, a maior talvez que o mundo já viu, deve necessariamente ser estranha. Meu tratamento também pode parecer para

muitos não menos estranho do que o próprio assunto. Falarei especialmente sobre este último ponto no final do prefácio.

Em dezembro passado, tratando de Nostradamus na *Gentleman's Magazine*, tive oportunidade de observar que todo homem honesto de poderes despertados é uma espécie de profeta e tem a ver com o futuro, ou eternidade, como costuma ser denominado. Desde então, tive a mesma ideia nos escritos de Philo Judæus. Ele pensa que as Escrituras testificam de alguma forma que todo homem bom é um profeta:

"Pois um profeta não diz nada de si mesmo, mas tudo o que ele diz é estranho, e inspirado por outra pessoa; e não é lícito a um homem mau ser intérprete de Deus, como também nenhum homem mau pode ser dito corretamente para ser inspirado; mas esta declaração só é apropriada para o homem sábio, visto que só ele é um instrumento sonoro da voz de Deus." - PHILO, *Herdeiro das Coisas Divinas*, § 52, Bohn, ii. 146

Novamente, na página 30 deste livro, será visto que descrevi a faculdade de antecipar o futuro, algo tão notavelmente desenvolvido em Nostradamus, como sendo, se uma vez admitimos sua existência nele, um dom perceptivo do todo. raça humana, que deve ser classificada como um sexto sentido. Desde então, descobri, com grande prazer, que Coleridge, em

vii

seu "Table Talk" (ed. 1836, p. 19), designou essa faculdade como "um sentido interno", pois, falando de fantasmas e sonhos, ele diz;

"É impossível dizer se um sentido interno não existe realmente na mente, raramente desenvolvido, na verdade, mas que pode ter um poder de pressentimento. Todos os sentidos externos têm seus correspondentes na mente; o olho pode ver um objeto antes que ele seja distintamente apreendido; por que não pode haver um poder correspondente na alma? O poder da profecia pode ter sido apenas uma excitação espiritual dessa faculdade adormecida." 1

viii

Em matéria de profecia, Photius diz, em sua "Amphilochia", que a profecia não está necessariamente conectada com a virtude: pois Herodes pré-anunciou, por assim dizer, que os magos gentios, a Judeia e o mundo estavam prestes a reconhecer Cristo como Rei, e então ele desejou fugir com ele. Desta forma, ele desempenhou o papel de profeta para toda a raça humana. Caifás, pensa ele, não tinha consciência do que dizia; na mania do desejo de matar, seus lábios profetizavam que era certo morrer para salvar o mundo inteiro. "Que seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos", é um instinto agourento da mesma descrição. No conselho dos fariseus (João xi. 48), foi profético: "Se o deixarmos em paz, os romanos virão e tomarão nosso lugar e nossa nação"; e embora *eles* seguiu então o próprio conselho, foi exatamente isso o que aconteceu. "E veja", acrescenta ele, "o asno no Antigo Testamento podia prever coisas futuras." Ele foi um escritor herético, Photius, mas evidentemente não estava tão longe, como o mundo está agora, de acreditar que o dom profético é um sentido amplamente distribuído à humanidade em geral. Essas dicas por si só podem nos fornecer alimento para meditação útil.

Agora, com tudo isso, um leitor muito provavelmente dirá: Supondo que lhe concedamos o profético como um sexto sentido, a partir de agora considerado um dom permanente, embora geralmente latente da raça, qual é o benefício de tal sentido, supondo, com você, que seu profeta nunca pode ser compreendido até depois que o evento aconteceu, e então somente quando algum intérprete enfadonho desvendou sua linguagem tortuosa e a jogou no vernáculo inteligível?

Existem várias maneiras de responder a isso. Em primeiro lugar, não existem milhares de objetos no domínio da natureza que o homem ainda não descobriu o uso? Os anatomistas ainda estão em uma posição para nos dizer para que serve o baço. O naturalista pode dizer por que razão a serpente nociva foi enviada ao mundo? Por que o Georgium Sidus só foi descoberto por Herschel em 1781, em vez de por Pitágoras, um homem muito maior? Homens sensatos geralmente têm que se contentar em simplesmente verificar a existência de um fato, e eles têm que descansar o tempo todo na total ignorância de por que esse fato existe. Novamente, suponha que você acredite, como a maioria, na revelação cristã; como você pode explicar a multiplicidade de seitas que leem a Bíblia, cada uma à sua maneira? Você pode explicar uma revelação divina que revela uma coisa a

um homem e uma coisa contrária a outro? Obviamente, então, há muitas coisas que existem como fatos e, no entanto, nenhum homem vivo pode atribuir a razão para elas. Com relação a qualquer fato que possa ser afirmado, a primeira coisa a estabelecer é: É um fato? Uma vez resolvido isso, você pode esperar pelo resto até que possa obtê-lo.

Mas, novamente, e com atenção especial a Nostradamus, você verá (e ao se referir ao índice você pode encontrar os vários lugares em que trato dele) que ele deve ter tido toda a sequência de visões passando claramente diante de seus olhos, com algumas declarações vocais ocasionalmente acompanhando

x

eles, pelos quais os nomes de homens e lugares e coisas foram anunciados a ele. Seu método consistia em registrar isso na narração em prosa, durante a sessão ou imediatamente depois. Na inspeção, em intervalos mais frios, e depois de descer do calor e do êxtase do êxtase fatídico, ele perceberia imediatamente que a sequência deveria ser quebrada e os nomes ocultados. Se, como estava em prosa, tivesse sido compreendido pelo mundo, teria caído não como uma profecia, mas como um raio; não como uma coisa em forma de livro, mas como um terremoto, que deve ter mudado ou abalado a face da Europa e, portanto, interferido perpetuamente em sua própria realização.

Vendo isso, ele seguiu a prática dos oráculos mais antigos de Delfos, Dodona e os demais. Ele quebrou a sequência, transformou os enunciados em métrica, misturou muito aprendizado linguístico para obscurecê-los e obscureceu os nomes dos grandes homens apresentados, sob a máscara impenetrável do anagrama. Considerado assim, não é de admirar que ele tenha feito isso: seria semelhante à loucura fazer qualquer outra coisa.

Agora torna-se desejável que eu forneça alguma pista para permitir ao leitor chegar rapidamente ao cerne deste livro e suas previsões oraculares, de modo que ele possa discernir por si mesmo em alguns minutos, se, ou não, os tópicos tratados tem para ele um interesse suficiente para levá-lo a fazer um estudo completo do livro, ou rejeitá-lo por completo. Há um enorme preconceito em nossos dias que se estabelece fortemente com a multidão

contra qualquer coisa que se esforce para lidar seriamente, ou por meio de uma visão mística, com coisas ocultas, espirituais ou futuras.

O leitor, antes de mais nada, deve dar uma olhada na vida de Nostradamus. Caberá a ele determinar se a minha defesa de seu nome de impostura é adequada ou não.

O Dr. Cobham Brewer é o escritor mais recente que o difama como um "charlatão" (veja sua "História da Alemanha", p. 164). O leitor verá que Nostradamus é judeu de nascimento. Coleridge observa ("Table Talk", p. 31) que todas as outras nações

"Parece olhar para trás e também existir no presente; mas no esquema judaico tudo é prospectivo e preparatório; nada, por mais insignificante que seja, é feito por si só, mas tudo é típico de algo que ainda está por vir."

Além disso, Thomas Burnet, em sua eloquente latinidade, nos diz ("Archæ. Philos," Livro I. cap. Vii. P. 59, ed. 1727) que Apolônio disse amargamente dos judeus que eles eram os mais ineptos de bárbaros, e nunca inventou uma única coisa útil para a humanidade. Que eles eram o que Bacon chamaria de um povo "sem frutos". Eles não ensinaram nada em suas escolas, diz Burnet, do círculo das ciências, "ad encyclopædiæ studia", como fazemos agora, mas que nenhuma raça no mundo está tão repleta de profetas e homens dotados do espírito celestial, como "os judeus."

Aqueles que se preocupam com os processos ocultos, que incitam à expressão profética, agora fariam bem em ler o capítulo sobre magia. Ele dá algumas dicas sobre as práticas dos adeptos e das superstições romanas sobre tripés, interrogatórios alfabéticos e assim por diante; e fica razoavelmente claro de tudo isso que Nostradamus era hábil em todos os métodos conhecidos de encantamento, astral, farmacêutico ou elétrico, e que os praticava em toda a sua plenitude, embora com circunspeção reticente e confissão muito relutante e enigmática. O relato dos conspiradores contra Valens assemelha-se fortemente ao moderno virar de mesa. Mas, como este capítulo é muito mais curioso do que o necessário, ele pode ser preterido por todos aqueles que apenas desejam avaliar rapidamente o valor de Nostradamus

como uma figura na história com reivindicações de faculdade profética pendentes dela.

Dos Fragmentos Históricos, verá que ele profetizou claramente a morte violenta de Henrique II, a quem dedica sua "Epístola Luminar". O contexto histórico é muito interessante, pois mostra não apenas o cumprimento exato da previsão de Nostradamus; mas, que outro astrólogo, que foi consultado pelo rei, o advertiu com quase as mesmas palavras da mesma ameaça de perigo, que ele deveria morrer "em duelo." Vemos o rei aderindo à palavra literal *duelo*, e fora da etiqueta do tribunal sentindo a manifesta impossibilidade de a profecia ser cumprida. Também recebemos as fofocas da corte sobre isso, e sobre o valor dos horóscopos, da Princesse de Clèves; além disso, aprendemos sobre a cegueira obstinada com que o rei forçou sua própria destruição no final do dia e do torneio, pela indulgência de um puro capricho contra o conselho e desejo de todos ao seu redor. O assassinato de Henri III., Da mesma maneira, é anunciado, juntamente com a morte de seu pai, é prefigurado novamente como procedendo da mão de um jovem monge; o nome de Clemente é sugerido por uma brincadeira com as palavras francesas que significam suave e clemente. O massacre do dia de São Bartolomeu, se destaca em todo o seu horror vivido e como procedente das próprias mãos de *le roi farouche*; mas, compactado em apenas quatro linhas.

A vinda de Henri IV. ao trono francês é apresentado com o próprio nome de sua família, Vendôme, figurado no anagrama Mendosus. Aqui encontramos também a execução do Marechal de Biron; seu nome é na verdade dado como Robin, o que resulta em letra por letra no anagrama. Isso também diz respeito a um homem que provavelmente não nasceu quando a

estrofe foi inventada. O nome do marechal está disfarçado, porque o teria marcado muito distintamente quando ele entrou no palco da vida pública; mas, o nome de Lafin é dado, o indivíduo subordinado que traiu Biron ao rei. Ele ocupa páginas para descrever esse acontecimento, mas com a concisão, reaparecendo constantemente, que é uma característica tão

marcante no estilo de Nostradamus, ele compacta todo o acontecimento, e tudo o que tem a dizer sobre ele, em seis linhas.

O capítulo sobre Luís XIV está repleta de curiosidades da mesma ordem inescrutável; embora menos surpreendente do que o que já apontamos, é suficiente ter feito a reputação de um homem comum.

Podemos agora passar para a Inglaterra, e a quadra relativa às suas sete mudanças governamentais, ao longo de um período de duzentos e noventa anos; isso é tão surpreendente quanto qualquer coisa desse tipo pode ser. O próximo exemplo, o da Dinastia Stuart, transmitindo, como faz, a luta entre Carlos I e Cromwell, é simplesmente milagroso; e deve desafiar a atenção de um mundo que escuta. Este pareceria ser o resultado inevitável, a menos que os eruditos de todas as ordens e graus possam, isoladamente ou combinados, eliminar a interpretação que lhes é dada. *Lonole* é agora, pela primeira vez, apontado como sendo o anagrama do *Velho Noll* ou Oliver Cromwell. Mas antes que isso acontecesse, o sr. Le Pelletier, não obstante, aplicou a quadra a Charles e Cromwell. Se isso não consegue convencer o leitor de que ele está na presença de um vidente e fazedor de maravilhas, não sei o que pode trazê-lo de reconhecimento.

"Senat de Londres mettront à mort leur Roy."

A linha única tem, conforme apresentando a execução de Carlos I, feita, na anterior
mas dias esquecidos, a volta do mundo, e de vez em quando, tem servido para manter viva uma espécie de confissão estúpida de que um dia existiu um adivinho fatídico chamado Nostradamus. Burns observa, o que todos nós sabemos, que "a paixão de bisbilhotar o futuro é uma parte notável da história da natureza humana". Não se parece muito com isso, entretanto, quando uma profecia como essa foi permitida passar pela memória; de modo que poucos, mesmo homens instruídos, poderiam re-sílaba para você, ou fornecer-lhe qualquer crítica melhor sobre o homem que o escreveu, do que ele ser um velho impostor e astrólogo francês. Eles sabem dez vezes mais sobre a Mãe Shipton, a respeito da qual pouco ou nada é autêntico; enquanto o livro de Nostradamus provavelmente foi publicado por quase trezentos e cinquenta anos.

O próximo é uma quadra exclusivamente sobre Cromwell, "mais açougueiro do que rei", como Nostradamus o chama; e descobrirá que ele considera Napoleão praticamente da mesma maneira. Ele dá à Inglaterra uma ascendência sobre os mares por um período de mais de trezentos anos - um mandato que, eu acho, está prestes a expirar agora. É claro que suas quadras relacionadas à Inglaterra são, em geral, muito inferiores em interesse às relacionadas à França. O que está reunido sob o título de "Inglaterra", no entanto, compensará bem a leitura. A Batalha de Dunbar, por exemplo é em seu caminho tão vivido, embora transmitido em apenas quatro linhas de verso, como o famoso relato de Carlyle sobre o envolvimento que é dado nas Cartas de Cromwell. Ele profetiza que a morte de Cromwell acontecerá no dia 3 de setembro, sete anos depois da batalha de Worcester. É verdade que entendemos isso por implicação, mas com todas as outras maravilhas devidamente ponderadas, um leitor sincero admitirá que esta é a provável intenção

xv

e o verdadeiro significado aqui. The Fire of London é dado como tendo ocorrido em 1666.

Seu nome para a Revolução Francesa é *Le Commun Advenement*, que eu transmito O Advento Vulgar. Essa, até o fim, é a parte mais surpreendente de tudo o que foi registrado por Nostradamus ou trazido à inteligibilidade por seus comentaristas.

Este prefácio seria muito extenso se eu tentasse até mesmo tocar em todos os pontos de interesse, que aqui descobrimos serem tratados de forma tão estranha. Considere apenas a primeira estrofe. O napoleonismo é falado, quase antes de ser anunciado, como proscrito; e, para ressurgir como aconteceu em 1848; e afundar finalmente setenta e três anos depois. Nessa passagem, o leitor pode ver como, pela boca do próprio Napoleão, o período exato de setenta e três anos prova ser o período correto. Isso nunca foi tão sugerido antes. Se alguma coisa for milagrosa, na precisão da previsão, eu acho que isso pode, - e com pouca superstição, - ser considerado assim.

Há uma observação a ser feita de alguma importância, para o meu pensamento, porque estabelece a analogia sutil que às vezes subsiste na relação entre as coisas, que geralmente não são consideradas como tendo qualquer conexão uma com a outra. Agora, o Advento Vulgar, é claro, é sinalizado pela usurpação do governo pelo povo; mas não é altamente significativo que, a partir da fonte natural da fala, e sem nenhuma intenção particular ou consciente acompanhando, a ralé proletária, que a produz com sangue, seja espontaneamente designada por ela mesma e por outros como os *Vermelhos* ? Muitos abomináveis, quando bancam o déspota, vestem a cor *vermelha* e trocam para sempre, como esperam, a *púrpura* real. Eles podem esperar o que quiserem; mas, quando seus vícios amadurecem, eles *devem* cair sob o império de um, que é calçado com ferro, cingido com a espada e com o coração comido por ratos, - que os pisoteará em ordem. Chame-o de Lonole, Olestant ou Clemente Cæsar, o que você quiser; uma besta do abismo deve surgir para governar o bestial. Este é o homem verdadeiramente representativo que surge nas épocas. Rousseau, o ruivo, com a maldição de Iscariotes sobre ele, pode começar a série. Um filósofo vermelho primeiro apresenta seu Pandemônio como ordem; em segundo lugar, *Les rouges rouges le rouge assomeront* ; e em terceiro lugar, o destruidor, Napoleão, ou Apollyon, se apresenta e então se coroa com suas próprias mãos. Uma série vermelha em uma sequência vermelha tão dimensionada que fecha a mesma.

Como estamos fazendo analogias, outra curiosa pode ser observada aqui. As cores da bandeira tricolor simbolizam a revolução pela inversão da ordem da natureza. As cores primárias no espectro solar são, assim como no arco primário do arco-íris, vermelho, amarelo, azul (p. 289); enquanto no tricolor a sucessão é azul, branco, vermelho. Desta bandeira, ou arco, nos céus políticos não há esperança de vir, pois ela não traz nenhuma promessa a não ser a de um dilúvio *rouge* (vermelho do Francês).

A morte sanguinária de Luís XVI Na "Epístola Luminária" a Henrique II é dado o mesmo ano (1792) a que se refere a quadra da morte de Luís. Veja a seguir a prisão em Varennes, e então outro milagre de precisão brilha; para Saulce, o nome do dono da mercearia naquela pequena cidade, está predeterminado. As Tulherias são mencionadas pelo nome, - um lugar onde

foi queimado um forno de ladrilhos, quando Nostradamus estava redigindo para nós a profecia.

Agora consulte a regra napoleônica. Veja o chifre de Napoleão no oeste da Europa, e a maneira como ele seduzia, em uma língua que não é a dele, é mostrada a você; e, seu nome deve ser um nome que as Parcas conhecem.

xvii

Considere, novamente, aquela estranha identificação do Hércules gaulês com seu análogo Napoleão. Como, como um gaio ensinado por Talma, ele nas Tulherias imita os belos pássaros e o esplendor da corte do antigo *regime*. Em seguida, leia a quadra, onde o simples soldado alcança o império, e assim faz uma analogia próxima com Cromwell. Então leia aquela terrível maldição fulminada, quando o conselho morrerá da cabeça raspada; veja Sclavonia se reunir, e a velha Moscou queimar, enquanto a águia é espancada por um enxame de pássaros e paira para sua queda em Leipsic. 1

Não considero necessário detalhar mais; pois se tudo isso reunido em um conspecto não é suficiente para levar a convicção para a mente de qualquer um; e, faça o leitor saber que em Salon, trezentos e tantos anos desde então, viveu um francês, que viu tudo isso em visões noturnas, acompanhada de discurso interpretativo, e o registrou primeiro em prosa muito clara e, em segundo lugar, em charadas rítmicas depois; por que, então, eu acho que cinquenta vezes mais evidências, jogadas no topo, não poderiam carregar nenhuma convicção com elas.

Eu disse muitas coisas sobre a ciência e suas tendências modernas que serão consideradas tolas por alguns, e por outros indevidamente severas, de modo que algumas palavras sobre isso

xviii

parece necessário aqui. Se a palavra "ciência" significa meramente o estudo da natureza, ela tem minha admiração como uma busca. Mas se isso significa *conhecimento*, eu digo que é um termo totalmente impróprio. Não há conhecimento verdadeiro a partir da sabedoria, e tudo o que é sabedoria

no homem está incluído em sua veneração à Deidade. "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria." É evidente que o que chamamos de ciência nos dias de hoje, não tende a ser assim.

Mas, para resumir de outra forma, se você não conhece a *causa primeira* de nada, você só pode atingir o conhecimento das relatividades, mas nunca de nada como é em si mesmo. Seus métodos não podem ter começo nem fim. Consequentemente, um homem só pode atingir o conhecimento relativo que, no sentido estrito das palavras, não é conhecimento de forma alguma. Portanto, a ciência é impossível.

Aqueles que pretendem fazer ciência, falam muito agora em uma Teoria Atômica. Eles falam de seu átomo, ao contrário de sua etimologia, como uma coisa infinitamente divisível. Eles adotam isso como um subterfúgio, para que ninguém possa levá-los para casa. Mas se você deixá-los à sua própria sorte, - suas próprias análises químicas, quantitativas e qualitativas, quando eles vão além do vapor, os deixam na posse de um *nada* para dividir. É então que eles se aproximam da Deidade *in minimis* ; mas por causa da nuvem sobre seus olhos, eles não podem vê-Lo. Esses homens nada apreendem, exceto através do intelecto; mas o intelecto perfeito produz apenas metade do homem. Ele só pode lidar com o assunto fornecido a ele pelos sentidos. Existe, bem acima dele, o espírito de vida; que possui um sentido próprio, e por isso o coração e a cabeça estão interligados. Quando as ideias (na falta de uma palavra melhor) desses dois são pensadas em harmonia, - ou, o que Coleridge chamaria de "unidade", - então, e somente então, o comentário de todo o homem é perfeito. Considere isso como um axioma: Se você acredita no seu sentido, você pode estar certo; se você acredita em seus sentidos, você está fora deles.

Cogito ergo sum foi há muito considerado sabedoria por Descartes. É um absurdo. É uma prova obtida apenas da ação do intelecto, e é uma crítica física, em vez de metafísica, e aqui não pode fornecer nenhuma prova de nada.

Outra palavra sobre *átomos* , e devo ter feito, ou isso não será um prefácio, mas um tratado metafísico; e embora isso possa ser muito desejado, este não é o lugar para isso. Ainda assim, como eu argumentei a ciência, torna-se aconselhável que eu forneça ao leitor competente um lugar ou ponto de

apoio, onde sendo colocado, ele pode, se quiser, ordenar o que quero dizer. Nos oráculos caldeus ocorrem duas linhas curiosas; Eu os cito abaixo para que não haja equívoco possível. 1 "Agora, estes fabricam coisas individuais (τὰ ἄτομα, átomos), e objetos sensíveis, e coisas corpóreas, e coisas classificadas sob a matéria." Os neoplatônicos diziam que as ideias eram uma emanção do fogo divino. Platão disse quase a mesma coisa sobre a própria alma humana. Um átomo, portanto, torna-se uma *individualidade* ígnea (atômico); não, observe, o que o químico absurdo de hoje o chama, - quando por seu fogo terrestre ele atingiu o vapor, - um átomo infinitamente divisível, mas uma partícula indivisível; que, tendo percorrido todas as formas, sai na outra extremidade da matéria; ou de volta em uma carruagem de fogo à ideia de onde partiu. O Opifex do mundo o fez pelo fogo, e a tradição de Elias é que ele será finalmente dissolvido pelo fogo; mas o que, amigo, deveria provar que está fazendo isso todos os dias, sempre? Uma ideia ígnea começou, e em uma ideia de fogo ele termina. Também

xx

a vida do homem nada mais é do que um salto através da matéria de fogo em fogo. A provação pelo fogo foi um tipo disso.

O crítico profissional e especialista deve, após este esboço, ser deixado a si mesmo para julgar tudo aqui estabelecido de acordo com as regras estabelecidas da arte, e os interesses multifários do órgão literário especial para o qual ele pode escrever e derivar emolumentos. Espero pouco reconhecimento de tais críticas; no entanto, como é frequentemente o resultado de uma vida devotada ao estudo e de amplo aprendizado, sua indiferença, ou mesmo sua hostilidade, provavelmente se mostrará útil seja por encontrar defeitos ou por descobrir erros reais. Seja o que for que sua sagacidade possa mostrar estar errada, espero receber com equanimidade e gratidão, e corrigir caso uma segunda edição seja solicitada. Tanto para os críticos profissionais.

O que resta a dizer sobre meu método de tratamento provavelmente não terá nenhum interesse para tal crítico, nem ainda para o leitor em geral. É puramente, e creio que apenas, diz respeito ao leitor atencioso e capaz. O homem excepcional, que finalmente, e em todo o mundo, é o melhor amigo do verdadeiro escritor; e que, unido a outros como ele, determina

solidamente o valor e a posição final a ser dada a cada novo livro, isto é, um livro, nascido no mundo das letras.

Tal leitor, eu apenas alertaria contra duas objeções preliminares, que podem, à primeira vista apressada, tender a suscitar algum preconceito em sua mente. Os episódios se entregam, e a aparente auto-suficiência de expressão exibida em questões de momento, que os homens aparentemente sábios ainda estão divididos; ou que os homens de suposta autoridade se estabeleceram, em geral, há muito tempo. Muitas dessas coisas serão aqui descobertas novamente até as raízes e desafiadas a mostrar uma razão. Isso é arrogância absoluta

em toda parte na avaliação da multidão, eruditos e iletrados. Leitor, gentil e capaz, deixe-me dar-lhe minha opinião sobre estes dois pontos: eu poderia fazer isso também a sua opinião, quão bem recompensado eu deveria ser.

Quanto aos episódios: minha própria visão de um livro é que ele deveria fornecer um estímulo ao pensamento, se possível, a cada página; que nada deve entrar nele por causa da criação de livros; e que, desde que o assunto do livro seja claro e consecutivamente avançado, qualquer outra coisa que possa ser vitalmente lançada sem interrupção, é muito mais ganho para o mundo no estudo de si mesmo, ou, em outras palavras, no estudo do homem; este Papa, inclino-me a pensar com razão, decidiu ser a sua vocação adequada aqui. O tratamento muito próximo e consecutivo de um assunto difícil deve sempre, quando continuado por muito tempo, pesar sobre os espíritos e um tanto cansar a atenção do leitor. Nesse momento, um episódio interessante, felizmente introduzido, animará os espíritos; e, por um desvio momentâneo, renovará a atenção, permitindo ao leitor ligar-se novamente com vigor ao fio principal. Claro que existem episódios, assim como existem outras coisas, boas e más. O episódio que é monótono em si mesmo e distrai a atenção é ruim; aquilo que por si só é interessante e alivia a fadiga, levando a mente de volta ao assunto principal revigorado, é inteiramente bom. O leitor julgará os episódios nas páginas seguintes como bons ou ruins, pois se enquadram na regra dada acima ou a transgridem.

A acusação de arrogância é um pouco mais difícil de lidar e também de refutar. Mas mesmo aqui não desespero de ser exonerado pelo leitor capaz, o único, neste ponto, necessário abordar. Muitos anos atrás, encontrei uma

passagem em Coleridge segundo a qual ele sempre buscou a luz, acreditando que ela deve levar à verdade, e a verdade à felicidade; mas que, que consuma em alegria ou não, siga ele faria, pelo amor da verdade. A verdade atraiu e ele, de fato, deve atraí-la. Fechei o livro e disse: Eu também; e, com certas falhas, muitas interrupções por deveres necessários e inúmeras deficiências pessoais, assim eu fiz. O resultado tem sido uma solidão cada vez maior, 1 até que, finalmente, nenhum eremita do deserto está mais sozinho do que há anos tenho estado. Assim colocado, pensei em muitas questões, com livros e sem eles, preocupando-me pouco com o que o maior dizia, por isso só continuei avançando em direção àquele lugar onde a luz da manhã amanheceu, ou onde o crepúsculo ainda mais violento prometia amanhecer. Minha atenção sempre esteve entre coisas e pensamentos, mantendo-me livre de opiniões vãs, que não levam a nada, embora ela seja, segundo Pascal, *Regina del mondo*. Como nenhum renome de gênio poderia me levar a respeitar a opinião de qualquer homem; assim, eu me esforcei para que nenhum egoísmo, nem esperança de alguma novidade ou estranheza para ganhar originalidade, pudesse me levar a adotar qualquer princípio que ficasse aquém da justiça no mínimo, ou da verdade sagrada de qualquer maneira alcançável pelo homem. Assim como afundei outros, afundei a mim mesmo e todos os pertences pessoais, me esforçando, se possível, para me tornar uma trombeta de passagem suave ou porta-voz claro da verdade que está atrás de todos nós, - atrás de cada homem que entra no mundo, - embora provavelmente haja poucos que possam permitir que ele tenha espaço livre o suficiente e saia por eles. Como dessa forma quase morri tanto para mim como para os outros, e quero pouco emolumento e menos glória (exatamente de fora), não parecia improvável que uma voz tão purificada pudesse expressar muito

menos verdade adulterada do que é comum à maioria das pessoas. Sou uma mera pessoa (*persona*), máscara, algo soou como se a voz finalmente parecesse quase não ser minha, mas algo maior, mais alto, muito melhor do que eu finjo ser. Eu nem mesmo reivindico uma expressão ou saída perfeita para o que resta de mim, - chame de trombeta, máscara, pessoa, ou o que não, - deve permanecer, eu sei, sempre cercado de alguma terra e terreno que estraga uma transmissão pura. No entanto, por mais fracas que sejam e sejam, as coisas fracas do mundo são as que mais confundem os poderosos

com autoridade estabelecida pelo homem. Onde está alguém se gabando, eu pergunto, nisso; ou que arrogância está aqui? Será que algum homem passará trinta anos assim para se tornar apenas um tubo de voz? Não obstante, é finalmente uma voz clamando no deserto: "Desolados são aqueles que na terra carecem de visão de sabedoria, ou chamam de ouro riqueza." Leitor capaz e gentil, teste este prólogo, e experimente, acreditando que, se houver alguma coisa boa nisso, a solidão e o Solitário o produziram. Com eles, como por ordem seráfica, - com a tenda armada, ou viajando, sob a estrela da noite ou durante o dia - você pode enredar com segurança as páginas seguintes, certo de que nada além de bom pode resultar ou advir delas para você. Excelente leitor, deixe *Vale Valet* ! caia como a bênção de um eremita sobre seus ouvidos hoje; como também em sua peregrinação futura, até que caia a hora vespertina do sono, que fecha tudo para cada um.

WALTHAMSTOW, E., 1891.

Notas de rodapé

viii: 1 Este pensamento nobre e ampliado é digno de Coleridge, que é o maior pensador de nosso século, quer você o considere como poeta ou filósofo. Ninguém ainda reivindicou para ele a preeminência que, creio eu, é dele. As fragilidades peculiares, ou melhor, únicas do homem cegaram os homens de seu próprio tempo para os dons supereminentes, intelectuais, práticos e imaginativos de que ele foi tão bem dotado. Em meados do próximo século, cerca de cem anos depois de sua morte, o fato terá ocorrido no mundo, se não antes. Será então reconhecido que uma personalidade como a dele foi "um grande nascimento do tempo" e deve ser registrada como tal no calendário imortal do gênio. Santo, vidente e sábio era aquele homem. Não "estragado na fabricação", como disse o espirituoso Cordeiro, com toda a maliciosa malícia de um amigo jocoso. Devemos admitir, é claro, alguns danos que atrapalharam a moeda geral, como também a obtenção de resultados em dinheiro agora sem valor que caíram para seres nitidamente inferiores a ele, como Byron, Southey, Wordsworth, Moore, grandes como alguns os estimam. ser; e esse fracasso excluiu Coleridge do sucesso social - aquele sucesso que a maioria de nós tão ignorante e avidamente cobiçamos aqui, porque torna o presente confortável. Mas a principal razão de qualquer deficiência prejudicial ao sucesso, que pode ser

observada em Coleridge, sem dúvida surgiu de ele ser muito grande para ser adequadamente medido por qualquer um de seus semelhantes. Muitos deles eram, é verdade, homens altamente capazes à medida que o mundo avança. Mesmo Carlyle, no entanto, que o menosprezou, quando colocado ao lado dele, se torna anão a um homem de Lilliput. Devemos ter sempre presente aquela excelente observação de La Bruyère, "Celui qui ne prévoit rien, est souvent dupe; celui qui prévoit trop, est toujours malheureux." Isso é verdade para todos os profetas e, especialmente, para Coleridge.

Mas, outra coisa é que ajuda a diminuir Coleridge na estimativa geral. Ele não completou um trabalho suficiente, em forma bem definida e fixa, para que a posteridade seja perfeitamente capaz de defendê-lo adequadamente, isto é, uma justiça resplandecente. Seus incomparáveis dons de conversação têm barrado um pouco o caminho para uma devida apreciação de suas igualmente incomparáveis potencialidades literárias. Suas aptidões de conversação desapareceram no momento de sua exibição triunfante. Não tendo registro nesse aspecto, sofre justamente como o maior ator. Triunfos da mesa e do salão são como os triunfos do palco, só podemos revivê-los em espírito, ou com base em alguma frase felizmente apreciativa, embalsamada por acaso na impressão, que algum contemporâneo competente ejaculou. Eu, por exemplo, conheço o poder avassalador de Kean apenas por meio de minha mãe e das frases ardentes deixadas por Byron e Coleridge. Mas a próxima geração não pode ter conhecimento dele além dessas frases. É por esta razão exata que faço uma nota tão longa como esta sobre Coleridge, pelo puro respeito que tenho por sua inteligência estupenda e alma incomensurável. De fato, tentei registrar em outro lugar minha impressão de sua poesia; mas ainda não consegui imprimi-lo. Se for assim, pelo menos adquiriria algum valor pelo fato de representar, em um grau limitado e qualificado, Coleridge's influência vívida sobre alguém que pode parcialmente se colocar no pé de um contemporâneo. Coleridge é uma espiritualidade no mundo, e seus modos de se revelar são tais que levam a humanidade a considerá-lo um visionário; mas será descoberto que são eles, e não ele, que devem ser considerados "tais coisas de que são feitos os sonhos".

xviii: 1 Tocando esta maldição cair sobre Napoleão, uma analogia um tanto singular surge em comparação com o axioma estabelecido por Thomasius,

citado em " *Hist. Crit. Philos.* " de Bruncker, v.488. Ele diz que o espírito é, por assim dizer, residente no centro de todos os corpos, e por isso emite raios, estendendo assim a matéria. Mas onde atrai os raios da circunferência do material para o centro, logo se dissolve e corrompe o corpo. *Si vero radios ex circumferentia materiæ spiritus attrahat ad centrum, resolvitur corpus et corrumpitur* . Se supormos que isso tenha ocorrido na crise epiléptica de Napoleão, o ataque mental torna-se uma imagem ou antítipo da batalha de Leipsic, quando o enxame de pássaros derrotou a águia. Um intérprete, como Joseph, poderia ter dito a ele o significado do sonho ou desmaio. A derrota foi ensaiada antes de tudo no cérebro do próprio soldado.

xx: 1 Οἱ δὲ τὰ ἄτομα καὶ αἰσθητὰ
δημιουργοῦσι Καὶ σωματοειδῆ καὶ κατατεταγμένα εἰς ὕλην ·

STANLEY'S "Hist. Chald. Phil.," P. 43 xxiii: 1 Para obter uma coisa, é preciso sempre renunciar a outra. Júpiter não deu presciência a Tirésias até que Juno o deixou cego. E para o nosso grande Milton era necessário que ele tivesse sabedoria em uma entrada completamente fechada, antes que, em "Paraíso perdido", ele pudesse fazer da memória dos homens um prisioneiro de seu nome para sempre, em uma servidão voluntária, embora perpétua.

CONTEÚDO

PREFÁCIO vii [VIDA DE NOSTRADAMUS 3](#) [O PREFÁCIO DE MICHAEL NOSTRADAMUS PARA SUAS PROFECIAS 39](#) EPÍSTOLA PARA HENRY II. 50 [MAGIA 67](#) [FRAGMENTOS HISTÓRICOS 79](#) HENRI FOUR 113 [LOUIS XIII. 125](#) [LOUIS XIV. 132](#) LOUIS XV. 144 [INGLATERRA 146](#) [REVOLUÇÃO FRANCESA 198](#) [LOUIS XVI. 211](#) [A CONVENÇÃO NACIONAL 238](#) PIUS VI. 245 [REGRA NAPOLEÔNICA 250](#) [LOUIS XVIII. E LOUIS PHILIPPE 283](#) [REPÚBLICA, 1848, E NAPOLEÃO III. 294](#) [APÊNDICE 305](#)

"Que física corpuscular, que átomos determinam assim a sua natureza? Você nada sabe sobre ela; a causa estará eternamente escondida para você.

Tudo o que o rodeia, tudo o que está em você, é um enigma do qual não se deu o homem a adivinhar a palavra. "

- VOLTAIRE, *Dict. Phil.* , sv *Oculto* .

Oráculos de Nostradamus

Vida de Nostradamus

"No infinito livro de segredo da Natureza, um pouco que posso ler."

Antônio e Cleópatra , i. 2

"Eu sou Isaías - seja falado com toda a humildade - para o avanço da glória de Deus."

- Luther's *Table Talk* , Bohn, p. 12

Sim, é verdade, Lutero, com bastante humildade luterana!

"**Canys** ganhou um **fydd rhag llaw** ." "Pois eu sei o que foi e será depois."
TALIESSIN.

"Prophetia est solum futurorum contingentium, quia longe distante ab humana cognitione; sed secundario ad eam præterita et præsentia pertinente."

ST. THO. AQUINATIS, *Summa* , p. 409.

MICHEL DE NOSTREDAME nasceu na Provença, na localidade de St. Remy, no ano de 1503, numa quinta-feira, 14 de dezembro, por volta do meio-dia. Tycho Brahe (1546), D'Herbelot (1625) o grande orientalista e Bruce (1730) o viajante abissínio nasceram todos no mesmo dia do mês. Coincidências como essas talvez não valham muito; no entanto, será que nos interessam menos do que a chuva de um mês, ou a pressão exata do vento na agulha de Cleópatra? - que atende pelo nome de Cleópatra porque Cleópatra nada teve a ver com isso. Robert Étienne, o grande impressor, também nasceu em 1503. O que teria, no entanto, mais afetado a família de Nostradamus é a expulsão dos franceses de Nápoles em 31 de outubro de 1503, após as famosas batalhas de abril, travadas em duas Sextas-feiras com desastre para os franceses; as batalhas a saber, de Seminara e Cerignola. Muitos disseram que o mau presságio associado à sexta-feira data desse período. Se nunca tivéssemos ouvido falar da Sexta-Feira Santa, também poderíamos ter sido da opinião deles.

Seu pai, como o tabelião de Milton, era James Nostradamus, nome que equivale a *de Nôtre Dame* . 1

Moreri chama sua família de " *une famille noble* "; 1 outros dizem que ele era de ascendência judaica, mas de uma família que havia se convertido ao cristianismo, e que ele afirmava ser da tribo de Issacar, derivando daí seu dom de profecia, pois eram "homens que tinham entendimento do tempos, para saber o que Israel deve fazer" (I Crônicas xii. 32); ou, como em Esther i. 13, "os sete sábios que conheciam os tempos." É verdade que poucos dos comentadores ortodoxos interpretam essas passagens como significando previsões astrológicas ou proféticas; mas esse pode ser, não obstante, o verdadeiro significado ("Sinopse" de vid. Poole).

Como Nostradamus poderia ser de Issacar, visto que era uma das tribos perdidas? seria uma investigação bastante natural; e só se poderia responder, como o fez a sagacidade, em um caso um tanto semelhante, que Ele só poderia se assemelhar a Issacar por ser um grande "asno forte" (Gen. xlix. 14).

O nome de sua mãe era Renee de Saint Remy. Seus ancestrais pelo lado paterno e materno eram homens hábeis em matemática e medicina: um era médico de René, ou Renato, rei titular de Jerusalém e da Sicília, e conde da Provença; enquanto o outro era médico de João, duque da Calábria, que era filho do rei René. Nosso autor, em seus Comentários, diz que o conhecimento da matemática tradicionalmente descendia (*de main en main*) de seus primeiros progenitores; e, no Prefácio de seus "Séculos", ele acrescenta: "Que la parole héréditaire de l'occulte prédiction sera dans son estomac intercluse."

Era seu bisavô 2 que lhe deu, quase como no esporte, um primeiro gosto pelas ciências celestiais. Depois da morte

desse parente foi colocado na escola em Avignon, para estudar seus cursos de humanidade, e dali ele foi para a universidade em Montpellier, para adquirir filosofia e teoria da medicina.

Montpellier, o Mons Pessulanus da antiguidade, contém a escola de medicina mais famosa de toda a França. É antigo, e dizem que foi fundado

por médicos árabes quando forçados a voar da Espanha - disse Moreri no ano de 1196, pelos discípulos de Averróis e Avicena. Seus habitantes têm fama de serem espirituosos e muito educados. Já teve inúmeras igrejas nobres e muitos estabelecimentos religiosos, mas desde que os huguenotes se tornaram seus senhores em 1561, eles arruinaram tudo isso e fizeram da cidade a sede de seu partido por um tempo. Louis XIII. sitiou-o em 1622 e tomou-o. Seu primeiro ato foi reconstruir a Catedral de São Pedro e as outras igrejas; a profanação de todos esses edifícios sendo o estilo puritano e huguenote lá e em toda parte. A cidade parece sempre ter sido um feudo da Coroa da França. Mas vários régulos, como o Rei de Aragão e o Rei de Maiorca, parecem, em épocas diferentes, ter tido direitos senhoriais em Montpellier; e muitos conselhos da igreja foram realizados lá. Todas essas questões são de algum interesse, pois fornecem de uma forma nítida uma noção daquelas influências, mentais e físicas, que teriam flutuado em torno de Nostradamus quando estudava lá. A tomada da cidade pelos huguenotes teria ocorrido alguns anos antes de sua morte. Como ele era um verdadeiro clérigo, seus sucessos teriam amargurado sua mente e podem ter influenciado algumas das visões contidas em "Sixains" e "Presages". Todas essas questões são de algum interesse, pois fornecem de forma vaga uma noção daquelas influências, mentais e físicas, que teriam flutuado em torno de Nostradamus quando estudava lá. A tomada da cidade pelos huguenotes teria ocorrido alguns anos antes de sua morte. Como ele era um verdadeiro clérigo, seus sucessos teriam amargurado sua mente e podem ter influenciado algumas das visões contidas em "Sixains" e "Presages". Todas essas questões são de algum interesse, pois fornecem de uma forma nítida uma noção daquelas influências, mentais e físicas, que teriam flutuado em torno de Nostradamus quando estudava lá. A tomada da cidade pelos huguenotes teria ocorrido alguns anos antes de sua morte. Como ele era um verdadeiro clérigo, seus sucessos teriam amargurado sua mente e podem ter influenciado algumas das visões contidas em "Sixains" e "Presages".

Pode nos interessar, como ingleses, saber que no extenso jardim botânico de Montpellier jazem os restos mortais da Srta. Temple, a Narcissa, cuja morte e funeral são tão vividamente narrado por Young em "Night Thoughts". Ele parece ter deturpado consideravelmente a transação; mas George Eliot o compensou com uma crítica a ele e suas obras, concebidas, talvez, com o pior e mais

grosseiro gosto que a crítica da pena de uma mulher já experimentou. Ela fica com tanta raiva que mal consegue ver que Young é um poeta em qualquer sentido da palavra. Ela poderia facilmente ter descoberto que sim, comparando alguns de seus próprios versos com os dele.

Outro ponto que nos interessa em relação a Montpellier é a reversão da opinião pública quanto ao clima do lugar. Brompton, sessenta ou oitenta anos atrás, era, pela suavidade e salubridade de seu ar, juntamente com seu aspecto semi-rural, chamado de "o Montpellier de Londres". A analogia nunca poderia ter sido muito notável, já que Brompton está no mesmo nível do rio Tâmesa, enquanto o esplêndido passeio de Montpellier da Place de Peyron está a 168 pés acima do nível do mar, enquanto a cidade inteira sobe a encosta, nome expressa. Ainda assim, a frase atesta a opinião então predominante. Devido ao brilho de sua atmosfera e à beleza de seus subúrbios, a cidade foi há muito recomendada por médicos britânicos como um resort de saúde para pacientes que sofriam de problemas pulmonares; mas o cata-vento da ciência agora inverteu totalmente essa opinião. Seu clima é mutável, sua luz do sol resplandece, sua atmosfera está carregada de poeira impalpável, o tempo todo que parece límpido; e suas rajadas de mistral frias apenas pressagiam um ponto particularmente prejudicial aos pulmões. A moda varia em localidades, drogas, teorias e tratamento, e como um resort de saúde para os ingleses, a reputação de Montpellier acabou; mas a "École de Médecine" ainda mantém sua antiga fama de seminário central de instrução médica na França. e suas rajadas de mistral frias apenas pressagiam um ponto particularmente prejudicial aos pulmões. A moda varia em localidades, drogas, teorias e tratamento, e como um resort de saúde para os ingleses, a reputação de Montpellier acabou; mas a "École de Médecine" ainda mantém sua antiga fama de seminário central de instrução médica na França. e suas rajadas de mistral frias apenas pressagiam um local singularmente doloroso para os pulmões. A moda varia em localidades, drogas, teorias e tratamento, e como um resort de saúde para os ingleses, a reputação de Montpellier já não existe; mas a "École de Médecine" ainda mantém sua antiga fama de seminário central de instrução médica na França.

Culto e médico como era nos dias de Nostradamus, não podia escapar da visitação de uma grande praga, 1 e Michael Nostradamus tiveram que

recuar para Narbonne, Toulouse e Bordéus. Nessas cidades, ele começou a praticar, com cerca de vinte e dois anos de idade, e quatro anos mais tarde, ele pensou que ele deveria voltar a Montpellier para se refrescar e fazer seu doutorado. Tudo isso ele superou muito rapidamente e de uma maneira que lhe rendeu a admiração e o aplauso de todo o Colégio. Ao retornar a Toulouse, ele passou por Agen, uma cidade no Garonne, onde se encontrou com nada menos que o erudito Jules César Scaliger, 2 com quem ele entrou de uma vez na familiaridade mais íntima. Isso o induziu a fixar residência permanente na cidade. Mas, depois de um tempo, sua cordialidade diminuiu, até que a rivalidade e o ressentimento surgiram entre eles e, a partir de então, ficaram distantes um do outro. Aqui ele se casou com uma senhora " *une fort honorable demoiselle* ", embora a história não tenha divulgado seu nome. Com ela teve dois filhos, que morreram jovens; ela também morreu. Vendo-se novamente sem companhia, ele retornou ao seu solo natal da Provença. Quando chegou a Marselha, foi convidado pelo Parlamento da Provença para vir para Aix, onde permaneceu três anos, recebendo um salário da cidade desde o início da praga, em 1546. Parece ter se alastrado ferozmente, e dizem que ele forneceu ao Seigneur de Launay o relatórios que ele deu em seu livro, "Le Théâtre du Monde."

Depois que o contágio passou, a cidade, registros de Moreri, votou nele por vários anos após uma considerável pensão. Consequentemente, seus serviços devem ter sido reconhecidos como valiosos. Ele nos deixou a fórmula do pó da peste no Capítulo VIII. de seu tratado "Des Fards". Como curioso exemplo da modéstia das mulheres de Aix, ele registra que elas começaram a se costurar em suas mortalhas, assim que foram atacadas pelo contágio, para que seus corpos não ficassem expostos nus após a morte ("Penny Cyclopædia "). Suponho que possamos julgar disso que o sistema de sepultamento durante o contágio era tão grosseiro e indecente como na famosa praga de Londres; ou esta é apenas uma imitação fantasiosa da história das mulheres de Marselha nos tempos clássicos?

Ele foi dali para o Salon de Craux, que fica a meio caminho entre Avignon e Marselha. Aqui ele se casou pela segunda vez. O nome da senhora é dado por Garencières como Anna Ponce Genelle; Anne Poussart, diz Moreri; outros dizem Pons Jumel. (Veja o epitáfio mais adiante.) Há a mesma

incerteza quanto à família. Jean Aimes de Chavigny, a quem estamos seguindo, passa a consistir em seis filhos, três meninos e três meninas; enquanto Garençières diz três filhos e uma filha.

Foi aqui, relata nossas memórias, que, prevendo que grandes mutações estavam prestes a afetar toda a Europa, e que guerras civis e problemas estavam para vir tão cedo sobre o reino da França, ele sentiu um inexplicável e novo entusiasmo surgindo incontrolavelmente em sua mente, que por fim atingiu quase uma febre enlouquecedora, até que ele se sentou para escrever seus "Séculos" e outros "Preságios". O primeiro desses "Presages" é datado de 1555 e funciona da seguinte forma:

"D'Esprit divin l'ame presage atteinte, Trouble, fome, peste, guerre courir; Eaux, siccitez, terre et mer de cantou teinte, Paix, tresac à naistre, Prelats, Princes mourir!" Ele os manteve com ele por muito tempo, meio com medo de arriscar a publicação; ele previu que havia perigo e que isso levaria a infinitas difamações, calúnias e calúnias, como de fato finalmente caiu. Uma coisa assim é como a raposa roubada pelo jovem espartano, que corrói o coração e com certeza terá desabafo mais cedo ou mais tarde. Seu memorialista diz que, finalmente, vencido pelo desejo de ser útil ao público, ele os produziu. Mal o fez, correu de boca em boca, em casa e no exterior, que algo maravilhoso e admirável havia aparecido. Não se pode ver de que utilidade eles poderiam ser para o público, visto que não poderiam ser entendidos até que fossem interpretados depois do evento e por ele. Em algumas quadras, ele mesmo diz isso. Ele sem dúvida os publicou porque sentiu um desejo intenso de fazê-lo; e, quando a mente de um homem atinge este estágio de desejo, não demorará muito para encontrar alguma razão excelente para realizar o impulso. O bem público, o avanço da religião, a sustentação da fé, a inferência psicológica quanto à imoralidade da alma humana, ou qualquer outra boa frase, servirão ao homem como razão suficiente para fazer o que ele deseja. Esse homem deve ser um grande investigador de sua própria consciência, se não puder prontamente assumir que o motivo atribuído em tal caso é a causa causativa do ato de manifestar.

O relato de Moreri não é exatamente igual ao de nossas memórias. Moreri o descreve como tendo sido convidado para Lyon em 1547, mas como

retornando muito rapidamente a Salon, apenas para descobrir que sua popularidade neste último lugar havia diminuído muito. A decepção que sentiu com esse tratamento o fez se afastar muito da sociedade e se comprometer ainda mais com o estudo árduo. Ele nos diz que já havia praticado adivinhação por muito tempo; agora ele começou a pensar que estava diretamente inspirado quanto ao futuro.

A partir desse momento, à medida que as luzes lhe ocorriam, ele começou a comprometer-las a escrever naquele momento. Ele as escreveu primeiro em prosa simples, se é que você pode chamar frases enigmáticas de prosa simples; de qualquer forma, eles não foram escritos em verso.

A versão de Garencières varia novamente. Com ele é que Nostradamus descobriu por experiência que o conhecimento perfeito da medicina é inatingível sem o auxílio da astrologia, à qual ele agora se viciava. É uma ciência sedutora, e uma ciência para a qual seu gênio natural o determinou fortemente, de modo que ele fez um progresso muito rápido nela. Suas primeiras publicações nesta linha consistiam em almanaques, de acordo com o costume da época, para fins lucrativos e recreativos; e nelas ele atingiu tão felizmente a conjuntura de eventos que tanto ele quanto suas publicações se tornaram muito procurados. É um tanto curioso que tão poucos desses almanaques pareçam existir agora. Seria de se esperar que documentos de tal interesse, uma vez em tipo, não desapareceriam inteiramente de todas as residências e bibliotecas. Pode, no entanto, ser tomada como prova do turbilhão do tempo que tudo engolfa, de modo que, na época em que a posteridade se interessar por qualquer acontecimento, todos os seus questionamentos tardios sejam apresentados com um branco universal. O espírito da pirataria literária também parece ter prevalecido naqueles primeiros dias. O sucesso de sua obra logo se tornou motivo de descrédito para ele, pois levou impressores e livreiros empreendedores a vender, em seu nome, almanaques destituídos de tudo o que havia constituído seu mérito.

Quando a obra apareceu, dividiu o público. Alguns chamaram o profeta de simples visionário ou, em palavras mais grosseiras, de tolo; outros o acusaram de magia e de ter um tratado muito próximo com o Diabo para ser honesto. Alguns mantiveram seu julgamento em suspenso e não emitiram nenhuma opinião

sobre o assunto. Um grande número de nobres e eruditos, tanto em casa como no exterior, pensava que ele era dotado de um dom sobrenatural; e entre estes estavam Henri II. e Catherine de Medici. Coube aos *esprits forts* e ao público ignorante, que nada sabia dele a não ser seu nome, considerá-lo charlatão e impostor. Há uma coisa certa: ele hesitou muito em publicar; e, quando finalmente deu esse passo, dirigiu o livro a seu filho pequeno, e não a qualquer personagem público, no ano de 1555. Nesse período, ele completaria cinquenta e dois anos antes de Cristo. Esta não é uma época da vida em que os homens geralmente iniciam uma trajetória de impostura. Quando ele é convocado para o Tribunal de Paris, carregado de honras e consultado sobre assuntos importantes (*de choses importantes* (Traduzido do Francês: coisas importantes)), ele mostra nada além de moderação e bom senso, e retorna contente para sua modesta casa em Salon. Em todas as linhas comuns de julgamento humano, tal conduta parece indicar autenticidade; e isso é fortalecido, se não estabelecido, por sua genuína gravidade de comportamento e sérios sentimentos religiosos. Ninguém negou a pureza de sua vida. Ainda assim, um certo Lord Pavilion, de sua própria época, escreveu contra ele, ou talvez contra a invenção de um nome deste editor, ao invés do seu. Além disso, descobrimos que o livro levou ao amargo dístico epigramático do poeta Jodele, ou como outros dizem, de Beza,

"Nostradamus cum falsa damus, nam fallere nostrum est, Et cum falsa damus, nil nisi nostra damus."

Isso pode ser facilmente voltado contra os fabricantes de almanaques piratas, assim:

"Vera damus cum verba damus quæ Nostradamus dat; Sed cum nostra damus, nil nisi falsa damus."

Apesar da pirataria e da depreciação, a reputação de Nostradamus cresceu, como já dissemos, em bairros influentes, até que veio aos ouvidos da Rainha Catarina de Médicis e Henrique II, na publicação, em março de 1555, dos primeiros sete séculos de suas "Profecias". Os séculos restantes, Sixains e Presages, só foram publicados muito tempo depois. No ano seguinte, 1556, mandaram chamá-lo para comparecer à Corte de Paris: embora Garençières diga que deixou Salon em 14 de julho de 1555 e chegou a Paris em 15 de agosto, particularidade que parece

indicar um conhecimento especial. 1 O senhor condestável Montmorency o atendeu em sua estalagem e o apresentou ao rei em pessoa. O rei mostrou-lhe grande favor e ordenou que fosse alojado no palácio do cardeal de Bourbon, arcebispo de Sens, durante sua estada na capital.

Quando um forte ataque de gota o acometia, isso durava dez ou doze dias. Sua majestade enviou-lhe duzentas coroas em ouro (duzentos écus d'or; vid. Moreri) em uma bolsa de veludo, e à rainha cem coroas (Le Pelletier, i. 92). Eles então o despacharam a Blois, para visitar seus filhos, os príncipes reais, e dar sua opinião astrológica. Ele se dirigiu para lá e parece ter se comportado de forma satisfatória para o rei. É certo que ele não lhes disse exatamente o que pensava, 2 para os príncipes foram Francisco II., Carlos IX. E Henrique III., Cujo trágico destino ele definiu corretamente, e com clareza inconfundível, como pode ser visto pelas previsões em seu estranho livro. Ele, no entanto, lançou seus horóscopos e se saiu bem nesta, como em todas as outras transações, *en homme d'esprit*. Ele voltou a Salon tão animado que começou a trabalhar e completou seu "Séculos", consistindo em mais trezentas quadras. Essas quadras adicionais ele parece ter impresso em 1558, mas Garencières diz que as dedicou ao rei em 1557. A única coisa que é certa é que o tipo Texte data a epístola de 27 de junho de 1558. Esta "Epístola Luminária" para o rei, Garencières nos diz, descobre eventos futuros "desde o nascimento de Luís XIV., agora reinando, até a vinda do anticristo". 1

Henri II. foi morto no ano seguinte, 1559, no torneio de St. Quentin, como veremos totalmente estabelecido na Quadra 35 no século I.

Já se tornara um verdadeiro favorito da corte, pois Emanuel, o duque de Sabóia, o visitou em sua casa em Salon por volta dessa época, no mês de outubro; e, no mês de dezembro seguinte, a princesa Marguerite de France, irmã de Henrique II, que pelo tratado de paz em Cambresis se casaria com o duque, veio também a Nostradamus, entretendo-o com muita familiaridade (Garencières e Moreri).

Charles IX. fez um progresso através do reino em 1564, para acalmar as cidades que haviam se amotinado; e quando chegou à Provença, ao chegar a Salon, em 17 de novembro, perguntou primeiro por Nostradamus. Nostradamus estava na comitiva de magistrados ao redor do rei, de modo

que foi apresentado no instante em que o rei o fez seu Médico Comum e o honrou com o título de Conselheiro. Queixou-se amargamente da negligência com que seus conterrâneos o trataram. César Nostradamus relata isso, dizendo: "*Et de ce, me souviens fort bien, car je fus de la partie*" (Moréri). Na viagem de volta, ele perguntou novamente por Nostradamus e deu-lhe duzentos ecus. Na época, ele tinha mais de sessenta anos e seu jejum de saúde estava quebrando sob severos ataques de gota. Ele morreu cerca de dezesseis meses após esse período, e o salário e os lucros do Physician in Ordinary devem ter confortado muito o velho em seus últimos dias. Ele agora desfrutava da maior satisfação de ser acorrentado por homens eruditos, grandes e outros, que recorria a ele de longe e de perto, como se fosse um oráculo. "Como São Jerônimo observa a respeito de Tito Lívio, assim podemos observar a respeito dele", diz seu biógrafo, Jean Aimes, "que aqueles que vieram para a França buscaram Nostradamus como a única coisa para ser visto lá. "

A cena final está agora se aproximando, e nós o encontramos muito aflito com suas doenças, notavelmente a gota artrítica, diferentemente da podagra, que o Dr. Cullen considera como a sede da gota idiopática. Esperou com firmeza o seu climatério, como costumavam designar o sexagésimo terceiro ano de um homem. Ele morreu no dia 2 de julho de 1566, um pouco antes do sol. Levante-se, tendo ainda todos os seus sentidos sobre ele, pois a artrise se transformou em hidropisia cerca de oito dias antes, e na madrugada do segundo dia do mês o sufocou. Jean Aimes diz que Nostradamus estava bem informado sobre a hora, até mesmo o dia e a hora, em que sua morte deveria acontecer. O profeta o lembrava com frequência, no final de junho anterior, que ele havia escrito de sua própria mão, nas Efemérides de Jean Stadius, essas palavras em latim, *Hic prope mors est*. "O dia", continua este amigo, "antes de trocar esta vida por uma melhor, depois de passar muitas horas com ele, e tarde da noite me despedir dele até a manhã seguinte, ele disse, 'Você não vai ver me vivo ao nascer do sol.' "M. le Pelletier dá (i. 91) Presage 141 como uma estrofe apontando para sua própria morte; mas, como os "Presage" só foram impressos em 1568, sua autenticidade pode ou não ser aceita, conforme o leitor desejar. As linhas correm assim, e são bastante notáveis, se admitirmos que foram uma previsão genuína; pois, embora eles não atribuam uma data específica,

ainda assim eles resumem os fatos principais de forma bastante completa:

-

"De retour d'Ambassade, don de Roy mis au lieu; Plus n'en fera; sera allé à Dieu:

Parans plus proches, amis, freres du sang, Trouvé tout mort près du lict et du banc."

O significado dado a isto é que no seu retorno de Arles, de onde foi enviado, em 1564, por Carlos IX., Para vê-lo uma segunda vez, depois de ter guardado em segurança as trezentas coroas que lhe foram dadas pelo rei. e rainha, sua última transação seria concluída, e ele então estaria sob sua alma a Deus. Seus parentes, irmãos e amigos mais próximos o encontrariam morto perto de sua cama, sentado, como era seu costume, no banco a seus pés, onde ele pudesse respirar mais livremente.

Esta é a interpretação dada por M. le Pelletier. Pelo que entendi César Nostradamus, o rei não o mandou chamá-lo a Arles, mas tornou a chamá-lo quando sua majestade voltou a Salon; e eu acho que a palavra "embaixador" deve referir-se a alguma missão privada que o rei o havia enviado inteiramente à parte desta, e pela qual ele pagou. Seja como for, o fato de Nostradamus não marcar a data de sua morte, neste presságio, vai estabelecer sua autenticidade, inclinar-se-ia a dizer. Pois, supondo que tenha sido impingido, depois de sua morte, certamente um fabricante do maravilhoso teria, antes de tudo, feito para mostrar *trois vingts et trois bis* , e torcido isso em alguma forma colorida. Ele teria pouca probabilidade de adicionar como um profético

característica de que o presente do rei havia sido guardado em um lugar seguro, pois fazer isso parece algo mais do que um instinto sobrenatural. É um toque de prosa mais do que de Python. No geral, devo me inclinar a tomar o versículo como uma emanção genuína da pena de Nostradamus. Certamente ele reconheceria, mesmo medicamente, que, ao se descobrir crescendo "*fort caduc et débile* " em direção ao ano do climatério, ele saberia que sua dissolução estava *próxima* . Em geral, considera-se que o grande climatério de um homem chega a 63, embora alguns o coloquem em 81, número sendo composto por 9 vezes 9. Em

qualquer um desses períodos, se ocorrer doença, é considerado especialmente provável que seja fatal.

Parece haver uma diversidade de opiniões sobre isso, pois alguns dizem que o *annus climaticus* é 84, ou 12 vezes 7. Aulus Gellius pensa que a opinião é de imensa antiguidade, remontando aos caldeus; e sem dúvida Pitágoras o derivou do Oriente. Ficino explica isso dizendo que o corpo do homem é governado por cada planeta sucessivamente pelo espaço de um ano, e, sendo Saturno o mais maléfico, a cada sete anos caindo para sua presidência torna-se extremamente perigoso. Esta explicação eliminaria os nove, exceto no sexagésimo terceiro e octogésimo primeiro ano, mas também viciaria todo o esquema da astrologia, pois o planeta sob o qual um homem nasceu (digamos que ele nasceu sob Saturno) iria dominar seu corpo ao nascer e ser, deve-se supor, o planeta regente naquele ano e, se fosse Saturno, ocorreria apenas em seu oitavo ano. Oitenta e quatro não seriam a favor em geral, visto que consiste inteiramente em números pares, embora divisível por sete. Muitos sustentavam que apenas um número produzido pela multiplicação de um número ímpar poderia ser climatérico. Augusto considerou isso um assunto de grande alegria quando passou por cima de seu sexagésimo terceiro

ano. 1 Moreri terá oitenta e um para falar propriamente do climatério, e ele observa que nessa idade morreram Platão, Diógenes, Eratóstenes, o geômetra, e muitos outros personagens ilustres. Alguns chegaram a dizer que os corpos políticos tinham seus períodos climatéricos; e eles certamente, a julgar por nosso próprio país, têm períodos de loucura fatal, quer os nove e os setes colidam ou não, ou as estrelas lutem contra Sísera. Mas, entre outras estranhezas da história, pode ser narrado o fato de que Henri Quatre foi o sexagésimo terceiro rei da França, o que fez Malherbe falar

"La vaine étude s'applique, A trouver la climatérique, De l'éternelle fleur-de-lis"

aquela *flor-de-lis* cujo terrível murchamento no ano fatal de 93 Nostradamus prevê com tanta força.

Basta dizer que, nesta crise climatérica, Nostradamus sucumbiu aos sessenta e três anos à gota, que se transformou em hidropisia. 2

Nostradamus foi sepultado na igreja dos Frades Franciscanos (Les Cordeliers) em Salon, como se observa, do lado esquerdo da porta da igreja (Garencières). Sua viúva ergueu para ele uma placa de mármore, "representando sua figura à vida, e seus braços acima dela". O epitáfio é o seguinte, feito, dizem eles, em imitação daquele grande Lívio supracitado, o historiador romano:

DM

CLARISSIMI OSSA
MICHAELIS NOSTRADAMI,

UNIUS OMNIUM MORTALIUM JUDICIO DIGNI, CUJUS PENE
DIVINO CALAMO TOTIUS ORBIS, EX ASTRORUM INFLUXU,
FUTURI EVENTUS CONSCRIBERENTUR.
VIXIT ANNOS LXII. MENSES VI. DIES XVII. OBIIT SALONE AN. CI
C I C LXVI.
QUIETEM POSTERI NE INVIDETE. ANNA PONTIA GEMELLA
CONJUGI OPT. V. FELICIT.

TRADUÇÃO.

“Aqui jazem os ossos do ilustre Miguel Nostradamus, cuja pena quase divina só, no julgamento de todos os mortais, foi digna de registrar, sob o influxo das estrelas, os acontecimentos futuros de todo o mundo. Ele viveu 62 anos, 6 meses, 17 dias. Ele morreu em Salon no ano de 1566. Posteridade, não perturbe seu doce descanso! Anne Ponce Gemelle espera pela verdadeira felicidade de seu marido. ”

O texto deste epitáfio é aquele dado por Benoist Rigaud na edição de Nostradamus publicada por ele em 1568.

Em estatura, ele era um tanto pequeno, de corpo robusto, ágil e vigoroso. Ele tinha uma testa larga e aberta, um nariz reto e uniforme, olhos acinzentados, de expressão gentil, mas com raiva capaz de lançar fogo. A expressão geral era severa, embora agradável, de modo que uma grande humanidade brilhou através da seriedade. Mesmo com a idade, suas bochechas estavam rosadas. Ele tinha uma longa barba espessa e excelente saúde até quase o fim da vida; ele tinha seus sentidos, estando alerta e

aguçado, até o último momento. Ele tinha uma inteligência boa e viva, apreendendo com rápida compreensão tudo o que desejava adquirir. Seu julgamento foi muito penetrante, sua memória feliz e retentiva. Ele era taciturno por natureza, pensava muito e falava pouco; mas na hora e ocasião certas ele poderia discursar extremamente bem. Ele foi rápido e repentino até a irascibilidade; mas muito paciente onde o trabalho tinha que ser feito. Ele dormiu quatro ou cinco horas apenas das vinte e quatro. Ele mesmo praticava a liberdade de expressão e a elogiava nos outros. Ele era alegre e jocoso nas conversas, embora nos gracejos um pouco dado à amargura. Ele estava ligado, assim diz De Chavigny, à Igreja Romana e sustentava firmemente a fé católica; fora de seu pálio não havia salvação para ele. Embora seguisse uma linha de pensamento inteiramente própria, ele não simpatizava com os hereges luteranos do chamado Livre Pensamento. Ele foi dado à oração, jejum e caridade. No que diz respeito à observância externa, ele pode ser classificado como os altamente respeitáveis e decentes. Le Pelletier diz: "Sa fin fut Chrétienne;" mas ele acrescenta um pouco mais adiante que seu estilo é muito mais parecido com o dos oráculos pagãos da Grécia e Roma do que com o dos profetas canônicos de inspiração hebraica. Ele era muito generoso com os pobres e sustentava como uma espécie de máxima que, nesse sentido, era legítimo fazer amizade com "as riquezas da injustiça".

Jean Aimes de Chavigny, que parece ter vindo de Beaune para desempenhar o papel de Boswell para Nostradamus e, - após a morte de seu amigo, teria dedicado vinte e oito anos de sua vida editando os "Séculos" com notas, 1 diz que ele colecionou doze livros dos "Séculos", dos quais vols. vii., xi. e xii. são imperfeitos. Estas estão em quadras e são classificadas como *proféticas*, e se estendem por eras muito remotas. Os *Presages*, somos informados, foram escritos entre 1550 e 1567, 1 e. foram reunidos por Aimes e reduzidos a doze livros em prosa, por ele os considerar dignos da atenção da posteridade. Os poucos Preságios que você publicou têm apenas cento e quarenta e três quadras em verso; portanto, devemos supor que aqueles escritos em prosa pereceram inteiramente.

Nostradamus deixou dois irmãos atrás de si: um chamado Bertrand; o outro, Jean, que era seu mais novo e procurador do Parlamento em Aix, compôs

uma História da Provença e também escreveu a vida dos Poetas da Provença. 2

Moreri afirma que com sua segunda esposa teve seis filhos, três meninos e três meninas. De seus filhos, César, o mais velho, era uma pessoa de espírito demonstrativamente alegre e bondoso. Foi a ele, ainda criança, que Nostradamus dedicou os primeiros sete dos "Séculos" por ele publicados. Estas são as mais autênticas de todas, e Moreri observa que, se você deseja que as quadras não tenham interpolação, você deve garantir as primeiras edições. O leitor entenderá que agora é desnecessário, visto que desde o início temos lidado com o *tipo de texto*. César nasceu em Salon, 1555, e morreu em 1629. Ele, como seu tio Jean, era um autor e escreveu sobre os mesmos tópicos, deixando em manuscrito uma coleção das coisas mais notáveis que aconteceram na Provença de 1080 a 1494. Nisso ele incluiu a vida dos poetas da Provença. Muitos anos após sua morte, seu sobrinho e homônimo, César Nostradamus, que foi governador da Provença e cavaleiro à espera do duque de Guise; encontrou-os e ele mesmo trabalhou neles, até que, em 1603, o Parlamento da província votou para ele três mil libras para encorajá-lo a concluir o trabalho, o que ele fez; e foram finalmente impressos em Lyon em 1614, sob o título de "Chroniques de l'Histoire de Provence". Ele começou com os gauleses celtas na data inicial do Dilúvio. Isso é digno de um verdadeiro descendente da tribo de Issacar. Uma história muito estranha é contada por César por La Motte le Vayer em sua "Instruction pour Monseigneur le Dauphin". Ele, como seu pai, Michel, gostava de prever o futuro e se aventurou a prever que Pouzin, sitiado, morreria no fogo; mas foi levado por *coup de main*. Enquanto a pilhagem estava acontecendo, o profeta tolo foi, dizem, visto, fósforo na mão, tentando incendiá-lo. Ele foi pego; e Saint-Luc, o comandante, perguntou-lhe se ele havia profetizado alguma coisa para si mesmo naquele dia. Ele respondeu: "Não!" em que o general cavalgou nele com sua lança, e o matou no local. Moreri relata essa história de maneira um pouco diferente. Se qualquer uma das versões fosse verdadeira, seria claro que César não entendia "*la parole héréditaire de l'occulte prediction*" e que a jararaca era "*dans son estomac intercluse*". "De outras autoridades, no entanto, parece que ele estava ocupado com sua história muito depois da data assim designada para sua morte. Charles, seu irmão, era muito excelente em poesia provençal, - e várias peças de seu arco

ainda existem O terceiro filho de Michel, cujo nome não nos foi dado por Moreri, tornou-se capuchinho.

Uma anedota é relatada por Garencières, que ele lança como "uma passagem alegre" para recriar seu leitor. Nostradamus estava com Lorde Florinville em Lorraine, no Castelo de Faim. Ele estava atendendo clinicamente a mãe de sua senhoria. No pátio onde passeavam havia dois porquinhos, um branco e outro preto. Sua senhoria perguntou a Nostradamus

de brincadeira, qual seria o destino daqueles porcos. "Vamos comer o preto e o lobo comerá o branco", disse ele. Lord Florinville secretamente ordenou ao cozinheiro que preparasse o branco para o jantar. Quando foi cuspidado para assar, o cozinheiro saiu da cozinha para alguma coisa, e na sua ausência um jovem lobo domesticado entrou e comeu uma parte, para que não pudesse aparecer à mesa. O cozinheiro matou imediatamente o preto e mandou-o subir na hora marcada. Sua senhoria, sem saber o que havia acontecido, disse a Nostradamus: "Bem, senhor, agora estamos comendo o porco branco; como o lobo vai conseguir?" "Não acredito", respondeu o profeta; "é o preto que está sobre a mesa." O cozinheiro foi chamado e, por sua confissão, a verdade veio à tona, para grande surpresa de todos os presentes. Outra história segue esta, que Nostradamus havia dito que o tesouro estava escondido em uma pequena colina perto de Faim, que não seria encontrado se procurado, mas que, se o solo fosse cavado por qualquer outro motivo, seria. Garencières acrescenta que há grande probabilidade de isso acontecer, pois é o local de um antigo templo, e muitas vezes desde que antiguidades foram descobertas aqui. Ele completa sua história de pau-a-pique dizendo que muitas dessas histórias são contadas de Nostradamus por toda a França, mas que ele as passa por "indisposto a escrever qualquer coisa sem uma boa autorização". Garencières acrescenta que há grande probabilidade de isso acontecer, pois é o local de um antigo templo, e muitas vezes desde que antiguidades foram descobertas aqui. Ele completa sua história de pau-a-pique dizendo que muitas dessas histórias são contadas de Nostradamus por toda a França, mas que ele as passa por "indisposto a escrever qualquer coisa sem uma boa autorização".

Garencières acrescenta que há grande probabilidade de isso acontecer, pois é o local de um antigo templo, e muitas vezes desde que antiguidades foram

descobertas aqui. Ele completa sua história de pau-a-pique dizendo que muitas dessas histórias são contadas de Nostradamus por toda a França, mas que ele as passa por "indisposto a escrever qualquer coisa sem uma boa autorização".

Entre outros relatos absurdos espalhados, estava o de que ele fez com que fosse enterrado vivo e que continuou a escrever profecias. Isso sem dúvida foi posto à tona por aqueles editores honestos que em vida lhe deram a honra de piratear seus almanaques; de qualquer forma, isso rendeu seus juro. Também se fingiu que tantos em Salon o consideravam um impostor, que por segurança ele foi enterrado na Igreja Franciscana.

Quem deseja a Bibliografia das edições de Nostradamus

até o ano de 1840 consultará o que foi admiravelmente elaborado por Eugène Barest, Paris, 1840, em sua obra sobre "Nostradamus". Ou podem encontrá-lo copiado textualmente, com todo o devido reconhecimento de sua excelência, no primeiro volume da edição dos "Oráculos" de Le Pelletier.

As obras de Nostradamus, além das "Profecias", parecem ter sido Vários Almanaque, dois dos quais foram traduzidos imediatamente para o inglês, e são fornecidos por Watt, "Bib. Brit."

"Almanacke para 1559." Londres: 1559. 8vo.

"Almanacke et Prognostications." Londres: 1559. 8vo.

Moreri dá ainda um

Almanaque para trabalhadores do campo, para marcar as estações favoráveis ao seu trabalho. Um verdadeiro predecessor, este, do *Vox Stellarum* de Moore .

"Previsões antes de 1558." Londres: 1691. 4to. Este é nomeado por Watt e pode ser uma tradução da genuína primeira edição dos "Sete Séculos", mas eu não encontrei isso.

"Profecias dos Reis e Rainhas da Inglaterra." 1715. Esta é a obra de DD da qual citamos amplamente.

"Um excelente Tratado sobre doenças contagiosas em 1559-60." Traduzido para o inglês. Londres: 1559.

"Traité des Fardements." Lyon: 1552.

"Des Confiteurs", etc. Anvers: 1557.

"Opuscul de plusieurs exquis Receptes, divisé en deux parties." Lyon: 1572. 16mo. Isso contém ambos os itens acima.

"La Remède très utile contre la Peste et toutes Fièvres pestilentiellles." Paris: 1651. 8vo.

"Paráfrase de Galien sur 'lexortation de Menodote aux Études des Beaux Arts." Lyon: 1558. 8vo.

Tocando nas profecias de Nostradamus, Théophile de Garencières nos dá um fato interessante, que, depois da cartilha, foi o primeiro livro na escola em que aprendeu a ler. Na época, era costume na França (isto é, 1618) iniciar as crianças por meio desse livro. Eles pensaram que as palavras ranzinzas e obsoletas, como as que sobreviveram por muito tempo na lei inglesa, dariam aos estudiosos uma ideia da antiga língua francesa; tão

que o livro foi republicado ano após ano como um almanaque. Ele narra que muitos enlouqueceram de estudar demais as profecias. Ele dissuade os leitores de fazer isso, porque a interpretação deve ser sempre um pouco incerta onde, como um oráculo antigo, o autor se entrega a um duplo sentido, o que ele pensa que Nostradamus freqüentemente faz. Sem um gênio peculiar, ele não supõe que seja possível obter um entendimento correto da quadra. Mesmo quando a profecia é bastante clara, de que o Parlamento deveria matar o rei Carlos, nenhum leitor, até que acontecesse, poderia dizer quando, ou como, isso aconteceria. Mesmo seus signos astrológicos não vão consertar as coisas, porque os planetas vão e voltam aos mesmos rumos. Algumas de suas razões são muito peculiares, uma delas não é lucrativa para o *vulgar* ter conhecimento do futuro, que Deus reserve o conhecimento dos tempos para Si mesmo, e que possa transgredir os "negócios do Estado" para descobrir e abrir as coisas que os prudentes desejam ocultar; e ele conclui, estranhamente, que "por essas razões (caro leitor), eu não gostaria que você se enredasse na pretensão de conhecer coisas futuras".

Ele concebe que há muitas causas concorrentes que tendem a diminuir a reputação profética de Nostradamus. A maneira muito comum pela qual ele se conformava com as regras e rituais da Igreja Católica Romana não levaria ninguém a inferir que ele gozava de qualquer favor extraordinário do Todo-Poderoso; sua proficiência em astrologia judicial forneceria matéria de preconceito contra ele nas mentes de muitos homens eruditos; os muito devotos suspeitavam dele de necromancia e familiaridade com o Anjo das Trevas; finalmente, a obscuridade inerente ao seu estilo tornou-se ainda mais difícil pelas falhas intermináveis introduzidas pelos copistas e pelo descuido dos impressores. Agora, é admitido, diz ele, e por seus mais hábeis defensores, que a astrologia judicial não pode capacitar seu professor a predizer particularidades como nomes próprios e outras circunstâncias que dependem do livre arbítrio dos homens; e, como nosso autor prediz coisas como essas, ele deve ter recorrido à arte negra para obter seus resultados. Conseqüentemente, Lorde Florimond de Raimond, em seu "Nascimento das Heresias", faz esta acusação contra ele; também Lord Spond, no terceiro volume de seus "Anais", em 1566, concebeu este epitáfio para ele.

"Mortuus est hoc anno nugax ille toto orbe famosus *Michel Nostradamus*, qui se præscium et presagum eventuum futurorum per astrorum influxum venditavit, sub cujus deinceps nomine quivis homines ingeniosi suas hujus modi cogitationes protendere consueverent, in quem valde apposite lusit qui dixit: *Nostra damus* cum falsa damus, "etc. 1

Provocado assim, Garencières se esforça para provar que Nostradamus foi iluminado pelo Espírito Santo. Não o seguiremos neste assunto senão para nos valermos dos fatos que possamos iluminar no curso de seus argumentos, e para registrar alguns dos elogios a ele que Garencières reúne de autores eminentes no passado. A estes podemos acrescentar algumas autoridades que nos tempos modernos o nomearam; mas estes resumem principalmente suas previsões como brotando da venalidade, vaidade e impostura.

De nomes próprios, que Nostradamus previu, a lista é considerável. Ele nomeia o Senhor de Monluc; Capitão Charry; Lord de la Mole, almirante das galeras de Henri

II.; Entragues, decapitado por Louis XIII.; Clarepegne, o carrasco; Sinan, o Pasha que destruiu a Hungria; Clément, que assassinou Henri III.; o

advogado David e o capitão Ampus; Rousseau, o prefeito de Puy; Louis, Príncipe de Condé; Sixtus V., chamando-o de filho de Hamont; Gabrielle d'Estrée; Lord Mutton; Anthony de Sourdis, Lorde Chanceler da França; a Rainha Louise; Antônio de Portugal. Desde a época de Garençières, outros nomes foram identificados: Narbonne, o Ministro da Guerra; Saulce; Lethuille, para as Tulherias; Lonole, para Old Noll ou Cromwell; Montmorency; Le Grand Chiren, anagrama de Henri le Grand; Mendosus, anagrama de Vendosme; Norlaris, anagrama para Lorrains; Robin, anagrama de Biron; Rapis, anagrama de Paris; Esleu Cap, para Capet, ou Louis XVI.; Varennes, o lugar onde Louis foi preso; a peça em cima *bour e bon*, para Bourbon (Cent. vii. 44); Ergaste, anagrama de Estrange para Maria Antonieta, a austríaca; Mont Gaulfier, para Montgolfier, o aeronauta; a ilha de Elba, mencionada como Æthalia, o antigo nome de Elba; Saint Memire, anagrama de Saint Meri; e a brincadeira com "dort inclina" para Louis Philippe. Esta é uma boa lista de nomes para adivinhar ao acaso. O acaso que pudesse resultar rivalizaria com qualquer profecia na natureza miraculosa de seus elementos.

Novamente, no que diz respeito às coisas curiosas que ele menciona, pode-se fazer uma longa lista. A data do incêndio de Londres. Os quinhentos Marseillais que lideraram o ataque às Tulherias. A nomeação do próprio ano de 1792 para a Revolução Francesa; o 22 de setembro daquele ano sendo a data a partir da qual os republicanos começaram a recontar sua época. Muitos mais podem ser facilmente reunidos a ponto de cansar o leitor com sua enumeração.

Ele menciona o nascimento de pessoas que nasceram após sua morte. Agora, a astrologia judicial não poderia ajudar em tais casos, uma vez que começar a lançar um presépio pressupõe o nascimento. Em sua epístola a seu filho César, veremos o que ele diz de si mesmo e dos dons que possuía; mas mesmo aí ele foi obrigado a ser um tanto obscuro, para se proteger do ridículo do mundo de um lado, e das severidades da Igreja do outro. Ele diz a seu filho para evitar o estudo do futuro astrologicamente, para evitar a magia, proibida pela Igreja e as Escrituras, e que ele mesmo havia queimado alguns livros que ensinavam a arte de profetizar, embora seja bastante evidente que ele primeiro leu com muito cuidado ele mesmo. Ele relata que uma chama poderosa irrompeu deles para o perigo de sua casa, e

isso ele interpretou como sendo a consequência de sua falsidade. Mesmo assim, ele parece ter passado por muitas das formas mágicas quando estava prestes a dedicar a noite aos estudos proféticos. Ele afirma que a revelação inspirada é "*uma participação da Divindade Eterna* ", embora ele dificilmente reivindique ser um profeta neste sentido da palavra; na verdade, ele se nega a ser tal profeta. Mas, falhando em reivindicar inspiração e denunciando a prática da astrologia e a busca da magia, fica-se um tanto no escuro quanto ao que ele realmente professou ser a fonte da expressão fatídica possuída por ele. Que ele tinha o dom em uma potência maravilhosa que este livro mostrará; e que ele abertamente afirmou ter possuí-lo toda a sua vida prova. É, de fato, disso eu desejaria estabelecer que pelo menos ele não era um impostor, pois ele apenas dizia aos outros o que ele começou por acreditar implicitamente em si mesmo.

Quanto à sua obscuridade, ele mesmo a admite como uma coisa a ser cultivada tanto nos tempos em que viveu como nos que viriam. Ninguém pode verdadeiramente negar que obscuridade e profecia parecem ser termos quase intercambiáveis e conversíveis. As profecias nas Escrituras são de tal ambigüidade que Whitby foi elogiado por muitos por concluir seu Comentário sobre a Bíblia com a Epístola Geral de Judas, sem uma palavra concedida às Revelações de São João. Existem aqueles que sustentam que as profecias são inúteis, visto que geralmente não podem ser compreendidas até que sejam cumpridas. É óbvio que muitas profecias são de tal natureza que, se fossem claramente entendidas antes do evento, impediriam seu próprio cumprimento e, assim, deixariam de ser profecias. O que eles predisseram nunca teria ocorrido. A filosofia da história deve mostrar que a Providência molda o curso dos eventos humanos por mais que a humanidade pareça, a cada instante, seguir sua própria vontade coletiva. Esta teoria é mais favorável entre os pensadores modernos eruditos, que se inclinam muito pouco para a aquiescência na velha doutrina da Predestinação da Igreja. No entanto, a profecia inspirada é uma prova colateral do mesmo princípio que fundamenta a filosofia da história. Ambos dependem da formação do dedo de Deus primeiro transformando o caos em coisas, e depois as coisas em seus cursos contínuos. A modelagem não é mais necessária na primeira criação do que em todos os estágios sucessivos, seja para preservação ou para progressão. Novamente, o interesse da profecia não inspirada é para o homem mortal não muito menos vívido;

pois, se interpretamos Nostradamus corretamente, encontramos nele um homem que viveu há trezentos anos falando de maneira inteligível, senão clara, sobre coisas que estão acontecendo hoje. Se houver um poder na natureza humana, latente na generalidade, mas em alguns alerta e rápido, - para ligar séculos longínquos no pensamento antecipatório, considero estar bem claro que esse único fato deve revolucionar todo o esquema da filosofia humana como é aceito agora, seja ele relacionado à vida, à morte ou ao futuro. A capacidade fatídica implica um espírito da imortalidade no homem. Com isso, uma vez estabelecido, entramos novamente no domínio da fé; reconhecemos que a terra é impura e o corpo pecado; recriamos a alma e rimos do tolo (ou do filósofo) que duvida, nega e ridiculariza. Ele abre novas bases para ensinar a imortalidade do homem; eleva-nos acima da doutrina da sujeira do ouro; torna a poesia mais uma vez possível para lábios consagrados com o fogo de Apolo; traz de volta a possibilidade de adoração na terra e, com isso, oração, louvor e paz. Bates, o de língua prateada, diz bem que para o homem "é tão natural orar quanto respirar".

Garencières é de opinião que os escritos de nosso profeta foram deixados "nas trevas" por um século, mas vimos que em sua própria época Nostradamus atraiu a atenção dos eruditos, da nobreza e do próprio rei. Garencières diz que o primeiro livro que lhe deram na escola depois da cartilha foi "Os Séculos", então não foi negligenciado; e M. le Pelletier comenta que a fama de Nostradamus já está diante do mundo há trezentos anos, com uma recepção sempre crescente. É claro que, conforme o tempo passa e novas quadras são interpretadas após a realização, a série deve brilhar com brilho e esplendor cada vez maiores. Os reis da França nunca foram totalmente indiferentes aos oráculos, ou pelo menos a alguns deles que pudessem se referir a eles individualmente. 1 sobre o volume, ansiosamente esperando encontrar nele alguma estrofe prometendo a sua restauração de linha real para o trono da Inglaterra, mas em vão ("Livro dos Dias" de Chambers, ii. 13).

Nos tempos modernos, a profecia é ridicularizada, e nosso vidente, sugerindo obscuramente suas estranhas previsões, é votado como incoerente, rapsódico ou um impostor. Quase todo mundo já ouviu seu nome ser

menção, mas isso é tudo. Poucos que se deparam com seu trabalho acidentalmente em uma estante de livros podem entender seus termos provençais e meio obsoletos. Sem um estudo especial, você não pode entendê-lo; e estudar uma obra que está sob proibição geral de impostura, em uma época em que apenas estudos lucrativos são buscados, é algo que não deve ser pensado por um literato de qualquer inteligência. Conseqüentemente, na Inglaterra é um nome, flutuando por toda parte, mas que permanece apenas um nome e nada mais. Espero, entretanto, que quando este livro for lido por poucos competentes, se verá que existe muito mais do que um mero nome a ser tratado aqui; que em Nostradamus temos o maior vidente fatídico, não divinamente credenciado, que o mundo já viu; que, se aceito como sendo dotado de uma previsão rara e curiosa, - depois que a investigação mais severa sobre o que ele fez foi instituída por gramáticos, historiadores e críticos filosóficos - será a seguir necessário tentar investigar as causas, e então verifique como ele operou. Se não podemos ter sucesso nisso, e ainda não podemos negar seu trabalho, devemos adicionar a faculdade, tão notavelmente desenvolvida nele, às faculdades perceptivas da raça humana, como um sexto sentido, - geralmente latente, mas às vezes desenvolvido, - a faculdade de antecipar o futuro. A ciência, assim chamada, deve ampliar suas categorias estreitas e admitir, embora nunca com tanta relutância, que uma nova faculdade de grande importância deve doravante ser credenciada à humanidade; uma faculdade que os supersticiosos e os profundamente religiosos admitiram imemorialmente, mas que os filósofos, como tais, persistentemente ignoraram, negaram ou mesmo ridicularizaram. Muitas vezes foi dito por pensadores perturbados, com um floreio pretensioso de profundidade perplexa, que "a verdadeira filosofia começa na dúvida". Eu sussurro no vento, mas não em Gate, que na maior parte aí também termina. A anatomia corta um homem morto para encontrar vida. A análise reduz a investigação final a um caput mortuum. A filosofia começa na dúvida e percorre um amplo círculo para fechar a dúvida novamente. Afinal, talvez a melhor base seja a fé. Começando com fé, talvez um homem possa encontrar Deus acompanhando a investigação com ele passo a passo ao longo da vida, mesmo neste mundo e em seu jardim milagroso, até a hora de ele pisar, através do postigo de seis pés, no Paraíso daquele mundo glorioso que está adjacente a nós, mas não é visto, onde os suspiros não são elevados e cujas glórias são incorruptíveis.

Quando enumerarmos algumas das opiniões expressas sobre os escritos e o caráter de Nostradamus, veremos que um grande número deles o condena por charlatanismo e impostura, especialmente à medida que nos aproximamos de nossos dias. Por enquanto, o que é denominado ciência não aceita nada como verdadeiro, exceto o que é dedutível da razão; pressupõe que nada pode ser conhecido a respeito do futuro, além do que a prudência cultivada pode obter de uma familiaridade política com o passado, associada talvez a uma avaliação sagaz dos princípios agora em ação e dos frutos que eles provavelmente irão gerar. Na verdade, o que o conhecimento de um homem sábio pode capacitá-lo a prever, cobre para tais teóricos toda a extensão e província de todas as profecias possíveis ao homem - a sagacidade de Mazarin, que detectou o elemento revolucionário no Cardeal de Retz ainda jovem; ou a previsão do Bispo Butler, em 1741, que o *espírito nivelador* então visível, sob a direção de princípios ateus, ameaçava perigos que poderiam ameaçar a Europa. Mas chamar isso de profecia é ignorar o que a palavra profecia significa. Afirmar assim, ou limitá-lo, é negar a existência da faculdade profética completamente. Uma negação direta da coisa é melhor do que uma definição cética dela. O ceticismo, então, em nossos dias, não acreditando que possa haver algo como um verdadeiro presságio, conclui que Mãe Shipton e Nostradamus estão precisamente no mesmo pé. Eles lêem uma quadra de Nostradamus, só entendem uma linha em quatro, e dizem que, embora aquela seja inteligível, a própria Esfinge não poderia fazer nada das outras, e que de uma série de tais versos seria maravilhoso se algo curioso não era deixado cair ocasionalmente. A próxima inferência é que o autor se preparou para um presente que não possuía e logo descobriu que a impostura era muito mais lucrativa do que a monótona rotina da prática médica, pois naquela época a superstição do público era ilimitada. A ignorância da Idade Média é claramente contrastada para nós agora com a sabedoria e o conhecimento de nossos dias. O que, preconceito à parte, isso significa, se resumido brevemente em um aforismo? Apenas isto: que a sabedoria de hoje nos dá o Niilista de *sem fé*, no lugar do Astrólogo de *muit*.

Devemos lembrar em tudo isso que nosso autor atingiu a idade madura de cinquenta e dois anos antes de imprimir uma palavra da obra na qual estamos dedicando seu tempo. Ele nos conta que por gerações a família de

Nostradamus herdou e transmitiu parte do dom profético (Prefácio de Garencière, p. 16), que veio a ele como um gênio natural; em que parece que seus filhos compartilhavam parcialmente. Ele a cultivou por muito tempo para seu prazer particular, e o pedido em que estavam seus almanaques parece tê-lo levado a pensar que ele poderia utilizar mais amplamente o corpo docente. Ele nunca parece ter feito uma grande soma de dinheiro com isso. Ele se sustentou e criou sua família por meio de um trabalho constante em sua vocação profissional. Sobre à beira da publicidade, antecipando influências malignas, ele ainda hesitou em dar o mergulho final; e, quando o fez, estava com cinquenta e três anos. Os homens raramente passam pela vida cumprindo todos os seus deveres com crédito e decoro, ganham uma competência e, aos cinquenta e dois anos, iniciam uma carreira de impostura desprezível. Não; isso não está de acordo com a natureza humana. Devemos absolvê-lo de impostura.

Michel Nostradamus foi um dos homens mais eruditos de sua época, amigo de Jules César Scaliger. Ele conhecia muitas línguas modernas e o hebraico, o grego e o latim. Ele havia seguido a medicina desde os vinte e dois anos, obteve seu doutorado aos vinte e seis, ocupou uma cátedra profissional em Montpellier e, mais tarde, dedicou-se à astrologia judicial; no qual, e em uma previsão intuitiva além do que isso pode oferecer, ele distanciou de longe todos os outros competidores na mesma linha. Que o leitor se familiarize completamente com tudo o que está aqui colocado diante dele como a Charles I. na Inglaterra, e sua reencenação sangrenta na Revolução Francesa, deixando todo o resto de lado; e, se ele pode se levantar da leitura,

M. le Pelletier concebe que o *Commun Advénement*, ou *l'avénement au règne des gens du commun*, que transcrevi como "O Advento Vulgar", estendendo-se desde a morte de Luís XVI. para o reinado do Anticristo, é o grande objeto de Nostradamus. É para pintar essa epopéia sinistra que ele dedica pelo menos três quartos de suas quadras, de acordo com le Pelletier. Eu mesmo, acho que essa proporção é exagerada. Mas nosso profeta volta a ele repetidas vezes, elabora os detalhes mais minuciosos e concentra-se nisso como em um foco os raios mais brilhantes de seu gênio místico. Alguns pensam

que Catharine de Medici foi amplamente influenciada em sua política firme e providente pelos conselhos de Nostradamus, a quem ela visitou expressamente em Salon de Craux, em 1564, com seu filho, Carlos IX. Pode ter sido assim, mas é uma grande questão se Nostradamus, apesar de todas as suas visões, curiosamente como elas se realizam no tempo, poderia aconselhar a rainha ou qualquer outra pessoa melhor do que qualquer outro homem sábio de cultura elaborada poderia. Suas visões viriam a ele como versos de um grande poeta e, quando escritas e a inspiração fugisse, ele voltaria à condição comum de humanidade. Ele cairia de volta ao nível da razão e do discurso da ciência, sem nada para distingui-lo especialmente de outros homens bem posicionados para aprender a sabedoria e o conhecimento que este mundo tem para conceder a eles. Esperar mais dele é esperar, com o senso comum, que se você encontrasse Milton na Bread Street, ele se dirigiria a você em versos em branco e transformaria "Bom dia" em métrica. Grandes homens recortam figuras muito simples em tecido comum. É o impostor que é magistral e tem ares de Cagliostro.

Nostradamus às vezes é um pilar de fogo, mas mais freqüentemente ele é um pilar de nuvem. Ele é um mestre do passado em palavras e descreve eventos com uma concisão que quase confunde paralelos; mas ainda assim o emprego dessas mesmas palavras é mais prático do que artístico, pois ele nunca chega à poesia. Como um visionário aceito, ele talvez seja menos influenciado pela imaginação do que qualquer homem de qualquer tipo que se possa mencionar. Com ele, as palavras costumam ser usadas tanto para velar quanto para revelar seu significado. Seu desprezo pelas pessoas simples, os ignorantes, é amplamente marcado. Homens de conhecimento devem constituir seu público; o céu da profecia é, em sua opinião, uma região imprópria para crianças. Ele, limpo ao contrário do exemplo dado adiante em São Marcos (x. 14), vai permitir que ninguém se aproxime dele.¹ Ele prediz principalmente o *mal* que virá; o que é bom só aparece em suas páginas por acaso e em longos intervalos. Mas aqui deve ser observado que o grampo da verdadeira profecia deve sempre correr em paralelo com o da história; ao passo que, quanto ao último, tornou-se um axioma: "Feliz o país que não tem história." Ele cansa enquanto nos fascina em meio à variedade de suas combinações; ainda assim, um exame mais profundo frequentemente terminará no revestimento dessas alusões enigmáticas e

vext em um investimento mágico e flutuante que os eleva a uma sublimidade tranquila.

Ainda assim, ele claramente não é um profeta no sentido antigo e hebraico da palavra - como Isaías, Daniel, Davi, João - um homem que não respeita sua própria pessoa quanto à sua segurança, nem a pessoa de outros homens quanto à sua posição. Você não pode dizer dele: "*Scimus quia verax es, non enim respicis personam hominum* " (St. Matt. Xxii. 16), que é o teste-toque em todo o mundo de um verdadeiro profeta. O resumo de Le Pelletier é: *c'est un artiste en pronostics* . Há um anel Pythic em tudo o que ele escreve e diz; um sub-sabor, também, da tradição cabalística, longe daqueles antigos livros comprometedores que ele achou por bem queimar. Os sinais externos de seu procedimento e métodos são palpavelmente mágicos, conforme estabelecido nas estrofes que abrem seu primeiro século ao leitor. Se sabemos que ele professava a ortodoxia cristã, também sabemos que ele praticava astrologia judicial e fazia uso inquestionável do ritual pagão de encantamento. Esses ritos, incompreendidos por todos os eruditos nos livros que escreveram sobre eles, foram pelos sacerdotes e pais da Igreja primitiva ignorantemente atribuídos à prestidigitação, Toledan arte e pacto fraudulento com o demônio zibelina. Talvez possam acabar sendo apenas excitações naturais, descobertas empiricamente, tendendo a permitir que o seu sujeito alcance mais plenamente um estado de êxtase semiconsciente; colocar a luz cerebral na corrente de luz latente que permeia todo o espaço (se tal expressão for permitida), e assim obter resultados que normalmente são inatingíveis pelo homem. Bouys, que escreveu em 1806, claramente o considera um clarividente. Os magnetizadores de animais o chamam de *crisiaque* . Possivelmente, todos esses processos serviram apenas para colocá-lo em uma posição favorável à clarividência; mas sobre tudo isso, respeitado e gentil leitor, construa sua própria opinião. Deixe o homem ser para você profeta, feiticeiro ou clarividente. Chame-o como quiser, para libertá-lo do estigma de impostor. O julgamento de M. le Pelletier quanto a isso deve ser considerado final: "*L'ampleur de son génie, et la sureté inimaginable de son coup d'œil, ne permettent guère de la croire* ."

Bem se disse que o homem e suas obras são um enigma. Tudo em nosso autor é ambíguo. o homem, o pensamento, o estilo. Tropeçamos a cada

passo nos caminhos acidentados de seu labirinto. Assim que entramos, vozes zombeteiras parecem zombar de nós por trás de cada estrofe, estrofe, palavra. Tentamos interrogar, mas nos calamos diante de um homem de nervos sem emoção e de máscara impenetrável. O que são esses "séculos?" O que é Nostradamus? Neles e nele todos podem encontrar algo; mas nenhum homem nascido de mulher pode encontrar *todos*. A Esfinge da França está aqui diante de nós; um enigma, um enigma do destino dos homens: um homem ao mesmo tempo ousado e tímido; simples, mas quem pode sondar sua profundidade? Um cristão superficial, um pagão talvez no coração; um homem recompensado de reis: e ainda, pelo que podemos ver, fornecendo nenhuma sugestão proveitosa para eles que poderia tornar sua vida mais tranquila, ou remover um único perigo de seu caminho. Ele deixa um livro de coisas malignas, escrito por quem, embora, nunca *disse* uma palavra que *à tous ne seroit agréable*. Veja este Jano de dupla face; sua própria respiração é dupla; a essência da ambigüidade está envolvida nele encarnada e molda o homem, o pensamento, o estilo.

Notas de rodapé

3: 1 Os fatos para esta vida são tomados, onde nenhuma outra referência é dada, de uma obra escassa, intitulada, "La première face du Janus François, par Jean Aimes de Chavigny Beaunois, 1594." Pode ser encontrado na Biblioteca de Paris; mas não no Museu Britânico. Felizmente M. le Pelletier fornece uma transcrição quase literal deste "Brief discours sur la vie de M. Michel de Nostredame."

4: 1 "Archives du Magnetisme Animal", vol. viii. "Tous deux" (*ou seja*, pai e mãe) "appartenaient à une famille Juive", convertido no século XVI, e da tribo de Issacar ("Nouvelle Biog. Générale" [Le Pelletier, i. 16 n.]).

4: 2 Seu avô, Moreri nos diz.

7: 1 Moreri atribui isso ao ano de 1525.

7: 2 Ele chama Scaliger no auge da amizade de "um Virgílio na poesia, um Cícero na eloquência, um Galeno na medicina" e declara que deve a ele por suas realizações científicas ("Penny Cyclopædia", *sv Nostradamus*).

12: 1 "Que a grande maioria da sociedade francesa de sua época ficou impressionada com suas efusões, não pode haver dúvida" ("Book of Days" de Chambers, vol. II., P. 13).

12: 2 Moreri diz que ninguém sabe qual foi o seu relatório.

13: 1 Garencières, como mostramos, diz que Nostradamus dedicou a "Epístola Luminária" a Henrique II. em 1557. M. le Pelletier sustenta (i. 10) que Henri II. nunca soube da epístola dedicatória escrita a ele pelo nome, e que, como os eventos mencionados não dizem respeito à Casa de Valois, eles não poderiam ter tido interesse por ele se ele soubesse da epístola. M. le Pelletier acrescenta uma nota mais singular a esta observação, que a epístola é dedicada a " *A l'invictissime, très puissant, et très chrestien Henry Roy de France Second* .

"Esta epígrafe ele afirma não ser endereçada a Henrique II, pois ele observa que não estava mais vivo quando apareceu. Agora, não é assim; pois a carta dedicatória foi impressa em 27 de junho de 1558, e a morte do rei só ocorreu em 1559, de modo que o documento já estava impresso antes de sua morte. Mas, se não fosse assim, não há razão alguma para que Nostradamus não tivesse fornecido ao rei uma cópia da carta e quadras em manuscrito muito antes

de qualquer um deles ter sido datilografado. Jean de Roux, Cura de Louvicamp, erroneamente sugere que se tratava de uma dedicação profética a Louis le Grand ou XIV. M. le Pelletier acha que nem mesmo foi dedicado a o grande Henri Quatre, mas para um "Henry, Roy de France Second"- o *segundo* sendo o latim *secundus* , ou próspero, *ou seja* , algum rei não menos ilustre do que Henri Quatre, cujo reinado está para surgir no futuro. É isso que fornece ao leitor o propósito secreto do livro de Le Pelletier, que é expor as reivindicações do duque de Bordeaux, que teria ascendido ao trono francês como Henri Cinq. Consequentemente, no corpo do livro, ele interpretou cinco quadras e uma das seis profecias de Nostradamus como se referindo a este glorioso Rei *Henrique Segundo* , que nunca chegou, e que, estando agora há alguns anos morto, nunca pode. Vimos que o Cura de Louvicamp poderia até supor que Luís XIV. poderia significar "Henry, Roy de France Second". MF Buget, em seu "Étude sur Nostradamus", tem a

mesma ideia, que não se dirige a Henrique II, porque ele não tinha um caráter suficientemente grande para merecer a atribuição de tal autoridade espiritual a ele por nosso profeta, como se a bajulação de uma dedicatória devia ser interpretada *au pied de la lettre* . Só poderia ser endereçado, ele pensa a um homem realmente grande, -, um santo. M. Buget, em seu livro de 1862, evidentemente foi outro daqueles que cometeram o erro fatal de interpretar Nostradamus do futuro, em vez de seguir cuidadosamente os enigmas jogados fora p. 14 por ele para encontrar sua realização no passado. Esses senhores, se tivessem lido assiduamente a própria Epístola, em vez de consultar suas faculdades imaginativas, teriam percebido com bastante clareza que Nostradamus estava escrevendo ao único rei que conhecia, diante do qual se apresentou pessoalmente, e a quem, como diz, ele foi altamente reverenciado por " *iceluy jour que premierement devant icelle je me presentay* . "As palavras finais da Dedicção são igualmente claras e mostram que ele está se dirigindo a um rei que viu individualmente com seus próprios olhos:" depuis que mes yeux jurent si proches de vostre splendeur solaire. " reduzida ao tom de lisonja cortês que costumava ser dirigida aos reis, então e até um período completo de duzentos anos depois, especialmente na ocasião de redigir dedicatórias reais. O objetivo desta longa nota é estabelecer, de uma vez por todas, Eu confio, que " *Henry, Roy de France Second* , "representa, sem nenhuma sutileza, simplesmente o rei Henrique II., e nada mais. É inútil nos esforçarmos para tornar as pedras de moinho transparentes para que possamos lançar raios de luz inesperados através delas. Eles atenderão a seu propósito sendo deixados em o escuro, e irá moer o grão melhor para ele. A transparência representará, em tais casos, a frangibilidade.

18: 1 Aulus Gellius, "Noctes Atticæ," xv. 7 18: 2 Foi realmente no sexto mês de seu sexagésimo terceiro ano que ele morreu.

20: 1 *Temple Bar* , xli. p. 87, autoridade para o prazo de anos.

21: 1 Como qualquer um poderia ter sido escrito em 1567, eu não sei, já que Nostradamus morreu em 1566. Mas, seja como for, há doze *Preságios* , ou um para cada mês durante o ano de 1567. O último é aquele que já demos, no que se refere à sua própria morte.

21: 2 O livro era intitulado, "Les vies des plus célèbres et anciens poètes provençaux, qui ont floury du tems des comtes de Provence" (Lyon, 1575); um livro ainda procurado e bastante raro.

26: 1 "Em 1566 morreu aquele insignificante, tão famoso em todo o mundo, Michael Nostradamus, que se gabou enquanto viveu de que sabia e poderia predizer eventos futuros pela influência das estrelas, em cujo nome depois muitos homens engenhosos apresentaram suas imaginações, justificando aquele que disse tão apropriadamente, 'Nostra damus,' etc. "

30: 1 Bouys faz o mesmo por Napoleão I.

36: 1 Veja a proibição que ele profere no século VI., No final - " *Barbari procul sunt* ." Ele mostra uma antipatia bastante horaciana e pagã pelo *profanum vulgus* .

Préface À Mon Fils

O PREFÁCIO DE MICHAEL NOSTRADAMUS PARA SUAS PROFECIAS

A César Nostradamus seu filho, vida e felicidade. Tua chegada tardia, [1](#) César Nostradamus meu filho, tem me feito conceder muito tempo, através de vigílias noturnas, para deixar-te por escrito um memorial para fazer referência, após a extinção corporal de seu progenitor, que possa servir para o benefício comum da humanidade, a partir do que o Divino ser me permitiu aprender com a revolução das estrelas. E visto que agradou ao Deus imortal que você viesse para a luz natural desta morada terrena, e dissesse que seus anos ainda não foram calculados astronomicamente, e seus meses de março são incapazes de receber em seu fraco entendimento o que devo necessariamente registrar [como acontecer] depois do meu tempo: - vendo também que não é possível deixar-te por escrito o que pode sofrer dano e ser obliterado pelo tempo; pois o dom herdado da predição oculta permanecerá confinado às minhas próprias entranhas: Fúria Báquica, nem ainda por Linfática 1 movimento, mas por asserção astronômica - " *Soli numine divino afflati præsagiunt et spirito prophetico particularia* ." 2

e os eclesiásticos achariam isso tão incompatível com [si] sua fantasia auricular, que chegariam perto de condenar o que as eras futuras saberão e perceberão como verdade. Considerando também a sentença do verdadeiro

Salvador, " *Nolite sanctum dare canibus neque mittatis margaritas vestras ante porcos, ne forte conculcent eas pedibus suis, et conversi dirumpant vos* " [Matt. vii. 6].

Foi isso que me levou a esconder minha língua do vulgo e minha pena do papel. Mas, mais tarde, pensei que iria ampliar um pouco, e declarar em palavras obscuras e obscuras em consideração a [*pour*] o advento vulgar [vid, Le Pelletier, i. 163] a mais urgente de suas causas futuras, a meu ver, são as mudanças revolucionárias que vierem, apenas para não escandalizar a frigidez auricular (dos meus ouvintes), e escrever tudo sob uma figura nebulosa que essencialmente e acima de tudo, seja profético. Embora " *Abscondidisti hæc à sapientibus, et prudentibus, id est, potentibus et regibus, et enucleasti e a exquis et tenuibus* ." 1Pela graça de Deus e dos anjos bons, os Profetas haviam confiado a eles o espírito de vaticinação, pelo qual veem as coisas à distância e são habilitados a prever eventos futuros. Pois não há nada que possa ser realizado sem Ele, cujo poder e bondade são tão grandes para todas as Suas criaturas, desde que ponham sua confiança Nele, por mais que possam ser [expostos] ou sujeitos a outras influências, [ainda] sobre conta de sua semelhança com a natureza de seu bom anjo da guarda [ou gênio] que o calor e o poder profético se aproximam de nós, assim como os raios do sol que lançam sua influência sobre corpos que são elementares e não elementares. Quanto a nós, pessoalmente, que somos apenas humanos, não podemos alcançar nada por nosso próprio conhecimento natural sem ajuda, nem pela inclinação de nossa inteligência, na maneira de decifrar os segredos recônditos de Deus Criador. " *Quia non est nostrum noscere tempora ,*

nec momenta ," 1 etc. Embora, de fato, agora ou no futuro algumas pessoas possam chegar a quem Deus Todo-Poderoso possa ter o prazer de revelar por impressão imaginativa alguns segredos do futuro, conforme concedido no passado à astrologia judicial, quando [*que for quand*] um certo poder e a faculdade volitiva veio sobre eles, como uma chama de fogo apareceu. 2 Eles se inspiraram e foram capazes de julgar todas as inspirações, tanto

humanas quanto divinas. Para as obras divinas, que são absolutamente universais, Deus completará; aqueles que são contingentes, ou mediais, os anjos bons dirigem; e o terceiro tipo está sob os anjos maus. 3

Talvez, meu filho, eu fale contigo aqui um pouco ocultamente demais. Mas quanto aos vaticínios ocultos que vêm a alguém pelo espírito sutil do fogo, ou às vezes pela compreensão perturbada, [pode até ser, por] contemplar as estrelas mais remotas, como sendo inteligências no relógio, até mesmo dar expressão a declarações [que] sendo retirado por escrito, declara, sem favorecimento, e sem qualquer mancha de imprópria loquacidade, que todas as coisas procedem do poder divino da grande divindade eterna de quem emana toda a bondade. Além disso, meu filho, embora eu tenha inserido o nome de profeta, não desejo assumir um título de tão alta sublimidade no momento presente. Para aquele que " *Propheta dicitur hodie, olim vocabatur videns* ;" 1 pois, estritamente falando, meu filho, um profeta é aquele que vê as coisas distantes do conhecimento de toda a humanidade. Ou, para colocar o caso; ao profeta, por meio da luz perfeita da profecia, ele abriu as coisas muito manifestamente divinas, bem como humanas; o que não pode acontecer, visto que os efeitos da previsão futura se estendem a períodos tão remotos. Agora, os segredos de Deus são incompreensíveis, e sua virtude eficiente pertence a uma esfera muito distante do conhecimento natural; pois, derivando sua origem imediata do livre arbítrio, as coisas postas em movimento causam que por si mesmas nunca poderiam atrair tanta atenção que pudesse torná-las reconhecidas, seja por augúrios humanos, seja por qualquer outro conhecimento do poder oculto; é uma coisa compreendida apenas dentro da concavidade do próprio céu, do fato presente de toda a eternidade,

Ainda assim, por meio de algum poder eterno, por uma agitação epilética hercúlea, as causas do movimento celeste tornam-se conhecidas. Não digo, meu filho, para que você possa me compreender completamente, que o conhecimento deste assunto ainda não pode se imprimir em seu cérebro débil, que causas futuras muito remotas podem não vir ao conhecimento de um ser razoável; se são, não obstante, puramente a criação da alma intelectual das coisas presentes, as coisas futuras não estão de forma alguma muito ocultas ou ocultas. Mas o conhecimento perfeito das causas não pode ser adquirido sem inspiração divina; uma vez que toda inspiração profética

deriva de seu

primeiro princípio motivador de Deus, o Criador, depois da boa fortuna e, em seguida, da natureza. Portanto, sendo as causas independentes produzidas independentemente, ou não produzidas, o presságio ocorre parcialmente, onde foi previsto. Pois o entendimento humano, sendo intelectualmente criado', não pode penetrar nas causas ocultas, senão pela voz de um gênio por meio da chama tênue [mostrando] em que direção as causas futuras tendem a se desenvolver. E, além disso, meu filho, imploro que nunca aplique sua compreensão em devaneios e vaidades como secar o corpo e trazer perdição à alma e perturbar todos os sentidos. Do mesmo modo, advirto-vos contra a sedução de uma magia mais do que execrável, que já foi denunciada pelas Sagradas Escrituras, pelos divinos cânones da Igreja - embora devamos dispensar deste julgamento a Astrologia Judiciária. Com a ajuda disso, e por revelação e inspiração divinas, unidas a cálculos profundos, reduzimos nossas profecias à escrita. E, apesar de essa filosofia oculta não ter sido reprovada pela Igreja, não senti nenhum desejo de divulgar seus impulsos desenfreados. Embora muitos volumes tenham vindo antes de mim, que permaneceram ocultos por muitas eras que se aperfeiçoa por meio do juízo celestial, que desejo manifestar a você: por esse método você pode ter conhecimento das coisas futuras, evitando todas as imaginações fantásticas que possam surgir, e limitando a particularidade dos tópicos por inspiração divina e sobrenatural; harmonizando com as figuras celestes esses tópicos, e aquela parte do tempo, com a qual a propriedade oculta tem relação, pela virtude potencial e pela faculdade divina, em cuja presença os três aspectos do tempo estão presos em um pela eternidade - uma evolução que conecta em uma causa passado, presente e futuro - "*quia omnia sunt nuda et aperta* , etc." 1

De tudo isso, meu filho, você pode compreender facilmente, apesar de seu cérebro terno, as coisas que estão para acontecer podem ser preditas por luzes noturnas e celestiais, que são naturais, acopladas a um espírito de profecia - não que eu suponha o nome ou eficácia de um profeta, mas, por inspiração revelada, como um homem mortal, os sentidos não me colocam mais longe do céu do que os pés estão da terra. "*Possum non errare, falli, decipi* ," 2 (embora) Eu sou o maior pecador deste mundo e herdeiro de todas as aflições humanas. Mas, sendo às vezes surpreendido no trabalho

extático, em meio a cálculos prolongados, e engajado em estudos noturnos de cheiros doces, compus livros de profecias, contendo cada cem quadras astronômicas de previsões, que tentei polir obscuramente, e que são vaticínios perpétuos, de agora até o ano 3797. É possível que esta figura faça alguns erguerem a testa, em tão grande extensão de tempo, e variedade de coisas que acontecem sob a jornada côncava da lua; e este tratamento universal das causas, meu filho, por toda a terra, que, se chegares à idade natural do homem, verás no teu clima, sob o céu do teu próprio nascimento, como coisas que te foram previstas.

Embora só o Deus eterno conheça a eternidade da luz procedente de Si mesmo, digo francamente a todos a quem Ele decretou em longa e melancólica inspiração que revelassem Sua magnitude ilimitada, que está além da mensuração e da compreensão, que por meio desse ocultismo causa manifestada divinamente, principalmente por duas causas principais, compreendidas no entendimento do inspirado que profetiza. Uma é aquela que vem por infusão, que esclarece a luz sobrenatural, naquele que prediz por processo astral, ou prediz por revelação inspirada, que é praticamente uma participação na eternidade divina, por meio da qual o profeta vem julgar o que sua participação do espírito divino lhe foi dada, por meio da comunicação com Deus, o Criador, e a dotação natural concedida a ele. É saber que o que está previsto é verdade, e teve uma origem celestial; que essa luz e a chama tênue são totalmente eficazes; que desce de cima, não menos do que a clareza natural; e a luz natural torna os filósofos bastante seguros de seus princípios, de modo que por meio dos princípios de uma causa primeira eles penetraram nos abismos mais profundos e alcançaram as doutrinas mais elevadas.

Mas para este fim, meu filho, para que eu não possa vagar muito profundamente pela capacidade futura de teus sentidos, e também porque eu acho que as letras sofrerão grande e incomparável perda, e que eu encontro o mundo antes da conflagração universal, tais dilúvios e submersão profunda, que dificilmente restará terra não coberta de água, e que por um período tão longo, que tudo perecerá exceto Etnografias e Topografias. Além disso, depois e antes dessas inundações, em muitos distritos as chuvas terão sido tão leve, e cairá do céu tamanha abundância de fogo e pedras

incandescentes, que quase nada permanecerá sem consumo, e isso ocorrerá pouco tempo antes da última conflagração. Além disso, quando o planeta Marte completar seu ciclo, no final de seu segundo período, ele recomeçará seu curso. Mas alguns se reunirão em Aquário por vários anos, e outros em Câncer, que serão de duração ainda mais longa. Agora que somos conduzidos pela lua, sob a direção do Criador, e antes que ela termine todo o seu circuito, o sol virá, e então Saturno. Agora, de acordo com os signos celestes, o reinado de Saturno voltará, de modo que, calculado, o mundo caminha para sua revolução anaragônica.

Desde o momento em que estou escrevendo isto, antes de 177 anos, 3 meses e 11 dias, por pestilência, longa fome e guerras, e mais ainda por inundações, o mundo entre este dia e aquele, antes e depois, será diminuído, e sua população tão reduzida que dificilmente haverá mão de obra suficiente para cuidar da agricultura, e as terras ficarão sem cultivo enquanto estiverem sendo cultivadas. Isso, na medida em que o julgamento celestial se manifesta, estamos agora no sétimo milenar, que completa tudo e nos apresenta o oitavo, onde está o firmamento superior da oitava esfera, que, em uma dimensão latitudinária, é onde o TodoPoderoso quer vir para completar a revolução, onde as figuras celestes retornarão aos seus cursos, e o movimento superior que torna a terra estável para nós e fixa, "*non inclinabitur in seculum seculorum* , " 1 a menos que Sua vontade seja realizada, e não de outra forma.

Embora por opiniões ambíguas excedendo toda a razão natural por sonhos maometanos, também às vezes Deus o Criador pelo ministério de anjos de fogo e missiva chama, apresenta aos sentidos externos, mesmo dos nossos olhos, as causas das previsões futuras, que indicam o evento futuro que deve se manifestar a quem pressagia qualquer coisa. Pois o presságio feito pela luz exterior chega infalivelmente a julgar em parte com e por meio da chama exterior; embora, na verdade, a parte que parece surgir aos olhos do entendimento brote apenas da lesão do sentido imaginativo. A razão é muito evidente, o todo é predito pela inspiração da divindade, e por meio do espírito angelical inspirado ao homem que profetiza, tornando-o [por assim dizer] ungido com vaticínios, visitando-o para iluminá-lo e, estimulando o vanguarda de sua fantasia por diversas aparições noturnas, não menos do que a certeza

diária, ele profetiza pela administração astronômica combinada com a mais sagrada previsão do futuro,

Venha nesta hora para entender, meu filho, que eu acho por minhas revelações [astrais], e que estão de acordo com a inspiração revelada, que a espada da morte está a caminho de nós agora, na forma de pestilência, guerra (mais horrível do que tem sido conhecido por três gerações de homens), e a fome, que cairá sobre a terra e retornará sobre ela em intervalos frequentes. Pois as estrelas estão de acordo com tal revolução, e com a palavra escrita, " *Visitabo in virgâ ferrea iniquitates eorum, et in verberibus percutiam eos .*" 1 Pois a misericórdia de Deus, meu filho, não se espalhará por algum tempo, até que a maior parte de minhas profecias tenha sido cumprida e tenha se tornado pelo cumprimento resolvida. Assim, muitas vezes, durante essas tempestades sinistras, o Senhor dirá: " *Conteram ego, et confringam, et*

non miserebor . " 1 E mil outros acidentes virão por causa das águas e da chuva contínua, como eu apresentei mais completa e amplamente em minhas outras profecias, que são prolongadas *em solutâ oratione* ; 2 (nestes I) designam as localidades, tempos e termos prefixados, que todos os homens que vierem depois possam ver, reconhecendo as circunstâncias que surgem por indicações infalíveis. Como já assinalamos pelos outros onde falamos mais claramente, pois embora estejam cobertos por um véu de nuvem, são suficientemente claros para serem compreendidos por homens de boa inteligência: " *Sed quando submoventa erit ignorantia ,*" 3 o total vai se destacar com maior folga ainda. Terminando aqui, meu filho, leve agora este presente de teu pai, Michael Nostradamus, esperando expor a ti cada uma das várias profecias destas quadras aqui dadas, suplicando ao Pai imortal que Ele te dará uma longa vida de felicidade e prosperidade felicidade.

De Salon, em 1º de março de 1555.

Notas de rodapé

39: 1 César Nostradamus nasceu no início de 1555, então tinha apenas algumas semanas de idade quando seu pai lhe dedicou os primeiros quatro "Séculos", publicados pela primeira vez em 1555, por Macé Bonhonune, o impressor de Lyon . Em nome desse filho, a epístola é realmente uma

dedicação a seus filhos espirituais; isto é, para seus intérpretes e alunos em todas as idades futuras.

40: 1 Os linfáticos, conta Garençières (p. 16), eram antigamente aqueles que eram loucos por amor; e ele absurdamente acrescenta que o sinal disso foi que tais pessoas se jogaram na água *linfa* significando água. Varro diz que na Grécia aqueles que eram loucos eram chamados de νυμφολήπτους, que significa capturados por ninfas. Festus, para se encaixar nisso, acha que os homens enlouqueceram ao ver a imagem de ninfas nos bebedouros. Outros afirmam que tinham medo de água, como se fosse a hidrofobia que os possuía. Mas *nympha* e *Lympha* aproximam-se tanto um do outro, que quando um homem é uma vez capturado por uma ninfa, ele fica, por enquanto, louco para todos os efeitos e propósitos - "não é dado ao homem amar e ser sábio." Deixando tudo para ser resolvido como for possível, não há dúvida, mas na tecnologia médica de Nostradamus uma profunda melancolia era o que se entendia por movimento linfático, sendo a melancolia o temperamento mais apto para o estudo, a poesia e o vaticínio. Garençières inventa uma palavra para a ocasião ou usa uma que já se tornou obsoleta. Ele emprega o verbo *lymphatize*.

40: 2 "Somente aqueles que são inspirados pelo poder divino podem prever eventos particulares em um espírito de profecia"

41: 1 "Escondeste estas coisas dos sábios e prudentes, *isto é*, dos poderosos e dos reis, e as revelaste aos pequenos e fracos." Este é o comentário de Nostradamus sobre Matt. XI. 25

42: 1 Atos i. 7

42: 2 Nostradamus parece, sempre que alude a este aparecimento de chama como precedente vaticínio, ter em sua mente a descida das línguas de fogo no Pentecostes (Atos ii. 3), διαμεριζόμεναι γλῶσσαι ὡσεὶ πυρός. Uma chama de fogo, note-se, transmite um símbolo duplo: assemelha-se a uma língua na forma. Sua luminosidade e sua tendência purificadora expressam a natureza celestial do espírito, em contraste com a matéria, e também a inspiração. De forma que intrínseca e extrinsecamente ele representa o enunciado profético. Grotius contribui com uma nota excepcionalmente boa sobre esta passagem, apontando que como em Gênesis (xi. G), a confusão

de línguas espalhou a humanidade, então herói (Atos ii. 3) o dom de línguas era trazer os homens novamente para uma fraternidade.

42: 3 Esta passagem é muito difícil de dar um sentido claro na tradução, Garencières simplesmente a evitou. Parece significar que Deus opera todos os grandes efeitos do universo; que, como Ele é o Criador, também é o operador perpétuo no mundo - sua causa e vida; mas que os anjos da guarda são bons e maus, e são encarregados de algum tipo de dever e ofício, não afetando a estrutura mecânica do mundo, mas com respeito à humanidade. Isso está em conformidade com a Cabala e os ensinamentos herméticos; mas o que ele quer dizer precisamente não pode, penso eu, ser absolutamente declarado.

43: 1 "Aquele que agora é chamado de profeta, uma vez foi chamado de vidente".

45: 1 "Porque todas as coisas estão nuas e abertas."

45: 2 "Não posso errar, falhar ou ser enganado."

47: 1 "Donde não se desviará de era em era."

48: 1 "Eu visitarei suas iniquidades com uma barra de ferro, e com golpes os atingirei." Isso se parece um pouco com uma passagem dos Salmos (ii. 7), mas não é uma citação.

49: 1 "Vou pisoteá-los e quebrá-los, e não mostrar piedade." Isso se assemelha a Isai. lxiii. 3

49: 2 Em prosa, e não em verso, como as quadras. Receio que essas previsões em prosa tenham sido totalmente perdidas.

49: 3 "Quando chegar a hora de remover a ignorância."

Epístola a Henrique II

Ao mais invencível, pujante e cristão Henrique, rei da França, o Segundo: Michael Nostradamus, seu mais humilde e obediente servo e súdito, deseja vitória e felicidade.

Por aquela soberana observação que tive, ó rei cristão e muito vitorioso, desde que meu rosto, há muito obscurecido pelas nuvens, se apresentou ante a divindade de sua incomensurável Majestade, desde que por isso estive perpetuamente deslumbrado, nunca deixando de honrar e reverenciei dignamente aquele dia, quando pela primeira vez antes dele, como diante de uma majestade singularmente humana, eu me apresentei. Procurei alguma ocasião para manifestar bom coração e franca coragem, por meio da qual pudesse crescer em maior conhecimento de sua serena Majestade. Logo descobri que era impossível para mim declará-lo, considerando o contraste da solidão de minha longa obnubilação e obscuridade, e meu ser repentinamente empurrado para o brilho e transportado para a presença do olho soberano do primeiro monarca do universo. Da mesma forma, há muito tempo tenho dúvidas sobre a quem devo dedicar esses três séculos, o restante de minhas profecias chegando agora a mil. Há muito tempo que medito sobre um ato de tamanha audácia. Arrisquei-me finalmente a dirigir-me a Vossa Majestade, e não me intimidei com isso, como Plutarco, aquele grave autor, relata na vida de Licurgo, que, vendo os dons e presentes que foram feitos em forma de sacrifício nos templos dos deuses imortais então naquela época, muitos ficaram pasmos com as despesas e não ousaram se aproximar do templo para apresentar nada.

Apesar disso, vi seu esplendor real acompanhado de uma humanidade incomparável e fiz minhas palestras a ele, não quanto aos reis da Pérsia de quem não era permitido abordar. Mas a um Príncipe muito prudente e muito sábio dediquei meus cálculos noturnos e proféticos, compostos por um instinto natural e acompanhados por um fervor poético, mais do que de acordo com as regras estritas da poesia. A maior parte, de fato, foi composta e ajustada por cálculos astronômicos correspondentes aos anos, meses e semanas, das regiões, países e, na maioria das vezes, vilas e cidades, em toda a Europa, África e uma parte da Ásia, que se aproximam [ou se assemelham] em todos esses climas, e isso é composto de maneira natural. Possivelmente, alguns podem responder - quem, em caso afirmativo, é melhor assoar o nariz [para que ele possa ver mais claramente] - que o ritmo é tão fácil de ser compreendido quanto o sentido é difícil de alcançar. Portanto, ó gracioso Rei, a maior parte das quadras proféticas são tão rudes, que não há como passar por elas, nem há qualquer intérprete delas. No entanto, estando sempre ansioso por anotar os anos, vilas e

regiões citadas, onde os acontecimentos vão ocorrer, mesmo a partir do ano de 1585, e do ano de 1606, datando da atualidade, que é 14 de março de 1557.

Então, passando muito além das coisas que acontecerão no início do sétimo milenário, profundamente calculado, tanto quanto meu cálculo astronômico, e outros conhecimentos, foi capaz de alcançar, até o tempo em que os adversários de Jesus Cristo e de Sua Igreja começará a se multiplicar com grande força. O todo foi composto e calculado em dias e horas de melhor eleição e disposição, e com toda a precisão que pude atingir em um momento [abençoado] "*Minerva libera et non invita*," ¹ meus cálculos antecipando eventos em um espaço de tempo por vir que é quase igual ao do passado até o presente, e por isso eles saberão no lapso de tempo e em todas as regiões o que está para acontecer, tudo escrito portanto, particularmente, imerso em nada supérfluo.

Apesar de alguns dizerem, "*Quod de futuris non est determinata omnino veritas*," ² Confesso, senhor, que me acreditava capaz de pressagiar do instinto natural que herdei de meus ancestrais, ajustado e regulado por cálculos elaborados e o esforço para libertar a alma, mente e coração de todo cuidado, solicitude e ansiedade, por repousar e tranquilizar o espírito, que finalmente tem que ser completado e aperfeiçoado em um aspecto *tripode æneo* [pelo tripé de bronze]. Com tudo isso, haverá muitos para atribuir a mim como meu, coisas não mais minhas do que nada. Só o Todo-Poderoso, que perscruta estritamente o coração humano, piedoso, justo e misericordioso, é o verdadeiro Juiz; a Ele eu oro para me defender da calúnia dos homens ímpios. Essas pessoas, com igual calúnia, questionarão como todos os seus ancestrais progenitores, os reis da França, curaram o mal; como os de outras nações curaram a picada de serpentes; outros tiveram um certo instinto na arte da adivinhação e outras faculdades que seriam muito longas para serem contadas aqui. Apesar de não poderem ser impedidos de exercer a malignidade do espírito maligno, [há esperança de que] com o passar do tempo e após minha extinção aqui na terra, meus escritos serão mais valorizados do que durante minha vida.

No entanto, se eu errar no cálculo das idades, ou me descobrir incapaz de agradar a todo o mundo, permita a Vossa Majestade Imperial perdoar-me, pois protesto perante Deus e Seus santos, que não pretendo inserir nada na escrita desta presente Epístola que milite contra a verdadeira Fé Católica, enquanto consulta o cálculos astronômicos, tanto quanto é do meu conhecimento. Para o período de tempo de nossos antepassados [*ou seja*, a idade do mundo] que se foi antes é tal, submetendo-me à direção dos cronologistas mais sólidos, que o primeiro homem, Adão, tinha cerca de mil duzentos e quarenta anos antes de Noé, não computando o tempo pelos registros gentios, tais como Varro se comprometeu a escrever, mas tomando apenas as Sagradas Escrituras como guia em meus cálculos astronômicos, no melhor de minha débil compreensão. Depois de Noé, dele e do dilúvio universal, cerca de mil e oitenta anos, veio Abraão, que era um astrólogo soberano de acordo com alguns; ele primeiro inventou o alfabeto caldeu. Então veio Moisés, cerca de quinhentos e quinze ou dezesseis anos depois. Entre a época de Davi e Moisés, quinhentos e setenta anos se passaram. Então, após o tempo de Davi e o tempo de nosso Salvador e Redentor, Jesus Cristo, nascido de uma Virgem pura.

Alguns, de fato, podem objetar a esta suputação como falsa, porque ela difere daquela de Eusébio. Desde o tempo da redenção humana até a odiosa apóstata dos sarracenos, já se passaram seiscentos e vinte e um anos, ou por aí. Agora, a partir disso é fácil deduzir quanto tempo se passou se minha suputação não for boa e disponível para todas as nações, pois tudo é calculado pelos cursos celestes, associados no meu caso a uma emoção que me rouba em certas horas subsequentes. de uma tendência emocional transmitida a mim por uma linha de ancestrais. Mas a injúria de nosso tempo, ó sereno Soberano, requer que tais eventos secretos não ocorram, exceto em frases enigmáticas, tendo apenas um sentido e um único significado, e totalmente descomplicado com cálculos que são de ambiguidade ou anfibologia. Digamos, antes, sob uma obscuridade velada de alguma efusão emocional natural, que se assemelha à entrega sentencial dos mil e dois Profetas, que vieram da Criação do mundo, segundo o cálculo e a Crônica Púnica de Joel: "*Effundum spiritum meum super omnem carnem, et prophetabunt filii vestri, et filiae vestrae* ." ¹ Mas esta profecia procedeu da boca do Espírito Santo, que era o poder soberano

eterno, em conjunto com os corpos celestes, fez com que alguns deles predizessem grandes e maravilhosos eventos.

Quanto a mim neste lugar, não reivindico tal título - nunca, por favor a Deus. Confesso plenamente que tudo procede de Deus, e por isso eu retribuo graças, honra e louvor imortal, e nada *misturei* com a adivinhação que procede *à fato* , mas *à Deo à naturâ* , 2 e na maior parte acompanhado com o movimento dos cursos celestes. Tanto quanto, se olharmos em um espelho em chamas [vemos], como com a visão escurecida, os grandes eventos, tristes ou portentosos, e ocorrências calamitosas que estão prestes a cair sobre os principais devotos. Primeiro sobre os templos de Deus, em segundo lugar sobre aqueles que têm o seu apoio da terra [*ie* . pelos reis], esta decadência se aproxima, com mil outros incidentes calamitosos que com o passar do tempo se saberá acontecer.

Pois Deus notará a longa esterilidade da grande Dama, que posteriormente conceberá dois filhos principais. Mas, ela estando em grande perigo, a garota que ela vai dar à luz com risco na idade de morrer no décimo oitavo ano, e não sendo possível sobreviver ao trigésimo sexto, restará três homens e uma mulher, e terá dois que nunca tiveram nenhum do mesmo pai. Os três irmãos serão tão diferentes, embora unidos e concordantes, que tremerão as três e quatro partes da Europa. Pela mais jovem em anos a monarquia cristã será sustentada e aumentada; heresias surgem e repentinamente derrubadas, os árabes rechaçados, reinos unidos e novas leis promulgadas. Das outras crianças, a primeira deverá possuir os furiosos Leões coroados, segurando suas patas sobre o ousado escudo. O segundo, acompanhado pelos latinos, penetrará tão longe que fará uma segunda descida trêmula e furiosa, descendo Mons Jovis [em Barcelona] para montar os Pireneus, ele não deve ser traduzido para a monarquia antiga, e uma terceira inundação de sangue humano surgirá, e março por um longo tempo não será encontrado na Quaresma. A filha será dada para a preservação da Igreja Cristã, o dominador caindo na seita pagã dos novos infiéis, e ela terá dois filhos, um por fidelidade e outro por infidelidade, pela confirmação da Igreja Católica. O outro, que para sua grande confusão e arrependimento tardio desejava arruiná-la, terá três regiões ao longo de uma ampla extensão de léguas, ou seja, Romênia, Alemanha e Espanha, o que implicará em grande

complexidade de manejo militar, que se estende desde do 50° ao 52° grau de latitude. E terão que respeitar as religiões mais distantes da Europa e do norte acima do 48° grau de latitude, que a princípio em vão tremerão de timidez, e então o mais a oeste, o sul e o leste tremerão. Seu poder se tornará tal, que o que é produzido pela união e concórdia se revelará insuperável pela conquista guerreira. Por natureza, eles serão iguais, mas extremamente diferentes na fé.

Depois disso a Dama estéril, de maior poder que a segunda, será recebida por duas nações, pela primeira tornada obstinada por aquele que tinha poder sobre todas, pela segunda, e a terceira, que estenderá suas forças para; o circuito do leste da Europa; [chegou] lá seus estandartes irão parar e sucumbir, mas por mar ele irá correr para Trinacria e o Adriático com seus mirmidons. Os alemães vão sucumbir totalmente e a seita Bárbara ficará inquieta e rechaçada por toda a raça latina. Então começará o grande Império do Anticristo em Átila e Xerxes, [que deve] descer com inúmeras multidões, para que a vinda do Espírito Santo, emanando do grau 48, faça uma transmigração, expulsando a abominação do Anticristo, que fez guerra à pessoa real do grande vigário de Jesus Cristo, *per tempus, et in ocasional temporis* [por um tempo e até o fim dos tempos]. Isso será precedido por um eclipse do sol, mais obscuro e tenebroso do que nunca desde a criação do mundo, até a morte e paixão de Jesus Cristo, e daí até agora. Haverá no mês de outubro uma grande revolução [tradução] feita, de tal forma que se pensaria que o corpo que libera a terra havia perdido seu movimento natural no abismo das trevas perpétuas. Haverá sinais precursivos na primavera, e após mudanças extremas que se seguiram, reversão de reinos e grandes terremotos [ie guerras]. Tudo isso acompanhado das procriações da Nova Babilônia [Paris], uma miserável prostituta grande com a abominação do primeiro holocausto [morte de Luís XVI.]. Isso só vai continuar por setenta e três anos e sete meses.

Então sairá do estoque há tanto tempo estéril, procedente do 50° grau, [aquele] que renovará toda a Igreja Cristã. Uma grande paz, união e concórdia

então surgirá entre alguns dos filhos de raças [há muito] opostas umas às outras e separadas por diversos reinos. Tal paz será estabelecida, que o Instigador e promotor da facção militar por meio da diversidade das religiões, habite preso ao fundo do abismo, e unido ao reino dos furiosos,

que falsificará os sábios. Os países, vilas, cidades e províncias que abandonaram seus velhos costumes para se libertarem, fascinando-se mais profundamente, se tornarão secretamente cansados de sua liberdade e, a verdadeira religião perdida, começarão partindo para a esquerda, para retornar mais do que nunca para a direita.

Então, substituindo a santidade, há tanto tempo profanada por seus escritos anteriores [difamações circulantes], depois o resultado será que o grande cão sairá como um mastim irresistível [Napoleão?] Que destruirá tudo, até mesmo tudo o que possa ter sido preparado a tempo passado, até que as igrejas sejam restauradas como no início, e o clero seja reintegrado em sua condição original; até que volte a cair na prostituição e no luxo, para cometer e perpetrar mil crimes. E, aproximando-se de outra desolação, então, quando ela estiver em seu ponto mais alto e mais sublime de dignidade, os reis e generais [*mains militaires*] subirá [contra ela], e suas duas espadas lhe serão tiradas, e nada ficará dela senão a aparência delas. [O parágrafo seguinte não posso fazer nada, então eu o dou nas palavras de Garençières e entre aspas.] "Do qual, por meio da torção que os tira, as pessoas que o fazem seguir em linha reta, e não querem submete-se a eles pelo fim oposto à mão afiada que tocar o solo que eles provocarem. " Até que nasça no ramo um longo tempo estéril, aquele que libertará o povo francês da escravidão benigna que eles voluntariamente estarão submetidos, colocando-se sob a proteção de Marte, e despojando Júpiter [Napoleão I.] de todas as suas honras e dignidades, pois a cidade se constituiu livre e assentada em outra estreita Mesopotâmia. O chefe e governador serão expulsos do meio e colocados em um lugar no ar, ignorando a conspiração dos conspiradores [Fouché, Duc d'Otranto, etc.] com o segundo Thrasibulus, que por muito tempo havia preparado tudo isso. Então, as impurezas e abominações serão com grande vergonha apresentadas e manifestadas nas trevas da luz velada, cessarão no final de seu reinado, e os chefes da Igreja demonstrarão apenas um pouco do amor de Deus, enquanto muitos de eles apostatarão da verdadeira fé.

Das três seitas [luterana, católica e maometana], aquela que está no meio, pela ação de seus próprios devotos, será lançada um pouco em decadência. O primeiro totalmente em toda a Europa, e a parte principal da África exterminada pelo terceiro, por meio dos pobres de espírito, que pela loucura

engendradora do luxo libidinoso, cometerão adultério [*ie* apostatar]. O povo derrubará o pilar e afugentará os adeptos dos legisladores, e parecerá, dos reinos enfraquecidos pelos orientais, que Deus, o Criador, libertou Satanás das prisões infernais, para dar lugar ao grande Cão e Dohan [Gog e Magog], que fará uma brecha tão grande e prejudicial nas Igrejas, que nem os tintos nem os brancos, que estão sem olhos e sem mãos [significando estes últimos Bourbons, "que não aprendem nada e não esquecem nada", não podem julgar a situação, e seu poder será tirado deles. Então começará uma perseguição à Igreja como nunca antes. Enquanto isto estiver acontecendo, tal pestilência surgirá, de três partes da humanidade, duas serão removidas. Até certo ponto este proceda de modo que ninguém conheça nem reconheça os campos ou casas, e a grama cresça nas ruas das cidades da altura dos joelhos de um homem. Para o clero haverá uma desolação total, e os marciais usurparão o que voltar da Cidade do Sol [Roma], e de Malta e das ilhas de Hières [ao largo de Marselha], e da grande cadeia do porto será aberto que leva o nome do boi marinho [Bósforo].

Uma nova incursão será feita a partir da orla marítima, ansiosa para dar o salto da liberdade desde a primeira tomada pelos maometanos. Seus ataques não serão em vão, e no lugar onde estava a habitação de Abraão, ela será atacada por aqueles que têm os Jovialistas [seguidores de Júpiter (Napoleão I.?)]. Em reverência. A cidade de Achem [na Ilha de Sumatra] será cercado e atacado por todos os lados por uma grande força de homens armados. Suas forças marítimas serão enfraquecidas pelos ocidentais. Sobre este reino virá uma grande desolação, e as grandes cidades serão despovoadas, e os que entrarem estarão sob a vingança da ira de Deus. O Santo Sepulcro, por um período tão longo um objeto de grande veneração, permanecerá exposto ao orvalho da noite sob as estrelas do céu, e do sol e da lua. O lugar sagrado deve ser convertido em um estábulo para gado pequeno e grande, e usado para outros fins básicos. Oh, que época calamitosa será para as mulheres com filhos! pois então o Sultão do Leste será vencido, dirigido em sua maior parte pelos homens do Norte e do Oeste, que irão matá-lo, derrubá-lo e colocar o resto em fuga, e seus filhos, filhos de muitas mulheres, presos. Então chegará ao seu cumprimento a profecia do Profeta Real, "Ut audiret gemitus compeditorum, et solveret filios interemptorum." 1 Que grande opressão cairá então sobre os príncipes e governantes de reinos, mesmo sobre aqueles que são marítimos e orientais, suas línguas misturadas de

todas as nações da terra! Línguas das nações latinas, misturadas com a comunicação árabe e norte-africana. Todos os reis orientais serão expulsos, derrubados e exterminados, não por meio dos reis do Norte e da aproximação de nossa era, mas por meio dos três secretamente unidos que buscam a morte e as armadilhas de emboscada armada um sobre o outro. A renovação deste Triunvirato durará sete anos, enquanto sua fama se espalhará por todo o mundo, e o sacrifício da hóstia sagrada e imaculada será mantido. Em seguida, devem dois senhores do Norte conquistar os orientais, e tão grande notícia e guerra tumultuosa sairão destes que todo o Oriente estremecerá ao barulho destes dois irmãos do Norte, que ainda não são irmãos. E porque, senhor, com este discurso eu quase introduzo confusão nessas previsões quanto ao tempo em que o evento de cada um ocorrerá; pois o relato detalhado do tempo que se segue é muito pouco conforme, se é que o é, ao que dei acima, que de fato não poderia errar, sendo por regra astronômica e consoante com as próprias Sagradas Escrituras.

Se eu quisesse dar a cada quadra sua data detalhada, isso poderia facilmente ter sido feito, mas não teria sido agradável para todos, e menos ainda para interpretá-los, senhor, até que sua majestade tivesse me sancionado totalmente para fazer isso, para não dar aos caluniadores a oportunidade de me ferir. Sempre calculando os anos desde a criação do mundo até o nascimento de Noé como sendo 1506 anos, e daí até a conclusão da construção da arca no período do dilúvio universal 600 anos se passaram (que sejam anos solares, ou lunar ou misto), considero que as Escrituras leva-os a ser solares. Na conclusão desses 600 anos, Noé entrou na arca para escapar do dilúvio. O dilúvio foi universal sobre a terra e durou um ano e dois meses. Desde a conclusão do dilúvio até o nascimento de Abraão, passaram-se 295 anos, e 100 anos desde o nascimento de Isaque. De Isaac a Jacó 60 anos. Da época em que ele entrou no Egito até sua saída foram 130 anos, e da entrada de Jacó no Egito até sua saída foram 436 anos; e disso até a construção do Templo por Salomão no quadragésimo ano de seu reinado, perfaz 480 anos. Da construção do Templo a Jesus Cristo, segundo a suputação dos Hierógrafos, passaramse 490 anos. Assim, por este cálculo que fiz, recolhendo-o das escrituras sagradas, há cerca de 4173 anos e oito meses a menos ou mais. Agora, de Jesus Cristo, em que há tal diversidade de opiniões, eu deixo de lado, e tendo calculado as presentes

profecias de acordo com a ordem da cadeia que contém a revolução, e o todo por regra astronômica, junto com minha própria herança hereditária instinto. Depois de algum tempo, e incluindo nele o período que Saturno leva para girar entre 7 de abril e 25 de agosto; Júpiter de 14 de junho a 7 de outubro; Marte de 17 de abril a 22 de junho; Vênus de 9 de abril a 22 de maio; Mercúrio de 3 de fevereiro a 24 do mesmo; depois de 1 de junho a 24 do mesmo; e de 25 de setembro a 16 de outubro, Saturno em Capricórnio, Júpiter em Aquário, Marte em Escorpião, Vênus em Peixes, Mercúrio dentro de um mês em Capricórnio, Aquário e Peixes; a lua em Aquário, a cabeça do dragão em Libra, a cauda em seu signo oposto. Seguindo a conjunção de Júpiter com Mercúrio, com um aspecto de quadrin de Marte a Mercúrio, e a cabeça do Dragão estará com uma conjunção de Sol com Júpiter, o ano será pacífico sem eclipse.

Então será o início [de um período] que compreenderá em si mesmo o que durará muito [*ou seja*, o advento vulgar da Revolução Francesa], e em seu primeiro ano haverá uma grande perseguição à Igreja Cristã, mais feroz do que na África [pelos vândalos de 1439 a 1534], e isso vai estourar [*durera*] o ano mil setecentos e noventa e dois; eles pensarão que é uma renovação do tempo. Depois disso, o povo de Roma começará a se reconstituir [em 1804, quando Napoleão é imperador] e a afastar a obscuridade das trevas, recuperando parte de seu antigo brilho, mas não sem muitas divisões e mudanças contínuas. Veneza depois disso, com grande força e poder, deve erguer suas asas muito alto, não muito abaixo da força da Roma antiga. Naquela época, grandes velas bizantinas, associadas aos piemonteses pela ajuda e pelo poder do Norte, os conterão de tal maneira que os dois cretenses não poderão manter a fé. As arcas construídas pelos antigos guerreiros irão acompanhá-los até as ondas de Netuno. No Adriático, haverá tais permutações, que o que foi unido será separado, e isso será reduzido a uma casa que antes era uma grande cidade, incluindo o Pampotan e a Mesopotâmia da Europa, a 45, e outras a 41, 42 e 47. E nessa época e nesses países o poder infernal definirá o poder dos adversários de sua lei contra a Igreja de Jesus Cristo. Este constituirá o segundo Anticristo, que perseguirá aquela Igreja e seu verdadeiro vigário, por meio do poder dos reis temporais, que em sua ignorância serão reduzidos a línguas que cortarão mais do que qualquer espada nas mãos de um louco. O referido reinado do Anticristo durará apenas até a morte daquele que

nasceu perto do [início] do século, e do outro na cidade de Planco [Lyon], acompanhado por ele o eleito de Módena, Fulcy de Ferara, defendido pelo adriático piemontês, e a proximidade da grande Trinacria [Sicília]. Posteriormente, o Ogmion gaulês passará pelo Monte Jovis [Barcelona], acompanhado por um número tão grande que de longe o Império será apresentado com sua grande lei, e então e por algum tempo depois será profusamente derramado o sangue dos inocentes pelo culpado recentemente elevado ao poder. Então, por grandes dilúvios, a memória das coisas contidas em tais instrumentos sofrerá perda incalculável, até mesmo para o próprio Alfabeto. Isso vai acontecer entre os nórdicos. Pela Vontade Divina, mais uma vez, Satanás será preso, e a paz universal estabelecida entre a humanidade, e a Igreja de Jesus Cristo libertada de toda tribulação, embora os Azostains [voluptuosos depravados] desejassem misturar com o mel o fel de sua sedução pestilenta. Isso será próximo ao sétimo milenário, quando o santuário de Jesus Cristo não será mais pisado pelos infiéis que vêm do Norte; o mundo [estará então] se aproximando de sua grande conflagração, embora, por minha suposição em minhas profecias, o curso do tempo avance muito mais. quando o santuário de Jesus Cristo não mais será pisado pelos infiéis que vêm do Norte; o mundo [estará então] se aproximando de sua grande conflagração, embora, por minha suposição em minhas profecias, o curso do tempo avance muito mais. quando o santuário de Jesus Cristo não mais será pisado pelos infiéis que vêm do Norte; o mundo [estará então] se aproximando de sua grande conflagração, embora, por minha suposição em minhas profecias, o curso do tempo avance muito mais.

Na epístola que alguns anos desde que dediquei a meu filho César Nostradamus, declarei abertamente alguns pontos sem presságio. Mas aqui, senhor, estão incluídos muitos eventos grandes e maravilhosos que virão, que aqueles que nos seguirem verão. E durante a dita supputação astrológica, harmonizada com as Sagradas Escrituras, a perseguição dos eclesiásticos surgirá no poder dos reis do Norte, unidos aos orientais. E esta perseguição deve durar onze anos, ou um pouco menos, por tempo em que o principal rei do norte passará; anos passados, um rei do sul unido deve suceder, que perseguirá ainda mais ferozmente o clero da Igreja pelo espaço de três anos pela sedução apostólica de alguém que levará todos o poder absoluto da Igreja Militante, e do povo santo de Deus que observa seu ritual, e toda a ordem da religião será grandemente perseguida e afligida

que o sangue de verdadeiros eclesiásticos deve flutuar por toda parte. A um daqueles horríveis reis temporais, tal louvor será dado por seus adeptos de que ele terá derramado mais sangue humano de eclesiásticos inocentes do que qualquer um poderia fazer com vinho. Este rei cometerá crimes contra a Igreja que são incríveis. O sangue humano fluirá nas ruas públicas e igrejas, como água após uma chuva impetuosa, *Bellis rubuit navalibus æquor* . " 1 Então, no mesmo ano e nos seguintes, ocorrerá a pestilência mais horrível e a mais surpreendente por causa da fome que precederá, e tal tribulação que nada se aproximando jamais aconteceu desde a primeira fundação da Igreja Cristã; isso também em todas as regiões latinas, deixando rastros em todos os países sob o domínio da Espanha.

Então o terceiro Rei do Norte [Rússia?], Ouvindo a reclamação do povo de [de quem deriva] seu título principal, levantará um poderoso exército e ultrapassará os limites [*destrói*] de seus últimos progenitores e grandes avôs, àquele que irá [*qui* for *lui qui*] substituir quase tudo em seu antigo estado. O grande Vigário da Cope será devolvido ao seu estado original; mas, desolado e abandonado por todos, retornará ao santuário [que era] destruída pelo paganismo, quando o Antigo e o Novo Testamento serão expulsos e queimados. Depois disso, o Anticristo será o príncipe infernal. Então, nesta última época, todos os reinos do Cristianismo, bem como do mundo infiel, serão abalados durante o espaço de vinte e cinco anos, e as guerras e batalhas serão mais dolorosas, e as vilas, cidades, castelos, e todos os outros edifícios serão queimados, desolados e destruídos com muita efusão de sangue vestal, mulheres casadas e viúvas violadas, crianças sugando, jogadas e quebradas contra os muros da cidade; e tantos males serão cometidos por meio de Satanás, o príncipe infernal, que quase todo o mundo ficará desfeito e desolado. Antes que os eventos ocorram, certos pássaros estranhos [águias imperiais] gritarão no ar: " *Hoje! Hoje!* "e depois de um certo tempo desaparecerá [junho de 1815]. Depois que isso perdurar por um certo período de tempo [vinte e cinco anos ele disse antes, 1790 a 1815], haverá quase renovado outro reinado de Saturno, o idade de ouro [esta pode ser a descoberta da Califórnia, mas pelo que se segue]. Deus, o Criador, dirá, ouvindo a aflição de Seu povo, Satanás será precipitado e preso no abismo sem fundo, e então começará entre Deus e os homens uma paz universal. Lá ele habitará pelo espaço de mil anos e voltará sua maior força contra o poder da Igreja, e então será amarrado novamente.

Quão justamente todas essas figuras são adaptadas pelas letras divinas às coisas celestiais visíveis, isto é, por Saturno, Júpiter e Marte, e outros em conjunção com eles, como pode ser visto mais amplamente por algumas das quadras! Eu o teria calculado mais profundamente e adaptado um ao outro; mas, vendo, ó mais sereno Rei, que alguns que são dados à censura levantarão dificuldades, aproveitarei a oportunidade para retirar minha pena e buscar meu repouso noturno.

Multa etiam, O Rex potentissime præclara, et sane in brevi ventura, sed omnia in hâc tuâ Epistola, innectere non possumus, nec volumus, sed ad intellegenda quædam facta, horrida fata pauca libanda sunt, quamvis tanta sit in omnes tua amplitudo et humanitas homines, deosque pietas, ut solos amplissimo et Christianissimo Regis nomine, et ad quem summa totius religionis auctoritas deferatur dignus esse videare . " 1 Mas eu apenas implorarei a você, ó clemente Rei, por esta sua bondade singular e mais prudente, que compreenda antes o desejo de meu coração, e o desejo soberano que tenho de obedecer a Vossa Majestade excelentíssima, desde que meus olhos se aproximaram assim quase ao seu esplendor solar, do que a grandeza do meu trabalho pode atingir ou adquirir.

Faciebat MICHAEL NOSTRADAMUS.

Solonæ Petræ Provincæ .

De Salon em 27 de junho de 1558.

Notas de rodapé

52: 1 "Quando Minerva era livre e favorável."

52: 2 "Não pode haver verdade inteiramente determinada com certeza que diga respeito ao futuro."

54: 1 Ver Joel ii. 28

54: 2 que procede do destino, mas de Deus e da natureza.

59: 1 "Deixe o suspiro do prisioneiro vir diante de ti. Para libertar os filhos da morte" (Salmos lxxviii. 11).

64: 1 "O mar ficou vermelho com o sangue das lutas navais."

66: 1 "Muitas coisas, ó rei mais poderoso de todos, do tipo mais notável estão para acontecer em breve, que eu não poderia nem gostaria de entrelaçá-los todos nesta epístola; mas para compreender certos fatos, alguns destinos horríveis devem seja estabelecido em extrato, embora sua

amplitude e humanidade para com todos os homens seja tão grande, e sua piedade para com os deuses, e que só você pareça digno do grande título do Rei mais cristão, e a quem a mais alta autoridade em todas as religiões deve ser adiado. "

Magia

Antes de entrarmos na aplicação histórica das quadras que admitem interpretação, será bom dedicar um pouco de atenção às visões da magia sustentadas por Nostradamus, para aprender de sua própria boca a que classe de leitores ele se propôs a abordar, e reúna, tanto quanto podemos ser capazes, de que maneira ele passou a cultivar o espírito de profecia e o dom divino com o qual ele se julgava dotado. Se ele fosse tão certamente um impostor quanto Cagliostro, esta investigação teria um interesse próprio a ela ligada; mas se pudermos por um momento supor que ele genuinamente acreditava ser dotado de uma faculdade de adivinhação, a investigação dessa suposição de sua parte apresentaria um considerável interesse psicológico meramente como um fenômeno humano. Por outro lado, se ele fosse um homem verdadeiramente dotado de previsão, Não sei se, nesta época de ceticismo quanto às coisas espirituais, algo mais salutar poderia ser proposto à nossa contemplação do que um registro profético que se cumpria diante dos olhos dos descrentes e contraditórios; que, desejando zombar e desejando suprimir tais coisas, se encontram totalmente impotentes para anular a harmonia entre a visão registrada trezentos anos atrás e o acontecimento de ontem. Se tais coisas são ou não, caberá ao leitor, quando ele tiver lido o livro, dizer. No momento, só nos ocuparemos com o que Nostradamus desejando zombar e desejando suprimir tais coisas, encontram-se totalmente impotentes para anular a harmonia entre a

visão registrada trezentos anos atrás e o evento de ontem. Se tais coisas são ou não, caberá ao leitor, quando ele tiver lido o livro, dizer. No momento, só nos ocuparemos com o que Nostradamus desejando zombar e desejando suprimir tais coisas, encontram-se totalmente impotentes para anular a harmonia entre a visão registrada trezentos anos atrás e o evento de ontem. Se tais coisas são ou não, caberá ao leitor, quando ele tiver lido o livro, dizer. No momento, só nos ocuparemos com o que Nostradamus

diz de si mesmo. Ele é notável e digno de crítica seja o veredicto final a seu favor ou contra ele.

No final do século VI. ocorrem quatro linhas latinas com cabeçalho

LEGIS CANTIO CONTRA INEPTOS CRITICOS. [EU. 51.]

Qui legent hosce versus maturè censunto, Profanum vulgus et inscium ne attrectato, Omnesque Astrologi, Blenni, Barbari procul sunt. Qui aliter facit, é ritè sacer esto.

O sentido dessas linhas é muito mais claro do que a prosódia, mas isso pouco importa.

Tradução .

UMA ENCANTAÇÃO NA PENDÊNCIA DOS CRÍTICOS DE INEPTO.

Que aqueles que lêem esses versículos os meditem seriamente! Que o vulgar profano e ignorante não os manipule! Deixe os astrólogos, tolos e selvagens se afastarem! Quem age contrário a isso, que ele amaldiçoado de acordo com os ritos da magia.

Agora chegamos à fórmula mágica.

Século I. - *Quadra* I. [I. 52.]

Estant assis de nuict secret estude, Seul, reposé sur la sele 1 d'airain,
Flambe exige sortant de solitude, Fait prospérer 2 qui 3 n'est à croire vain.

Tradução .

Reunidos à noite em estudo profundo eu sento, Sozinho, no banquinho de tripé de latão, Chama exígua saiu da solidão,

Promessa de magia que pode ser acreditada.

Sentado à noite e envolvido em um estudo secreto, inteiramente sozinho, coloquei-me no tripé de bronze da profecia. Uma chama ainda pequena surgiu da solidão, ajudando-me a compreender com sucesso o que não será em vão acreditar.

O leitor irá aqui consultar o "Prefácio à mon fils," p. 44.

"L'entendement cree intellectuellement ne peut voir occultement, sinon par la voix faicte au lymbe moyennant la exigue flame, en laquelle partie les causas futures se viendront à incliner."

Esta passagem transmite em prosa o que a última quadra e a seguinte transmitem em verso.

A CHAMADA MÁGICA PELA ÁGUA. [EU. 53.]

Século I. - Quadra 1.

La verge 1 en main mise au milieu de BRANCHES, De l'Onde il mouille et le limbe, 2 et le pied: Un peur et voix fremissent par 3 les manches, Splendeur divine, Le Divin près s 'assied.

Tradução .

A vara na mão colocada no meio dos Ramos, Ele umedece com água tanto a franja quanto o pé; O medo e uma voz me fazem tremer nas mangas; Esplendor divino, o Deus está sentado perto.

Deixar isso totalmente claro é quase impossível. Mas o que podemos chegar é muito curioso, pois mostra, pelo menos, que a fronteira do mundo invisível era na verdade contígua à do mundo de

Nostradamus. Elas até se sobrepunham, em sua avaliação, de modo a formar um território neutro intermediário como as marchas do Norte, onde os habitantes de cada distrito podiam se encontrar e se comunicar. Temos certeza de que tudo isso é ilusório, supersticioso, demoníaco. Pode ser assim. Mas um efeito inegavelmente produz. Une mais o homem ao universo e menos ao mundo; torna a morte menos estranha e menos fria,

e fornece à alma e às coisas da alma mais nutrição do que ela pode extrair da vida e da cultura modernas.

O significado geral parece ser que ele se sentou com um bastão, galho ou vara de adivinhação de louro, provavelmente bifurcada como a vara de guincho dos localizadores de água, um garfo sendo segurado em cada mão. Isso, de alguma forma, tinha o poder de evocar seu Genius (ou *génie familier*, como Le Pelletier o denomina). Quando ele apareceu, ele umedeceu no braseiro que continha água, ele mesmo, a franja de seu manto (*limbo*) e seu pé. A vara, segurada como sugeri, tornando-se elétrica, causou medo com o som de uma voz e um estremecimento até os cotovelos. Então resplandeceu o esplendor fatídico de uma luz divina, e a Divindade está presente, sentada perto dele.

M. le Pelletier nos conta que havia um rito pagão do deus Branchus que correspondia a esta fatídica cerimônia praticada por Nostradamus. Ele até sugere que este mesmo Branchus pode ter sido o espírito familiar de nosso profeta. Deve-se admitir que no *tipo de texto*, nas palavras "au milieu de BRANCHES", os ramos são impressos em letras maiúsculas, de modo que a razão provável para essa peculiaridade é que o Deus Branchus, assim como os *ramos d'un Laurier*, é obscurecido. Mas supor que uma divindade pagã pudesse algum dia ser o anjo da guarda familiar ou o anjo da guarda de um filho da Igreja de Roma torna as duas religiões uma confusão tão renascentista que acho melhor não nos intrometermos nisso.

Quanto à afirmação de que havia um rito pagão de Branchus, duvido muito; e, se houvesse, é certo que Nostradamus fala aqui de maneira muito velada para que possamos presumir, por seus escritos, que ele estava cumprindo qualquer rito especial para Branchus. Ele parece estar seguindo as formas mágicas usuais empregadas para estabelecer conexão vaticinatória com o outro mundo, ou estabelecer a contra analogia entre mente e espírito, de acordo com aquele belo versículo esotérico em Ecclesiasticus (xlvii. 24), "Todas as coisas são duplas, uma contra a outra; Ele não fez nada imperfeito." Se tais coisas nunca se interligassem, os homens bem poderiam dizer, como agora fazem na sabedoria da ciência, que espírito e intelecto não são duplos e que nenhum conhecimento pode ser alcançado exceto por experimentos físicos. Nesse caso, faltará um link específico se a ciência

estiver certa. O sábio, *Estant assis de nuict secret estude* , desejará sinceramente que tal suposição possa revelar-se errônea. Ele prontamente formulará com São Paulo que as coisas invisíveis desde a criação podem ser conhecidas a partir do visível; mas também que as coisas visíveis nunca podem ser compreendidas senão pelo invisível. Lembre-se de que o visível não é visível para o visível, mas apenas para o invisível. O olho é a máquina da visão, mas não da visão; e quem viu o olho do olho?

O mito grego sobre Branchus, até onde posso ver, é este, com diversas formas e variações. Ele era um jovem de Mileto. O suposto filho de Smicrus (*Lempriere*), ou Macarcus Varro, diz, mas gerado por Apolo. A mãe sonhou que o sol entrava em sua boca e, passando por ela, a criança ao nascer chamava-se Branchus, βρόγχος, garganta. Depois disso, ele beijou Apolo na floresta e recebeu o dom de profecia. Ele tinha um templo em Didyma, que Pausânias chama de Templo de Apolo; mas Varro prossegue dizendo que depois do beijo do deus ele profetizou, mas logo depois desapareceu, quando um grande templo foi consagrado em conjunto a ele e a Apolo, *Philesius* , de φιλεῖν, para beijar. Seus oráculos em Didyma eram inferiores a ninguém, exceto Delphi. O nome Didymean, *duplo* ou *dois* , foi a partir da dupla luz do sol e seu reflexo à luz da lua. Pode-se dizer que a loucura e a inspiração tocadas pelo sol e pela lua, em Branchus, se encontram, como de uma garganta vêm coisas boas e más. O nome Didymean foi alterado para Branchidæ. Estrabão (Livro xlv.) Relata que os sacerdotes deste grande templo traíram seus tesouros a Xerxes e o acompanharam em seu retiro para escapar da punição de seu sacrilégio. Eles haviam se estabelecido perto de Sogdiana, quando Alexandre chegou lá (Estrabão, Livro xi.); ele os destruiu e sua cidade. Esse louco Byronical, que não via iniquidade na matança de milhares para satisfazer a luxúria de uma ambição maluca, pensava em promover a moral massacrando os descendentes de traidores, eles, os descendentes, sendo inocentes de tudo, exceto de nascer. Os Milesianos haviam reconstruído há muito tempo o templo de Branchus em tal escala que em magnitude ultrapassava todos os outros na Grécia. Era, na verdade, grande demais para ser coberto, sendo quatro ou cinco estádios na bússola. Aqueles que desejam ver mais podem consultar Suidas, sv, βραγχίδαι.

A glosa de M. le Pelletier na quadra é a seguinte: que Nostradamus, varinha na mão, toca os ramos do tripé, como os sacerdotes de Branchus (isto eu tentei eliminar), e invoca seu espírito familiar, que aparece a ele no vapor que flutua acima de uma bacia de água, que ele havia consagrado de antemão de acordo com ritos mágicos prescritos, e na qual ele mergulha a franja de sua vestimenta e seus pés. Um arrepio involuntário (*peur*) agita sua mão quando está prestes a escrever o ditado (*voix*) do espírito. A luz fatídica brilha e o anjo está sentado ao seu lado. Le Pelletier aproveita a ocasião para observar que os médiuns de hoje escrevem sob um espírito de ditado, ao qual simplesmente emprestam o braço como instrumento.

A interpretação de Garencières é a da maioria dos antigos comentaristas, mesmo até a época de M. Baresté, 1840. A vara é uma caneta, no meio dos galhos significa seus dedos, a água é a tinta, e molhar o galho e pé é cobrindo todo o papel, exceto as quatro margens. Não é injusto dizer que isso é absurdo e ignorante, embora não seja destituído de engenhosidade. Acho que será muito mais adequado às circunstâncias aceitar, como eu fiz, que a varinha era um ramo de louro bifurcado que mergulhou à força, como a haste do guincho, quando Nostradamus a segurou sobre a água, que esticou, como a vara de avelã faz, quase a quebrar, e que a este convite é suposto que o espírito apareça. Concluído o encantamento e com êxito, o operador deve deixar de lado o guincho e assumir a caneta, estremecendo com uma sensação solene de presença espiritual. Esse medo, diz Garencières, era para evitar que o orgulho aumentasse, como lemos em Daniel, João e no 4 de Esdras.

Os leitores que não se interessam por isso e, conseqüentemente, estão cansados a essa altura da extensão que encontramos na investigação, irão pular o que se segue para chegar à próxima quadra.

M. le Pelletier refere-se à tradução de Ficinus de "*De Mysteriis Ægyptiorum*" de Jamblicus, 1607. Ele dá o latim e o francês. Vou apenas apresentar aqui a tradução em inglês, visto que o livro é de fácil referência para aqueles que desejam examinar mais por si próprios as fontes que Nostradamus consultou, e das quais ele extraiu sua exposição resumida.

"A sibila em Delfos recebeu o deus em duas formas - ou por um espírito sutil e ígneo, que irrompeu sobre qualquer um através da fenda de alguma

caverna, ou então sentado em um assento de bronze de quatro ou três pés no interior santuário, dedicado ao deus, e onde ela foi exposta em duas faces ao influxo divino, de onde foi irradiada com uma luz divina ”(p. 66).

"Agora, a profetisa de Branchus ou se senta em uma coluna, (r segura em sua mão uma vara concedida por alguma divindade, ou umedece seus pés ou a bainha de sua vestimenta com água, ou inala o vapor de água, e por esses meios é preenchido com iluminação divina, e, tendo obtido a

divindade, ela profetiza. Por meio dessas práticas, ela se adapta ao deus, que recebe de fora ”(p. 67).

"Porfírio diz que a arte [ou magia] não deve ser desprezada que, a partir de certos vapores devidos ao fogo sob influências estelares favoráveis, forma as imagens de deuses que aparecem espontaneamente no ar, em certo grau como os próprios deuses, e possuindo uma eficácia muito semelhante "(p. 90.

“Pois entre os demônios há um que é o chefe, e que exerce influência no momento do nascimento, e distribui a cada um seu demônio (ou familiar). Depois disso, está presente a cada um seu próprio guardião, que desenvolve um *culto* congruente à sua natureza, e ensina-lhe o seu nome e a forma mais adequada de invocação (para trazê-lo quando necessário), e este método é mais compatível com os demônios "(p. 171).

Essas formas de Jamblicus são análogas às empregadas por Nostradamus; mas ali quem profetiza molha os pés e os dedos, ao passo que, segundo a nossa versão Das quadras, é o demônio ou o espírito que os aplica a si mesmo: *Le Divin près s'assied* . Em Jamblicus, aquele que profetiza é possuído pela entrada do espírito. Nostradamus descreve uma presença externa e visível que corresponde ao relato de Porphyrius sobre *deorum idola in aere* .

DEMÔNIOS CORPORAIS. [EU. 59.]
Século I. - Quadra 42.

La dix Calendes d'Avril de faict gotique Reanimação por par gens malins:
Le feu estainct, assemblée diabolique Cherchant les os du Damant et Pselin.

Tradução .

No dia 10 de Calendários de Abril, a computação gótica foi novamente posta em prática pelos feiticeiros (*gens malins*). As luzes apagadas, a assembleia diabólica em busca do Demônio [*Damant for Démon*] tratado por Michael Psellus.

O tipo de texto é o mais corrupto nesta quadra; para *Damant et Pselin* lêem *Démon* e (ou *ex*) *Pselin* , o demônio tratado por Psellus.

O scholium de M. le Pelletier sobre isso é - Os encantamentos mágicos, que eram bem-sucedidos anteriormente quando realizados na noite da Sexta-feira Santa, foram reintroduzidos em prática por feiticeiros habilidosos no calendário 10 de abril de acordo com o cálculo antigo (*de faict gotique*)

Em uma nota acrescentada, ele professa que o 10º Calendário do Velho Estilo seria o último dia de março para o Gregoriano, e ele acha provável, que Nostradamus aqui designe algum ano particular, quando a SextaFeira Santa caísse no dia 31 ou 'de março. Garencières, com base nisso, observa que ela cai no dia 23 de março, chamada de gótica, porque adotada pelas nações do norte muito depois de a Gregoriana ter sido adotada em Roma. Não vejo como o 10º calendário poderia cair no dia 31, nem mesmo o que o 31º tem a ver com o assunto. Aqueles que estão mais familiarizados com esses cálculos talvez possam explicar. Como o sábado das bruxas, esses encontros diabólicos eram acompanhados dos ritos mais obscenos, como logo se verá na seguinte passagem de Psellus, que deixo sem tradução. É da tradução latina de Psellus por Marsilius Ficinus, e será encontrado em suas obras coletadas (ii. 884) no fôlio ed. 1641.

"Euchetæ et gnosci, ut daemonia toto concipiant pectore, nefanda sacrificia perpetrant Conveniunt die quo passus est Salvator, 1 vespere, statutur in locum, unà cum puellis sibi notis, et post quædam sacra extinctis luminibus, 2 mistim coëunt, sive cum sorore, sive cum filiâ, sive cum quâlibet "
(Psellus como acima, p. 894).

“Há um outro tipo de vaticínio por uma bacia, por meio do qual os rústicos frequentemente predizem. Assim como há um modo de predição por meio do ar e das folhas das árvores, portanto, há uma espécie de poder preditivo na bacia, conhecido e praticado pelos assírios, que tem uma grande semelhança com esta encarnação ou acoplamento de demônios com a matéria. Assim, aqueles que estão prestes a profetizar pegam uma bacia cheia de água, que atrai os espíritos que se movem furtivamente nas profundezas (*daemonibus congruentem in profunda repentibus* .) Le Pelletier traduz isso, (*approprié à l'usage des démons cachés au fond des eaux*). A bacia, então, cheia de água, parece respirar (ou se mover) como os sons (*s'il allait émettre des sons*); parece-me que a água se agitou com ondulações circulares, como de algum som emitido abaixo. Agora, esta água difundida através da bacia difere, mas pouco em espécie, da água que sai da bacia, mas ainda assim se destaca de uma virtude conferida a ela pelos encantos [que foram tocados sobre ela], e que a tornaram mais apto a receber o espírito de profecia. Pois esta descrição do espírito é irritadiça e terrestre, e muito sob a influência de feitiços compostos. Quando a água começa a se prestar como veículo de som, ele [o espírito] também emite uma nota fina e fina [de satisfação], mas desprovida de significado; e perto disso, enquanto a água está ondulando, certos sons fracos e estridentes sussurram previsões do futuro. Um espírito deste tipo vagueia por toda parte.

Pelo modo como Psellus descreve o assunto em questão, é muito perceptível que ele não era um grande mágico, e estava apenas falando sobre ouvir boatos e relatos. Se mentiras fossem assunto do espírito, ele não seria um profeta. Novamente, se ele desejava espalhar mentiras, ele ainda deveria deixar as coisas claras o suficiente para seus devotos para que eles as distribuíssem e causassem o mal com isso. Devemos supor que, como um ser humano abandonado, ele ainda tinha algum sentimento de vergonha e, como Lord John Russell, contaria apenas o mínimo de mentiras possível? O demônio de Psellus é tão tolo que logo ficaria sem ninguém para consultar seu santuário. Ele não poderia ter dado um motivo para sua própria conduta, no passado ou no presente, e era o último ser a quem alguém recorreria para antecipar informações sobre o futuro. Ainda

o procedimento pode ter sido mais ou menos como o descreve Psellus, embora as razões não.

Historiador do século IV e homem de veracidade, Marcelino nos deu detalhes curiosos de como os tripés proféticos eram considerados pelos romanos de sua época. Isso surge naturalmente nas provas judiciais que investigam uma conspiração contra a vida do Imperador Valente; o que deveríamos chamar de julgamento de estado. Os conspiradores foram submetidos à tortura, e como item da acusação ganha destaque a figura da mesinha, segundo a qual os acusados foram interrogados pelos juízes. Por fim, um deles, Hillarius, quebrado pela dor, revelou o segredo nestas palavras:

"Honrados juízes, construímos esta mesinha infeliz que vocês veem aqui à maneira do tripé [ou, mais estritamente, do caldeirão 1] em Delfos, com encantamentos sombrios, de ramos de louro; e com imprecções de canções secretas e numerosas cerimônias repetidas diariamente, nós o consagramos por ritos mágicos, até que finalmente o colocamos em movimento. Quando atingiu essa capacidade de movimento, quantas vezes quiséssemos interrogá-lo por meio de investigação secreta, procedemos assim.

Foi colocado no meio de uma sala (*in medio domûs*) purificado por perfumes árabes; um prato redondo foi simplesmente colocado sobre ele, formado de um material composto de muitos metais. Na flange de seu círculo externo estavam habilmente gravadas as formas escritas do alfabeto separadas em tantos espaços exatamente medidos. Sobre esta bacia (ou prato) um homem estava vestido com roupas de linho e calçado com meias de linho, sua cabeça amarrada com um tufo de cabelo semelhante a um turbante, e segurando uma vara de verbena, a planta próspera. Depois de termos conciliado favoravelmente a divindade, que é o doador de todos os presságios, com encantos devidamente formulados e conhecimento cerimonial, ele comunicou um movimento suave a um anel que pendia suspenso sobre a bacia. . . . Este estava amarrado por um fio Cárpato extremamente fino, que tinha sido iniciado com observâncias místicas. Este anel, movendo-se a pequenos saltos ou saltos, de modo que pousar nos intervalos distintos com as letras separadas inscritas, cada uma em seu compartimento para si, dá em versos heróicos respostas adequadas às

indagações feitas, compreendidas perfeitamente em número e medida; tais como são chamados de Pythic, ou aqueles proferidos pelos oráculos dos Branchidae.

"Para nós, perguntando quem deve suceder ao império atual, porque já havia sido mencionado que seria um inteiramente adequado [ao nosso objetivo e propósito], o anel de salto tinha caído sobre as duas sílabas THEO. Com a última adição de uma letra [isto é, D], um homem presente exclamou, 'TEODORUM,' a necessidade fatal do portento indicando isso. Nada mais foi procurado sobre este assunto; pois foi acordado entre nós que este era o indivíduo que queríamos "(*Ammianus Marcellinus* , Return Gestarum, xxix. 1).

Nesse caso, a ambiguidade do oráculo se deve à precipitação dos inquiridores. O oráculo era verdadeiro até onde eles permitiram que continuasse, mas se tivessem esperado para soletrá-lo, teriam aprendido que o nome não era THEOD *orus* , mas sim THEOD *osius*, o Grande, que seria o sucessor de Valente.

Esta é uma passagem autêntica de alto interesse. Mostra uma analogia considerável com a virada de mesa dos modernos; também dá uma visão sobre processos singulares e elaborados de adivinhação por magia como sendo frequentemente praticados em Roma no século IV. Claramente, os pagãos não tinham noção naquele século de que os oráculos haviam finalmente cessado em uma Sexta-feira Santa no primeiro século, ou que Pã, o deus do boato, estava morto. O sol ainda brilhava para eles como o Apolo da profecia, e eles ainda buscavam o presságio de um espírito que foi libertado da ordem solar (*qui solarem ordinem est sortitus*).

Notas de rodapé

68: 1 Língua românica, *sele* por *selle* , assento de tripé, *tripode æneo* , como a sacerdotisa de Apolo ou Pítia sentou-se para entregar oráculos.

68: 2 Latim, *prosperare* , para ter sucesso ou realizar uma experiência.

68: 3 *Qui for ce qui* .

69: 1 Latim, *virga* , ramo ou bastão.

69: 2 Latim, *limbo* , bainha, borda, franja.

69: 3 Latim, *per* , em ou por completo.

74: 1 Ex Michaelis Psello, *de Dæmonibus* . Obras de Marsilius Ficinus, ii. 884, ed. 1641, fôlio.

75: 1 Isso se refere a alguma noite de Sexta-feira Santa no estilo antigo de 10 de abril, conforme estabelecido na primeira linha desta quadra.

75: 2 Isso é exibido na terceira linha da quadra: *Le feu estainct, assemblée diabolique* .

77: 1 *Æneid*, iii. 92 e vi. 347.

Fragmentos Históricos

Devo agora dar alguns fragmentos históricos destacados que se relacionam com a França, começando com a Paz de Cateau-Cambresis, 1559, e indo até a morte de Luís XV., 1774, em ordem cronológica, assim como M. le Pelletier descobriu a contrapartida está incrustada nas quadras de Nostradamus, de uma forma aparentemente interpretável para ele. Isso, para qualquer leitor que não seja francês, provavelmente será suficiente para indicar o estilo e o valor dos presságios envolvidos na dicção estranha e fatídica das quadras. Não tenho dúvidas de que, pela pesquisa original instituída e pela releitura cuidadosa do texto em sua totalidade, muitas outras estrofes misteriosas podem ser desvendadas e elucidadas; também pela comparação de tudo o que foi escrito por comentaristas sobre nosso autor, uma boa dose de luz pode ser lançada sobre o que eles fizeram, mesmo onde a sua própria interpretação ficou aquém da clareza. Tudo o que meu livro se propõe a realizar é, - pelo menos para a Inglaterra, - estabelecer, sem dúvida, e de uma vez, para todo o tempo futuro, que Nostradamus não é um impostor, mas, quando corretamente entendido e desbloqueado, um maravilhoso antecipador de eventos que ocorrerão no futuro; e, além disso, que suas obras são, para todos os efeitos e propósitos, os oráculos mais surpreendentes já colocados no papel por um homem mortal que não professa inspiração divina. Desde tempos imemoriais, exemplos de presciência humana ocasionalmente se manifestam. Toda a raça humana tem um desejo ardente e arraigado de buscar e antecipar o futuro. para todos os tempos futuros, aquele Nostradamus não é um impostor, mas, quando corretamente entendido e desbloqueado, um

maravilhoso antecipador dos eventos que ocorrerão no futuro; e, além disso, que suas obras são, para todos os efeitos e propósitos, os oráculos mais surpreendentes já colocados no papel por um homem mortal que não professa inspiração divina. Desde tempos imemoriais, exemplos de presciência humana ocasionalmente se manifestam.

Muito poucos indivíduos, entretanto, de vez em quando têm sido capazes de gratificar e manter viva sua paixão a esse respeito. Mas ninguém o fez em um grau que o coloque em pé de igualdade com Nostradamus nas coruscações felizes e reiteradas pelas quais ele antecipou os pontos e épocas mais proeminentes do futuro; e às vezes em detalhes ele até menciona pelo nome algum indivíduo que emerge, embora seja por um instante, da obscuridade geral de sua vida.

A PAZ DE CATEAU-CAMBRESIS (3 DE ABRIL DE 1559). [EU. 71.]
Século IX. - Quadra 52.

La paix s'approche d'un costé, et la guerre Oncques 1 ne fut la poursuite si grande:

Plaindre hômes, femmes, cantou innocente par terre, Et ce sera de France a 2 toute bande.

Tradução

A paz se aproxima de um lado, e [quanto à] guerra

Nunca foi tão grande sua busca:

Homens e mulheres [têm motivo] para chorar sangue inocente na terra; Por toda a França será de ponta a ponta.

A paz foi aquela concluída com a Espanha em Cateau-Cambresis, enquanto a guerra, continuada com tanta perseguição, foi o conflito civil que grassou entre romanistas e calvinistas. Isso fez com que homens e mulheres lamentassem o sangue derramado sobre a terra em todas as partes da França, de norte a sul.

MORTE DE HENRI 11. (10 DE JULHO DE 1559). [EU. 72.]
Século I. - Quadra 35.

Le lyon jeune le vieux surmontera En champ bellique par singulier duelle:
Dans cage d'or 1 les yeux lui crevera, auras Deux 2 une, 3 puis mourir, mort
cruelle.

Tradução .

O jovem leão vencerá o velho
No campo de guerra em um combate individual [duelle]; Ele vai furar seus
olhos em uma gaiola de ouro.
Este é o primeiro de dois loopings, então ele morre uma morte cruel.

Montgomery, que no momento da narrativa carregava o nome de Capitão
Coryes (Garencières, p. 25), depois se tornou Conde de Montgomery,
derrubou Henri II. (le vieux lion) nas listas de tourney ou duelo, e perfurou-
o acima do olho através da viseira dourada de seu capacete. Este é o
primeiro dos dois golpes que irão destruir a árvore dinástica da casa de
Valois. Henri II., Ferido mortalmente, será o primeiro a morrer uma morte
violenta; enquanto seu filho, Henri III., será o segundo, que caiu pela mão
de Jacques Clément.

1º de agosto de 1589.

Esta é uma quadra muito célebre. É encontrado na primeira edição das
quodras publicadas em Lyon em 1555, contendo apenas 300 quodras. Isso
elevou Nostradamus à celebridade de uma vez. Ele o aplicou a Henri II.
vários anos antes de acontecer, e até havia anunciado isso como uma
previsão para o próprio rei. Era bem conhecido de Henrique II, a quem
dedicou os últimos três séculos, numa longa e curiosa epístola, que já
demos integralmente. O Rei parece ter confiado infinitamente em
Nostradamus, pois o deixou desenhar o horóscopo real, bem como o de seus
dois filhos, em 1556.

A história disso é curiosa, conforme contada por Guynaud em sua
"Concordance des Prophéties de Nostradamus", 1712, 1 1 91. Henrique II,
ao que parece, proclamou um torneio na rua St. Antoine, local da Bastilha,
então no país, para 1 de julho de 1559, em homenagem ao casamento de sua
filha Isabel da França com Filipe II. da Espanha. Ele se listou como um
contra todos os concorrentes. Estando a justa quase acabada e o sol se
pondo, o Duque de Savoie implorou-lhe que desistisse da corrida, pois o

seu lado já era vitorioso; mas o rei queria quebrar outra lança por cima dele e ordenou ao jovem conde de Montgomeri, capitão de sua guarda escocesa, que tentasse terminar o ataque. Ele se desculpou, mas o rei insistiu e ficou com raiva. É claro que o jovem obedeceu, esporeou seu cavalo e atingiu o rei na garganta, abaixo do visor. Sua lança estremeceu, e a coronha erguendo o visor, uma farpa feriu o Rei acima do olho direito, *pia-máter*. O rei desmaiou. Ele viveu, entretanto, por dez dias em terrível agonia, conforme predito na profecia, *Deux classes une, puis mourir, mort cruelle*. Nostradamus denomina os dois leões, já que ambos lutaram sob aquele dispositivo. O rei usava um capacete dourado, de modo que a *gaiola de ouro* foi literalmente cumprida.

O estranho é que outro astrólogo, chamado Luc Gauric, uma vez foi visitado pelo rei na companhia de dois outros cavalheiros, a quem ele fingiu dar precedência; mas o astrólogo, talvez o conhecendo, insistiu em se dirigir a ele primeiro e disse que ele morreria em um duelo. Ele também profetizou uma morte violenta aos companheiros do rei e conseguiu desagradar a todo o trio. O rei disse sobre isso: "Estamos fazendo as pazes agora com o rei da Espanha, por isso não é muito provável que eu o desafie, e

como rei, eu não poderia ser contestado de outra forma, qualquer que fosse o destino dos outros cavalheiros." Guynaud cita esta história da Princesse de Clèves, que, no segundo volume de seus escritos, representa a Corte discutindo a credibilidade de astrólogos, a opinião prevalecente aparentemente sendo bastante forte contra eles. Ainda assim, sabemos que Henrique II honrou Nostradamus. O aviso profético é evidentemente fútil, pois o rei tinha dois avisos separados e não deu ouvidos a nenhum deles.

PRINCESSE DE CLÈVES. [II. 145.]

Quelques jours après, le Roy étoit chez la Reine à l'heur du Cercle; l'on parla des Horoscopes et des prédictions. As opiniões étaient partagées sur la croyance que l'on y devoit dormir. La Reine y ajoûtoit beaucoup de foi; elle sôûtint qu'après tant de choses qui avoient été prédites, et que l'on avoit vu arriver, on ne pouvoit douter qu'il n'eut quelque certitude dans cette science. D'autres sôûtenaient, que parmi ce nombre infini de prédictions, le ervilha qui se trouvoient veritables, faisoit bien voir que se n'etoit qu'un effet du hazard.

"J'ai eu autrefois beaucoup de curiosité pour l'avenir", dit le Roy; "mais on m'a dit tant de choses fausses et si peu vraisemblables que je suis demuré convaincu que l'on ne peut rien savoir de véritable. Il ya quelques années qu'il devint ici un homme d'une grande reputaço em l ' Astrologie. Tout le monde l'alla voir, j'y allai comme les autres, mais sans lui dire qui j'étais, et je menai Monsieur de Guise et Descars, je les fit passer le premier.

L'Astrologue neanmoins s'adressa d'abord à moi, comme s'il m'eut jugé le maitre des autres: Peut-être qu'il me connaissait; cependant il me dit une escolheu qui ne me convenait pas, s'il m'eut connu. Il me predict que je serai tué en duel. Il dit ensuite à Monsieur de Guise, qu'il serait tué par derrière, et à Descars, qu'il aurait la tête cassée d'un coup de pied de cheval.

Monsieur de Guise s'offensa quasi de cette prédiction, comme si l'on eut accusé de devoir fuir. Descars ne fut guerre satisfait de trouver qu'il devait finir par un acidente si malheureux. Enfin nous sortimes tous très malcontents de l'astrologue. Je ne scais cc qui arrivera a Monsieur de Guise et à Descars, mais il n'y a guerre d'aparence que je sois tué em duelo. Nous venons de faire la paix le Roy d'Espagne et moi; quand nous ne l'aurions pas faite, je doute que nous nous battions, et que je le fisse appeller comme le Roy men père fit rappeler Charles Quint. " em eut accusé de devoir fuir. Descars ne fut guerre satisfait de trouver qu'il devait finir par un acidente si malheureux. Enfin nous sortimes tous très malcontents de l'astrologue. Je ne scais cc qui arrivera a Monsieur de Guise et à Descars, mais il n'y a guerre d'aparence que je sois tué em duelo. Nous venons de faire la paix le Roy d'Espagne et moi; quand nous ne l'aurions pas faite, je doute que nous nous battions, et que je le fisse appeller comme le Roy men père fit rappeler Charles Quint. " em eut accusé de devoir fuir. Descars ne fut guerre satisfait de trouver qu'il devait finir par un acidente si malheureux. Enfin nous sortimes tous très malcontents de l'astrologue. Je ne scais cc qui arrivera a Monsieur de Guise et à Descars, mais il n'y a guerre d'aparence que je sois tué em duelo. Nous venons de faire la paix le Roy d'Espagne et moi; quand nous ne l'aurions pas faite, je doute que nous nous battions, et que je le fisse appeller comme le Roy men père fit rappeler Charles Quint. " Nous venons de faire la paix le Roy d'Espagne et moi; quand nous ne l'aurions pas faite, je doute que nous nous battions, et que je le fisse appeller comme le Roy men père fit rappeler Charles Quint. " Nous venons de faire la paix le Roy d'Espagne et moi; quand nous ne l'aurions pas faite, je doute que nous nous

battions, et que je le fisse appeller comme le Roy men père fit rappeler Charles Quint. "

A história, contada pela Princesse de Clèves, é mais completa do que eu, mas não corresponde em nada à versão

dado a Lord Bacon quando na França, conforme contado a ele pelo Dr. Penn, que disse (Bacon's "Essay on Prophecies") que a rainha-mãe, Catarina de Medici, foi dada a artes curiosas, e fez com que o nascimento do rei fosse lançado sob um nome falso. O astrólogo julgou que ele deveria ser morto em um duelo. A rainha riu, supondo que seu marido estava acima de desafios para duelar; "mas ele foi morto em um curso inclinado, os estilhaços do cajado de Montgomery indo para cima de seu castor." A história, em eventos grandes ou pequenos, tem tantas variantes que qualquer homem, cuja visão das coisas é um pouco sinistra, pode muito bem dizer que toda a história é uma variante da verdade, e tudo o que há de certo nela é que não pode ser invocado em tudo. Nesse caso, os astrólogos estavam certos, apesar das probabilidades contra eles.

PRISÃO DE MONTGOMERY (27 de maio de 1574). [EU. 73.]
Século III. - Quadra 30.

Celuy qu'en 1 luitte 2 e fer au faict bellique Aura porté 3 mais grand qui luy le prix, De nuict au lict six luy feront la pique, Nud, sans harnois, subit 4 soros surprins. 5

Tradução .

Para aquele que em contenda e armadura no campo guerreiro deve ter levado o prêmio de alguém maior do que ele, À noite na cama seis homens o apunhalarão;
Desprotegido, ele será surpreendido nu e desarmado.

Isso significa que Montgomery, que em justa (*au faict bellique* , *bellique* , segundo nos dizem, significa um noivado a cavalo) com a lança na mão, terá levado o prêmio de Henrique II. (*mais grand que luy*) será de repente

surpreendido na cama à noite, nu e desarmado, por seis homens, que o entregaram nas mãos vingativas de Catarina de Médicis.

Alguns dizem que o rei moribundo lhe deu perdão de graça; outros relatam que ele fugiu para a Inglaterra para se salvar; mas, de qualquer forma, ele foi para a Inglaterra e lá abraçou o protestantismo. Quando voltou para a França, colocou-se à frente dos revoltados huguenotes na Normandia e foi sitiado em Domfront pelo marechal de Matignon e uma grande força, à qual foi obrigado a se render. Os termos do sur, render garantiram sua vida, mas por comando expresso de Catarina, ele foi preso em seu próprio castelo de Domfront na noite de 27 de maio de 1574, por seis senhores do exército real, e levado para o Château de Caen, dali para a Conciergerie de Paris, e lá imobilizada, onde a grande torre ainda leva seu nome.

A REGÊNCIA DE CATHERINE DE MEDICI (1559-1574). [EU. 74.]
Século VI. - Quadra 63.

La Dame seule au regne demeurée, D'unic esteint premier au lict d'honneur;
Sept ans sera de douleur explorée, Puis longue vie au regne par grand heur.

Tradução .

A senhora permanecerá para governar sozinha,
Seu único esposo morto, que foi o primeiro no campo da honra. Ela chorará
de tristeza por sete longos anos,
E dotada de longa vida reinará por muito tempo.

Catarina de Médicis não adiou suas ervas daninhas até. 1 de agosto de 1566, sete anos e poucos dias após a morte do rei em julho de 1559. em seu retorno de um progresso com seu filho Carlos IX., Durante o qual ela visitou todas as cidades amotinadas em todo o reino, com vista a satisfazê-los. Ela sobreviveu até o ano de 1589, e praticamente reteve todo o poder durante os reinados de seus

dois filhos mais velhos, François II. e Charles IX., mas ela o perdeu totalmente na sucessão de Henri III.

A quadra não se aplica a ninguém tão bem quanto a Catarina de Médicis; e, se for permitido ser percebido quanto à sua pessoa, não há como negar a exatidão singular da profecia. Não temos evidências de que a rainha aplicou a quadra a si mesma, ou que seus contemporâneos a tinham em mente; mas a segunda linha é notável por assumir com confiança repousante a morte anterior do rei como previsto. A terceira linha é um exemplo surpreendente da precisão com que nosso profeta pode marcar a duração de um período: sete anos a Rainha deve usar luto, e ela faz isso o tempo todo em que está viajando. O cético dirá que ela fez isso para cumprir a profecia; mas parece que isso havia caído totalmente fora da memória, e como se fosse muito mais devido à política, e com o propósito de criar simpatia, durante sua visita ao estado, do que motivos de superstição ou qualquer ligação singular ao marido falecido. A quadra é redigida de forma mais discreta e, no entanto, tão confiantemente segura e perscrutadora que me parece que observadores perfeitamente imparciais e desinteressados poderiam considerá-la uma espécie de comprovante moral pela integridade simples de seu autor. Apenas chamo a atenção para isso até agora, e cada leitor formará seu próprio julgamento sobre o assunto. Eu me mantenho distante da teoria; mas é assim que o fato em particular em que vivemos impressiona minha mente e provavelmente pode afetar muitos outros da mesma maneira. como se observadores perfeitamente imparciais e desinteressados pudessem considerá-lo uma espécie de comprovante moral pela simples integridade de seu autor. Apenas chamo a atenção para isso até agora, e cada leitor formará seu próprio julgamento sobre o assunto. Eu me mantenho distante da teoria; mas é assim que o fato em particular em que vivemos impressiona minha mente e provavelmente pode afetar muitos outros da mesma maneira.

EXTINCTION DES VALOIS (1559-1589). [EU. 77]

Preságio 40.

De maison Sept par mort mortelle suite; Gresle, tempeste, pestilent mal,
fureurs: Roi d'Orient, d'Occident tous en fuite, Subjuguera ses jadis
conquereurs.

A morte da casa dos sete por um conjunto de mortes. Granizo, tempestade,
pestilência, fúria.

Um rei do Oriente porá todo o Ocidente em fuga, E subjugará seus
conquistadores de uma só vez.

A casa de Valois consistia nos sete filhos de Henri II. Com a morte do
quarto filho, Henri III., Em 1589, todos os sete estavam mortos, exceto
Marguerite, que se casou com Henrique IV., De modo que se pode dizer que
a família morreu por uma série de mortes (*mortelle suite*). A heresia era
galopante (*mal pestilento*) e a guerra civil. Soliman II., Chamado de
Magnífico, ameaçou toda a cristandade e recuperou todos os lugares
sagrados que os cruzados haviam arrancado de seus predecessores.

GUERRA CIVIL (1575, 1576). [EU. 78.]

Século VI .- Quadra 11.

Des septs rameaux à trois seront reduicts, Les plus aînés seront surprins 1
par mort, Fratricider les deux seront seduicts Les conjurés en dormans
seront morts.

Tradução .

Os sete ramos quando forem reduzidos a três,
E os quatro mais velhos terão sido surpreendidos pela morte, Os dois
(machos) terão objetivos fraticidas,
E os conspiradores dormindo serão reduzidos à morte.

Isso significa que, quando os sete se tornarem apenas três (*ou seja*, os três
mais novos), Henri III. e o duque d'Alençon entrará em uma guerra
fratricida. Em 1575, Alençon escapou da Corte, onde estava sob vigilância,
e colocou-se à frente dos Malcontents, que eram aliados dos Huguenotes.
Ele foi bem-sucedido e forçou o édito de pacificação de 14 de maio de 1576
a seu irmão, o rei.

Daniel, em sua "História da França" sob Henri III, mostra que eles

buscavam mutuamente a morte um do outro por punhal e veneno. O Guise (*les conjurés*) e os Leaguers virão com suas mortes por se entregarem a uma falsa segurança

O ASSASSINATO DE HENRI III. (1589). [EU. 79.]

Século V. - Quadra 67.

Quand chef Perouse n'osera sa tunique,
Sans au couvert tout nud s'expolier. 1
impressão Seront 2 de setembro, faict aristocratique! Le père et fils morts
par poincte au colier.

Tradução.

Quando o chefe de Perouse não se atreve a despir a túnica Sem se despir
inteiramente,
O último dos sete levados, que acontecimento nos círculos superiores! Pai e
filho mortos por uma facada na garganta.

Quando Sisto V. (*chef de Perouse*) não ousar excomungar Henrique III, já
tendo perdido a Inglaterra em 1534, e sentindo que não deve ser
inteiramente despojado por um novo cisma galicano, estará livre da
posteridade de Henrique II. (*seront Prins sept*) por um evento tremendo
nos círculos aristocráticos. Pai e filho morrerão com um golpe na garganta.

MORTE DO GUISE (23, 24 DE DEZEMBRO DE 1588). [EU. 80.]

Século IV. - Quadra 60.

Les sept enfans en hostaine 3 laissés; Le tiers 4 viendra filho enfant trucidar
5 ; Deux par son fils seront d'estoc percés; Gennes Florence les viendra
enconder. 6 Sete filhos serão deixados em sua casa;
O *tiers état* virá para assassinar seu filho;
Dois terão sido trespassados pela espada de seu filho; Gênova e Florença
virão para desorganizá-los.

Este é, Henri II. em sua morte deixará sete filhos em sua casa. O *Conseil des Seize* (*le tiers*) incitará Jacques Clément a ir a St. Cloud para assassinar Henri III, porque ele fez com que Henri de Guise e o Cardeal

fossem mortos por golpes de espada. Então Charles Emmanuel I., duque de Savoy (*le Génois*), e Alexander Farnese, duque de Parma (*le Florentin*), general de Philip II., Virão para fazer guerra a Henri IV., Que será compelido por Farnese a levantar o cerco de Paris (1590) e Rouen (1592) com precipitação.

Parma foi, originalmente, de fundação etrusca (Bouillet, "Dictionnaire d'Histoire" sv Parme) e, a este respeito, ergue-se acima de Florença, a capital da Toscana moderna. Isso justifica Nostradamus em designar o duque de Parma como *Florença* . Gênova, por sinédoque, pode significar Savoy, como seu empório mais comercial.

Savoy, como seu empório mais comercial. 1610). [EU. 82.]
Século I. - Quadra 10.

Serpens 1 transmis en la cage de fer
Où les enfans septains du Roy sont pris, Les vieux et peres sortiront bas 2
de l'enfer, 3 Ains mourir voir de fruict mort et cris.

Tradução .

O caixão sendo baixado atrás da grade de ferro,
Onde os sete filhos do Rei estão enterrados,
Os ancestrais dos Valois se levantarão das profundezas da tumba, E
clamarão para ver seus frutos secos morrerem assim. Henri III. foi
depositado, provisoriamente, em 1589, em Compiègne, na Abadia de St.
Corneille; e foi apenas em 1610 que seu corpo foi transportado para os
cofres de St. Denis, ao mesmo tempo que os corpos de Henrique IV. e
Catherine de Medici. Esta quadra não é muito notável, mas a interpretação
se encaixa muito bem. Talvez tenha esse valor, que nos mostra um incidente
em uma vasta procissão de visões históricas que se dissolvem que parecem
ter passado pelos olhos de Nostradamus, e se diria em sequência
cronológica, que ele mesmo deve ter quebrado propositalmente depois,
temendo que a pista cronológica frequentemente tornaria a profecia muito
aberta à interpretação para ser boa para sua própria segurança ou vantagem
pública.

CASAMENTO DE FRANÇOIS II. E MARIA STUART (24 DE ABRIL DE 1558). [EU. 84.]

Século X. - Quadra 39.

Premier fils vefve 1 casamento malheureux, Sans nuts enfants, deux Isles en discord, Avant dix-huict incompetant age. 2 De l'autre près 3 mais bas sera l'accord.

Tradução .

O filho mais velho vai embora, com seu casamento miserável, viúva, sem filhos e duas ilhas em conflito,
E morre antes dos dezoito anos, incompetente de idade. O filho mais novo vai se casar mais cedo ainda. 4

A questão parece ficar assim. François II., Filho mais velho de Henri II., Morrerá e deixará sua esposa, Maria Stuart, uma viúva sem filhos, após um casamento infeliz que se prolonga mais de dois anos, antes dos dezoito anos ou de idade competente. A particularidade desse detalhe é maravilhosa, e muito mais parecida com história do que com profecia, exceto quanto à brevidade com que é expressa. Seus enunciados equivalem apenas a insinuações, mas são tão prenhes que, quando você preenche os elementos indispensavelmente conectados, o enunciado parece história. Então aqui no instante em que você reconhece que François II. é o assunto das linhas, você se refere à história de seu nascimento e morte, 19 de janeiro de 1543, 15 de dezembro de 1560 - ou seja, 17 anos, 10 meses e 15 dias, ou um mês e 15 dias a menos de 18 anos. *Avant dix-huict* é a frase de Nostradamus. Novamente, sua morte estabelece discórdia entre Elizabeth da Inglaterra e Maria da Escócia (*deux Isles en discord*) Carlos IX, seu irmão mais novo, ficou noivo de Isabel da Áustria quando ainda mais jovem, aos onze anos de idade, embora não se casasse antes dos vinte. É assim que M. le Pelletier harmoniza a linha. Mas, como namoro não é casamento, não pode haver afinidade alguma com o casamento em idade incompetente. Eu deveria propor ler a linha assim. Posteriormente, do mais jovem e mais abaixo, será dada a concordância, explicação ou acordo; e, conseqüentemente, teremos agora que entrar em várias estrofes que se relacionam com Carlos IX.

CHARLES IX. (*Le roi farouche*). (1560-1574). [EU. 86.]
Século III. - Quadra 66.

Le grand Baillif d'Orleans mis a mort Sera par un de sang vindicatif:
De mort mérité ne mourra ni par sort; Des pieds et mains mal le faisoit
captif.

Tradução .

O grande meirinho de Orléans será morto
Por alguém de sangue vingativo:
Nem morte imerecida ele morrerá, nem pelo destino; Pois eles
inseguramente o farão cativo pelos pés e pelas mãos. Jérôme Grosloot será
preso em 9 de novembro de 1561 e condenado pela Inquisição à
decapitação por entregar a cidade aos calvinistas. Mas ele não sofrerá a
morte merecida, nem sofrerá seu destino; seus guardiões sendo subornados,
ele escapará.

DEFEITO DE COLIGNY ALMIRAL (1559-1567). [EU. 87.]
Século VI. - Quadra 75.

Le grand pillot 1 par Roy sera mandé 2 Laisser la classe 3 pour plus haut
lieu atteindre: Sept ans après sera contrebandé, 4
Barbare armée viendra. Venise craindre. 5

Tradução .

Aquele que deve ter sido nomeado almirante pelo rei, deve deixar a frota
para assumir um posto mais alto; Sete anos depois, tomará o lado oposto ao
rei; Veneza temerá a vinda de um exército de bárbaros.

Gaspard de Coligny, nomeado grão-almirante por Henrique II, em 1552,
deverá deixar a frota em 1559, com a morte do rei, e colocar-se à frente do
partido calvinista. Em 1562 ele será o general de suas forças, e em 1567 -
ou seja, sete anos após a retirada da frota, ele comandará a rebelião na
guerra civil. No mesmo momento, Veneza temerá os exércitos de Selim II.,
Que arrancarão dela Chipre em 1570. A paz entre católicos e protestantes

foi assinada em St. Germain neste mesmo ano. Os venezianos, porém, obtiveram neste ano a vitória naval de Lepanto sobre os turcos em 1570.

ASSASSINATO DE LOUIS DE BOURBON, PRÍNCIPE DE CONDE (13 DE MARÇO DE 1569). [EU. 88.]

Século III. - Quadra 41.

Bossu sera esleu par le conseil:

Plus hideux monstre en terre n'apperceu. Le coup voulant crevera l'oeil 1

Le traistre au Roy pour fidelle receu.

Tradução .

Crookback será eleito pelo conselho:

Um monstro mais hediondo nunca visto na terra. Um tiro intencional perfura a véspera do traidor que jurou ser fiel ao rei.

O príncipe Louis de Condé, o Jubarte, será eleito general-em-chefe pelo conselho de notáveis dos calvinistas. Esse monstro de maldade nunca foi visto na terra. Montesquiou o matou com um tiro de pistola no olho, que por duas vezes escapou de suas práticas traiçoeiras contra o rei. Aqui, a previsão de Nostradamus é milagrosamente clara, embora tenha confundido Guynaud ao encontrar sua concordância com os eventos. Ele aqui também exhibe seu partidarismo religioso. Um corcunda é sempre considerado moral e fisicamente deformado; e, quando Luís de Bourbon tomou o partido dos calvinistas, tornou-se imediatamente para o nosso profeta le plus hideux monstre en terre. Evidentemente, entretanto, ele era um grande lutador, e passou sua vida em campos, se não formos além de Moreri em sua história. Ele foi condenado por um conspirador em 1560 para perder a cabeça. Mas a sentença nunca foi cumprida, como Rei Francisco II. morreu naquele momento, e ninguém foi ousado o suficiente para cuidar disso. Quando Charles IX. colocá-lo em liberdade, o *Cour des Pairs* descobriu que ele era inocente e o declarou assim. Ele morreu na batalha de Jarnac. Ele teve sua perna quebrada pelo coice de um cavalo, e estava sentado ao pé de um arbusto quando Montesquiou, capitão dos guardas do duque de Anjou, o viu, e, para um velho ressentimento, friamente, mas como o mais covarde, atirou no ferido Condé no olho com sua pistola. O corpo foi transportado para sepultamento

a São Jorge de Vendôme, por acaso ou insulto, nas costas de uma bunda, em Jarnac; o que levou a um daqueles epigramas epitáfiais improvisados que os franceses transformam tão lindamente:

L'an mil cinq cens soixante neuf,
Entre Jarnac et Chateauneuf,
Fut porté mort sur une ânesse
Le grand ennemi de la Messe.

(V. MORERI, sv Louis de Bourbon.)

ST. DIA DE BARTHOLOMEW (24 DE AGOSTO DE 1572). [EU. 89.]

Século IV. - Quadra 47.

Le Noir 1 farouche, quand aura essayé Sa main sanguine par feu, fer, arcs
tendus, 2 Trestous le peuple sera tant 3 effrayé Voir les plus grans par col et
pieds pendus.

Tradução .

O rei selvagem, quando tiver provado
Sua mão manchada de sangue com fogo, espada e arcos, Todo o povo ficará
aterrorizado
Ao ver o grande pendurado pelo pescoço e pelos pés.

Quando Charles IX. exercerá sua mão sangüinária com o fogo, a espada e o
arcabuz, o povo ficará horrorizado ao ver os grandes senhores calvinistas
amarrados pelo pescoço e pelos pés. Uma das diversões selvagens de
Charles, na caça, era cortar com um único golpe a cabeça de qualquer burro
ou porco que encontrasse no caminho. Durante o próprio massacre, ele se
colocou em uma janela do Louvre e deu vários tiros com um longo arcabuz
contra os huguenotes

que fugiu do outro lado do Sena no Faubourg St. Germain. O corpo de
Coligny foi arrastado pela população, na ponta de uma corda, por toda a
lama dos canis, e então pendurado por um pé na forca de Montfaucon. O
dia 24 de agosto caiu em um domingo. O próprio rei morreu dois anos
depois, com algumas suspeitas de envenenamento. Diz-se que ele foi um
homem de grande coragem e de espírito vivo e rápido, possuindo uma boa
dose de eloquência; foi dado muito à dissimulação; e cheio de juramentos,

irracionalmente violento e sem autocontrole. Ele interpretou bem um verso e adorava caçar. Seus poemas ainda permanecem, mas não sei se eles podem comandar um único leitor. Falando de poetas, costumava dizer que deveriam ser bem alimentados, como bons cavalos, mas não satisfeitos, senão ficam preguiçosos. O mundo em geral prefere matá-los de fome se forem de primeira classe e enriquecê-los se forem de segunda. Não podemos esperar que as pessoas recompensem o que não conseguem compreender: embora seja inevitável, não podemos deixar de deplorar o acordo. Com boas habilidades, Charles tinha tão pouco julgamento que suas ações sempre teriam sido maliciosas; a melhor coisa que poderia ter acontecido era sua morte aos vinte e quatro anos. Diz-se que ele observou, ao morrer, que ficava feliz por morrer jovem e não ter filhos, pois havia tristemente aprendido, em seu próprio caso, quão miserável é a conduta de um príncipe que sobe ao trono como uma criança, e assim governa por meio do ministério de outros. Isso mostra apenas um pouco de recuperação para a razão sóbria, mas nenhum do remorso que é atribuído a ele em seu leito de morte, como sendo o autor ostensivo do ato mais negro que já desfigurou o Cristianismo ou manchou a Europa. Em perfídia e crime não pode ser superado, nem como resultado de perversão religiosa. Os crimes de uma democracia ateuista, perpetrados duzentos anos depois no mesmo teatro precisamente, só puderam superar isto, nas concupiscências carnavais exibidas, na degradação desumana do corpo do homem, e na ubiquidade da iniquidade, quando todo o povo está sedento de saciar suas paixões degradadas no pecado. Nostradamus em outro lugar chamou Paris de Cidade da Espada. É o lagar da terra, gorduroso com o sangue do homem: Lutetia de lama e sangue. Haussmann o reconstruiu, mas nada pode purificá-lo. Sua própria guilhotina é um instrumento planejado para gratificar publicamente a população em seu gosto de tigre pelo fedor de sangue nas ruas da Cidade do Sangue. Se você deseja ver a desgraça da religião, leia a descrição de Sully sobre o esforço dos ferozes sacerdotes naquele dia para ter *seu* sangue. Veja também a medalha de Gregório XIII., Eu bati com alegria para comemorar aquele crime horrível. Bonanni mostra isso; e, como uma obra de arte medálica, a cabeça do Papa é da mais alta ordem de beleza e graça italiana. Mas, então, comemora o sangue de sessenta mil vítimas, diz ele. Ranke (ii. 69) colocou em cinquenta mil. Pegue este número, se quiser; é, o suficiente para

satisfazer o sucessor de São Pedro, a quem o mandato especial foi endereçado, "Alimente minhas ovelhas" - como outros pastores fazem para o açougueiro, é o glamour gregoriano. Comércios. os homens, no entanto, têm a decência de fechar o matadouro na manhã de domingo; mas o *servus servorum* está em casa em suas ministrações no dia Dominical. Aquele domingo de agosto é de fato uma rubrica dos santos! Para esse dia, não há necessidade de calendário. O tempo, até que o mundo se rompa, nunca poderá esquecê-lo - nem perdoar.

Le noir farouche dessa quadra é, de Guynaud, p. 113, disse representar o almirante Coligny, que é designado, de acordo com ele, de forma muito variada nas quadras. O *farouche noir* alude ao seu exterior áspero e ameaçador. *Le grand Pillot* (VI. 75) é outro epíteto; *le tiran* (Présage III.) outro. A conclusão da quadra é admitida, tanto por Le Pelletier quanto por Guynaud, para representar Coligny. Na parte anterior, a maioria, eu acho, prefere tomar *noir* como o anagrama de *Roi* .

Guynaud oferece um relato surpreendente dos historiadores da Provença e da França, do que aconteceu a Coligny quando ele estava em Angoulême em 1568. Ele montou uma força lá, e por sua própria autoridade pendurou nela Michel Grêlet, Guardião dos Cordéliers, e um pregador muito zeloso contra os hereges. Em seu discurso agonizante no cadafalso, este último disse: "Almirante, você me matou de maneira muito injusta. Vou a Deus agora para prestar contas a Ele de minhas ações; mas lembre-se, você e todas as pessoas aqui presentes para- dia, prevejo que em pouco tempo você mesmo será atirado de uma janela superior e seu corpo será feito em pedaços. " As histórias continuam a dizer que um italiano cortou a cabeça de Coligny para enviá-la ao Cardeal de Lorraine em Roma, enquanto outros homens cortaram suas mãos e outras partes de seu corpo; também que por volta das seis da manhã a turba encontrou seu corpo em um estrume em um estábulo, arrastou-o para o Sena e jogou-o dentro. Ele foi novamente pescado e pendurado pelo pé na forca de Montfaucon, onde ficou enegrecido na fumaça das fogueiras acesas abaixo dela. (Guynaud, "Concord. Nostra," P. 113.)

Sixain 52. [I. 90.]

La grand 'Cité qui n'a pain à demy Encor un coup la Saint Barthelemy
Engravera au profond de son ame: Nismes, Rochelle, Geneve et
Montpellier, Castres, Lyon, Marte entrant au Belier, S'entrebattront; le tout
pour une Dame.

Tradução .

A grande cidade que tem pão com apenas meia ração Terá o golpe ulterior
de São Bartolomeu
cortado profundamente em sua alma:
Nismes, Rochelle, Genebra e Montpellier,
Castres, Lyon, com Marte entrando no Carneiro, Lutarão entre si; e tudo
pela rainha mãe.

A grande cidade é, claro, Paris, e une Dame é a rainha, Catarina de Médicis.
Deve-se ter em mente que esses seis anos não foram publicados até trinta e
três anos após o massacre de São Bartolomeu. Naturalmente, a previsão
perde toda autoridade especial neste caso. Levanta, no entanto, uma questão
singular: por que, se foi escrito depois do acontecimento, não foi
explicitado de forma mais explícita, se quem o publicou tinha interesse em
aumentar a fama do profeta? Parece que os deveres testamentários foram
realizados em perfeita boa fé, mecanicamente e sem mesmo compreender o
significado ou significado das palavras.

Outra passagem relacionada ao massacre de São Bartolomeu ocorre no
texto de 1605, e sua autoridade não é maior do que
o dos sixain que acabamos de citar, visto que não foi publicado até depois
do evento. Isso, entretanto, reforça a observação que fiz acima. Aqueles que
fizeram a obra ser impressa parecem ter estado perfeitamente inconsciente
do significado das estrofes; eles consideraram todo o procedimento como
uma mera forma de respeito à memória de um parente famoso. Seu dever
era claro para eles e o cumpriram; mas os escritos eram para eles
perfeitamente ininteligíveis.

Presage III. (ii. 252) é datado como se tivesse sido escrito em janeiro de
1555 e, para qualquer coisa que eu possa ver, não há absolutamente nada
para fazer alguém duvidar, mas que era assim. Tendo deixado este ponto tão
claro quanto possível, o leitor irá aceitá-lo ou rejeitá-lo como quiser.

Le gros airain qui les heures ordonne,
Sur le trespas du Tyran cassera: 1
Pleurs, plaintes et cris, eaux, glace pain ne dônc VSC 2 paix l'arme passera.

Tradução .

O sino de bronze que toca as horas diárias
Jogará vôlei completo na morte do tirano:
Lágrimas, gritos e gemidos; as águas congelam o pão, Com o filho de
Carlos Quinto uma paz é feita.

O tirano aqui é interpretado por Guynaud (p. 107) a. Coligny, e ele acrescenta algumas observações interessantes da "Histoire de Navarre" de Favin, tocando no Dia de São Bartolomeu em Paris. Ele diz que marcaram os aposentos dos huguenotes para que soubessem onde encontrá-los com pressa, e foi arranjado para tocar o grande sino do palácio, bem como o da igreja de St. Germain de l'Auxerrois, eles deveriam impor mãos violentas (*mainbaisse*)

em todos os hereges. Duas horas da tarde era a hora marcada. Os católicos que saíram para a rua deveriam se distinguir por uma cruz branca em seus chapéus. Os corpos dos mortos foram em sua maioria jogados no rio. Mezerai registra que a rainha-mãe apressou o sinal em uma hora inteira, e que foi, ao contrário do combinado, iniciado pelo sino de St. Germain de l'Auxerrois, embora isso tenha sido imediatamente seguido pelo grande sino do palácio.

Coligny foi morto na cama e atirado pela janela apenas com a camisa. Com o rosto coberto de sangue, o duque de Guise enxugou-o friamente com o lenço, para se assegurar de que se tratava realmente de Coligny. Em breve, veremos o próprio vilão sanguinário ser assassinado em Blois.

O massacre continuou durante toda a semana, por sete dias, quer dizer, mas a fúria principal havia se esgotado na terça à noite. O Janus Gallicus professa, mas como Aimé poderia ter alguma certeza disso eu não posso dizer, que Nostradamus, por *tirano* , alude a Coligny, e diz que o sino tocou tanto que quebrou. A quadra não exige a suposição de tal coisa, e acredito que o fato não esteja registrado em outro lugar. Claro, se fosse, seria um cumprimento tão literal que todo o mundo cético imediatamente tiraria

vantagem do que eu aponte, que esta é uma profecia *após o golpe* . Se isso deve alegrar alguém, só posso dizer que ele tem meu consentimento. Minha tarefa é colocar os fatos, sem sombra de disfarce, diante do leitor; ele pode tecê-los em teorias para si mesmo. Se eu, em algum momento, manifestar o que penso, ele terá o prazer de aceitar isso apenas como uma contribuição para o mesmo fim.

Em janeiro de 1572, o rio Sena ficou congelado por muito tempo e as estradas ficaram quase intransitáveis. Isso *pode* ser interpretado como uma interpretação da *dor eaux glace ne dône* , com tal simbolismo hieroglífico de escassez que agrada ao enunciado oracular. É quase certo que as provisões não entraram em Paris naquele inverno com seu fluxo usual. Em alusão ao exército mencionado, Guynaud diz que o duque d'Anjou marchou com cinquenta mil homens até o cerco de Rochelle, onde, depois de disparar treze mil tiros, eles finalmente conseguiram uma brecha. O que eles derrubaram, curiosamente, foi o Boulevard do Evangelho (*Boulevard de l'Évangile*), mas eles não puderam *atacá* lo e perderam vinte mil homens sem tomar o lugar.

Naquele elogio a Catarina de Médicis que de Brantôme ("Panthéon Littéraire", ii. 116) chama de Vida, ele relata que ela morreu de coração partido, de tristeza por ter consentido no massacre neste dia malfadado, e que, sem intenção, ela (p. 133) convidou os nobres e senhores da terra para se reunir a ele. O cardeal de Bourbon disse-lhe: "Senhora, a senhora nos trouxe todos ao açougue sem querer". Isso a tocou profundamente; ela se deitou e nunca mais a deixou. Só podemos dizer que isso não está de acordo com Mezerai e seu toque de tocha uma hora antes por antecipação. Além disso, como o massacre ocorreu em 1572 e a rainha-mãe não morreu em Blois até 1589, dezessete anos depois, seu coração resistiu à dor tanto quanto o granito resiste ao vinagre. A senhora deve ter originalmente possuído um coração muito bom. De Brantôme diz que se falou em veneno; mas ele considera o coração partido mais provável.

GUERRA CIVIL SOB HENRI III. (1559-1589). [EU. 93.]
Século III. - Quadra 55.

En l'an qu'un œil en França regnera La Cour sera en un bien fascheux trouble: Le Grand de Blois son amy tuera; Le regne mis en mal et doute

double.

Tradução .

No ano em que um homem com um olho só reinará na França, a Corte
estará em apuros muito vexatórios:

O grande de Blois matará seu amigo;

O Reino, mergulhado no mal e na dúvida, se dividirá em dois.

A versão de M. le Pelletier aqui parece um pouco forçada. O caolho que ele transforma em Henrique II, cujo olho foi destruído pela lança de Montgomery. O Tribunal ficará muito embaraçado. Henri III. (*le Grand de Blois*) convocará naquele lugar os Estados Gerais, e ali assassinará o Duque de Guise, levando primeiro com ele, à maneira italiana, a Sagrada Comunhão, como um sinal de plena reconciliação, Então o reino desolado irá dividir-se em dois campos - os realistas de um lado e os membros da liga do outro.

REGÊNCIA DE CATHERINE DE MEDICI (1537-, 574). [EU. 94.]

Século VI. - Quadra 29.

La vefve 1 sainte entendent les nouvelles De ses rameaux mis en perplex
et trouble: Qui 2 sera duict 3 appaiser 4 les querelles Par son pourchas 5 des
razes 6 fera comble.

Tradução .

A santa viúva receberá notícias
das dificuldades que deixam seus filhos perplexos e preocupados; Aquele a
quem ela chama de lar para as perturbações calmas, Deve levá-los a uma
crise ao perseguir as cabeças raspadas.

Há uma pequena dificuldade em aplicar o epíteto *sainte* à rainha-mãe, e
Garencières supõe que signifique

Roma la Santa ; mas, se assim for, o resto não terá significado,
Nostradamus é tão inteiramente para Henri II, sua esposa, e a Igreja
Romana, que apesar de ter designado seu filho como *le roi farouche* , ele

pode pensar que o termo *sainte* não é inapropriado para sua esposa. Ela enviou um despacho particular a seu filho, Henrique III, para voltar correndo da Polônia, como o veremos fazendo na próxima quadra citada, a fim de que ele tome a direção do governo francês. Ele entra em uma aliança com Henri IV. e os huguenotes para contrabalançar a Liga Católica. Daí decorre o assassinato do cardeal, irmão do duque de Guise, assassinado por ordem do rei em 24 de dezembro de 1588, um dia depois de seu irmão. Esta é a acusação da Igreja (*pourchas des razes*), aliada à repressão da Liga, que culmina com a crise. A única palavra chocante nesta concordância, uma vez compreendida, reside na palavra *sainte* , para a qual já *chamei* a atenção, e que pode ser explicada pela devoção sentida por Nostradamus à coroa da França e de Roma. É evidente que Brantôme era capaz de considerá-la uma dama admirável e adorável. A batida e o sangue estragam nossa apreciação.

HENRI III. RENUNCES POLAND (26 DE JUNHO DE 1574). [EU. 96.]
Século VII .- Quadra 35.

Le grande Pesche 1 viendra plaindre, 2 plorer D'avoir esleu: trompés seront
en l'âge: Guiere 1 avec eux ne voudra demourer: Deceu 2 SERA par ceux
de son langage.

Tradução

O grande jogador 3 reclamará e chorará Para tê-lo eleito: enganado em sua
época: O duque não tinha desejo de ficar com eles: Ele será morto por
homens de sua própria língua.

A Polônia, então, lamentará ter eleito o duque d'Anjou em 1573, pois ele ficou apenas um ano com eles, e fugiu no dia 26 de junho à noite, por convocação de sua mãe, para a França. O Conde de Fanchin, o Grande Chamberlain, foi enviado atrás dele e o alcançou em Piesna, uma cidade fronteiriça na Áustria, mas o duque estava surdo a qualquer intercessão (Guynaud, p. 119). Ele nunca assumiu o trono polonês porque o desejou, mas porque foi pressionado pela corte da França; e agora os assuntos franceses o chamavam de volta. Guynaud pensa que a última linha significa que seus amigos o enganaram para que tomasse; mas isso é porque ele não descobriu o significado latino in *deceu* . Pois certamente Nostradamus

queria dizer que voltaria para casa para morrer pelas mãos de Clemente, como ele mostra em tantas palavras um pouco mais tarde. Guynaud diz que a Polônia foi enganada quanto à idade do príncipe e que ele foi representado como sendo muito mais velho do que realmente era.

EDICT OF POITIERS (3 DE OUTUBRO DE 1577). [EU. 97.]
Século V. - Quadra 72.

Pour le plaisir d'edict voluptueux, On mestera le poison dans la foy: Venus sera en cours si vertueux, 1 Qu'obfusquera du soleil tout aloy. 2

Tradução .

Para aprovar um édito de tipo açucarado, Eles misturarão veneno com nossa sagrada fé: E Vênus escurecerá, em seu curso robusto, Toda lei e luz do sol sagrado.

O Sol, em Nostradamus, frequentemente representa a Igreja ou Cristianismo, por ele considerado estar dentro da paliçada do papado. Também pode significar a França, cujo nome de rei era *Rex Christianissimus*. Louis XIV. assumiu o dispositivo do sol, com o lema *nec pluribus impar*. Vênus representa o prazer sensual - o mundo triunfante sobre a Igreja. O édito de Poitiers, de 8 de outubro de 1577, até agora favorecia os protestantes para que fossem autorizados a realizar serviços públicos com base na reforma. Os ministros calvinistas podem se casar, e a confissão auricular foi suprimida. Henri III fez o mesmo. misture o veneno da impureza, etc., com a fé católica. A licença da moral (*Vénus*)

tornou-se desenfreado e manchou a lei da cristandade (*Soleil*).

Guynaud interpreta com Le Pelletier nisso, e considera o veneno consistindo particularmente em libertar os huguenotes do Sacrifício da Penitência; em condenar as ordens monásticas; em encorajar a falta de castidade, permitindo que os ministros calvinistas se casassem; em abandonar a confissão. *Vénus sera* é uma linha que mostra que muitos monges abandonam os claustros para se entregarem ao casamento e outras devassidões. A última linha pode ser entendida, que a glória do Rei será

manchada, e o fará ser mal visto pelos católicos; ou que obscurecerá a fé na Igreja (p. 122).

JOURNÉE DES BARRICADES (12 DE MAIO DE 1588). [EU. 98.]
Século III. - Quadra 50.

La republique de la grande cité A grand rigueur ne voudra consentir: Roy
sortir hors par trompette cité, L'eschelle an mur la cité repentir.

Tradução .

A República da grande cidade (Paris)
não se submeteria ao tratamento muito rigoroso; O Rei convocado por
trombeta para deixar a cidade, Que é chamada ao arrependimento pela
escada na parede.

Esta quadra e o evento que ela prefigura são igualmente maravilhosos.
Garencières está muito intrigado com isso. Que cidade tem uma
comunidade? É Veneza, Gênova, Genebra, Luca? Ele não sabe dizer. No
entanto, a "grande cidade" de Nostradamus quase sempre representa Paris.
A Liga, amante em Paris, não se submeteria às medidas coercitivas de
Henrique III., E por um apelo às armas - talvez a velha batida de St.
Germain de l'Auxerrois soando enquanto - disse a ele, como *par trompette* ,
é melhor ele sair da cidade a toda velocidade. Teste a

frase em uma palavra: "Tire-se" - pela primeira vez dita a um rei da raça
capetiana, em cerca de oitocentos anos de história. Mais tarde, os rufiões e
trombetas cidadãos estúpidos, sem nada sobre eles para serem chamados de
sãos a não ser seu rio, se sentirão chamados ao arrependimento quando as
escadas em ascensão forem colocadas por Henrique III. para a parede.

Notemos agora que este *Dia das Barricadas* é muito notável e, como tal,
não pode ser encontrado no "Índice de Datas" de Bohn. No entanto, foi
repetido na guerra civil da Fronda, 26 de agosto de 1648; na guerra de três
dias, 27, 28, 29, 1830 de julho, que colocou Philippe Citoyen em seu
poleiro frágil; e novamente em 23 de junho de 1848. Mas quase duzentos
anos depois, em 1789, quando a República filosófica estava próxima e a
Bastilha foi tomada; quando outro Capet deveria ser controlado pela turba;

oferecendo *cul pour tête* para a admiração de um mundo sábio, então seria melhor discernir o resultado desta primeira reação do dia de São Bartolomeu; muito bem que a acusação de traição soou alarum para um mundo em chamas. Outra analogia curiosa exige atenção aqui. Os papas de Roma foram os primeiros patronos do princípio do regicídio, e Clément, o monge, que logo apresentaremos, foi o primeiro a praticá-lo; aqui vemos a Liga Católica como o primeiro corpo organizado a repudiar a realza, a estabelecer uma forma republicana e a consagrar um dia de revolta e insurreição, que se tornou memorável na história para sempre, embora esquecido por Bohn, como *a Journée des Barricadas*. Mas o que dizer dessa previsão de Nostradamus, cinquenta e três anos antes de o evento acontecer? Ele é, eu acho, o primeiro que já colocou a palavra *República* como representante de rebelião e revolta, em todo o mundo moderno. Mas aqui está, - a massa de profecia

feita da semente de trigo moída do tempo, e cozida pelo forno dos eventos no pão da história; não as mentiras de Walpole, nem os princípios, em sua maioria falsos, que o filósofo Hume acha tão habilmente para nós, mas os fatos destituídos de motivo como um coral petrificado. recife de insetos humanidades concretizadas em permanência e solidez pela morte de miríades. Para quem pode ver, está tudo contido naquela runa linear, *La république de la grande cité*.

ASSASSINATO DO DUC DE GUISE (23 DE DEZEMBRO DE 1588).

[EU. 99.]

Século III. - Quadra 51.

Paris conjure un grand meutre commetre, Blois le fera sortir en plein effect: Ceux d'Orleans voudront leur chef remettre; Angers, Troye, Langres leur feront un meffait.

Tradução.

Paris conspira para cometer um grande assassinato;
Blois o levará a efeito:
os Orléanois tentarão colocar um campeão da liga em sua liderança;
Angers, Troye, Langres tentarão desfazer isso.

Henri III. em Paris planejou o assassinato do duque de Guise, que havia incitado e liderado os parisienses no dia das barricadas, quando Henri foi obrigado a voar para Chartres. Henri de Lorraine, Duc de Guise, foi assassinado no dia seguinte ao do Cardeal, seu irmão, na Convenção de Propriedades em Blois. O assassinato ocorreu no Chateau de Blois. Os Orléanois, ao saber disso, levantaram-se contra Balzac d'Entragues, o governador da cidade, e colocaram Charles de Lorraine, Chevalier d'Aumale, à sua frente, - ele era um dos chefes da Liga, - enquanto Angers, Troyes e Langres ficaram do lado de Henri III. Não é muito fácil, diz Le Pelletier, provar claramente a posição exata assumida por essas três cidades, mas Nostradamus costuma colocar uma parte para representar o todo.

Dentro

dos interesses divididos de várias cidades tomaram lados diferentes. Na época em que ele escreveu, não havia nada que mostrasse que tais separações destrutivas aconteceriam. Ele claramente os antecipou e, até agora, está absolutamente certo. Não podemos, ao que parece, provar que ele está certo em todos os detalhes; mas igualmente, não há nada para mostrar que ele está errado.

LE DUC DE MAYENNE (1589-1593). [EU. 100.]

Século I. - *Quadra* 85.

Par la response dc dame Roy troublé, Ambassadeurs mespriseront leur vie:
Le Grand ses freres contrefera doublé Par deux mourront ire, 1 haine e
envie. 2

Tradução .

O Rei será perturbado pela Rainha-mãe, Os deputados em risco de vida protestam: O Guise agirá pelos seus dois irmãos mortos, Os dois que a inveja, o ódio e a malícia mataram.

Henri III. ficará perturbado com a resposta de Catarina de Médicis, que desaprova o assassinato de Guise; os deputados (*embaixadores*) tanto de Paris quanto de Blois, protestam vigorosamente com perigo de suas vidas. O Duque de Mayenne (*le Grand*), quando proclamado chefe da Liga, assumirá o título de Tenente-General do Reino e, como se tivesse autoridade dobrada, representará seus dois irmãos, Henri de Guise e o

Cardeal de Lorraine, a quem a inveja, odeia , e malícia de Henri III. e sua corte havia assassinado. Parece que temos aqui uma república temperada com punhais, em lugar do que se seguiu, uma tirania temperada com epigramas. Esta forja ativa de punhais, facas e talheres de espadas na França, para esculpir um ídolo de uma república, com seu boné frígio pagão manchado de sangue;

junto com sua repetição sessenta anos depois, nas Barricadas da Fronda, agosto de 1648, estava claramente gerando o veneno e concentrando seu veneno para o ato de morte mais surpreendente conhecido pela humanidade, mas um, em toda a história, - em Whitehall, naquele inverno de 30 de janeiro de 1649, - o veneno, que pela inoculação sutil de um Raleigh poderia, por um tempo, atingir uma alma tola como a de Milton "Salmista do Paraíso" - quem, mas para este maldito vírus no mundo, poderia ter ensinado aos homens como realizar um paraíso na terra.

CRIME DE JACQUES CLÉMENT (1º DE AGOSTO DE 1589). [EU. 102.]

Século IX. - Quadra 36.

Un grand Roy Prins 1 entre les mains d'un Joyne 2 Non loin de Pasque,
confusão, coup cultre. 3 Perpet, 4 captifs temps que foudre en la husne, 5
Lors que trois freres se blesseront et murtre. 6

Tradução .

Um grande Rei levado pela mão de um jovem Perto da Páscoa, confusão e uma faca: Há pólvora na torre para os cativos então, Três irmãos morrem; esta morte leva o último.

Henri III., Em seu acampamento em St. Cloud, será atingido pela mão de um jovem monge, *Joyne* pode facilmente ser um erro de impressão para *Moyne* . Jacques Clément tinha 25 anos. Ele veio direto de receber a comunhão (*non loin de Pasque*). Ele pensou que estava prestando um serviço a Deus (*confusão*); ele o golpeou no intestino grosso com uma faca. O crime será cometido quando os parisienses forem isolados (*captifs*) pelo assediador do Rei e sua vingança estiver pronta para cair sobre

suas muralhas. Este assassinato completa as mortes violentas dos três filhos, a questão de Henri II. e Catherine de Medici.

Não há ocasião de chamar a atenção para a notável lucidez dessa previsão, uma vez que as dificuldades linguísticas de sua transmissão tenham sido cuidadosamente resolvidas. As torres em meia-lua projetando-se em intervalos da parede, como na Haute Ville, Boulogne, representam bem a *husne* , ou torre de vantagem, na quadra, elas precisam apenas de um escudo ou belvidere adicionado.

MORTE DE HENRI III. (2 DE AGOSTO DE 1589). [EU. 103.]

Presságio 58.

Le Roy-Roy n'estre, du Doux la pernicie, 1 L'an pestilent, les esmues 2
nubileux. Tien 3 qui tiendra, les grands non letitie, 4 Et passera terme de
cavilleux. 5

Tradução .

Duas vezes o Rei morre, pela mão de Clemente é morto; Guerra e revolta tornam o ano pestilento.

Segure quem pode, o grande opor não está bem, Viva o riso e ensine os caviladores.

Esta é uma profecia muito singular. Henri III., Rei, primeiro da Polônia, depois da França, é estranhamente chamado de *Roy-Roy* . *Le Doux* é um excelente sinônimo para *Clément* , todos devem admitir. O ano foi atormentado por guerras civis e religiosas, e os *campeões* (*les esmues*) começaram a ficar ansiosos com as consequências. Vamos Henri IV. segure firme o seu próprio cetro liliado: "Deixe Curzon holde o que Curzon Helde" seja seu lema. O tempo já passou para os nobres católicos (os

avós) para cortejar a Lætitia. O rei pode rir agora das risadas do Guise; quem ri por último ri melhor.

O assassinato por Clément do rei anti-papal, Henri III., Seguiu-se muito perto da criação de Clubes Jesuítas em Paris sob sanção papal (Elliot's *Horæ Apoc* , iii. 321). Os púlpitos também foram ocupados por pregadores clericais de sedição e derramamento de sangue. Precisamente duzentos anos

depois, a Bastilha foi tomada e nos clubes jacobinos daquela época foram pendurados, diz Alison, os quadros de Clemente e Ravaiillac, nos quartos sombrios do antigo convento, onde se encontraram como pássaros noturnos doentios. Homens, e dentro de pequenas coroas abaixo de cada imagem podem ser vistos inscritos as palavras, "Ele teve sorte; ele matou um rei." Isso é tão sentimental, mesquinho e petulante, que levaria ao riso qualquer grande mente bem-humorada, fosse pela escravidão de malignidade que acompanha tudo que cai das línguas daquele saco de répteis recolhido do monturo jacobino, enquanto eles avançavam um por um envenenando e envenenando.

Notas de rodapé

80: 1 Palavra antiga para *jamaïs* , nunca.

80: 2 Latim, *a* . de.

81: 1 Bouys [*Oráculos* , p. 103] diz que só o rei tinha direito a uma viseira de ouro puro. Eu acredito que isso seja puro absurdo. Seria um pouco mais forte do que chumbo. Significa apenas um casco dourado, e acho que alguns dos relatos dizem isso em outras palavras. Se Bouys estivesse certo, o rei cortejava a morte.

81: 2 Grego, κλάσις, quebrando ou cortando.

81: 3 Latim, *una* , o um ou o primeiro.

82: 1 Ver também Brantôme, *Vie des hommes illustres de son temps* .

84: 1 *Qu'en* , para *qui en* .

84: 2 Romance, para *lutte* .

84: 3 *Porté* , pour remporté.

84: 4 Latim, *subito* , de repente.

84: 5 Romance, *surprins* for *surpris* .

87: 1 Romance, *surprins* = *surpre* .

88: 1 Latim, *exspoliare* , totalmente despojado. 88: 2 Romance, para *pris* .

88: 3 Romance, *hostaige* , maison, house, palace.

88: 4 Romance, *níveis* , terceiro.

88: 5 Latim, *trucidare* , corte a garganta.

88: 6 Latim, *inconditus* , disperso.

89: 1 grego, σάρκος, caixa de madeira, caixão,

89: 2 *Sortiront bas* , para *d'en bas* .

89: 3 Latim, *infernus* , subterrâneo.

90: 1 Romance, *vefve* , veuve. A palavra é feita aqui para se aplicar à esposa, Maria Stuart, a quem ele deixa viúva sem filhos. O esforço gramatical é um tanto violento; mas *vef* ou *veuf* é a forma masculina, então há muito pouca escolha dada.

90: 2 Na quadra, isso deve ser escrito *eage* , como está no tipo de texto, ou a linha não será digitalizada.

90: 3 *Près*, para *après*.

90: 4 É assim que M. le Pelletier renderiza a última linha.

92: 1 Italiano, *piloto* , piloto.

92: 2 Latim, *mandatus* , nomeado para um cargo.

92: 3 Latim, *classis* , frota.

92: 4 Romance, *contrebandé* , marcha em banda contrária.

92: 5 *Ordo* é, *Venise craindra une armie de barbares qui viendra* .

93: 1 Esta linha tem 30 centímetros de comprimento. Garençières lê:
Le coup volant luy crevera un œil.

94: 1 *Noir* , anagrama de *roi* , cortando *n* .

94: 2 *Arcos tendus* , arcabuz.

94: 3 Latim, *tantum* , muito.

96: 1 O sobrenome do Papa Gregório XIII. foi Hugo Buon-Compagni. Em 13 de maio de 1572, foi nomeado Papa. Ele assumiu o nome de Gregório em respeito a São Gregório Nazianzen. Ele fez com que a Igreja encorajasse o assassinato de reis refratários; ele promoveu o massacre do dia de São Bartolomeu, que Sir Paul Rychaut, o historiador dos papas, nem mesmo menciona na vida de Gregório. Ele apenas diz no final que "ele pode ser contado entre os bons papas". Como Buon-Compagni era um bom advogado antes de se tornar um bom papa, ele foi pré-qualificado para uma carreira virtuosa em qualquer ramo da vida. Ele reconfirmou a excomunhão da Rainha Elizabeth; ele retificou o calendário que leva seu nome, - o gregoriano. O Colégio dos Jesuítas foi concluído por ele em Roma, dedicado de forma tão estranha

Religioni et bonis Artibus.

Em sua época, o Japão foi, por esforço missionário jesuíta, trazido para dentro dos limites da Igreja: uma sagacidade observou que o verniz japonês foi introduzido na Europa e o verniz cristão no Japão. Ele morreu aos 83 anos e, até o fim, quase conseguia montar a cavalo sem a ajuda de seus servos. Seu lugar de aposentadoria, diz Rycaut, foi Frescati, a cerca de 16 quilômetros de Roma, onde agora fica o Palácio Borghes, e então se chamava *Monte Dragone* - um nome mais adequado para a residência do *Velho Verme* do massacre de São Bartolomeu. --V. Paul Rycaut, "Lives of the Popes", ed. 1689, vol. ii. p. 163

99: 1 soará em vôlei completo.

99: 2 Essas cartas são interpretadas pelos antigos comentaristas e Guynaud (p. 107) como significando a paz concluída com Filipe II. da Espanha: V., cinq, S., successeur, C., Charles *isto é* , sucessor de Charles Quint.

102: 1 Romance, *vefve* = *veuve* , viúva.

102: 2 Latim, *qui* , celui qui.

102: 3 Latim, *ductus* , led.

102: 4 *Appaiser* , para pour apaiser.

102: 5 *Pourchas* , palavra antiga, perseguição, intriga ativa (*proquassatio*).

102: 6 Razes, padres e monges tonsurados (*têtes rasées*).

103: 1 grego, πεσσικός, draft-playing ou jogo de azar. A palavra foi aplicada aos jogos pelos gregos, conforme encontramos uma história em Plutarco [Liddell e Scott, Lex.], Exibindo Hermes jogando damas (no πεσσευτήριον) com Selene, e ganhando cinco dias, que ele acrescenta ao ano . Guynaud (p. 119) lê *poche* , que considero um abscesso, lobo ou úlcera devoradora; tanto ele quanto Le Pelletier o interpretam como significando a Polônia.

103: 2 *Plaindre* , para se plaindre.

104: 1 *Guire* . Ninguém explica essa palavra e, no entanto, parece que ela precisa muito dela. É dado por Roquefort, a partir de governador, general. Líder, ou podemos dizer *dux* , para o Duc d'Alençon. É realmente um guia ou um guia. *Guber* , *governa* , *guia* , sendo todos os três cognatos.

104: 2 Latim, *decisus* , cortado, cortado.

104: 3 Este termo é aplicado à Polônia por Nostradamus em alusão ao seu trono eletivo, que se tornou puramente venal - algo que finalmente passou a ser jogado como um risco de dados. Mas, curiosamente, a menos autêntico leitura *poche* é quase igualmente descritiva - uma queima úlcera comer no corpo político até que ele destrói.

105: 1 Latim, *virtuosos* ; de acordo com M. le Pelletier "vigoroso". O latim clássico não tem essa palavra, e o latim inferior significa *probus, bonis moribus et virtute præditus* . Nostradamus provavelmente significava que *vertueux* , em francês antigo, era equivalente a *robuste* .

105: 2 *Aloi* , a qualidade da substância de um metal. A batalha dos etimologistas franceses é muito instrutiva sobre essa palavra, como pode ser visto em Littré. Claro, entretanto, vem de *à loi* , conforme a lei. Mas acho que há um erro de impressão e que devemos ler *toute loi = toute la loi* . Guynaud (p. 122) lê *loi* na segunda linha para *foy* . Podemos supor que essa variante foi introduzida para corrigir a quarta linha, e foi apenas por um "diabo" levado para a segunda, pelo que aquele diabinho travesso planejou deixar dois erros no lugar de um. Em alguma confirmação disso, o tipo de texto diz *tout à loy* .

109: 1 Latim, *ira* , raiva.

109: 2 Ordo, *deux mourront par ire*, etc.

110: 1 Romance, *prins* , pris.

110: 2 Romance, *joyne* , jeune homme.

110: 3 Romance, *cultre* , couteau.

110: 4 Latim, *perpetratio* .

110: 5 *Husne* , uma pequena torre ou belvidere. 110: 6 Romance, *murtre* , *meurtre* .

111: 1 Latim, *pernicias* , destruição.

111: 2 Romance, *esmues* , émus, sedicioso.

111: 3 *Tien* , para *tienne* .

111: 4 Latim, *Lætitia* , alegria, prazer e jogo em *Lutetia* , Paris. 111: 5 Romance, *cavilleux* , *cavillers* .

Henri Quatre

A VINDA DE HENRI IV. (2 DE AGOSTO DE 1589). [EU. 105.]
Século IX Quadra 50.

Mendousus 1 tost viendra à son haut regne,
Mettant arriere un peu les Norlaris: 2
Le rouge blesme, la masle à l'interregne,
Le jeune crainte, et frateur Barbaris.

Tradução .

Mendousus logo chegará ao seu alto domínio, Atrasando
um pouco os de Lorraine.
O velho cardeal pálido, o homem do interregno,
O jovem tímido e o bárbaro alarmado.

HENRI IV. o herege Vendôme, mudou de religião três vezes, Jeanne d'Albert, sua mãe, criou-o como protestante. Para escapar do dia de São Bartolomeu, ele professou o catolicismo, em 1572. Em 1576, ele se voltou para o protestantismo, para chefiar o partido calvinista. Ele se declarou católico para assumir o trono da França. Através da lei sálica ele ascendeu, com exclusão dos príncipes de Lorraine (*Nolaris*). Desse modo, ele *excluiu* o velho cardeal de Bourbon, pálido (*blesm*) com a idade, o duque de Mayenne, tenente-general do reino durante o interregno, o jovem duque de Guise e o bárbaro selvagem Filipe II. da Espanha, que tinha pretensões

à coroa por meio de Elizabeth, sua esposa, filha de Henrique II.
O cardeal é *vermelho* por causa do vestido de todos os cardeais. Philip se aliou aos Guises. e apoiou a Liga Católica.

A DEPRESSÃO DA FAMÍLIA DE DE GUISE (1589-1593). [EU. 107.]
Século X Quadra 18.

A fileira de Lorrain dará lugar a Vendosme, A parte superior abaixada, e a inferior colocada, O filho de Mamon será esleu 1 em Roma, E os dois Grandes serão derrotados.

Tradução .

A casa de Lorraine cede ao Vendôme, O alto rebaixado, o rebaixado
elevado ao invés, O filho de Mamom eles elegem em Roma, E os
Pretendentes ambos estão inadimplentes.

A casa de Lorraine foi eclipsada pela de Vendôme. Mayenne, o chefe, é
humilhado, e *le petit Béarnais* , Henri IV., Ascende ao respeito e ao poder.
Este herege filho de Mamom é aceito por escolha em Roma para Rei da
França, e nenhum dos Pretensores jamais será rei.

O cardeal de Bourbon havia sido proclamado rei pela Liga, como Carlos X.,
mas ele estava morto em 1590. Isabella, filha de Filipe II, era incapaz pela
lei sálica. De modo que os únicos dois restantes eram o Duque de Mayenne
e o jovem Duque de Guise. Eles foram excluídos por Henri IV. e nunca
alcançou o trono.

HENRI IV. PROTESTANTISM DE ABJURIES (21 DE JULHO DE 1593).
[EU. 108.]

Presage 76.

Par le legat du terrestre et marin, Le Grande Cape 2 à tout s'accommoder;
Estre à l'escoute tacite 1 Norlarin, 2 Qu'à 3 son avis ne voudra
accorder.

Tradução .

Diante do legado da terra e do mar,
Henrique , o Grande, cederá a todos os requeridos: Mayenne a todos ouvirá
e não dirá uma palavra, E nada concederá por sua própria vontade.

Sisto V. ousadamente fulminou uma excomunhão contra Henri Quatre, o
grande Capeta, mas este último subscreve tudo o que é exigido pelo legado
daquele que pode ligar e desligar tudo na terra e no mar. Ele abjura o
protestantismo em St. Denis, em 25 de julho de 1593, oficiando o arcebispo
de Bourges. O Duque de Mayenne (a *Lorena*), TenenteGeneral da França e
Mestre de Paris para a Liga, observará em silêncio e, tanto quanto puder,
impedirá que Paris receba o rei. A cidade não abriu seus portões para ele até
22 de março de 1594, oito meses após a abjuração.

MARSELHA TOMADA PELOS ESPANHOS (17 DE FEVEREIRO DE 1596). [EU. 109.]

Século III Quadra 88.

De Barselonne par mer si 4 grand' armée, Toute Marseille de frayeur
tremblera: Isles saisies, de mer ayde fermée, Ton traditeur 5 en terre nagera.
6

Tradução .

De Barcelona virá uma grande frota,
E o terror atacará a cidade de Marselha:
As ilhas foram tomadas, e a ajuda pelo mar cortada, Mas o traidor foi feito
nadar na terra.
Uma frota espanhola de uma dúzia de galeras, comandada por Charles
Doria, foi enviada por Filipe II. para ajudar os campeões. Ele tomou posse
das ilhas Chateau d'If e Ratonneau e, assim, cortou toda a ajuda para o mar.
Charles de Casau (*le traditeur*) era cônsul e propôs colocar a cidade nas
mãos dos espanhóis; Pierre Libertat, no entanto, o atingiu com uma espada,
e a população arrastou o cadáver pelos canais enlameados das ruas.

Guynaud se refere ao mesmo evento como cumprimento desta quadra no
tempo de Henri IV. Mas por um erro de impressão dá 1536 em vez de 1596.
As ilhas que ele menciona são as de São Honnorat e de Santa Margarida. O
pretensioso *Imperial Gazetteer de Black* afirma apresentar um plano da
cidade, e você vê várias ruas de aletria sem nome correndo por toda parte,
mas nenhuma ilha ao largo da costa é visível. Pode-se supor, no entanto,
que as ilhas estão lá, e que todas as quatro foram ocupadas pelos espanhóis.

PUNIÇÃO DE BIRON (2 DE DEZEMBRO DE 1602). [EU. 110.]

Sixain 6.

Quand de Robin 1 la traisteruse enterprise, Mettra Seigneurs et en peine un
grand Prince, Sceu 2 par la Fin 3 chef on lui tranchera. La plume au vent,
amye clans Espagne, 4 Poste 5 attrappé estant clans la campagne, Et
l'escrivain clans l'eaüe se jettera.

Tradução .

Quando a traição e o ato desastroso de Biron, Shall colocar o rei Henrique e seus senhores com medo, Lafin o trai, e o rei decapita.

Traição enviada para a Espanha em amizade, 1 A transportadora foi pega quando ele entrou na França, 2 E o escrivão se lançará na água.

Uma coisa deve ser cuidadosamente mantida em relação aos Sixains, que eles foram apresentados a Henri Quatre e impressos pela primeira vez em 1605. Isto é, o) apareceu pela primeira vez três anos depois de isso ter acontecido. Para os cétricos, eles não podem fornecer autoridade, mas para os homens comuns, que procuram apenas evidências comuns, parecerá que há muito pouco quanto ao estilo que não surgisse apropriadamente da pena de Nostradamus; e, além disso, que se eles são falsificações, os falsificadores não aproveitaram seu conhecimento dos eventos para tornar as profecias mais claras ou impressionantes. Eles são tão enigmáticos como se nosso autor os tivesse escrito, e eu acho que o bom senso geralmente se contentará em aceitá-los pelo que valem e os considerará provavelmente genuínos "

Guynaud em sua *Concordância* , p. 137, dá um relato completo e interessante de Biron; extraído principalmente de Davila, Montluc, De Thou, Mezeray, Le Père Anselm, e assim por diante,

onde o leitor pode consultar para mais detalhes, se interessado. Posso apenas notar que copiei a data de 2 de dezembro de 1602, de Le Pelletier, mas que Moreri dá a data da decapitação de Biron como 31 de julho de 1602, no Tribunal da Bastilha. O nome do mensageiro (*poste*) era Picoté, natural de Orleans, vendido, como dizem, ao rei da Espanha (Guynaud, p. 140).

onde o leitor pode se referir para mais detalhes, se interessado. Posso apenas notar que copiei a data de 2 de dezembro de 1602, de Le Pelletier, mas que Moreri dá a data da decapitação de Biron como 31 de julho de 1602, no Tribunal da Bastilha. O nome do mensageiro (poste) era Picoté, natural de Orleans, vendido, como dizem, ao rei da Espanha (Guynaud, p. 140).

Garencières tem (p. 464) uma anotação muito elaborada sobre esta estrofe, dando toda a história de Biron e Lafin em vinte e oito páginas fólho. Biron

parece ter sido um homem vaidoso, violento e tolo, embora de grande coragem e audácia na guerra, o que o tornou altamente valorizado por Henrique IV. Depois de Amiens, ele se recusou a acalmar as cidades da Picardia, a menos que sua estátua fosse erguida em latão diante do Louvre. Sua súbita prosperidade havia mudado sua cabeça. As propostas traiçoeiras com a Espanha eram que ele teria uma filha do duque de Sabóia em casamento, 500.000 coroas e direitos soberanos na Borgonha. Isso foi negociado por meio de Lafin; e Lafin contou ao rei. Todo o julgamento é dado, com a defesa de Biron em resposta, que é audaciosa e eloqüente, mas muito dela é altamente contraditória. Ele foi condenado e executado no tribunal da Bastilha, em 31 de julho de 1602, que coincide com Moreri. O soldado supersticioso, ignorante, violento, mas hábil, sai de forma mais característica. Ele mostra na emergência grande rapidez de pensamento, decisão e presença de espírito; mas um julgamento deficiente, muito pouco princípio e uma presunção avassaladora que, encorajada pelo sucesso, quase se fundiu na loucura. Um homem desse tipo é sempre um composto de inconsistências; conseqüentemente, ele disse ao chanceler, ao falar da morte: "Não tenho medo dela há vinte anos." E isso era verdade, quando em guerra, um duelo ou sangue quente; mas no tribunal da Bastilha ele foi pensado para mostrar grande medo de morrer. Na vida anterior, ele se admirava de si mesmo por não temer nada com o golpe de uma espada, embora muito nervoso com a picada de uma lanceta, quando tinha a oportunidade de "deixar sangue", como costumavam dizer. O medo da morte está mais na apreensão; mas a apreensão é maior, talvez se possa dizer, dos maus no sangue frio, e dos bons na violência, e quando o sangue está quente, se apenas a menor pausa der tempo para que a reflexão entre. Garençières observa que a maior coragem e robustez de um homem não é nada em comparação com a fraqueza da natureza humana.

Duas das aventuras de Biron com astrólogos são muito características dos costumes da época, conforme relatado por Guynaud [pág. 137, etc.], que penso que o leitor não deve ser privado deles. Tudo o que é estranho e atrai a atenção deve conter algo de humanidade e retribuir o recorde, embora algumas pessoas superiores possam desprezar tal insignificância. Eu os darei correndo o risco de percorrer esta anotação muito extensamente.

Quando estava na corte com seu pai, aos dezoito ou vinte anos, ele duelou e matou seu homem. Ele teve que se esconder para isso, até que seu pai pudesse processar seu perdão, por meio do duque de Espernon, a quem felizmente o pai era conhecido. Ele se disfarçou de carteiro e, com esse traje, consultou um astrólogo chamado La Brosse, que vivia em um sótão no alto de uma casa perto do Luxemburgo. Disse ao homem que precisava do horóscopo de seu mestre. La Brosse disse a ele que um dia ele seria um grande homem, na verdade, poderia quase ser rei, se não fosse um *caput algal* que o *atrapalhava*. O que era isso o homem não explicou. Biron, no entanto, continuando a pressionar muito, fez com que ele finalmente dissesse que seria decapitado em um cadafalso. Com isso, ele explodiu com a falta de julgamento que ele mostrou durante toda a sua vida (quarenta anos ao todo) e espancou o velho impiedosamente, deixando-o quase morto. Ele o trancou maliciosamente em seu quarto, levou a chave com ele e chutou para baixo a pequena escada que dava acesso ao loft. Mas ele ainda acreditava no que havia sido comunicado.

Em outra ocasião, ele consultou César, que na época era considerado o astrólogo mais hábil da França. Esse homem também afirmou que teria sorte em quase tudo. Exceto por um golpe de um borgonhês pelas costas, ele poderia até ser rei. Mas ele não conseguiu arrancar dele mais uma palavra.

Quando foi confinado na Bastilha, um amigo o visitou e Biron pediu-lhe que averiguasse para ele de que parte do país era o carrasco de Paris; e quando ele voltou e lhe disse que era um borgonhês, Biron mudou de cor e disse "Não haverá prorrogação então; estou praticamente morto."

Agora, quanto ao cumprimento das duas últimas linhas. Parecerá que minha tradução está correta e que o escrivão se jogará na água. O escrivão acabou sendo um homem chamado Nicholas l'Oste, nascido em Orleans, secretário de Lord Villeroy, Secretário de Estado Chefe, que, achando-o uma pessoa muito capaz, confiou nele muito, e tanto mais que o pai de Oste passou a maior parte de sua vida a seu serviço. Quando Lord Rochepot estava começando como embaixador para a Espanha, Oste implorou para acompanhá-lo como secretário. Villeroy o recomendou imediatamente e ele

ficou noivo. Em poucos meses, ele dominou a língua com tal perfeição, e se acomodou tão completamente aos costumes espanhóis, que poderia muito bem se passar por um verdadeiro espanhol. Quando Rochepot conseguiu ratificar o tratado de Vervins, por cinquenta coroas cada - para distribuir entre sua suíte, como ele achasse adequado. Oste estava tão cheio de si que pensou que deveria ter um deles, mas seu mestre pensava o contrário; no qual, diz Garençières, "o Diabo se infiltrou em sua alma" e, como ele queria dinheiro para suprir suas devassidões, decidiu trair os segredos de Estado que passavam por suas mãos.

Em vista disso, dirigiu-se a Dom Fanchese, secretário de Estado, e fez suas propostas, mas o digno espanhol, por uma razão ou outra, o recebeu com frieza. "O rei católico tinha boa amizade com o mais cristão e não precisava saber mais do que o embaixador francês deveria comunicar a ele." Nada desanimado, nosso traidor corre para Don Ydiaques, outro secretário, e lá é recebido com excelente recepção. Ele foi apresentado ao Duque de Lerma, a quem traiu o Alfabeto das Cifras. Ele recebeu mil e duzentas coroas no local, e foi-lhe prometido o mesmo valor como pensão anual. Por seu intermédio, o Conselho espanhol conheceu o conteúdo de todas as instruções francesas assim que o próprio embaixador. Quando a missão de La Rochepot terminou, Oste voltou ao serviço de Villeroy, e assim foi capaz de manter correspondência com a Espanha. Tuxis foi embaixador da Espanha em Paris, e depois dele Dom Baltazar de Caniga. Com esses homens ele estabeleceu uma intimidade íntima, de modo que finalmente o Conselho na Espanha recebeu suas cartas antes que Des Barreaux em Madrid pudesse receber as de Henrique IV.

Des Barreaux disse ao rei que agora ele sempre foi impedido. Oste deixara um certo réprobo Raffis entrar em seu segredo, e esse sujeito, que havia sido banido, a fim de obter uma suspensão da pena, traiu Oste para Des Barreaux. Quando ele obteve seu perdão, ele abandonou o nome de Oste. Raffis veio a Paris para se comunicar com Villeroy, e as ordens foram dados para deter os dois mensageiros espanhóis que haviam chegado aos correios. Eles então mantiveram uma vigilância sobre Oste, que estava "fazendo suas devoções na Casa da Carta de Paris", - excelente católico, conspirador como era. Ao chegar ao correio, ele logo descobriu que foi traído; e Descartes,

que deveria vigiá-lo, não o perdeu de vista até que o trouxe para a casa de Villeroy. Quando lá, ele pensou que seu homem estava seguro e foi anunciar sua captura a Villeroy. Oste imediatamente correu para o estábulo, onde seu cavalo estava, ainda selado, e partiu galopando. Um grito e um grito logo surgiram. Oste arranhou um disfarce espanhol no De Cuniga's e partiu rapidamente para o Luxemburgo. Chefes do correio foram proibidos de deixar cavalos para qualquer um; mas em Meaux o agente do correio recebeu a ordem tarde demais, pois Oste já estava a cavalo, mas assim que começou a galopar, seu cavalo caiu sob ele. Seu olhar de consternação impressionou o postilhão que o acompanhava, e ele disse isso a seu mestre quando voltou. O agente do correio disse ao xerife, que veio com ele na segunda balsa dela *Ferte sous Jouare* ; mas ele já estava no barco, e ameaçando a vida do barqueiro, o homem o colocou em terra, apesar das ordens do xerife, gritou para ele da margem. Ele correu para os arbustos e arbustos perto do Marne, na esperança de escapar na escuridão da noite, o xerife espalhou seus homens por toda parte, ergueu todo o lado do país e fez fogueiras serem acesas em todas as direções. Oste rastejou de arbusto em arbusto, mas, acidentalmente ou intencionalmente, caiu no rio Marne e se afogou. Seu chapéu foi encontrado no dia seguinte, parado entre dois postes, e seu corpo dois dias depois. Portanto, estar próximo da carreira de um covarde talentoso é um exemplo salutar de justiça retributiva e não deve ser facilmente deixado de fora das lembranças dos homens. Horace acha que a justiça do pé manco sempre tropeça no pecador. Não há dúvida, se pudéssemos ver os dois mundos; mas, como não podemos, gostaria que aqui o pé coxo fosse consideravelmente menos coxo. Na Inglaterra, a lei e os advogados, suas duas muletas, parecem reduzir a Justiça a um incapaz gotosa. Com o nosso novo Palácio da Justiça, a moral de um Tribunal parece ter se dado conta de nós.

POPULARIDADE DE HENRI IV. (DEPOIS DE SUA MORTE). [EU. 112.]

Século VI Quadra 70.

An chef du monde le grand Chyren₁ sera, Plus outre après aymé, craint, redouté; Son bruit et los₂ les cieux surpassera, Et du seul titre victeur₃ fort contenté.

Tradução .

O chefe do mundo Henri le Grand será,
Mais amado na morte do que na vida, mais honrado ele: Seu nome e louvor
se erguerão acima dos céus, E os homens o chamarão de vencedor quando
ele morrer.

A auto-estima francesa sempre se apropriou da França um trono de
preeminência além de todos os outros tronos. Se fosse possível, eles
colocariam o deles acima do de Júpiter. Eles fingem um desprezo mais viril
pelos reis. Mas o trono, você deve se lembrar, é obra de *sans culottes* ,
franceses

marceneiros e, portanto, a melhor coisa desse tipo no universo, e portanto,
chef du monde . Se Nostradamus não for profeta para você, pelo menos
deve admitir que ele era francês. O francês chicoteia o velho mundo, e o
americano chicoteia a criação. O resto de nós pode esperar uma eternidade
de castigo corporal, apesar da abolição nominal da escravidão. Condillac
fornecerá a distinção lógica, que estabelece a honra do trono, quando um
desprezo varonil foi devidamente engendrado pela santidade da majestade
do rei. Democrata honesto! Você lê Condillac?

Um dos *aborrecimentos* retóricos de Voltaire na *Henriade* , que os franceses
são tão indulgentes a ponto de chamar não apenas de verso, mas de poesia,
é ...

"Ele foi o vencedor e o pai de seus súditos." "Ele era o papai e conquistador
de seu povo."

Quando nosso Charles II. foi tratado como "o pai de seu povo", ele disse
que pensava que poderia ser de muitos deles. Mas Henri Quatre é uma
criatura nobre demais para que qualquer homem bom e sábio deseje pensar
muito em seus infiéis. Que contraste entre ele e os Napoleões!

Notas de rodapé

113: 1 *Mendosus* , anagrama de *Vendosme* (o u pé para v é claro), O -tipo
texte lê *Mandosus* ; mas como *Mendosus* é o anagrama perfeito de

Vendosme e também torna o significado da palavra latina *cheio de falhas* , é melhor ler *Mendosus* .

113: 2 Norlaris, anagrama de *Lorrains*, o patronímico da família Guise.

114: 1 Romance, *esleu* , *eleito* , escolhido.

114: 2 Cape, para *Capet* , um descendente de Hugh Capet.

115: 1 Latim, *tácito* , silenciosamente.

115: 2 *Norlarin* , anagrama para *Lorrain* ; aqui representa o Duque de Mayenne,

115: 3 *O quê* para *quem* .

115: 4 Romance, *si* for *très* , very.

115: 5 Latim, *traditor* , traidor.

115: 6 Seu corpo será arrastado pelas ruas na lama das sarjetas.

116: 1 Robin, anagrama de Biron.

116: 2 Romance, *sceu* para *su* , conhecido.

116: 3 *Lafin* era o nome do secretário, cúmplice de Biron.

116: 4 O ordo aqui está *na Espanha amye* que significa, então em paz com Henrique IV.

116: 5 Romance, *correio* , mensageiro, postilhão.

117: 1 *La plume au vent* é suposto por le Pelletier para representar *currente calamo* . Eu prefiro pensar que significa a pena (asa) ao vento. Foi escrito com uma pena e começou seu caminho como um pássaro voa; mas *irrevocabile semel emissum* . Devemos entender que essa linha se relaciona com a traiçoeira cumplicidade de l'Oste com a Espanha, da qual será feito um relato mais adiante. Além disso, *o escritor* , na última linha, representa o mesmo indivíduo.

117: 2 Veremos que os dois mensageiros espanhóis foram presos nos correios de Paris. Le Pelletier confunde tudo isso por não saber que o Oste é o escrivão, então ele aplica isso ao caso de Lafin, cujo mensageiro, ao transportar despachos espanhóis, os jogou no rio quando foi perseguido. Infelizmente, quando ele se encontra na dificuldade em que isso o envolve, ele vira até que forçou as palavras a se encaixarem em sua visão errônea. Ele teria muito melhor explicado a dificuldade e dito que não poderia harmonizar o texto. Mas ele raramente viaja assim.

123: 1 *Le Grand Chyren* é o anagrama de *Henri le Grand* . Antes de subir ao trono, ele tinha o nome de Vendosme, de seu pai Antoine de Bourbon, duque de Vendôme e rei de Navarra. No primeiro Quatrain da série, *Henri Quatre*, *Vendosme* foi anagramaticamente dado como Mendosus; quanto a *Chyren* , é o anagrama preciso de *Henri* , conforme soletrado na antiga língua *Henric* , do latim *Henricus* . Numerosas etimologias foram atribuídas a Henry. Camden o derivou de *homenageado* , Verstegan do teutônico *Han* , um refúgio, e *Rice* , saxão para ricos. Killian escreve *Heynrick* , ou *Heymrick* , casa rica. Isso está quase certo, mas agora é geralmente considerado que *rick* significa poderoso; então chefe de uma casa ou distrito.

123: 2 Los, palavra antiga para glória. Latim, *laus* .

"Para a sagrada divindade,

Let *los* , honor, et potesté."

O mistério dos atos dos apóstolos . 123: 3 Latim, *vencedor* , conquistador.

Luís XIII

(1610-1643.)

PUNIÇÃO DA GRANDE MONTMORENCY (30 DE OUTUBRO DE 1632.) [I. 113.]

Século IX. - Quadra 18.

Le lys Dauffois₁ portera₂ dans Nanci
Jusques en Flandres electeur de l'Empire;
Neufve obturée₃ an grand Montmorency,
Hors lieux prouvés₄ delivré₅ á clere peyne.₆

Tradução .

O delfim carregará seus estandartes de lírio para Nancy, assim como em Flandres o eleitor de Trêves será levado prisioneiro dos espanhóis para Bruxelas. Uma nova prisão será dada ao grande Montmorency, que será entregue para execução nas mãos de Clerepeyne. Este homem o decapitará em um local não dedicado a execuções.

Eu fiz isso em prosa, já que só poderia render doggerel engenhoso em verso. Luís XIII., De quem pode-se observar que foi o primeiro a portar o título de Delfim de França desde a publicação do Século IX, em 1506, entrou em Nancy em 25 de setembro de 1633, um dia depois de seu exército. Em 1635 entra na Flandres em nome do eleitor, que os espanhóis tinham, a 26 de março desse ano, levado prisioneiro para Bruxelas. Nostradamus então reverte para 30 de outubro de 1632, quando o grande Montmorency foi executado por rebelião, sendo primeiro confinado no recém-construído (*neufve obturée*) Hotel de Ville em Toulouse. No pátio deste edifício, Clerepeyne, um soldado, deve cortar sua cabeça, e não, como deveria ser o caso, no local designado para as execuções públicas, como foi La Givie em Paris.

Acontece que o nome de Clerepeyne é plenamente atestado por Étienne Joubert e pelo Chevalier de Jant, ambos contemporâneos do evento. Além disso, M. Motret trouxe à luz, após minuciosa pesquisa histórica, que a família, por solicitação do Rei, poderia obter apenas duas concessões de mera formalidade - que a execução deveria ser a portas fechadas, e por um soldado no lugar do carrasco comum. O *lugar publique* ou *marché* seria o lugar mencionado no despacho oficial.

Se o leitor der com cuidado sua atenção para o desvio total desta quadra, quando a mera dificuldade da contorção verbal foi resolvida, ele deve sentir que o prognóstico deve ser considerado como um dos mais surpreendentes oráculos já apresentados na história. Um rei francês leva Nancy. O Eleitor de Trêves é cegado entre a França e a Espanha, como uma peteca de Estado; e então, pelo nome, vem a execução do grande Montmorency, detalhado com, é verdade, a brevidade de Tácito, mas, quando entendido, com uma felicidade singular de detalhes implícita nas palavras *fecundas neufve obturée* , da prefeitura recém-construída.

Ele não é executado no mercado, mas no pátio central. Deixe *clere peyne* (*clara pæna*) representar apenas o *conquistador* célebre, a coisa ainda é prodigiosa além de todos os precedentes. Mas quando você sabe, além disso, que uma parte do método profético de Nostradamus consiste em usar todos os jogos de palavras possíveis, incluindo paronomasia e anagrama, e você descobre que o soldado que atuou como carrasco - um homem chamado por acaso para gratificar o sensibilidades quase absurdas da

família - era *Clerepeyne* , um nome que corresponde a um título com as duas palavras empregadas pelo profeta, então, de fato, a maravilha sobe no estupendo. Não pode ser comparado com as obras do indivíduo com quem estamos ocupados. É incrível, mas você deve acreditar. Não deve ser compreendido, mas deve ser aceito. Joubert, de Jant, o Cure de Louvicamp e Motret, todos contribuíram para sua confirmação histórica em linhas independentes. Foi impresso, sem possibilidade de contradição, mais de cinquenta anos antes de qualquer um dos eventos ocorrer. Clerepeyne nem poderia ter nascido na época em que seu nome foi publicado na prensa de Lyons. A mente que pode perceber todos esses detalhes, e então se contentar em recorrer ao acaso para explicá-los, ou ao fato verbal de que as visões devem ser visionárias - um axioma tão filosófico quanto, a propósito, como o "Ensaio sobre os milagres" de Hume é construído - é uma mente nada invejável, Essa incredulidade é mais espantosa do que a própria profecia. É mais fácil acreditar na profecia do que o filósofo que diz não acreditar. A torre está abaixo da ponte de Londres. Alguém já perguntou "por quê?" Esta quadra 18 do século IX. de Nostradamus é um fato tão verdadeiro quanto a Torre de Londres, e muito mais inexpugnável. Pessoas inteligentes vão se divertir com uma explicação; mas o fato substantivo pode permanecer sem qualquer, Alguém já perguntou "por quê?" Esta quadra 18 do século IX. de Nostradamus é um fato tão verdadeiro quanto a Torre de Londres, e muito mais inexpugnável. Pessoas inteligentes vão se divertir com uma explicação; mas o fato substantivo pode permanecer sem qualquer, Alguém já perguntou "por quê?" Esta quadra 18 do século IX. de Nostradamus é um fato tão verdadeiro quanto a Torre de Londres, e muito mais

inexpugnável. Pessoas inteligentes vão se divertir com uma explicação; mas o fato substantivo pode permanecer sem qualquer, até o dia da desgraça, se necessário. É apenas um papagaio humano, Platão Pry, o filósofo, que gostaria de nos fofocar sobre como, e assim ostentar outra pena emprestada em seu cérebro de penas - ou cantarolar para nós com outra abelha de seu chapéu; aquela colméia de insetos loucos.

A CONSPIRAÇÃO DE CINQ MARS (13 DE MARÇO DE 1642.) [I. 115.]
Século VIII Quadra 68.

Vieux Cardinal par la jeusne deccu,¹ Hors de sa charge sa verra desarmé,
Arles ne monstres² double³ soit apperceu; Et Liqueduct⁴ et le Prince
embausmé.

Tradução .

O velho cardeal é suplantado por um jovem e verá a si mesmo privado de suas responsabilidades e desarmado. [Le Pelletier renderiza]: Se Arles não mostrar, de uma maneira que deve ser visível, uma contraparte do tratado, então o homem que fará com que seja transportado por água será embalsamado, e o Príncipe também.

O que foi dito acima é a contorção a que Le Pelletier recorre para forçar o sentido que sem dúvida contém. Minha leitura proposta reduz a dificuldade.

O velho Cardeal Richelieu será suplantado pelo jovem Cinq Mars. Ele tinha apenas vinte e dois anos quando conseguiu essa intriga habilidosa da corte contra Richelieu,⁵ a raposa mais rusé da Europa, segundo o boato. Cinq Mars era seu próprio *protegido* e sem dúvida o lançou com um truque aprendido com seu mestre. Um jovem alegre da raça apta pode aprender essas coisas rapidamente. Mas quando o cardeal estava em Arles, soube que um certo tratado de traição foi negociado com a Espanha por seu rival em nome do irmão do rei, e isso tornado conhecido trouxe Richelieu de volta ao poder imediatamente. Agora, se lermos a linha

Arles, le monstre double soit apperceu:

Em Arles, que se descubra o diploma do monstro (tratado traiçoeiro),

ou o próprio Cinq Mars pode ser o monstro duplo - seria apenas uma emenda gentil em uma linha clássica, e faz sentido funcionar bem.

Richelieu voltou por água (*Liqueduto*) de Tarascon para Lyon, pelo Ródano, com sua cama no barco, mas doente de morte, carregando os prisioneiros Cinq Mars e De Thou com ele. No mesmo estilo desceu o Sena de Fontainebleau a Paris, onde morreu, dois meses depois, em 4 de dezembro de 1642. Luís XIII. morreu no dia 14 de maio seguinte. Ambos foram embalsamados, o que era costume na época. O Rei, quando morto,

torna-se Príncipe novamente, quando o corpo estava sem fôlego naquele 4 de dezembro. Le roi est mort, vive le Roy Louis XIV.

MELHORIA EM ARMAS DE FOGO (1630-1671.) [I. 116.]

Século III. - Quadra 44.

Quand l'animal à l'homme domestique, ₁ Après grands peines et sauts
viendra parler, Le foudre à vierge₁ sera sit₂ malefique, De terre prinse₃ e
suspendue en l'air.

Tradução .

Quando o cachorro,₄ depois de muitas tentativas, deve começar a pular e falar, o pó carregado pelo aríete espalhará destruição em volta (*sera très malefique*). O pó retirado da terra e explodiu no ar.

Quando a arma de fogo deve ter sido inventada depois de muitas tentativas, e deve falar pela boca da arma, com recuo [*sauts* , ou chute], depois que a carga de pólvora é bem dirigida para casa com a vareta, será mais assassina por explosão no ar. A invenção do mosquete data de 1630. As tropas, diz Le Pelletier, foram armadas pela primeira vez com ele em 1671. Nostradamus, deve-se observar, antecipa por uma engenhosa amplificação e perífrase o próprio nome *chien* , pelo qual os franceses designam esta parte da fechadura. Não teria servido ao seu propósito para o nome da mesma coisa em inglês. Essa antecipação do termo gíria da manufatura, cem anos antes de a própria coisa ser usada ou nomeada, parece mostrar uma intimidade com o que se chamaria de questão do acaso, que é inconcebível e além de toda compreensibilidade.

Não posso deixar de acrescentar aqui uma tradução das observações de Guynaud sobre esta quadra. Eles são, eu acho, os mais engraçados que ocorrem em todo o livro. Ele diz:

“Nostradamus nos avisa aqui que duas coisas prodigiosas vão finalmente acontecer: uma, que a indústria e o cuidado do homem chegarão a tal ponto que um animal doméstico, como o são os cães, terá que falar. Para imaginar isso isso pode ser pretendido com pássaros está completamente fora de

questão, pois eles estão excluídos da lista de animais domésticos criados por Deus para o serviço do homem, como os quadrúpedes são.

A profecia é *Quand après grande peine l'animal domestique viendra parler a l'homme et qu'il sautera* , - assim como os cães fazem ao se aproximar de seu dono. Mais uma coisa que não é menos espantosa deve acontecer: um demônio deve se misturar com pólvora e, de repente, transportar uma garota para o ar, quando ela permanecerá suspensa por possivelmente um dia inteiro, de acordo com estas palavras: ' *La foudre â vièrge sera si malefique; de terre prinse et surpendue en l'air* . Os críticos podem supor que isso significa que a menina será enforcada; mas não é assim, em minha opinião, porque a palavra *malefique* é derivada do latim *maleficus* , que por si só indica um espírito maléfico que se delicia em praticar o mal, como o diabo sempre é. "- GUYNAUD, "Concordances", p. 271.

Notas de rodapé

125: 1 *Dauffois* , para *Dauphinois* sinônimo, para *Dauphin* .

125: 2 *Portera* , para *supportera*, diz Le Pelletier. De minha parte, parece melhor deixar para sua versão natural, que ele levará suas cores para Nancy.

125: 3 Latim, *obturare* , para encerrar.

125: 4 *Prouvés* é para *approuvés*.

125: 5 *Delivré* , é para *livré*.

125: 6 Este é um jogo de palavras, não reconhecido por Garencières, pois ele não sabia que *Clerepeyne* era o nome do homem que cortou a cabeça de Montmorency, embora, é claro, Garencières esteja bem ciente do fato de que a quadra se refere a Louis XIII. e o grande Montmorency. Em latim *clara pæna* significa punição celebrada. Aqui está outro exemplo da menção de um nome de um indivíduo obscuro sobre o qual a história por um momento ilumina, e então o joga de volta na lama do lodo esquecido para sempre emblema apto para a Fama! Isso foi escrito, senão impresso, uns bons oitenta anos antes de Clerepeyne se tornar o cisco de um raio de sol naquele dia outonal tardio na história, quando a noite caiu fria nos telhados altos de Dauphiny.

128: 1 Latim, *decisus* , suprimido, cortado.

128: 2 *Ne monstres* . Acho que há um erro de impressão aqui no *tipo de texto* e que devemos ler *le monstre* .

128: 3 *Duplo* , diploma ou duplicata de um tratado.

128: 4 Latim, *ille aquâ ductus* , aquele que é levado pela água.

128: 5 Richelieu, se você examiná-lo pelo esplêndido retrato triplo de Philippe de Champagne, pendurado em nossa galeria, pode ser lido como se estivesse vivo por qualquer fisionomista que queira dedicar seu tempo a ele. Eu olhei muitas vezes, durante longos anos, com amigos talentosos e outros, e mais frequentemente ainda sozinho, naqueles olhos sem coração, atraídos irresistivelmente (só agora vejo por que) pela vasta discrepância entre o renome mundial deste Ministro francês , e seu rosto cinicamente mesquinho, vulpino, insensível, sem princípios, rancoroso, um arrogante de maneiras femininas, de um egoísmo e vaidade mesquinha desordenados, mas de um refinamento, mostrando a mais alta cultura social, uma língua que poderia gloar com as mulheres; ele poderia, por *lettre de cachet* , fecharam um Walsingham francês na Bastilha para evitar sua própria derrubada; mas, quanto a lidar com ele ou com Burleigh como estadista, como um igual em qualquer gabinete poderoso na Europa, pela força de caráter, ele não poderia ter feito isso. Artifício, apoiado pela força da França, e então se levantando em unidade de ação, ou ajudado por circunstâncias que amarraram as mãos de seu adversário, ele pode até mesmo lançar um gigante desprevenido. Richelieu era um inventor artificial, não um governante nato, se é que um rosto maduro de cinquenta anos pode ser um indicador do volume ou das memórias da vida de um homem.

129: 1 Organize essas palavras, *l'animal domestique à l'homme* , ou seja , o cão .

130: 1 latinismo, *fulmen à virgâ* , salitre; isto é, o pó e o bastão.

130: 2 Romance, *si* , sinônimo de *très* , very.

130: 3 Romance, *prinse* , prêmio , levado, trazido. 130: 4 O *chien* é o galo ou martelo da fechadura.

Luís XIV

(1643-1715.)

INÍCIO DE SEU REINO PESSOAL (10 DE MARÇO DE 1661). [EU.

118.]

Quatrain adicionado ao século X. .₁

Quand le fourchu sera soustenu de deux paux,₂
Avec six demy-corps₃ e seis sizeaux ouverts,
Le très puissant Seigneur, heritier des crapaux,
Alors subjuguera sous soy tout l'univers.

Tradução .

Quando um garfo é sustentado por duas estacas (isto é , V, *fourchu* , sustentado por duas estacas verticais, II. = M, mil) e seis meios chifres e seis tesouras se abrem (Budap, XXXXXX). (Metade chifre é o *cor de chasse* , ou chifre francês cortado ao meio, como um C, perfazendo um total de 1600).

O poderoso Rei, herdeiro dos sapos, subjugará ao seu poder todo o universo.

Estas duas primeiras linhas são desajeitadamente empregadas para fornecer a data, mas ainda estavam impressas cinquenta e cinco anos antes da data mencionada.

Mazarin morreu em 9 de março de 1661. No dia seguinte, Luís XIV. tornou-se pleno herdeiro dos lírios, tomou as rédeas do governo e sujeitou tudo à sua vontade.

Sobre isso, Le Pelletier comenta que os sapos, como símbolos da França, eram estandartes dos primeiros reis da raça merovíngia. As *flores-delis* foram introduzidas posteriormente, sob Clovis, filho de Childerico I., o fundador da monarquia cristã dos francos.

TRATADO DE WESTPHALIA, ETC. (1648-1661). [EU. 119.]

Século X. - Quadra 7.

Le grand conflit qu'on appreste à Nancy; L'Æmathien₁ dira, tout je soubmets;

L'isle Britanne par₂ vin sel en soucy;
Hem-mi₃ deux Phi₄ longtemps ne tiendra Metz.

Tradução .

Um grande conflito se aproximará de Nancy;
O Æmathion dirá, eu submeto tudo a mim;
A ilha da Grã-Bretanha ficará agitada por falta de força e sabedoria; Metz
não vai resistir por muito tempo aos dois Philips.

Nancy foi tomada em 1660 pelos franceses, quando destruíram as fortificações e as uniram à França. Parece-me que as duas primeiras linhas desta quadra deveriam ter formado as duas últimas, mas é bastante inexplicável como qualquer erro como esse poderia ter ocorrido. O leitor perceberá que existe uma diferença de cerca de doze anos entre as datas envolvidas nos dois dísticos, que, como são dadas, são contrárias à cronologia, e que para tal desarranjo nenhuma razão é atribuível. Se esta é a maneira pela qual as visões se apresentaram ao nosso vidente, não há razão para supor, como eu, que ele sacudiu as quadras separadas propositalmente para destruir uma sequência que as tornaria muito fáceis de interpretar. Pode ter sido um erro da impressora.

Já vimos qual é o significado clássico a ser atribuído a Æmathion - que se relaciona com o sol e com Alexandre, o Grande. Em Nostradamus, refere-se a Luís XIV. (*Louis le Grand*). Dele é de recordar que assumiu como seu emblema e o da França o sol, com o lema *Nec pluribus impar* . Ora, o sol, na linguagem dos alquimistas, representa o ouro e, na linguagem metafórica da Igreja, o cristianismo. Ouro é todo o cristianismo que muitos cristãos possuem. *Les Solaires* , em Nostradamus, é usado para cristãos. Está especialmente relacionado com a França, na medida em que seu Rei é mantido em Roma, centro de títulos e de humildade prelática, ser *Christianissimus* . Mas este robusto e glorioso Rei Capetiano falava de sua soberania. Era para significar, como diz Nostradamus, *tout le soubmets* . Qual é a escolha deste homem de rama, para ser cortada em torno de seu sinete? *Nec pluribus impar* . Qual é o axioma que seu orgulho cego inventa quando a morte de Mazarin o liberta da tutela e ele segura as rédeas da

França com a única mão esquerda (em 1661)? *L'État, c'est Moi* . A insolência pode aumentar ainda mais? Espere mais ou menos um século e veja um andaime surgindo diante de suas janelas das Tuilleries, veja um *Æmation*, mas duas vezes removido em sangue, role sua cabeça, vermelha, jorrando, jorrando e saltando nas tábuas salpicadas de serragem ali; seu lema, poderia falar, seria seu axioma reformulado fatalmente, *L'État du Capet* ! (*Caput* !)

Ainda não concluímos totalmente. Quando o tratado de Westfália for acordado entre a França e Filipe

4. da Espanha em 1648, e antes da guerra de sucessão para, assento Filipe V., neto de Luís XIV., no trono, Metz será cedido à França, e perderá para sempre seu título de Cidade Imperial, entre os dois Filhos- -Philip IV. e, Philip V., *protegido* da França.

Quase ao mesmo tempo, a Inglaterra, em revolução provocada por aquele diabinho da malevolência, Richelieu, decapitará seu rei, em 1649, e ficará ansiosa por causa da falta de força e sabedoria (*vin et sel*). Este símbolo Le Pelletier interpreta assim: O vinho é o símbolo da força, por causa de seu *calor* ; e o sal, por ser incorruptível, é o símbolo da sabedoria. Acho claro que não é essa a interpretação aqui. Ele não alude à *falta* de força e sabedoria; mas a ansiedade (*soucy*) é causada pela força e sabedoria (*à l'envers* , como ele coloca novamente em referência à Inglaterra, Século IX. 49; Vol. I. 140 aplicada na direção errada.

Esta, embora seja uma quadra altamente insatisfatória, como mostrei acima, é, no entanto, uma das mais notáveis de toda a série. O tempo do tratado de Vestefália sincroniza-se com a revolta na Inglaterra - uma revolta que vimos ser fomentada por mero ressentimento pelo vulpino Richelieu; um clérigo tramando um assassinato real, ensinado pelo consentimento de Roma que o regicídio era o serviço de Deus, quando um rei (Henrique III) se interpôs em seu caminho; e quando a Igreja uma vez se corrompeu, batizando-a de São Bartolomeu, cujo emblema era uma faca, em sangue, ela absolveu Paris, [*cité au glaive* , i. 182] que na loucura do verão manchou seus canis de vermelho. O exemplo de Whitehall - em reencenação antes das Tuilleries (*vin et sel à l'envers*), com força e sabedoria convertidas em violência e sensibilidade democrática, - em seguida virou ruge de Paris, e o cravo de

sangue desabrochou em cada esquina.
"Quando as nações devem perecer em seus pecados,
é na Igreja que começa a lepra;"

diz o sábio, moderado, atencioso, mas muito subestimado bardo, Cowper, que fez Gilpin inimitavelmente, e Homer melhor do que qualquer outro, de longe.

PERDA DO ESQUADRÃO DE LA FERRIÈRE (1655). [EU. 121.]
Século III. - Quadra 87.

Classe₁ Gauloise n'approche de Corseque,₂ Moins de Sardaigne, tu t'en repentiras; Trestous mourrez frustrès de l'aide grogne; Sang nagera, captif ne me croiras.

Tradução .

Não te aproximes da Córsega, frota da França,
Nem ainda da Sardenha, para que não te arrendas da oportunidade:
Porque nenhum auxílio do promontório, todos morrerão, O cativo afogar-se-á, pois sou eu.

M. le Pelletier nos fala de uma esquadra francesa, comandada pelo Chevalier de la Ferrière em 1655, que naufragou no Golfo de Lyon, na costa da Córsega e da Sardenha. Todas as mãos pereceram: não passaram, diz ele, pelo cabo Pourceau. Ele lembra que *Grogne* é sinônimo de Pourceau, que é um cabo com um pequeno porto no Mediterrâneo. Isso pode ter mais para apoiá-lo do que parece à primeira vista, mas acho muito mais simples interpretá-lo pelo que diz. *Grogne* é o mesmo que *Groin*, cape ou promontório que desagua no mar. Em outras palavras: nada irá afastar você do promontório onde você naufragou; lá todos vocês serão afogados; para que melhor será o seu piloto mestre para este meu anúncio? Jean de Rian foi este piloto mestre, e *Le Captif* era seu apelido, já que fora escravo. Embora perfeitamente inútil para interpretação, Garencières faz anotações nesta quadra, que têm um interesse próprio. Ele considera que o cumprimento foi em 1555, quase na época em que as quadras foram copiadas para serem apresentadas a Henrique II. Mas ele observa que

Greigne , que é a palavra em sua leitura, significa *galera* na língua provençal, que era a de Nostradamus ao lado de sua mãe; e isso faz muito sentido: "todos eles naufragarão sem que uma galera seja lançada para eles da costa".

Claro que Garencières nada sabe sobre Jean de Rian, nem sobre a curiosa precisão com que Nostradamus nos dá o apelido de *Captif* ; mas ele acrescenta ao seu "Pobre prisioneiro, não acreditarás em mim" o seguinte comentário que vale a pena registrar, pois pode fornecer um link para alguma investigação no futuro:

"Encontramos nesta obra muitos exemplos daqueles que foram consultar o autor sobre o sucesso de seus empreendimentos, como fez o Conde de *Sommerive* , antes do cerco de Bagnole; a quem ele respondeu, que deveria deixar as árvores carregadas de uma nova espécie de fruta, isto é, os rebeldes, que ele mandou pendurar nas árvores ”.

FORTIFICAÇÕES DO VAUBANO E DO CANAL DE LANGUENDOC
(1659-1666). [EU. 122.]
Século IX .- Quadra 93.

Les ennemies du fort bien esloignés, Par chariots conduict le bastion,
Par sur les murs de Bourges esgrongnés,¹ Quand Hercules bastira
l'Hæmathion.²

Tradução .

Quando o inimigo é expulso do solo francês,
E a terraplenagem ou baluartes são trazidos por carroças; Quando as
paredes de Bourges tiverem desmoronado com o tempo, Æmathion
empreenderá uma obra de Hércules.

Quando a paz dos Pirenéus, concluída com a Espanha em 1659, removeu o
inimigo das fronteiras francesas e Vauban inventou os trabalhos de
terraplenagem: pelo menos é o que diz Le Pelletier; Nostradamus apenas
diz que os usou. Moreri nos conta que o castelo de Grosse Tour em Bourges
não foi reparado por Luís XIV, e já estava parcialmente arruinado em 1651.
Esta linha parece ser um anúncio extravagante, mas especial do fato. Então
Æmathion, ou Luís XIV., Empreenderá o trabalho hercúleo de construir o

Canal do Languedoc, que abriu o Mediterrâneo para o oceano. Foi iniciado por Paul Riquet em 1666 e terminado em 1681. Custou 34 milhões de francos. Diz-se que, quando Vauban o visitou, deu algumas dicas úteis que foram postas em prática com vantagem. Vauban, como Turenne, foi uma glória, não para a França, mas para a humanidade. Ele foi realmente ótimo, pois ele desprezava as riquezas e amava a verdade indiscriminadamente; no entanto, sua vida mostra que em julgamento ele superou em muito aqueles que amavam menos a verdade.

PAZ DOS PIRINEUS (7 DE NOVEMBRO DE 1659). [EU. 123.]
Século X. - Quadra 58.

An temps du dueil clue le felin ¹ monarque, Guerroyera le jeune Æmathien:
Gaule bransler, perecliter la barque,² Tenter³ Phossen,⁴ um Ponant⁵
entretien.

Tradução .

Quando a corte da França estiver de luto, o monarca felino fará guerra contra o jovem Æmathien. A França vai cambalear; a casca de São Pedro está em perigo. Marselha será tomada. Dois grandes personagens se encontrarão no oeste da França.

Pode-se ler mais amplamente, que por ocasião da morte de Luís XIII, quando a corte francesa está de luto, o astuto Filipe IV. da Espanha fará guerra ao menino rei. A França será fortemente abalada (1648-1653) pela guerra civil da Fronda, enquanto Roma estará ameaçada pelo crescimento do Jansenismo. Esta é a versão de Le Pelletier. Garençières diz que Paris é significada, pois ela carrega um navio representado em seus braços. 2 de março de 1660, Luís XIV. entra em Phocea ou em Marselha por uma brecha, depois da qual se submete a ele. Ele então corre para o oeste da Ilha da Conferência na Bidassoa, e lá conclui a paz dos Pirineus com Filipe IV, e se casa com sua filha, a infanta Maria Theresa, da Áustria.

casa com sua filha, a infanta Maria Theresa, da Áustria. 1691). [EU. 125.]
Século II. - Quatrain 68.

De l'Aquilon les forces seront grands, Sur l'Océan sera la porte ouverte,
Le regne en l'Isle sera reintegrant,

Tremblera Londres par₁ voilles₂ decouverte.

Tradução .

A Irlanda, ao norte da Inglaterra, fará grandes esforços. A porta do oceano será aberta às frotas da França; o reino na ilha da Irlanda será estabelecido novamente; Londres estremecerá ao descobrir as velas.

Quando Guilherme III., Em 1688, terá se estabelecido no trono, quando Jaime II. fugido; A Irlanda ainda será uma fortaleza, e as frotas francesas, comandadas por Chateau Renaud e Tourville, levarão o rei para a Irlanda, apesar das frotas combinadas da Inglaterra e Holanda, em 1689-1690. Eles se tornarão mestres do mar, e Londres irá tremer por um momento diante das frotas de Louis XIV. Esta é a declaração de Le Pelletier. Depois da luta em Beachy Head em 30 de junho de 1690, parece ter sido exatamente como ele relata; para o relato de Smollett (ed. 1822, i. 93) é isso;

"Torrington retirou-se sem mais interrupções para a foz do Tamisa; e, tendo tomado precauções contra quaisquer tentativas do inimigo naquele bairro, voltou para Londres, cujos habitantes foram tomados de consternação."

Há uma passagem notável na obra de M. Bouys nesta quadra. Ele professa aplicá-lo à vitória vindoura que conferirá a Napoleão o cobiçado comando dos mares, dizendo que nem sempre é preciso esperar até depois do evento para interpretar Nostradamus. Sua própria conduta, entretanto, neste exato caso, apenas reforça a regra. Ele finge não saber nada sobre o cumprimento em 1689-1690. Em promoção da mesma visão, ele cita o século VIII.,

Quadra 37:

La forteresse auprès de la Tamise Cherra pour lors le roi dedans serré,
Auprès du pont sera vu en chemise, Un devant mort, puis dans le fort barré.

A palavra *cherra* apresenta a única dificuldade aqui quanto às meras palavras. É o futuro do verbo *choir*, tomber, cair. Da profecia, não conheço nenhuma interpretação. Garencières cita Dan significativamente. 4. 10: "O

sonho seja para os que te odeiam, e a interpretação dele para os teus inimigos."

GUERRA DOS CAMISARDS (1702-1704). [EU. 126.]

Século IX. - Quadra 38.

L'entrée de Blaye por Rochelle et l'Anglois, Passera outre le grand
Æmathien:

Non loin d'Agen attende le Gaulois, Secours Narbonne deceu par entretien.

Tradução .

O grande Æmathion deve passar de Garonne em Blaye, o porto marítimo de Bordéus, não mais impedido por Rochelle e os ingleses; os Camisards buscarão a ajuda de seus correligionários do lado de Agen e Narbonne, mas ficarão desapontados com um acordo.

Louis XIV. passará pelo *Pâté* de Blaye, um forte com esse nome, construído por ele em 1689 para comandar a entrada da Gironda contra os ingleses e os protestantes de Rochelle. Os Camisards em revolta nos Cévennes (*les Gaulois*) esperarão em Agens e Narbonne pela ajuda prometida, mas em vão, após a apresentação de Jean Cavalier (1704) ao Marechal Villars, em uma Conferência realizada em Nîmes. Louis XIV. foi tão assediado pelos inimigos da França que enviou o marechal ao Languedoc para pacificar os distritos que ele desesperava de dominar pela força.

Nessa quadra, Garencières mostra que há alguma analogia entre *Æmathien* , que temos certeza de que é Luís XIV. da frequência da aplicação para ele. e o país da Macedônia, assim chamado, onde César e Pompeu lutaram sua última batalha no campo da Farsália; e ele cita a linha de Lucan

Bella per Æmathios plus quam civilia campos.

É muito provável que essa linha estivesse na mente de Nostradamus no momento.

GUERRA DA SUCESSÃO ESPANHOLA (1701-1713). [EU. 127.]

Século IV .- Quadra 2.

Par mort la France, prendra voyage à faire, Classe 1 par mer, marcher
Incurs Pyrenées, Espagne en trouble, marcher gent militaire; Des plus
grands Dames en France emmenées.

Tradução .

Por motivo de morte, a França empreenderá uma expedição ao estrangeiro.
O

frota irá por mar, as tropas irão cruzar os Pirineus. A Espanha em apuros
marchará com suas forças militares, porque grandes damas migraram para a
França.

Philip V., neto de Louis le Grand, por testamento de Charles II., Ascenderá
ao trono espanhol. Mas Áustria, Inglaterra, Holanda, Prússia, Portugal e
Sabóia se unirão para apoiar as pretensões do arquiduque Carlos. As frotas
da França irão ao mar, seus exércitos cruzarão os Pirineus. A Espanha, em
dois campos, será pisoteada por tropas em todas as direções: todas surgindo
de casamentos Bourbon com as duas Infantas; uma, filha de Filipe III.
casada com Luís XIII., a outra, filha de Filipe IV., casada com Luís XIV.
Essa guerra durou doze anos e foi desastrosa para a França. Philip V. foi
expulso da Espanha pelos austríacos. Pela Paz de Utrecht, em 1713, a
monarquia espanhola foi desmembrada e algumas de suas conquistas
anteriores foram arrancadas de Luís XIV.

DERRUBADA DE PHILIP V., *neto de Louis XIV* . (1706). [EU. 129.]
Século IX. - Quadra 64.

L'Æmathion passer monts Pyrenées, En Mars Narbon ¹ resistência ne fera,
Par mer terre fera si ² Grand Menée, Cap ³ n'ayant terre seure pour
demeurance.

Tradução .

O Æmathion deve passar pelo Monte dos Pireneus; Em Narbo Martius,
nenhuma resistência mostra; Por mar e por terra são feitos os maiores
esforços; O Capet não tem pé de terra é seguro.

Louis XIV. saltará os Pirenéus e tratará (como vimos antes) com os Camisards de Narbonne. Ele fará esforços desesperados por mar e terra. Mas o capetiano, seu neto, Filipe V., será expulso da Espanha pelas forças imperiais e não ficará com um pé de solo para viver.

Em todas essas passagens da história, por mais distantes que pareçam ser, encontramos analogias surgindo em todos os pontos: Æmathion, o macedônio, e Louis le Grand; a sucessão espanhola que surgiu novamente na época de Luís Filipe, até mesmo unindo os próprios dois nomes de Luís XIV. e seu neto Philip V. em seu próprio batismo. Luís desejava expulsar Carlos, e Luís Filipe realmente expulsou Carlos X. Leibnitz fez uma viagem expressa a Paris para persuadir Luís XIV. para empreender uma grande expedição contra o Egito. Napoleão, o próximo Æmathion ou Apollon levando a França ao mal, foi lançado em uma expedição egípcia e entrou em uma guerra espanhola desesperada que se seguiu, que aleijou a França novamente. A história se repete, dizem eles.

Notas de rodapé

132: 1 Adicionado ao texto na edição de 1605.

132: 2 *Paux* , plural de *pal* , *pieu* , um termo de blazonaria, estaca.

132: 3 Leia *cors* , chifres.

133: 1 Æmathien, ou Emathion, diz Le Pelletier, filho de Cefalo e Aurora, que abriu as portas da manhã para o sol. Não encontro esse relato dele em lugar nenhum. Cephalus é o casto Joseph da mitologia, tentado por Aurora. Mas Hesíodo o torna pai de Phaeton por ela. Possivelmente M. le Pelletier confundiu Emathion com Faeton. Geralmente. Emathion é considerado filho de Titã e Aurora, e rei da Macedônia. Sua conexão de alguma forma com o sol é certa, e isso é suficiente para o uso de seu nome por Nostradamus. Ἡμάθων é dado por Suidas como um nome próprio. Agora, Ἡμάθιος é *diário* , mas com a mudança de uma letra. Além disso, Ἡμάθιος é macedônio, e Alexandre é chamado de *Emathius dux* , como em Milton, "o conquistador Emathiano ofereceu poupar"; implicando que Louis le Grand deveria ser uma contraparte de Alexandre o Grande, um impostor que também fingiu ter nascido de Apolo.

Com esse vôo de ambição ele se bastardizou por escolha, desonrou sua mãe

e colocou seu pai do lado de fora. Shakespeare diz: "Por causa desse pecado caíram os anjos"; mas um tolo muito próspero parece igualmente pronto para se aniquilar por ela, e tudo que pertence a ele, por seu próprio ato.

133: 2 Latim, *per* , *por* meio.

133: 3 Romance, *emmy* , entre, entre.

133: 4 *Phi* , para Filipe.

136: 1 latim, *classis* , frota.

136: 2 *Carseque* , Romance for Corsica.

137: 1 Romance, esgrongné ou *esgruné* , pulverizado.

137: 2 Vire isto; quando Æmathion construirá Hércules.

138: 1 Latim, *felinus* , como um gato.

138: 2 *La barca* de São Pedro, o Santo Seat, Roma.

138: 3 Latim, *tentare* , para atacar.

138: 4 *Phocen* é outra leitura. Marselha, fundada pelos Fócios, AC 660.

138: 5 Palavra antiga para oeste ou pôr do sol.

139: 1 Latim, *por* , *por* causa de.

139: 2 *Voiles* , para navios.

141: 1 latim, *classis* , frota.

142: 1 Latim, *Narbo Martius* , Narbonne, no departamento de l'Aude, disse ser assim chamado de seu fundador *Martius* . [Veja p. 140, ix. 38.]

142: 2 Romance, *si* , muito. 142: 3 *Cap* , para Capet.

Luís XV

MINORIDADE DE Luís XV. (1 DE SETEMBRO DE 1715). [EU. 131.]

Século III. - *Quadra* 15.

Coeur, vigueur, gloire, le regne changera.
De tous points contre ayant son adversaire:
Lors France enfance par mort subjuguera;
Un grand Regent sera lors plus contraire.

Tradução .

Coração, vigor, glória, mudança com mudança de reinado,
Em todos os pontos contrariados por algo cruzado:
Uma criança é colocada na França pela morte;
E um grande regente ajuda ao contrário.

Com a morte de Luís XIV., O esplendor de seu reinado passará, e todos os pontos mostram o contrário em seu sucessor. Por falha dos herdeiros diretos do trono, Luís XV., Um filho de cinco anos governará, sob Philippe d'Orleans (*un grand Regent*), cujos vícios o mostrarão mais contrário a Louis XIV. do que mesmo a Luís XV.

DECADÊNCIA DA MONARQUIA (1715-1774). [EU. 132.]
Século V. - Quadra 38.

Ce grand monarque qu'au mort succedera,₁
Donnera vie illicite lubrique,
Par nonchalance à tous concedera,
Qu'à la parfin faudra₂ la loy Salique.

Tradução .

Aquele que sucede ao grande monarca morto, levará uma vida má e ilícita.
Por seu hábito negligente, ele confiará negócios à administração de outros,
de modo que finalmente (*à la parfin, per finem*) a lei sálica falhará.

Em outras palavras, este é um anúncio claro de que o reinado de Luís XV.
servirá como um simples prelúdio ou introdução ao estabelecimento de uma
República; a aniquilação da lei sálica; e do trono francês.

Notas de rodapé

144: 1 Ordo. Aquele que sucederá ao grande monarca morto. 144: 2 *Faudra*
, tempo futuro de *faillir* , falhar ou desaparecer.

Inglaterra

MUDANÇAS DE GOVERNO NA INGLATERRA (1501-1791). [EU.
135.]

Século VI. - Quadra 57.

Sept fois changer verrez gent₁ Britannique.
Teints en sang en deux cens nonante an;
Franche₂ non point, par₃ appuy Germanique;
Aries₄ doubte son pole Bastarnan.₅

Tradução .

Você verá a nação britânica mudar sete vezes, manchada de sangue, em duzentos e noventa anos; mas não a França, graças à força de seus reis germânicos [da raça capetiana]. O signo do Carneiro não conhecerá (*duvidará*) do distrito norte (*filho pólo Bastarnan*), então ele será alterado.

A Inglaterra mudará seu governo sete vezes em um período de 290 anos, inundado de sangue, diz Le Pelletier, - fazendo com que esse longo período de anos comece no que ele chama de Renascimento (1501-1791). Não é assim na França; graças à firmeza dos reis germânicos, ela vai resistir até 1792, eu considero isso, na verdade, um esforço francês para traçar uma grande época nos anais franceses. A Polônia (*la Bastarnie*) será desmembrada. A primeira partição ocorreu em 1772. Haverá no norte da Europa; - Pedro, o Grande, ascendendo ao trono russo, 1682, e o luteranismo triunfando na Alemanha, 1517, - de modo que Áries não pode identificar as regiões adjacentes ao seu pólo norte (*pólo filho Bastarnan*).

M. le Pelletier dá uma declaração elaborada do que ele concebe como as sete revoluções na Inglaterra (1501-1791). Mas a partir da Renascença, na data chique de 1501, ele vicia toda a interpretação no que se refere à Inglaterra; mas na última metade da quadra ele é excelente. Sua interpretação da quarta linha é magistral. Garençières faz uma longa anotação, para mim em geral ininteligível, mas faz com que o Período se esgote por volta do ano de 1845; em que ano não consigo ver nada para narrar, a não ser o Maynooth Grant de £ 26.000 por ano. Ele diz que as duas

primeiras linhas se referem à Inglaterra e deixa a nação inglesa para interpretá-las. Em breve tentaremos fazer isso.

(1) A Revolução Le Pelletier data de 1532, quando Henrique VIII. é proclamado pelo Parlamento o chefe da Igreja; 1534 isso deveria ser. (2) Restabelecimento do papado sob a rainha Mary. (3) Elizabeth volta ao protestantismo. (4) A Comunidade segue após a morte de Carlos I. (5) Restauração sob Carlos II. (6) Guilherme III. assume o trono de James II. (7) A Casa de Hanover é bem-sucedida.

Isso é extremamente defeituoso. Ela omite como uma revolução a mais importante de todas, se as consequências devem ser consideradas. isto é, o lapso da raça Tudor em Elizabeth e a sucessão dos Stuarts. Outro ponto muito fraco é o início dos 290 anos anteriores à primeira edição das quadras. De acordo com isso, duas das Revoluções já haviam decorrido. Homem não profetiza do passado, Nostradamus escrevia no reinado da Rainha Maria, para que a primeira Revolução contasse naturalmente a partir de 1558, quando Isabel reintroduziu o protestantismo.

Agora que planejamos uma base mais firme, vamos ver a que isso nos leva. Nº 1. Elizabeth sobe ao trono em 17 de novembro de 1558.

No. 2. James I. (sucessão de Stuart), 24 de março de 1603. A Rainha Elizabeth morre exatamente cem anos após seu homônimo, Rainha de Henrique VII.

No. 3. Commonwealth sobre a morte de Charles I., 30 de janeiro de 1649; Protetorado, Cromwell, 16 de dezembro de 1653.

No. 4. Restauração, Carlos II., 29 de maio de 1660 (em seu 30º aniversário).

No. 5. William III. e Maria, 5 de novembro de 1668; Revolução (Dia da Pólvora).

No. 6. Sucessão de Hanover, George I., 21 de maio de 1714.

No. 7. Projeto de reforma, 17 de junho de 1832. (Enfraquecendo o brilho da Coroa, como veremos o rei francês *mitré*.)

Aqueles que desejam profetizar coisas agradáveis podem acabar com a data desagradável do Projeto de Lei da Reforma, em parte porque a Revolução nº 3 pode ser interpretada com justiça como duas Revoluções. A usurpação

de Cromwell desmentiu os pretensos princípios de toda a sua vida e conduta anteriores a essa suposição e pode ser chamada de uma nova ordem de coisas. Este arranjo eliminará a necessidade de classificar o Projeto de Lei da Reforma como a 7ª Revolução. Mas os 290 anos devem terminar onde terminam, embora você possa considerar o assunto da maneira que quiser. Mas vejo a traição de Cromwell, não ao rei, mas a si mesmo como homem, como sendo praticamente parte integrante da Comunidade, ou um chifre crescendo na cabeça daquele rinoceronte ou unicórnio: nada mais. Dada uma revolta popular, um chifre egoísta sempre cresce na testa da besta, até, seja o que for, parece-me muito além do alcance da mente humana comum, simplesmente deixada com seus próprios recursos, riscar quatro linhas tão fecundas como essas e esperar silenciosamente, por trezentos anos, uma interpretação, pouco forçado ou impulsionado como isso é. Posso dizer que mesmo compactar no espaço de quatro versos uma massa de afirmações tão impregnadas de insinuações é uma façanha condensada que nenhum poeta jamais igualou. Tácito, o mais tenso dos historiadores, nunca se aproximou disso. Nenhum escritor précis da habilidade mais talentosa jamais reduziu os fatos fornecidos a ele em um manuscrito bem desenhado a tal compasso. Ele não podia e permaneceu inteligível. Para aqueles que apenas olham para ele sob esta luz, pode proporcionar uma questão interminável de reflexão e estudo curioso. Como uma previsão, sua aparência para mim é puramente milagrosa. Deixe qualquer um explicar de outra forma quem pensa que pode; estaremos todos prontos para aprender.

STUART DYNASTY (1603-1649). [EU. 138.]

Século X. - Quadra 40.

La jeune₁ nay au regne Britannique, Qu'aura le pere mourant recommandé
Iceluy mort, Lonole₂ donra₃ tópicos,₄ Et à son fils le regne, demandé.

Tradução .

O jovem Príncipe do Reino da Grã-Bretanha, cujo pai moribundo o terá
recomendado; Estando este morto, Lonole perorará, E arrebatará o reino de
seu próprio filho.

James I. da Inglaterra e VI. nasceu na Escócia em 19 de junho de 1566: filho de Mary Stuart e Henry Lord Darnley; que, antes de seu assassinato por Bothwell, recomendou o jovem príncipe à fidelidade dos senhores escoceses. Ele ascendeu ao trono da Inglaterra em 1603, e sob ele a Inglaterra e a Escócia foram denominadas pela primeira vez Grã-Bretanha

(*au regne Britannique*).¹ Quando o rei Jaime I. morrer (*Iceluy mort*),
Lonole seduzirá a Inglaterra com retórica artificial e exigirá o reino e a vida de seu filho Carlos I.

Lonole é a leitura certa, de acordo com o *tipo de Texte* ; outros lêem *Doudlé* e Garençières lê *Londre* . Ele também imagina que a profecia diga respeito a Carlos II, porque Carlos I. o recomendou ao povo da Inglaterra. É bastante curioso que *Lonole* forneça o anagrama de Olleon, ou Ὀλλύων, como Napoleão faz o de Ναπολλύων e Apollyon. Cromwell e ele têm muitas analogias e pontos de contato, seja na história, personagem ou profecia. Mas um outro anagrama, ainda mais maravilhoso, surge aqui à vista, o qual, creio, até agora escapou de todos os comentaristas. *Ole Nol* ou *Old Noll* , sempre foi o apelido do Protetor, e na primeira forma é letra por letra *Lonole* . Pode significar Apollyon também e, como tal, "Old Nick" também.

Eu não devo deixar essa massa e amontoados de sugestões e revelações singulares sem apontar. o fato notável ou ligação conectando James I. com Nostradamus,
e a quadra particular com a qual estamos lidando agora. James I. nasceu em 19 de junho de 1566 e treze dias depois, 2 de julho de 1566, Nostradamus deu seu último suspiro. Esta quadra, uma vez entendida, é uma das mais claras e extraordinárias previsões de Nostradamus. O evento inicial, o nascimento de James I., apenas toca sua própria morte; e o último evento, a morte de Charles I., 1649, estende-se a quase cem anos depois.

O anagrama parece ter sido uma vez uma paixão para o povo. Encontramos o pano branco de Lincoln no século XIII, aludido como "*Drap blanc de Nicole* ", que significa *Lincoln* . [Le Roux de Lincy "Livre des Prov. Franc." eu. 195.]

QUEDA DE CHARLES I. (31 DE MARÇO DE 1646). [EU. 139.]
Século III. - Quadra 80.

Du regne Anglais le digne dechassé,₁ Le conseiller part₂ ira,₃ mis à feu,
Sesaderans iront si has tracer,₄ Que le bastard sera demy receu.

Tradução .

Aquele que tinha o direito de reinar na Inglaterra, será expulso do trono, seu conselheiro abandonado (*mis a feu*) à fúria da população (*par ire*). Seus adeptos seguirão um caminho tão baixo que o usurpador (*le bastard*) chegará a ser o Protetor (*demy receu*, ou meio Rei).

Garencières imagina que isso se relacione com Carlos II., E, que seja muito claro. Mas, evidentemente, *le digne dechassé* é Charles I. Strafford se rendeu fracamente à fúria irracional do povo (*par ire*). O escocês, seus compatriotas (*ses adeptos*), irá vendê-lo por £ 40.000 (Hume, vii. 76) par os Independentes com baixeza sem precedentes (*si bas tracer*). Depois disso, Cromwell (*le bastard*) se tornará Protetor, ou meio rei (*sera demy receu*).

Isso dificilmente poderia ser mais notável do que é, se tivesse sido escrito historicamente depois do evento, como história, do que é agora antes dele, como profecia. Olhe, novamente, para a percepção e concisão esmagadoras: o rei derrotado, Strafford sacrificado, a barganha de dinheiro dos Covenanters e o Protetorado delineado em esboço decisivo quase um século antes da realização: e cada evento está contido em uma frase métrica.

EXECUÇÃO DE CHARLES I. (30 DE JANEIRO DE 1649). [L 141.]
Século IX. - Quadra 49.

Gand et Bruceles marcheront contre₁ Anvers, Senat de Londres mettront à mort leur Roy: Le set et vin luy seront à l'envers,
Pour eux avoir le regne en desarroy.

Tradução .

Gand e Bruxelas marcharão além de Antuérpia, O Senado de Londres colocará seu rei na morte; O sal e o vinho serão aplicados ao contrário, de modo que porão em desordem todo o reino.

Philip IV. na Holanda, estando em guerra, moverá Gand e Bruxelas em direção a Antuérpia contra a Holanda em revolta. A Holanda havia, em 1579, separado dos Países Baixos. Assim, Antuérpia se tornou a cidade fronteira das possessões espanholas. Philip reivindicou direitos sobre ela até o tratado de Westphalia, ou Munster, do qual temos o curioso retrato de Terburg na National Gallery, con, iludido em 14 de outubro de 1648; três meses apenas antes da morte de Charles I., de modo que a conjunção dos dois eventos é extraordinariamente definida e notável.

A segunda linha é tão definida e maravilhosa quanto qualquer coisa que ocorre em Nostradamus. Pelo tratado de Munster, ele fixa a data em três meses. Garençières diz: "É a mais notável de todas essas [profecias] de que Nostradamus foi autor." Ele notifica também, o que eu acho que ninguém mais notou, que o número desta quadra, 49, dá o próprio ano da ocorrência no século XVII. Pois embora nós na Inglaterra então o chamássemos de 1648-49, Nostradamus, pelo calendário gregoriano usado na França, o consideraria como 1649. Não precisamos dar ênfase a qualquer coisa sobre isso, pois a quadra não quer nada para fortalecê-la. No entanto, seja fruto do acaso ou da intenção, é o mais singular. Já disse antes quanto valor reside em meras curiosidades, e faz parte da minha função apontar uma sempre que posso.

Já tratamos da frase *vin sel* na p. 133 e 135 [I. 119], mas de um ponto de vista francês e não inglês; no entanto, mesmo lá, a linha está *L'Isle Britanne par vin set en souci*.

- mostrando a consistência com que as visões devem ter se formado na mente de Nostradamus. Aquela de que estamos tratando agora aparece no nono século das quadras do profeta, mas a linha acima ocorre em uma quadra do décimo século. Ainda assim, o que é dito em um é consistente com o que é dito no outro. Se chamarmos isso de chance, teremos de admitir um axioma longe de ser evidente; a saber, esse método é discernível tanto no acaso quanto na loucura. Aqui como. no vergonhoso cemitério de Old Pancras, há claramente uma leve perturbação dos epitáfios,

Bouys e quase todos os comentaristas tratam a figura de *le vin et sel* , como representação de força e sabedoria, que faltavam ao rei da Inglaterra. Acho que não somos necessários para adotar esta interpretação. Supondo que *sal* e *vinho* no bom sentido simbolizem sabedoria e poder, antes de decidirmos que seja sua aplicação aqui, teremos que entender o que *à l'envers* significa. Em primeiro lugar, não é a preposição *envers* , significado *para* , ou *em relação a* . É um substantivo substantivo, masculino, e representa o lado avesso de um tecido, em contraste com, ou oposto, ao lado direito, denominado *l'endroit* . Significa que a sabedoria e o poder apresentarão seu aspecto errado neste momento, e se tornarão intriga e violência, e assim permanecerão para ele (*lui seront à l'envers*), pois eles se converterão em seus opostos, intriga e violência. Tem o antigo sentido de *inversus* , como no *Roman de la Rose* . Uma pessoa está ali contada que ao ir para a cama não vai conseguir dormir, mas se jogar de um lado para o outro:

Une heure *envers* et l'autre adens Come cil qui a mal aus dens.
Aqui está escrito uma hora *atrás* , outra nos dentes. Molière diz de um personagem (*l'Et* . li. 14):
Vous serez toujours
Un envers du bon sens, un jugement à gauche.

Nada pode descrever melhor a zombaria no Westminster Hall do julgamento do rei do que *un jugement à gauche* . A terceira linha da quadra é o equivalente exato. *Vin* se parece tanto com *vis* que com certeza significa força, os dois extremos dos quais são poder e violência, lei e ilegalidade. Vemos isso muito distintamente na antiga palavra francesa *vimaire* , force majeure (*vis major*) e a palavra ainda significava tempestade, tempestade, fome e pestilência (*vide* Roquefort, sv). Que o vinho não representa definitivamente um poder bem dirigido, fica bem claro pelo "vinho da fornicção" (Apocalipse xvii. 2); e esse sal não deve ser tomado como a sabedoria personificada com fixidez pode ser obtida, senão de nada mais, da santificação dos elementos sacramentais na Igreja de Roma; onde antes de o sal ser usado, ele é primeiro exorcizado, para purificá-lo da mancha do pecado original, que passou sobre toda a criação na queda ("Simbolismo" de Auber, iii. 394). Qualquer que seja a sabedoria que

Godwin, Carlyle e outros revolucionários modernos possam supor ter descoberto no personagem de Cromwell, Nostradamus certamente não formou essa noção dele, como nos sentiremos imediatamente seguros pela próxima quadra. A opinião de Nostradamus sobre Cromwell pode não determinar absolutamente nada quanto à estimativa final daquele homem. Aduzo isso apenas para ajudar a esclarecer o que ele quis dizer com as palavras que estamos estudando, *le sel et vin* . A próxima linha é bastante simples. Os independentes colocaram todo o reino pelas orelhas.

Acho que chegamos a um ponto em que cada linha desta quadra se tornou toleravelmente clara. Um sabichão, escrevendo sobre isso na *Revisão Trimestral* (vol. xxvi. p. 189) diz: "O próprio Édipus não poderia dar o sentido de todo o versículo." É assim que as pessoas tratam um assunto difícil, obscuro e intrincado. É tão fácil dizer que decidimos sobre um homem; que ele é ininteligível, um charlatão, um impostor; que suas previsões são um disparate oracular, nada significando, ou que se às vezes iluminam algo, o acaso tem mais a ver com isso do que a vidência ou a visão. Você certamente pensaria que um homem sã, encontrando em um livro, - que indubitavelmente estava impresso, - em 1558 uma linha profetizando a morte do Rei da Inglaterra quase cem anos depois, "Senat de Londres mettront a Mort leur Roy ", ficaria surpreso com a clareza disso, em vez da dificuldade de dar sentido às outras três linhas.

PROTETORADO DE CROMWELL (1653-1658). [EU. 142.]

Século VIII. - Quadra 76.

Plus Macelin ¹ pista Roy en Angleterre, Lieu obscur nay ² par force aura l'empire, Lasche sans foy sans loy saignera terre: Son temps approche si près que je souspire.

Tradução .

Um açougueiro, mais do que um rei, governa a Inglaterra. Um homem sem nascimento tomará o governo pela violência. De moral frouxa, sem fé ou lei ele sangrará a terra. A hora se aproxima tão perto de mim que respiro com dificuldade.

Aqui temos uma previsão notável. Ele esclarece a visão que Nostradamus formou de Cromwell. Parece ter estado visualmente presente para ele o rosto de açougueiro de Cromwell, com sua concha carnuda e verrugas horríveis. Parece que isso o atingiu com tal sensação de vivacidade e horror, que ele está disposto a imaginar que o tempo está muito próximo. Um século inteiro teve, entretanto, de transcorrer; mas ele suspira como se estivesse estremeando, e o sangue rasteja:

Son temps s'approche si près que je souspire.

Uma das características mais notáveis ao longo da obra de Nostradamus, é a ausência geral de qualquer noção de tempo, além da mera enumeração de anos como uma fórmula algébrica ou aritmética; além disso, ele regula e controla seus sentimentos a ponto de parecer quase intransponível; mas este anúncio é de uma importância tão incomparável e terrível que ele se afasta de sua prática usual e fica horrorizado como na presença de uma visão assustadora.

A intenção era tratar aqui do retrato de Cromwell. Para completar, entretanto, minhas observações, tive que ir ao Checkers Court, à Print Room e à National Portrait Gallery. Essas e outras etapas necessárias ocuparam tanto tempo que as impressoras tiveram que começar a paginação; então, como a matéria ampliada não encontrou espaço aqui, não havia alternativa a não ser um Apêndice.

Minhas observações, que mostram tão pouco agora que foram feitas, custaram-me muito mais trabalho do que dez vezes, a mera quantidade de escrita custaria. O acordo final depende do elenco de Florença, se ainda existir. Limpei o caminho para uma conclusão decisiva; que, embora não seja muito, ainda é alguma coisa.

Bouys comenta especialmente (p. 109) sobre a palavra *Lasche* nesta quadra, e a toma como covarde, o mesmo que *lâche* faz no francês moderno. Ambas as formas da palavra são igualmente deduzidas do latim, *laxare*, *laxatus*, e então se pode muito bem significar *moral frouxa*, como eu *traduzi*. Que o latim pode significar os programas "Facciolati" deste Bailey, *sv Laxitas*: "Liber membris cum mollibus fingitur, et liquoris feminei dissolutissimus laxitate"; e a vida dissoluta de Cromwell no início da juventude tem sido

insistida por muitos, embora, é claro, contraditada por outros. Frederic Harrison é o último deles e ignora a acusação de vício com uma mão muito leve, dizendo que "Não podemos confiar em um testemunho como o deles; mas agora não podemos refutá-lo." Basta dizer que não acho que covardia era o que Nostradamus pretendia imputar a Cromwell.

O nascimento obscuro requer um momento de consideração, já que nenhum dos comentaristas franceses aludiu de forma alguma a ele. A família de Robert Cromwell, o pai de Oliver, em Huntingdon, era trabalhador, e um tanto piedoso demais, de classe média, bastante comum então nos condados do Leste. O que é mais notável, talvez seja que a herdade em que nasceu foi construída sobre as ruínas de um convento de frades agostinianos e que as duas propriedades que lhe foram entregues, uma do pai e a outra do irmão da mãe, consistiam em antigas terras da igreja. O ramo da família de Oliver se afastou bastante da posição do condado que essa herança infere. Mas sempre foram as famílias mais proeminentes que roubaram, ou possuíram, as terras da igreja na espoliação, e assim os Cromwells se casaram dentro e fora da pequena nobreza. Esse descendente dos ladrões da Igreja logo se desenvolveria, por conta própria, em ladrão do Estado; um homem de violência e paixão muito parecido com o coração de Thomas Carlyle. A noção de herói de Carlyle é um demônio forte em um acesso de raiva, apaziguando, de vez em quando, ao som de uma melodia de Salmo. O ramo de Cromwell parece ter se desviado do lado mais cortês para burgueses calvinistas e independentes de alma estreita; enquanto Milton, que nasceu um cidadão londrino, longe da pequena nobreza, foi levado por seus gostos e natureza para o lado da Corte das coisas, para o Bridgewaters, Castelo de Ludlow (ver sua imortal *Masque of Comus*), até uma ideia elevada de princípio - levado por um julgamento imaturo e deslumbrado por aquela falsa ilusão, a Liberdade, - lançou-o de cabeça na polêmica e danificou irremediavelmente o maior poeta já nascido na Inglaterra. Eles eram exatamente opostos - esses dois. Milton se sacrificou por seus princípios, Cromwell seus princípios por sua pessoa. Ainda assim, uma antiga empresa cervejeira em Huntingdon pode muito bem ser designada por Nostradamus *lieu obscur*, em contraste com Whitehall, e um sepultamento, por favor, na Abadia de Westminster, tão esbanjadoramente extravagante que poderia quebrar o tesouro de uma nação para pagá-lo. Essa prodigiosa ostentação embeleza as profissões da vida e

não pode de forma alguma ser harmonizada com "Leve essa bugiganga daqui". Esse show vazio e sem valor tem menos, para mim, do santo e herói nela, do que da espuma da cerveja, e da pequenez e vaidade do homem. Se isso é para ser ótimo, erre, diga-nos, o que é ser pequeno?

ASCENDÊNCIA BRITÂNICA DO MAR (MAIS DE TRÊS SÉCULOS).
[EU. 143.]

Século X. - Quadra 100.

Le grand empire sera par Angleterre, Le pempotam₁ des ans plus de trois cens: Grandes copies₂ passer par mer et terre, Les Lusitains₃ n'en seront pas contents.

Tradução .

Inglaterra, o Pempotam (πᾶν *potens*) governará o grande império (das águas) por mais de trezentos anos. Grandes exércitos passarão por mar e terra; os portugueses não ficarão satisfeitos.

Os franceses interpretam isso como significando a destruição da Inglaterra por grandes forças que vêm subjugar-la por mar e terra, mas o leitor verá que isso não necessariamente mostra isso. Se alterássemos o cólon e o colocássemos no final da terceira linha, isso significaria simplesmente que, embora ela fosse "toda poderosa" no mar, ela movia grandes grupos de tropas por ambos os elementos. Não creio que esteja muito claro o que a última linha pretende. Mas o domínio do mar durante trezentos anos é um objeto muito palpável e mais importante. O fato de estar agora chegando ao fim é um assunto um tanto melancólico para a contemplação dos ingleses, quando consideramos a revolução penetrante introduzida pelo vapor. Se realmente pressagiasse mal para a Inglaterra, envolveria insatisfação para os lusitanos, pois, se a Inglaterra caísse,

A Invencível Armada de Filipe II. foi destruída em 1588 por tempestades primeiro, e o resíduo por Drake na Baía de Cádiz. É dessa época que datamos naturalmente a supremacia marítima do nosso país, que, segundo Nostradamus, durará mais de três séculos, mas não quatro. A morte de Nelson em Trafalgar em 1805 foi o evento culminante

de nossa história naval. Seu conto do mar salgado ainda mexe com jovens corações em longínquas cabanas à beira-mar em noites de tempestade no inverno com uma onda de heroísmo, e aquela coisa ainda mais sagrada, um solene senso de dever. Mas a velha sobriedade e espírito obediente de reverência, que era comum nos lares ingleses no século passado, é grandemente decadente sob o conhecimento podre que caiu amplamente das Escolas do Conselho de Upas, - com a reverência banida e a obediência perdida. Os trezentos anos nus terminaram em 1888. O que *mais* pode contar para, com Revolt assim gerado em cada lareira, um inglês sábio poderia perguntar com alguma emoção agora.

Diz-se, na "História Naval" de James, que de 1793 a 1815 - não me referi a verificar - duzentos navios de linha e trezentas a quatrocentas fragatas foram tomadas ou destruídas das frotas opostas à Inglaterra; e do mar como no derramamento do segundo frasco, ἐγένετο αἷμα ὡς νεκροῦ, tornou-se como o sangue de um homem morto (Apocalipse xvi. 3) Isso destruiu completamente toda chance de descida de Napoleão sobre a Inglaterra; mas, com o espírito mentiroso que sempre distinguiu sua administração, ele: conseguiu disfarçar o fato dos franceses da época; de modo que encontramos Bouys, na p. 92, prometendo-lhe - entre duas quadras mal interpretadas - em 1806, quando sua frota foi aniquilada, o império do mar e uma conquista da Inglaterra tão completa quanto a de Guilherme, o Conquistador. Só prova mais uma vez o quão longe da verdade está o desejo que é pai do pensamento. Que fique indiferente quem quer ler o futuro à luz da lanterna de seus preconceitos.

Estamos agora no final da orientação de Le Pelletier. Não obstante, acrescentarei várias outras quadras para reduzir a seqüência inglesa à sucessão da Casa de Hanover. Eles talvez não sejam desprovidos de instrução, embora não sejam tão notáveis quanto os já citados. Várias quadras, mais ou menos inteligivelmente elaboradas, são enumeradas em um panfleto do ano de 1715 por DD₁ O primeiro refere-se a Rainha Maria.

RAINHA MARIA.

Século IV. - Quadra 96.

La Sœur aisnee de L'Isle Britannique, Quinze ans devant le frère aura naissance, Par son promis, moyennant verrifique, Succedera au Regne de Balance.

Tradução .

A irmã mais velha da Ilha Britânica nascerá quinze anos antes de seu irmão; fiel à sua promessa intermediária, ela sucederá no Reino da Balança.

Isso significa que Mary, irmã mais velha de Edward VI., Ascenderá ao trono da Inglaterra. Ela não nasceu quinze anos antes dele. Seu nascimento ocorreu em 18 de fevereiro de 1516, enquanto Eduardo VI. nasceu em 12 de outubro de 1537, mais de vinte e um anos depois. O cumprimento de sua promessa sincera consistia em cumprir seu voto de reintegrar os papistas, fazendo com que até sua irmã Elizabeth fosse presa na Torre sob a acusação de conspiração. *Moyennant* parece referir-se à natureza temporária e à duração de suas restaurações papais; *en la moyenne* , no meio ou no ínterim, entre o protestantismo de seu irmão mais novo e o de Elizabeth, que a sucedeu.

O nascimento de Maria foi um evento contemporâneo de Nostradamus; podemos ter certeza de que uma investigação muito pequena teria permitido a ele torná-la conforme aos fatos da história. Como exemplo de seu método e procedimento, é muito importante descobrir que ele não se deu ao trabalho de fazer isso. É evidente que nosso profeta agiu independentemente de ajudas externas. Parece que ele tinha métodos e caminhos próprios, nos quais tinha a fé mais plena e implícita. De qualquer maneira que as impressões o alcançassem, ele se expôs à sua recepção, uma recepção a todas as aparências de pura passividade: ele tomou o primeiro momento para anotá-las, mais como um amanuense sob ditado do que como sendo pessoalmente responsável por tudo que ele colocou no papel. A explicação de DD sobre esta passagem é muito singular, e implica um pouco do discernimento de um adepto dos processos mágicos e da linguagem fatídica, dos quais ficaríamos felizes em saber mais. Devemos, no entanto, contentar-nos com isso como é; e mesmo esse pequeno vislumbre será valorizado por aqueles que amam estudar a mente humana em todos os seus caminhos, e que estão qualificados para fazê-lo, afastando de sua própria mente todo preconceito particular e vã presunção. Ele diz a respeito da discrepância:

"Mas, se ele não a conheceu, então tem ele quer ouvi-lo *em raptu* enquanto seu gênio ditou-lhe um ano e três *Heptades* , ou esqueceu *pós raptum* , e fez escrever um ano e dois *Heptades* . A *Lingua Demonum* usa *Septenarios em numerando* , como fazemos *Denarios* . "

Não tenho ideia de onde ele tira essa inteligência. O que ele ouviu *em raptu* não poderia ter sido um ano e três heptades, pois isso representaria vinte e dois anos, e nós temos que fazer com vinte e um anos. O que ele pode ter ouvido, supondo que estamos certos quanto à *lingua demonum* , seria "um, mais duas heptadas", ou seja, *três heptades* ; e ele pode ter suposto que significasse um ano mais duas heptadas, ou quinze anos. Se não for satisfatório, pelo menos isso tem algo de plausível.

A frase *Regne de Balance* tem muita importância associada a ela. Garençières traduz a última linha, "Ela terá sucesso no Reino de Libra", e ele observa que a princesa, que ele não reconhece de todo, nascida há tanto tempo antes de seu irmão, será casada com um rei da França, que é significada pelo "Reino de *Libra* ". Ele também diz que Louis XIII. foi chamado de *O Justo* , porque nasceu sob o signo de *Libra* . Eu dou isso por causa de sua curiosidade, embora um tanto irrelevante, tanto quanto posso ver.

A frase *Règne de Balance* é uma daquelas frases enérgicas e grávidas, sempre caindo instintivamente da pena de Nostradamus, sobre todos os assuntos tratados por ele ou examinados de relance. Toda a tendência da política da Inglaterra, desde os dias de Henrique VII até o Tratado de Viena, foi manter um equilíbrio europeu e providenciar para que nenhum Estado se tornasse tão forte a ponto de dominar o resto. Os sábios conselhos dos estadistas de Elizabeth foram todos dirigidos na esperança de fortalecê-la; e nunca foi seriamente infringido até a primeira partição da Polônia em 1772, que foi completada pela terceira em 1795. A falsa profissão de Napoleão para restaurá-lo em 1806 pode contar - como tudo o que ele disse, "tão falso quanto os juramentos dos oficiais" -por nada. A permissão da Inglaterra para esse crime, - aquela satanaria de coroas reais, atingiu-a com cegueira judicial; - e publicitários contratados, os répteis venais que precederam os jornalistas, logo surgiram em abundância, para confundir e secar o senso

moral da Europa. A Polônia havia estabelecido o mais inviável de todos os esquemas governamentais, uma monarquia eletiva; um arranjo que garante anarquia periódica em cada eleição, e geralmente uma escolha errada finalmente. O satanismo de Split Eagles cedeu, que os poloneses não podiam governar a si próprios. Mas o quarto artigo do testamento de Pedro, o Grande, mostra que eles não deveriam governar a si próprios. Eles deveriam ser mantidos em ciúme contínuo, enquanto os outros poderes deveriam ser corrompidos pelo ouro e uma parte do saque; até que a Rússia pudesse retomar tudo. Os subornadores, os subornados e os publicitários tiveram tanto sucesso que a própria frase "Equilíbrio de poder" se tornou, e palafitas é, um assunto ridículo na conversa comum. Desta forma, sua óbvia racionalidade é excluída de qualquer chance de um julgamento justo. As Leis de Navegação, Leis do Milho e Proteção, foram todas tratadas da mesma maneira em nosso tempo, e com as mesmas consequências revolucionárias e perda da supremacia inglesa. O Marquês de Bouillé, em seu "*Règne de Balance*" _{Eu} passei, provavelmente para sempre, do cetro da Inglaterra; apenas vinte anos após a divisão final da Polônia. Amaldiçoados são aqueles que, com as armas nas mãos, aguardam e permitem que o mal seja feito! Repetimos a covardia quando a França estava sob o calcanhar da Prússia. Se não restasse nenhuma virtude, a política comum de equalização deveria ter pesado, para jogar a ajuda para o lado mais fraco.

RAINHA ELIZABETH (1533-1603).
Século VI. - Quadra 74.

La dechassee au regne tournera,
Ses ennemies trouvez des conjurez; Plusque jamais son temps triomphera,
Trois, et Septante, la mort, trop asseurez.

Tradução .

A rejeitada finalmente alcançará o trono, seus inimigos considerados traidores. Mais do que nunca, seu período será triunfante. Aos setenta, ela certamente irá à morte, no terceiro ano do século.

Elizabeth foi afastada do trono por muito tempo. Quando ela chegou lá, é claro que todos os inimigos eram considerados traidores, e nenhum reinado foi mais triunfante. Ela provou ser um espinho no lado do papado; derrubou a Armada; e paralisou o poder da Espanha, despojando-o de uma grande extensão de terra na América, que recebeu o nome de Virgínia; e sob Essex, em 1596, infligiu-lhe uma perda de vinte milhões de ducados ou pedaços de oito, na baía de Cádiz. Nas próximas a quadra que tomaremos parece referir-se à expedição de Essex.

A quarta linha é muito singular. Não tem pontuação na edição de 1558; então introduzo uma vírgula entre *trois* e *septante*. *Septante* é "setenta", uma boa e velha palavra que saiu do uso francês, mas que muitos estudiosos franceses consideram infinitamente preferível à desajeitada circunlocução *Soixante dix*. *Trois* significa 1603. Nostradamus freqüentemente descarta os milhares e centenas de uma data. Em breve chegaremos a um caso em questão, no incêndio de Londres, 1666. Quando Nostradamus descreve a cidade condenada, ele escreve: "Bruslé par fond, de vingt-trois les six." O nada em 1603 não pode ser dado, de modo que, omitindo os números nas dezenas, centenas e milhares, o *trois* o restante fornece a data; de modo que a linha permanece "No terceiro ano [do século dezessete] e nos setenta anos de idade, a morte certa virá". Elizabeth nasceu em 7 de setembro de 1533 e morreu em 24 de março (3 de abril, NS) de 1603; cumprindo minuciosamente as condições da linha assim estabelecidas.

ATAQUE A CADIZ BAY (1596).
Século VIII. - Quadra 94.

Devant le lac ou plus cher fut getté De sept mois, et son ost desconfit Seront
Hispanis par Albanois gastez, Par delay perte en dormant le conflitos.

Tradução .

Antes do lago, onde muitos tesouros (*mais cher*) ficaram encalhados, depois de uma viagem de sete meses, e o anfitrião ficou desconfortável. Os espanhóis serão derrotados pelos ingleses, pelo tempo perdido antes da batalha.

Garencières aqui toma *Albanois* por albaneses, o que obviamente o impede de alcançar qualquer significado concebível. Significa inglês, como Albanies ou Albions. A quadra pode ser razoavelmente interpretada do ataque feito por Essex, Howard e Raleigh, junho de 1596, na baía de Cádiz. Eles destruíram treze navios de guerra e quarenta enormes galeões sul-americanos, parte da grande "frota de prata" ou "frota de placas". Eles ficaram presos em seu próprio porto. Se os espanhóis estivessem alertas, eles poderiam ter descarregado os navios-tesouro e, assim, salvado as cargas. Se tivessem atacado os ingleses imediatamente, em vez de aguardar o ataque, poderiam tê-los rechaçado ou, pelo menos, mantido fora do porto. Mas estavam tão prostrados que o duque de Medina teve finalmente de disparar contra os navios para evitar sua captura. Os espartanos e espanhóis foram considerados de pequeno *porte* : *Mi venga la muerta di Spagna* - "Que minha morte venha da Espanha, pois então certamente demorará a chegar" (Ensaio de Bacon sobre Despacho). Collins não dá isso em seus provérbios espanhóis. Mas não apenas os espanhóis e espartanos procrastinaram. "Negócios amanhã", disse o Polimarca de Tebano, em Plutarco, enquanto colocava sob seu travesseiro alguns despachos relacionados a uma conspiração, e foi morto antes de lê-los. A sabedoria do copyslip diz: "Atrasos são perigosos".

A baía e o porto de Cádiz podem muito bem ser chamados de lago, tendo 12 milhas para um lado e pelo menos seis para o outro, enquanto a entrada de Rota para o Castelo de São Sebastião tem cerca de seis milhas. Quando Essex obteve posse do Castelo de Puntales, ele comandou toda a cidade e o porto. A ideia de *lago* é expressa no próprio nome de Cádiz, que deriva da palavra púnica *Gaddir* , um *lugar fechado* . Os gregos corromperam isso em γάδιρα, ou γῆς δειρή, "pescoço de terra". Os romanos contraíram essa palavra ou a palavra púnica em *Gades* , e os espanhóis em Xerez, com a ajuda de seu gutural árabe.

Século VI. - Quadra 22.

Dedans la terre du grand temple celique, Nepueu à Londre par paix feincte meurtry: La barque alors deviendra scismatique, Liberté feincte sera an corn 'et cry.

Tradução .

No país do grande templo celestial, o sobrinho é assassinado [por aquela que vem] a Londres sob uma falsa trégua. O navio [de Pedro] então se tornará cismático, e a liberdade fingida se tornará o clamor.

Não posso, confesso. completamente fazer isso. DD a interpreta do assassinato de Henry Stuart, I 567, e do estabelecimento final da Reforma. Se assim for, será uma prova da incerteza e quase capricho de que se tratam as previsões. É estranho que o assassinato de Henry Stuart encontre qualquer representação, quando, pelo que eu ainda sei, nada está registrado sobre o destino da própria Maria Stuart. O templo celestial é, de acordo com DD, o reino dos *Angeli*, Anjos ou Anjos, ou seja, os ingleses. Não somos de forma alguma forçados a aceitar esta interpretação, pois *Celique* pode significar *luminoso*, de acordo com o Glossário de Le Pelletier, onde ele deriva a palavra do grego σίλας embora eu não veja tal palavra. *Celique* é geralmente considerado como representando *celeste*, *cælitus*, de *cælum*. Podemos ler isso como um erro de impressão para Celtique. Então, *la terre du grand temple Celtique* seria a ilha na qual está localizado o grande templo druida de Stonehenge - a ilha de Apolo, *Templum Solis*, já que Bath é a fonte do sol, Aqua Solis. Registro essas dicas, não como tendo muito valor em si mesmas, mas como possíveis ajudas para uma elucidação futura.

La Barque, em Nostradamus, sem dúvida deve ser interpretado como o papado, o navio de São Pedro; mas se, como penso, a referência geral da quadra for à Inglaterra e assuntos ingleses, então eu deveria interpretar *La Barque* como o Navio do Estado, tornando-se cada vez mais cismático, e no qual os Puritanos, Independentes e outros Dissidentes levantam um grande clamor sobre liberdade e liberdade de consciência (*au corn ' et cry*, ou *um cor et à cri*, que é uma variante da edição anterior). Os puritanos estavam se tornando mais problemáticos na Inglaterra e na Escócia durante os reinados de Elizabeth e Maria Stuart. Aqui, DD insiste em qual é a função de seu livro estabelecer; que a ascensão da Casa de Hanover ao trono da Inglaterra é um tópico distinto das profecias de Nostradamus. James I. era o bisavô de George I. Sua filha Elizabeth casou-se com Frederic, o Eleitor Palatino, e teve filhos com a princesa Sophia, Electress de Brunswick-Lunenbergh, a mãe de George I.

INGLATERRA TORNA-SE GRÃ-BRETANHA (1603).
Século III. - Quadra 70.

La grand Bretaigne comprinse d'Angleterre, Viendra par eaux si₁ haut à inonder La Ligue neuve d'Ausonne fera guerre, Que contre eux ils se viendront bander.

Tradução .

A Grã-Bretanha, incluindo a Inglaterra, virá a ser inundada com muita força pelas águas. A nova Liga na Itália fará guerra contra todos os que se unem contra qualquer um dos co-signatários.

A Inglaterra era politicamente chamada de Grã-Bretanha quando a Escócia foi unida a ela na ascensão de Jaime I. em 1603. Ainda assim, de forma indefinida, o termo, ou termos semelhantes, tinha sido freqüentemente empregado. Para não ir além da "Faerie Queene" de Spenser (Livro III. C. li. § 7), encontramos:

Longe da minha soja nativa, que se chama The Greater Brytayne, estou aqui para buscar elogios e fama. Nesta passagem, Church diz, significa País de Gales, distinto da Pequena Bretanha na França. O Grande Brytayne dificilmente seria o País de Gales, mas a Inglaterra e o País de Gales juntos antes da Heptarquia Saxônica. Isso, entretanto, de forma alguma interfere na propriedade da distinção traçada por Nostradamus. Sua alusão é clara à época de Jaime I., que assumiu o título de "Rei da Grã-Bretanha" em 24 de outubro de 1604.

As inundações mencionadas começaram no final de janeiro de 1607. O principal dano ocorreu em Somersetshire, onde o mar rompeu os diques e inundou o país por trinta milhas de comprimento e seis milhas para o interior, com a destruição de todas as propriedades e muito mais dos habitantes. Bristol sofreu. A costa leste de Norfolk sofreu da mesma maneira, embora não tanto. Um longo relato sobre isso, dando detalhes curiosos da calamidade, foi procurado por Garençières e encontrado em um livro antigo, quase esquecido em latim, intitulado "Rerum em Galliâ, Belgiâ, Hispaniâ, Angliâ, etc., *gestarum anno 1607*," à Nicolao Gotardo Artus Dantisco, VII., Livro 2.

La Ligue neufve , DD diz, foi uma renovação da *Liga Sancta* iniciada em 1526 entre o rei da França, o Papa e os venezianos. A renovação ocorreu em

1606, e foi simplesmente defensiva, precisamente como a quadra diz.

Assim, a quadra se estende por um espaço de três anos, a partir de outubro de 1604, estabelecendo o título de "Grã-Bretanha"; a ratificação da *Liga Sancta* em

1606; e as inundações em Somerset e Norfolk em 1607. A aliança de 1526 atende pelo nome de Tratado de Cognac (ou *Santa Liga*). Foi concluído em 22 de março de 1526, entre o Papa, Francisco I., Veneza, Henrique VIII, os suíços e Florença. A segunda aliança ou aliança defensiva, de acordo com D, D., era apenas entre três dos signatários originais;

França, o Papa e os venezianos. Não acho que seja mencionado, mas presumo que ele esteja certo. Garencières evidentemente escreve ignorando totalmente esses dois tratados; mas diz que a Liga será de Bordéus, que se chama *Ausone* , de Ausonius, o famoso poeta latino, que aí nasceu. Aqui certamente significa Itália; mas eu mencionei isso, pois é bem provável que Nostradamus pudesse empregar a palavra, embora ele não o faça nesta ocasião. *Ausone* ocorre mais uma vez, pelo menos, na Quadra 22 do Século VII., A qual não sei que alguém ainda tenha interpretado.

CHARLES I.

Século V .- Quadra 93.

Soubs le terroir du rond globe lunaire, Lors que sera dominateur Mercure:
L'isle d'Escosse fera un luminaire, Qui les Anglois mettra à deconfiture.¹

Tradução .

Sob a jurisdição do globo redondo da lua, quando Mercúrio será o senhor do ascendente: a ilha da Escócia produzirá um luminar (príncipe) que lançará os ingleses em grande confusão.¹

Garencières perde totalmente o propósito disso, mas ressalta que a profecia deve necessariamente se relacionar com o passado, pois, uma vez que a União nada semelhante aconteceu, Carlos I. nasceu em Dunfermline em 19 de novembro de 1600; na linguagem astrológica, quando Mercúrio, senhor

do horizonte, estava em combustão e seguindo Saturno cosmicamente com o sol: o sol inclinando-se para uma conjunção com Marte, e a lua, em sua pior localização, em quadratura com Marte. Ele subiu ao trono em 1625.

DD traduz a quadra, por incrível que pareça, da seguinte forma:
Em regione aëris sublunari, Mercurius deve governar, Quando uma luz
nascerá na Escócia,
Que colocará a Inglaterra em grande desordem.

Temos aqui as estrelas em seus cursos lutando contra o rei Carlos, e, assim que nos dispusemos das observações históricas anexadas à quadra por DD, nossa intenção era ter jogado juntos alguns dos sinais fatalistas da época e do mal. presságios que acompanharam esse infeliz monarca quase por toda a vida, mas infelizmente essa intenção deve ser deixada de lado por enquanto.

Em 1609, James I. tentou induzir os escoceses a se conformarem com algum tipo de uniformidade na cerimônia da Igreja, mas ele parou de se esforçar para empurrá-los goela abaixo. O arcebispo Laud foi menos moderado. Com a zelosa persistência de um besouro carregado por um fragmento voando contra uma parede de pedra, ele, em 1637, aconselhou Carlos a introduzir a liturgia inglesa nas igrejas da Escócia, *auctoritate regis* . Ele estava voando na cara do Destino. *Quem Deus vult perdere prius dementat* .

Junto com a loucura de estabelecê-lo, foi a loucura de sua retirada pública em menos de doze meses. Foi estabelecido por mandato real, 23 de julho de 1637, e pela proclamação real, 20 de junho de 1638, retirado; um compromisso adicional foi dado de que nenhuma cerimônia inglesa deveria ser imposta à Igreja da Escócia. Qualquer novato na arte de governar saberia que esse curso estava condenado a cair totalmente. Tendo dado o primeiro passo imprudente, não deveria ter recebido nenhum outro impulso da Inglaterra; instruções particulares deveriam ter sido comunicadas ao chefe do clero de que nenhum procedimento seria realizado para fazer cumprir a lei, e ela teria morrido por si mesma. Na verdade, a concessão chegou tarde demais e deu ao escocês tempo para fazer um pacto de nunca permitir o estabelecimento do ritual inglês; ou, como eles chamam, *Livro do Serviço* . Foi cometida a falta que, repetidamente, os ingleses se

comprometem com os assuntos irlandeses; o ceder à pressão externa. A oposição contenciosa deve ser esmagada pela força primeiro, e então concedida como da graça. Você nunca receberá agradecimentos de nenhuma parte por ter cedido às suas ameaças. Isso apenas cimentou o descontentamento; e, em 1643, a Inglaterra, instada puritanicamente, foi ainda mais longe e estabeleceu a *Liga Solene* para o mesmo efeito. Isso foi pura besteira política com a intenção de garantir o descontentamento geral.

Em 1641, o descontentamento se espalhou pela Irlanda e, como de costume nesses casos, o raciocínio inglês e a lógica escocesa se transformaram em derramamento de sangue do outro lado do Canal de St. George. Os ingleses muitas vezes se contentam com tinta e oratória, mas um celta irlandês prefere registrar sua dissidência em uma rubrica de sangue. Durante os primeiros quatro meses de antagonismo, a rebelião sob Phelim O'Neil causou o massacre de 40.000 protestantes ingleses no Ulster: DD diz 150.000, massacrados por papistas, e eles podiam ser contados pelo nome. Mas de onde ele tirou sua lista, não sei. Seu comentário sobre isso é: *Tantum religio potuit suadere malorum*. Sua citação não está correta; Espero que o mesmo possa ser dito de suas estatísticas.

Como todos sabemos, Laud expiou seu erro com a cabeça em Tower Hill, e o próprio Rei seguiria cinco anos depois em Whitehall, após ser entregue em troca de dinheiro pelo escocês aos ingleses. Como Nostradamus coloca [II. 531, *Du Juste cantou par pris damné sans crime* .

O rei Carlos tinha apenas 25 anos quando subiu ao trono, trabalhando nesse aspecto quase sob a mesma desvantagem de Luís XVI. Ambos os reis poderiam derivar pouca sabedoria da mesa do Conselho. Conseqüentemente, os primeiros atos de Carlos foram precipitados, e os do rei francês mais especulativos do que práticos. Clarendon, em sua História (i. 23, ed. 1731), dedica um ou dois parágrafos de grande interesse ao impeachment do Conde de Middlesex (Lionel Cranfield). Clarendon admite que ele foi "um homem de grande inteligência e compreensão" e ocupou todos os lugares com grande habilidade. Ele havia sido criado por Buckingham de um comerciante da cidade a um estadista, e em seu sucesso parece ter esquecido completamente o patrono a quem ele o devia. O temerário Buckingham, em seu retorno do quixotismo espanhol, influenciou

a Câmara dos Comuns a impeachment; negligenciando totalmente as consequências de empregar tal maquinário para vingar um ressentimento particular, e ele precisava arrastar o jovem príncipe Charles para ajudá-lo. O rei previu o mal. "O sábio Rei", diz Clarendon, "conhecia muito bem as consequências doentias", ¹ e ele mandou chamar esses dois - seu filho e Buckingham - para ensiná-los se possível sobre a sabedoria. Ele ressaltou que isso feriu a Coroa e abalou sua autoridade, já que os Ministros teriam que olhar para a Casa, e não apenas para o Rei, como até então. Por fim, ele explodiu na geleira: "Por Deus, Steenie, você é um tolo e em breve se arrependerá dessa loucura e descobrirá que, nesse acesso de popularidade, está fazendo uma vara com a qual será açoitado! " Ele então se virou para o príncipe e disse-lhe: "Você viverá para ter sua barriga cheia de impeachment do Parlamento; e, quando eu estiver morto, você terá muitos motivos para lembrar o quanto contribuiu para o enfraquecimento da Coroa pelos dois precedentes de que você tanto gosta ", *ou seja*, envolver o Parlamento na guerra e a acusação de Cranfield. Era, de fato, ensinar a besta de muitas cabeças (que é igual a nenhuma cabeça) a provar sangue. Aqui, de fato, um rei se torna profeta; prevendo, dos fatos existentes mal direcionados, que males futuros surgirão. Isso, é claro, é bem diferente de Nostradamus. "Flambe exige sortant de solitude" [I. 1], e tudo o que pode ser obtido de visões da noite por estude secreto ou de outra forma.

CHARLES II .-- CAPITULAÇÃO DE EDIMBURGO (12 DE DEZEMBRO DE 1650).

Século VIII .- Quadra 40.

Le sang du Juste par₁ Taurer la daurade, Pour se venger contre les Saturnins
Au nouveau lac plongeront la maynade, Puis marcheront contre les
Albanins.

O acima é a leitura no tipo de texto, 1558. A versão de DD funciona como abaixo:

Le sang du juste, por Tore et les Torads, Pour se venger contre les
Saturnins: Au nouveau lac plongeront la Menade, Puis marcheront contre
les Albanins.

Ele traduz assim

O sangue dos justos, pelo amor da Torá e de Torees, clama por vingança contra os rebeldes saturninos, que mergulharão a sacerdotisa de Baco, *la menade* , no mar de suas novidades, e depois marcharão contra os escoceses.

A ideia de DD sobre a interpretação disso é que, pelo bem das pessoas que cumprem a lei (a Torá e Torees), o sangue do Rei clama por vingança contra os Cabeças Redondas de Saturno. O povo embriagado mergulhará em um novo curso de perversidade e, então, marchará contra os Highlanders. Ele considera que isso se cumpriu em 1650, quando, após a capitulação, como ele a chama, com o escocês de Breda, Carlos II. desembarcou na Escócia em 23 de junho e se juntou ao exército real, composto principalmente de Highlanders.

Mais ou menos no mesmo momento, Cromwell chegou a Londres vindo da Irlanda e o General Fairfax retirou-se do exército. Cromwell, neste momento crítico, assume seu posto e, em 29 de junho, comanda o exército parlamentar contra os escoceses.

Sem de modo algum insistir na exatidão desta interpretação, penso que fornece curiosidade suficiente para torná-la digna de inserção. O que se segue, tocando os Conservadores, dou em suas próprias palavras:

"Algumas pessoas se apegam à disciplina da Igreja da *Inglaterra* , até mesmo a uma superstição, e até seu último suspiro. Essas pessoas tinham o apelido de *Conservadores* , lançado sobre eles pelos Cromwellitas; o que é o mesmo que dizer que alguns têm a lei do Igreja imposta a eles, da *Torá* hebraica, que significa a *lei* , ou a *lei da Igreja de Deus* . Talvez o próprio Cromwell, ou alguns de seus defensores e ministros confiantes, tenham inventado esse nome amaldiçoado; como é provável pelo que aconteceu no ano de 1651, quando o Parlamento ordenou que os livros de leis fossem traduzidos do *latim* para o *inglês* , em que os advogados tiveram grande liberdade ao usar *overbalia passiva* muito freqüentemente, e quase em todas as ocasiões, de acordo com sua própria fantasia e prazer. Como, por exemplo, Apellans e Apellatus, eles fizeram um *Apealer* e um *Apealee* ; os *Arrestans* e *Arrestatus* , o *Challenger* e o *Challengee* ; como também o *Warranter* e o *Warrantee* ; o *Voucher* e o *Vouchee* ; o *Locatário* e o

Locatário ; da mesma maneira que usaram os termos de *Torer* e *Toree* ; um *Torer* , em primeiro lugar - isto é, um promotor do serviço de Oração Comum e da Igreja da Inglaterra; e um impositor das tradições humanas, em vez da lei de Deus; e, em segundo lugar, um *Toree* ; isto é, aquele que submete e permite que tais leis sejam impostas a ele. Quais *nomina verbalia passiva* , tão em voga entre os advogados ingleses, não estão de todo

Inglês, mas apenas francês, e o próprio *Participium Passivum* ; e mais adequado ao francês puro do que ao *dialeto provincial* corrompido; que duram o nosso Nostradamus muitas vezes se mistura com o seu estilo; onde eles comumente costumavam dizer, *Les confirmads* , *les restads* , *les escilads* , em vez de *les confirmez* , *les restez* , *les exilez* , etc. E de acordo com este dialeto, deve-se dizer, LES TORADS, em vez de LES TOREZ, e assim faz o nosso Poeta."

Se o que ele diz acima tem algum valor, o *Toree* seria os prelados e o clero; os *Torads*, os leigos, que aderem à Igreja da Inglaterra e sua disciplina e ritual. Isso, no contexto, teria uma adequação maior do que o próprio DD parece estar ciente, pois a palavra com a qual é contrastada no contexto é *les Saturnins* . Esta palavra em Nostradamus é constantemente usada para pagãos, em contraste com *Albanins* , Cristãos, vestidos com *albus* branco. Nesta quadra também os homens de Albany, se os tomarmos por Scotch, estão lutando ao lado da Igreja e do Estado contra os Cabeças Redondas. *Saturno* é freqüentemente indicado para o Anticristo por Nostradamus.

O francês desta quadra, tal como está, não parece estar correto. As duas primeiras linhas requerem um verbo entendido para conectá-los: "O sangue do rei [chora] pouca vingança", etc. A terceira linha tem uma construção embaraçosa: "Eles mergulharão o *Menade* em um novo lago." Se os Saturninos, mais uma vez repetido, forem compreendidos, é difícil ver o que pode causar o mergulho de sua sacerdotisa louca no lago. Se pudesse ser lido como *les Menades* , então as frenéticas Bacchantes mergulhariam em um novo mar de males ou problemas e, em sua embriaguez selvagem, marchariam para o norte. Se pudéssemos dar a *Taurer* qualquer interpretação que fosse aplicável à tradução, toda a quadra se aplicaria à Revolução Francesa, e não à inglesa. Eu

acho que o *sang du Juste* fornece, portanto, muita certeza quanto à interpretação. Deve estar relacionado a um de dois períodos; a morte de Charles I. ou Louis XVI. Então aconteceria que os revolucionários, descobrindo que os realistas buscavam vingança, declararam-se contra a Igreja e mergulharam loucamente em uma nova ordem de coisas. O *Menade* seria mais apropriado para esse período do que para o anterior. Por mais ruins que fossem na Inglaterra, havia mais luxúria, infidelidade e sangue, corrupção, vício e loucura na França.

Menade. Os *μαινόδες* eram Bacantes, as sacerdotisas que celebravam os festivais de Baco. Stephanus diz que deve ser explicado não apenas como Báquico, mas frenético; e este é, sem dúvida, o significado aqui. A palavra grega parece estar conectada com o *homem* sânscrito, pensar; e daí a palavra *manyu*, raiva, é dito ser derivado. Corriam desgrenhados, seminus e brandindo o tirso; em sua fúria, matariam e decapitariam os homens que encontrassem no caminho e arrancariam suas cabeças, saltando de raiva e alegria. De acordo com Nonnus, elas eram virgens tão cuidadosas com sua castidade que dormiam com um cinto de serpentes. Juvenal não atribui grande severidade de virtude a eles, mas suas pretensões a tal purismo superlativo torna a todos o emblema mais adequado dos puritanos hipócritas que venceram as batalhas de Cromwell por ele. No glossário de Le Pelletier, *maynade* é dada como uma palavra românica para "uma criança de quatro ou cinco anos"; mas isso não lança nenhuma luz adicional sobre nossa dificuldade.

A BATALHA DE DUNBAR (3 DE SETEMBRO DE 1650).

Século VIII. - *Quadra* 56.

La bande foible la terre₁ occupera, Ceux du haut lieu feront horribles cris:
Le gros troupeau d'estre coin troublera, Tombe pres Dinebro decouvers
les escrits.

Tradução .

A banda fraca deve ocupar a colina (ou, se preferir, pode ser, ocupar o solo ou campo [depois da batalha]). Os Highlanders (*Ceux du haut lieu*) devem dar gritos horríveis (antes de se enfrentarem e também depois de sua derrota). A grande força será prejudicada ou encurralada (*d'estre en coin*),

e cairá perto de Edimburgo, seus papéis até mesmo caindo nas mãos do vencedor.

Esta é uma previsão muito importante. O pequeno grupo na colina - pois eu prefiro essa leitura - é claramente a pequena força de Cromwell, muito na condição em que ele o descreve, em sua carta a Haslerig em Newcastle, 2 de setembro de 1650 (Carlyle's "Cromwell Cartas, "ii. 201):

"Estamos em um combate muito difícil. O inimigo bloqueou nosso caminho no Passo em Copperspath, através do qual não podemos passar sem quase um milagre."

Antes do nascer do sol, Lesley envia na segunda-feira seu cavalo para cruzar o pequeno Brocksburn. Quem quiser atacar deve primeiro atravessar este riacho, em sua *vala* profunda, como o chamavam então (o pitoresco turista diria agora *vale*), a doze metros de profundidade. O exército de Lesley sai e se posiciona em "terreno bastante estreito", diz Carlyle (p. 202) em 1846; *d'estre en coin* , diz Nostradamus em 1558; ou 1546, se preferir, pois provavelmente estava no papel limpo trezentos anos antes de Carlyle comentar; você pode até traduzi-lo, "se dá ao trabalho de se colocar em um canto." "Preso em terreno estreito e inclinado", diz Carlyle novamente (p. 206).

O leitor que desejar pode deixar aqui de ler a célebre letra em prosa de Carlyle, como eles a chamam, sobre essa "Batalha de Dunbar", com sua "lua" que "brilha, dura e azul, cavalcando entre nuvens de granizo"; qualquer que seja "uma lua azul" pode significar, ou não significar. Carlyle faz Nól lá, enquanto o nível do sol se eleva sobre a cabeça de Santo Abade e através do mar, cite o salmo sessenta e oito, no doggerel de Rous:

"Levante-se Deus e espalhe-se todos os seus inimigos;
e
fujam todos os que O odeiam diante de Sua presença!"

Observe aqui que são os *saturninos* , em um frenesi do anticristo, que fazem isso, de acordo com Nostradamus. Mas você pode escolher de que lado quiser. "O Lorde General fez uma parada", diz Hodgson, "e cantou o Salmo

cento e dezessete" ao pé da Colina Doon; ao som de Bangor ou outro, diz Carlyle, "forte e grande contra o céu", surge esta grande tensão, na qual o metro, como o próprio Lorde General, também pára:

"Louvai ao Senhor,
todas as *nações* que
existem ; do mesmo modo, vós, todos os povos, dai o Seu nome para
engrandecer"

que, para ultrapassar a medida, tem que ser lido, *nay-shy-ons* , e, pelo amor de Deus, *magniffee* . Essa energia não é realmente dramática, mas é teatral; na fronteira da sublimidade, ele curva os lábios do humor em um sorriso.

Os pobres Highlanders feitos prisioneiros foram vendidos "não", diz Cotton, "à servidão perpétua, mas por seis, ou sete ou oito anos, como fazemos os nossos" (bem-aventurados os que pertencem à família da fé); "que é realmente um arranjo suave", na avaliação do "Sábio de Chelsea" (p. 358).

Mas agora, de volta à nossa exegese, vamos. Cromwell capturou, nesta ocasião, todos os papéis do Scotch, War Office, bem como o Grande Selo da Escócia, que enviou como troféu a Londres. Carta de Cromwell para o Presidente Lenthall desculpando-se por não ter feito "discursos mais frequentes ao Parlamento", mas "agora agradou a Deus conceder uma misericórdia digna de seu conhecimento"; e assim continua, por um espaço que ocupa oito páginas 8vo impressas de perto. Ele diz que deseja tratar o escocês muito gentilmente, pois "Deus tem um povo aqui que teme seu nome, embora esteja enganado"; e ele conclui, na linguagem suja dos piedosos de seu século, que ele "ofereceu muito amor a tais, nas entranhas de Cristo". Suas entranhas, para os Highlanders feitos prisioneiros, condenados à escravidão, não *perpétua* , mas por apenas oito anos. Aqui estão ternas misericórdias e entranhas misericordiosas pela contemplação! o suficiente, como vimos, para fazer Nostradamus estremecer ao se aproximarem.

Son temps s'approche si près que je souspire (viii. 76, p. 156).

Tudo o que foi feito aqui, no entanto, não impediu que Charles fosse coroado em 1º de janeiro de 1654, em Scone, na Escócia. No verão seguinte, ele penetrou na Inglaterra e foi perseguido por Cromwell e seus braços de ferro.

DD segue a Quadra 56, que acabamos de tratar, com o Século VIII, a Quadra 57, que fica ao lado dela:

De Soldat simple parviendra en Empire. [II. 171.]

DD interpretando de Cromwell, como era mais natural na época. Garençières faz o mesmo, dizendo: "Nunca conheci nem ouvi falar de ninguém a quem essa estrofe pudesse ser mais bem aplicada do que ao falecido usurpador Cromwell;" mas, a menos que seja um tipo de duas alças, do antigo tipo eclesiástico, acho que se aplicará ainda melhor a Napoleão; e assim o aplicarei mais adiante, dando as razões por que é mais apropriado para ele do que para o Protetor. Além disso, como uma regra geral quanto à sucessão das quadras em Nostradamus, não têm mais afinidade entre si do que deitarem juntas, como um feijão toca o outro na medida do alqueire. Ainda assim, o próximo que trataremos está em sequência com os dois anteriores.

CHARLES II. APÓS A BATALHA DE WORCESTER. (3 DE SETEMBRO DE 1651).

Século VIII. - Quadra 58.

Regne en querelle aux frères divisé, Prendre les armes et le nom
Britannique: Titre Anglican sera tard avisé,
Surprins de nuict mener à l'air Gallique.

Tradução .

Quando um reino em disputa dividido entre dois irmãos pega em armas. e o nome da Grã-Bretanha: O Rei (*Tiltre Anglicano*) avisou tarde demais, surpreso à noite (é forçado) a buscar os ares da França.

É bastante duro, mas para entendermos isso seremos forçados a entender os dois irmãos como sendo Inglaterra e Escócia, ou simplesmente guerra civil. Quando Charles finalmente decidiu visitar a Escócia e lutar por sua coroa,

já era tarde demais. O lado parlamentar desenvolveu uma força com a qual ele nunca foi capaz de lidar. A perda da batalha de Dunbar foi um desastre que resolveu a questão. Ele poderia muito bem ter cercado o campo até Cromwell de uma vez. Em vez disso, no dia 3 de setembro - dia agourento! sendo o aniversário da luta de Dunbar - ele o envolve novamente em Worcester. Charles foi completamente derrotado e sua causa irremediavelmente destruída. Ele conseguiu, sob o manto da noite, escapar da cidade de Worcester e, voando de um lugar para outro por semanas, como mais romanticamente narrado em Boscobel Tracts, ele finalmente,

se juntou a sua mãe com segurança em St. Germain.

MORTE DE CROMWELL (3 DE SETEMBRO DE 1658).

MORTE DE CROMWELL (3 DE SETEMBRO DE 1658).

1660).

Século X. - Quadra 4.

Sur la minuict conducteur de l'armée Se sauvera, subit esvanouy,
Sept ans après la fame non blasmée; A son retour ne dira one ouy. 1

Tradução .

Ao soar da meia-noite, o líder do exército (Rei Charles II.) Deve salvar a si mesmo (pela fuga), e de repente desaparece. Por mais sete anos, ou seja, um dia, até a morte de Cromwell, sua reputação sobreviverá incontestada; em sua restauração ninguém dirá nada, exceto sim.

Em outras palavras, Nostradamus conta ao rei Carlos II. para continuar a ter esperança, pois embora ele tenha que voar à noite de Worcester, sua memória será preservada sem diminuição até a morte de seu vencedor, sete anos depois de um dia. Além disso, quando o dia de sua Restauração chegar, ele será recebido de volta com aclamação universal. Se tivesse sido dado como *neuf ans*, teria sido mais completo no que diz respeito a Carlos II. pessoalmente. Mas, como é, a data para um dia que coincide com a morte de Cromwell, faz supor que tenha sido dado para apontar para aquela coincidência interessante. Não teria sido mais maravilhoso do que muitos outros entre as quadras, se fosse essa a intenção; mas se isso será permitido ou não, cabe ao leitor agora que ele sabe exatamente como está - aceitar ou rejeitar.

Os franceses sempre costumavam se envolver em uma batalha de boa vontade no dia de São Luís, 2 de abril, e os ingleses no dia de São Jorge, 23 de abril. Mas o dia 3 de setembro, dia de São Mansuetus, foi ruinoso para os realistas e próspero para Cromwell. A Batalha de Worcester, tão decisiva em suas consequências,

foi iniciado às três horas da tarde em 3 de setembro de 1651; e às três horas da tarde de 3 de setembro de 1658, Cromwell morreu no que tem sido chamado de *Dia Feliz* : "A própria natureza", diz seu último cronista na nona edição da 'Encyclopædia Britannica', "parecendo profetizar, na voz da grande tempestade que varreu a Inglaterra, que uma grande potência havia falecido. " ¹ Foi uma tempestade tremenda, sem dúvida, e os homens da época disseram que o Diabo havia fugido com o Velho Noll. Alguns dizem que ele morreu com o coração partido, quando o último Parlamento convocado por ele em janeiro de 1658, recusou-se a reconhecer sua Casa dos Pares. Um fardo tão grande "bebeu seu ânimo", disse Maidston.

CROMWELL DECLARADO PROTETOR (16 DE DEZEMBRO DE 1653).

Século X. - Quadra 22.

Pour ne vouloir consentir an divorce, Qui puis après sera cogneu indigne,
Le Roy des isles sera chassé par force: Mis à son lieu qui de Roy n'aura
signe.

Tradução .

O rei concordará com o divórcio de sua coroa, o que posteriormente teria sido considerado uma ação indigna e, portanto, será expulso à força da ilha. Aquele que não tiver nenhum sinal de realeza será colocado em seu lugar. Garencières estava ciente do verdadeiro sentido disso e de sua realização. Os republicanos assassinaram o rei, deram o governo, senão a coroa, a Cromwell e expulsaram Carlos II. para a França.

CROMWELL A RAPOSA.

Século VIII. - Quadra 41.

Pour ne vouloir consentir an divorce, Qui puis après sera cogneu indigne,
Le Roy des isles sera chassé par force: Mis à son lieu qui de Roy n'aura
signe.

Tradução .

Será eleito uma Raposa sem dizer palavra, bancando o santo em público e servindo-se dos bens alheios, para depois tyranizar com um *golpe de estado* , pondo o pé na garganta do maior.

Garencières pensa que isso se aplica a algum Papa, mas DD se refere muito mais apropriadamente a Cromwell. Se minhas leituras propostas forem permitidas, a quadra não cabe ninguém tão bem, especialmente porque segue a quadra 40, que já interpretamos da Commonwealth. DD nos lembra que o Protetor foi um grande homem Chiliast e da Quinta Monarquia, e certamente *Faisant le saint public* ; até para enganar, em nossos dias tardios, Thomas Carlyle, que permitiu que o heroísmo da violência, neste caso, o deslumbrasse a acreditar que a hipocrisia do santuário era temente a Deus. Quanto a Cromwell, DD diz com sinceridade que sua dieta era moderada. Isso ele diz para fortalecer o pão de cevada, embora eu sinta fortemente

que tem uma intenção diferente. Pode até significar que ele obteve seu pão com cevada, ou John Barleycorn, da cervejaria Huntingdon. Ele era mais dado à ambição do que ao prazer, diz DD, como é o caso dos homens de sua tez saturnina. Isso pode, se alguém decidir usá-lo, conectá-lo com Quatrain 40 e *les saturnins* . "Sua estrela afortunada, Marte", escreve DD, "trouxelhe a glória de um valente herói e general."

Aqui, DD nos entretém, um tanto generalizadamente, com sua noção de uma "*peruca* , ou *aparador* , isto é, um homem vacilante ou hipócrita, desde as palavras originais para *abandar* e *aparar* ". Nós, porém, sabemos que essa etimologia não vale muito.

Nosso próximo é uma sequência de três quadras, todas as quais parecem referir-se a assuntos ingleses.

referir-se a assuntos ingleses.

1667).

Século II. - Quadra 51, 52, 53.

Le sang du juste à Londres fera faute, Brulez par foudres₁ de vingt trois les six; La dame₂ antique cherra₃ de place haute, De mesme secte₄ plusieurs seront occis.

Dans plusieurs nuits la terre tremblera: Sur le printemps deux efforts suite: Corinthe, Ephèse aux deux mers nagera, Guerre s'esmeut par deux vaillans de luite. 1

La grand peste de cité maritime
Ne cessera, que mort ne soit vengée Du juste sang par pris damné sans crime, De la grand dame 2 par feincte n'outragée.

Tradução .

O sangue dos justos será exigido de Londres, queimado por bolas de fogo em três vezes vinte e seis; a velha Catedral cairá de seu lugar alto, e muitos (edifícios) do mesmo tipo serão destruídos.

Por muitas noites a terra estremecerá; na primavera, dois choques se sucedem; Corinto e Éfeso nadar nos dois mares, a guerra surgindo entre dois combatentes fortes na batalha.

A grande praga da cidade marítima não diminuirá até que a morte seja saciada pelo sangue justo, vilmente vendida (por £ 2.000.000) e condenada sem culpa. A grande Catedral indignada por fingir (santos).

A primeira quadra trata mais notavelmente do grande incêndio de Londres; anotando o ano preciso, o incêndio da igreja de São Paulo e outros danos aos interesses protestantes.

O segundo mostra que uma guerra marítima sangrenta deve ocorrer, a terra estremecendo sob os canhões dos navios, sacudindo os penhascos. Houve essa guerra em 1665, 1666 e 1667, entre a Inglaterra e as sete províncias unidas dos Países Baixos. Navegando nos mares estreitos, ele se compara às águas *Ægean* entre Corinto para a Inglaterra e Éfeso para Antuérpia. Ele os descreve como realmente ocorreram, começando de novo a cada primavera seguinte, *sur le printemps* . DD observa que eram tão obstinadamente contestadas, todas essas lutas, que duravam dias seguidos ou, como diz

Nostradamus, *noites: plusieurs nuits la terre tremblera* , de acordo com o costume inglês de acerto de contas por quinze dias, e não quatorze dias. Agora os franceses

consideram a quinzena como uma *quinzaina* , isto é, até o décimo quinto dia, o que naturalmente contém apenas quatorze noites; e você poderia dizer *la terre tremblera* , pois o canhão reverberando entre os penhascos os moveria perceptivelmente. DD pensa que *la grande dame* na última quadra é a grande cidade de Londres, a metrópole ou cidade-mãe; uma maneira oriental de falar. De sua maneira erudita, ele acrescenta: "O grande incêndio apenas metamorfoseou a cidade *ex Ligneâ na Lateritiam* ", convertendo-a de madeira em tijolo.

A distância em que os sons podem ser ouvidos parece variável. Capitão Parry, em sua "Terceira Viagem", p. 58, relata, é dito, que em Port Bowen uma conversa poderia ser mantida distintamente a 6696 pés, que é mais de uma milha. Dr. Clark, em suas viagens (ii. 331), enquanto navegava do Golfo de Glauco para Alexandria, ouviu o disparo dos ingleses sobre a fortaleza de Rachmanie, no Nilo. Todos a bordo ouviram, a uma distância de 130 milhas. O terremoto em Sumbawn, em 1815, foi ouvido a 970 milhas de distância ("Horæ. Apoc. De Elliot", iv. 218). Na "Física-Teologia" de Dereham (ip 185, ed. 1786), um Dr. Hearn é citado como certificando que armas disparadas em Estocolmo em 1685 foram ouvidas a uma distância de 180 milhas inglesas; e na guerra holandesa acima, 1672,, No. 113.) Lembrome de ter lido, embora não tenha notado onde, que os canhões empregados em Waterloo foram ouvidos, em Hythe, em Kent, na manhã de domingo, de modo que se soube que Wellington e Napoleão haviam lutado em algum lugar; o fato foi confirmado pela inteligência pouco depois. O zumbido do tráfego de Londres em 1820 podia ser ouvido colocando o ouvido no chão no topo de Putney Hill, como Sir Richard Phillips relata em seu "Morning's Walk to Kew" (p. 152). Mas todo o sul do Tâmesis foi então enganado ruralmente com o colete esmeralda da Natureza, e ela, no caso, a terra poderia transmitir vibrações da cidade turbulenta; mas agora ela estremece com uma paralisia semelhante, e Putney é tão rural quanto Clerkenwell Green. Muito do transporte do som depende do vento, sem dúvida. J. p. Malcolm ("Londinium Redivivum," iii. P. 117) tem algumas observações interessantes sobre o sino de São Paulo. Ele morava

na cidade de Somer's, e com um forte vento nordeste ele podia ouvir cada hora soando tão claro como se estivesse a apenas quatrocentos metros de distância, mas com o vento leste, sudoeste ou norte, nenhum som poderia ser ouvido. Agora Somer's Town fica ao norte-noroeste de St. Paul's, que, em linha reta, fica a três quilômetros e meio de distância; de modo que um vento nordeste deve transmitir as vibrações a Lambeth. Ele descobriu que esse vento carregava toda a fumaça e, assim, deixava o ar livre para que o som viajasse por ele. Um vento sul o oprimiu com barulho. Ele podia ouvir distintamente o guarda em St. James's Park batendo a tatuagem às oito, nove, dez e onze horas, a cada toque distinto do tambor. Pode-se julgar por isso que o vento soprava quase exatamente para o leste em Waterloo naquele famoso domingo, 18 de junho. Foi um vento leste em Baalzephon que arruinou o Faraó. Eu me detive assim episodicamente sobre o som para mostrar, se possível, que este *tremor de terre* era o efeito do som surgindo nas águas, mas vibrando na terra, e não a convulsão de um terremoto.

Quadra 80 do Século III. já tratamos disso com a ajuda de Le Pelletier, e o interpretamos de Carlos I., e ali fizemos o bastardo representar Cromwell. DD faz a leitura alternativa de *l'indigne* e compreende James II. O bastardo então é naturalmente o duque de Monmouth, filho natural de Carlos II .; mas ele nunca foi *demy receu* ; e se tivesse a intenção de retratá-lo, ele não teria sido mencionado depois, mas antes, da abdicação. Portanto, preferimos deixá-lo como o colocamos no início.

WILLIAM III. E A REVOLUÇÃO (1688),

Século IV. - Quadra 89.

Trente do Londres secret conjureront, Contre leur Roy, sur le pont
l'entreprise: Leuy, satalites là mort de gousteront,₁ Un Roy esleut₂ blonde,
natif do Frise.

Tradução .

Trinta de Londres conspirarão secretamente contra seu rei; sobre a ponte a trama deve ser planejada. Esses satélites terão gosto de morte. Um rei de cabelos louros será eleito, nativo da Frísia.

DD lê para *trente* , *treinado* . Se a leitura verdadeira tivesse sido treinada, teria sido maravilhoso, porque as bandas treinadas de Londres não haviam sido pensadas na época de Nostradamus. Garencières interpreta a quadra como uma referência a Carlos I. e diz que é bem sabido que os conspiradores costumavam se reunir no *Urso ao pé da ponte* . Esta era uma pousada famosa no lado sul da London Bridge. Foi demolido em 1761, quando as casas foram removidas da London Bridge (*Public Advertiser* , 26 de dezembro de 1761), "Hist. Sign.", P. 154

The *Quarterly Review* (xxvi. 189), em alguns comentários muito depreciativos sobre Nostradamus, diz desta quadra particular que prevê "a Revolução de 1688 com clareza tolerável", repousando sobre a última linha, que imprime em itálico. Como, no entanto, William III. nasceu em Haia, não nasceu na chamada Frísia, mas no Sul da Holanda. Não sei se fazia parte da Frísia na época de Nostradamus. DD fica intrigado com a palavra loira e sugere que talvez William tivesse cabelos louros na juventude, "ou pode ser uma alusão ao seu nome, Guillaume, por causa (*sic* ?) De *cil* , significando *sobrancelhas* ". Este vermicular deve-se permitir que nosso clérigo altamente excelente se contorça, que é manifestamente incapaz de fazer a quadra dizer o que quer. Tivemos numerosas quadras que, quando bem compreendidas, pareceram bastante claras e que são menosprezadas como "versos perplexos" pelo *Quarterly* . Mas isso que eles acham expresso com "clareza tolerável", eu não acho claro de forma alguma. Não encontro nenhum enredo de *trinta* , nenhuma reunião de conspiradores no Bear ao pé da ponte, ou em qualquer outra ponte, nem satélites executados, nem de um rei *louro* , nem de um nativo da Frísia.

MARLBOROUGH E O CARDEAL DE BOUILLON.

Século VI .- Quadra 53

Le grand Prélat Celtique à Roy suspecto, De nuict par cours sortira hors de regne: Par Duc fétil à son grand Roy Bretagne, Bisance à Cypres et Tunes insuspect.

Tradução .

O grande Prelado celta suspeito pelo rei,
postar-se-á às pressas à noite para fora do reino,
através de Bisance, Ypres e Bethune, sem ser descoberto,
Com a ajuda do duque fértil (em conquista) para o grande rei da Bretanha.

Isso se refere ao cardeal de Bouillon, grande esmoler da França, que foi deturpado ao rei francês a tal ponto que não pôde comparecer à corte. Depois de alguns anos, ele abandonou sua acusação e decidiu deixar a França. Ele era parente do príncipe Eugène, que estava com Marlborough, perto de Arras. O cardeal aproximou-se deles na calada da noite, exatamente como descrito por Nostradamus, sob a proteção de um forte comboio, enviado por Marlborough para protegê-lo dos batedores de Ypres e de outros lugares mencionados. Quando chegou a Antuérpia, ele simplesmente enviou sua fita da Ordem à Corte francesa, acompanhada de sua renúncia. Ele é chamado de "Prelat Celtique" como o Ducado de Bouillon fica em Gallia Celtica. DD afirma que grand Roy é uma abreviatura de *Royaume*. Mas o sentido é melhor se tomado literalmente como está.

Transcrevo para o leitor curioso de DD a seguinte passagem; é muito singular para ser negligenciado:

"Mas a alusão ao duque de Marlborough é ainda mais bonita. Se o gênio [de Nostradamus] lhe *tivesse* ditado *Marnebourg*, ele poderia ter entendido e escrito sem hesitação, pois o *Marl* inglês e o *Marne* francês são um e o mesmo. Os daemons falam todos os tipos de línguas, mas Nostradamus não entendia o inglês, de onde veio que, ao ouvir o nome Marlborough, ele se assustou e pensou: ' *Qu'est-ce que Marl ?* ' Em seguida, foi inspirado a ele, ' *C'est une terre fertile et grasse* ', pelo qual ele está atribuindo a ele *Nomen* e *Omen* de uma vez só; o duque, por cujo zelo infatigável e valor incomparável o Reino da Grã-Bretanha deve ser fértil em conquistas. "

Século II .- Quadra 68.

Isso já foi tratado por Le Pelletier (i. 125) sob Louis XIV., Como cumprido no esforço para restabelecer James II. na Irlanda. Mas DD se refere a 23 de março de 1708, quando o Pretender lançou âncora antes de Edimburgo, e ninguém apareceu para ele. Ele navegou para longe, escapando por pouco

da frota inglesa. Por causa disso, uma Lei do Parlamento foi aprovada, declarando-o rebelde e estabelecendo uma recompensa sobre sua cabeça. DD diz que a partir de então Nostradamus sempre o designa pelo título de Rebelde. Como esta quadra, na qual estamos, não se refere ao Pretendente, a observação acima apenas mostraria que Nostradamus sempre fala do Pretendente como um rebelde. Bouys interpreta isso, como já dissemos, das vitórias de Napoleão no mar; como também que Bouys estava profetizando cegamente após a batalha de Trafalgar, e na ignorância de que tal combate decisivo havia sido travado. Garencières o interpreta como cumprido nos tempos de Carlos II: de modo que com quatro intérpretes temos quatro interpretações. Os cétricos podem empregar esse fato como eles gostam; Tenho o prazer de lhes fornecer a oportunidade. O total das interpretações parece-me tão espantoso que podemos muito bem nos submeter a deduções como esta. Além disso, não estou tentando estabelecer nenhum ponto; Desejo que os fatos se estabeleçam. O que eles finalmente mostram ser sustentável, vamos adotar.

A SUCESSÃO DE GEORGE I. (20 DE OUTUBRO DE 1714).

Século VI. - Quadra 64.

On ne tiendra pache aucune arresté, Tous recevans ironr per tromperie: De
paix et trefue, et terre et mer protesté. Par Barcelone classe prins d'industrie

Tradução .

Eles não manterão nenhum tratado fixamente (presos). Todos os que ganharam trapaceando irão (de graça). Paz e trégua são proclamadas por terra e mar. Barcelona capturada pela perseverança da frota.

Esta quadra é extremamente obscura e muito difícil até de traduzir adequadamente. DD, que está escrevendo apenas um ano após os eventos reais, - sendo a data de publicação de seu livro 1715, - o faz sentido assim: George I. é proclamado Rei, 20 de outubro de 1714, e Nostradamus notifica que haverá ser uma libertação geral de todos os prisioneiros por dívidas. Mas é difícil extrair esse sentido das duas primeiras linhas, especialmente porque nenhuma palavra ocorre sobre a Inglaterra, um rei ou um trono. As outras duas linhas abordam bem o período. A Paz de Utrecht foi concluída em 1713, e a paz entre a Alemanha e a França em Radstadt ocorreu em

março de 1714. A guerra entre a França e a Espanha também foi concluída antes que o rei George subisse ao trono; até Barcelona foi tomada, antes de ser coroado (20 de outubro), de modo que a menção daquela cidade por Nostradamus vem com muita felicidade e adequação, se decidirmos que ele se refere a George I. em tudo aqui. O livro de DD deve ter sido escrito antes de 20 de outubro de 1714, como ele diz, espera-se que no *dia da coroa*ção o rei esvazie a maioria das prisões.

GEORGE 1. (1714).
Século II. - Quadra 87.

Après viendra des extrêmes contrées, Príncipe Germain, dessus le throsne doré; La servitude et eaux rencontrées,
La dame serve, son temps plus n'adoré.

Tradução .

Depois virá, de uma terra distante, um príncipe alemão no trono dourado. A escravidão e as águas se encontrarão. A senhora servirá, seu tempo não mais adorado.

DD considera que isso se relaciona com o rei George e observa que o rei exerceu um controle mais forte do que era possível para a rainha Anne. O príncipe alemão ascendendo ao trono de ouro certamente parece apontar para George I. Mas Brunswick não é um país muito distante. Pode-se dizer que o governo constitucional moderno foi estabelecido primeiro pelos Georges, então a servidão e os *eaux* , ou o povo e seus chamados direitos, se reuniram, mas então você teria que interpretar figurativamente a última linha: autoridade (*la dame*) serve, ou está subordinado a, o fantasma. da Liberdade, o tempo de reverência e bons sentimentos tendo passado. Isso, eu digo, pode ser interpretado assim, mas não carrega muito mais convicção do que o significado encontrado por Garençières. Ele terá que ser uma profecia relacionada a Gustavus Adolphus, da Suécia, chamado de alemão por causa de sua ascendência alemã. Seu trono dourado era o navio dourado em que navegou. Ele fez a escravidão e as águas se encontrarem, porque, ao desembarcar, ele começou a conquistar a Germânia - aquela senhora que depois não foi mais adorada como antes.

GEORGE I. E A PAZ (1714-1727).
Século X. - Quadra 42.

Le regne humain d'Anglique geniture, Fera son regne paix union tenir:
Captive guerre demy de sa closture, Longtemps la paix leur fera maintenir.

Tradução .

O trono humano da progenitura inglesa estabelecerá sua regra para manter a paz e a união. A guerra ficará em cativo, ou pelo menos confinada à metade de sua área usual. (George lutará apenas com a Espanha. Paz no exterior e um esforço para manter a união em casa, contra os esforços do Pretendente.) Assim, a paz será assegurada ao país por um longo período de anos.

Já demos nossa interpretação para a próxima quadra de DD (III. 57, p. 166). Ele descobre que George nunca faltará como herdeiro ao trono até o Dia do Juízo. Eu mesmo não vejo nada do tipo que possa ser justificado em Nostradamus. Ele parece estar contrastando as numerosas mudanças na Grã-Bretanha com a feliz estabilidade da França. Eu não deveria ter feito referência a isso, mas pela oportunidade que oferece de apresentar algumas das curiosas observações de DD sobre a porção astrológica dos versos.

Na Criação, o Gêmeos ficava na casa ou signo de Áries, perto da colura equinocial, que tem apenas seu próprio pólo; mas eles estão agora na quarta casa chamada Câncer, perto da colura solstial, que tem um pólo duplo, viz. *Mundi et eclipticæ* . *Basharion* é uma palavra árabe e denota Humanus. *Bashar* , um substantivo *Caro, hominis cutis, homo* . Nos três signos, Áries, Touro, Gêmeos, que formaram sucessivamente o Caput Zodiaci, ninguém, exceto Gêmeos, é de figura humana; esse sinal deve ser pretendido pela palavra

Basharion (especialmente porque a palavra não é *Basharion* , mas *Bastarnan*); de modo que, até a idade do mundo chegar a seis ou sete mil anos, isto é , até o Dia do Juízo, isto durará; e quando chegar o grande dia, será encontrado um descendente direto daquele grande rei sentado no trono inglês.

Ele não deu atenção ao *Pempotam* e sua duração de trezentos anos, como uma espécie de medida das sete mudanças, e Nostradamus em lugar algum diz que a sétima mudança durará até o fim dos tempos. Como quase todos os intérpretes, DD lê sua própria imaginação na profecia.

O leitor que se preocupa com explicações como essas encontrará muito mais do mesmo tipo nas anotações de Garencières sobre esta quadra. Ele observa que o signo de Áries governa a França e que dobrar seu polo significa retornar uma segunda vez ao mesmo lugar, de modo que as estrelas prometem à França uma longa continuação na exaltação. Ele acrescenta que, se ele próprio fosse um grande astrólogo, deveria calcular exatamente todo o cálculo, e acha que Áries deveria chegar a esse polo no ano de 1845. Mas Garencières parece não ter tido a menor ideia da Revolução Francesa de 1789, pois previsão de Nostradamus; nem ainda da segunda Revolução de 1848, embora ele tenha traduzido todas as quadras para o inglês.

Notas de rodapé

146: 1 Latim, *gens* , nação.

146: 2 Franche, para *gent Franche* , nação francesa.

146: 3 Latim, *por* , por razão de.

146: 4 Latim; Áries, signo do Carneiro.

146: 5 *Bastarnie* , correspondendo à antiga Polônia.

149: 1 Romance, *não* , *né* , nascido.

149: 2 Lonole, anagrama para Ὀλλύων, destruindo, do verbo ὀλλύειν, destruir. Destruidor.

149: 3 *Donra* , para *donnera*, dará.

149: 4 *Topique* , flores da retórica, oratória.

150: 1 Quando hempe é sponne, a Inglaterra está acabada.

Quando Elizabeth estava na flor da idade, Bacon lembrava-se bem de ter ouvido o que precede; hempe que representa Henry, Edward, Mary e Philip, e Elizabeth. "O que", disse ele, "graças a Deus, só se verifica na mudança de nome; pois o estilo do rei agora não é mais da Inglaterra, mas da Grã-Bretanha." Observe a maravilhosa propriedade das palavras usadas por Nostradamus. Ele notou no lugar certo e no instante uma mudança nacional

de nome; um ponto de precisão que nove entre dez ingleses letrados deixariam de responder corretamente, em resposta à repentina pergunta: Quando a Inglaterra foi chamada pela primeira vez de Grã-Bretanha? Seria interessante conhecer a história desta "profecia trivial", como a chama seu senhorio, pois contém uma boa parte do verdadeiro espírito de previsão. Certamente era genuíno,

151: 1 Romance, *dechassé* , simplesmente *chassé* .

151: 2 Latim, *por* , por razão de.

151: 3 Latim, *ira* , raiva.

151: 4 Romântico, *tracer*, siga uma estrada, pista.

152: 1 *Contre* , à côté de, oposto ou próximo a.

156: 1 Italiano, *macellaio* , açougueiro, do latim *macellum* .

156: 2 Romance, *não* , né, nascido.

159: 1 *Pempotam* , uma palavra chocante feita do grego e do latim *πᾶν*potens, todo poderoso.

159: 2 Latim, *Copia* , forças militares.

159: 3 Latim, *Lusitani* , Português.

161: 1 O título completo é: "As Profecias de Nostradamus sobre o destino de todos os Reis e Rainhas da Grã-Bretanha desde a Reforma, e a sucessão de sua atual Majestade o Rei George, e a continuação da Coroa Britânica em sua forma mais serena Casa real até o último dia do mundo. Coletada e explicada por DD, 1715. " Este livro está no Museu Britânico. Não sei se é escasso ou não. Não é comum, pois nunca o encontro em catálogos de livreiros.

164: 1 Hume tratou muito habilmente esta questão importante em seu Sétimo Ensaio ("Obras Filosóficas" de Hume, iii. 373, Edimburgo, 1826). Ele afirma que não é uma invenção moderna, como alguns sustentam, pois os asiáticos combinaram contra os medos e persas, como mostra Xenofonte em suas "Instituições de Ciro". Da mesma forma, Tucídides exhibe a liga formada contra Atenas, que levou à guerra do Peloponeso, como sendo baseada neste princípio. Depois, quando Tebas e Lacedæmon disputaram a supremacia, Atenas sempre jogou sua força em uma escala mais leve para preservar o equilíbrio. Ela defendeu Tebas contra Esparta até que Epaminondas venceu em Leuctra, e logo mudou de lado,

por generosidade, mas com muita ciúme de preservar o equilíbrio. Se você ler Demóstenes, diz ele, na oração para os megapolitanos poderá "ver os maiores refinamentos sobre esse princípio que já entraram na cabeça de um especulativista veneziano ou inglês". Com a ascensão do astuto macedônio, ele novamente soou o alarme para a Grécia, que reuniu os estandartes que caíram em Chæronea. O princípio estava certo, mas a demora demais transformou o sorriso de Fate em uma carranca. A inveja (se você gosta de chamá-la assim, mas eu a chamo de prudência ciumenta) deve, em uma comunidade de Estados, impedir que alguém pule, como o ostracismo ateniense expulsou o cidadão que se tornou muito exuberante e vigoroso para uma comunhão em igualdade. Flume mostra com beleza perspicaz como a Inglaterra foi longe demais. Seu antagonismo emuloso à França a deixava tão alerta para defender seus aliados que eles podiam contar com ela como uma força própria. As despesas decorrentes deste curso imprudente levaram ao financiamento, Flume mostra com beleza perspicaz como a Inglaterra foi longe demais. Seu antagonismo emuloso à França a deixava tão alerta para defender seus aliados que eles podiam contar com ela como uma força própria. As despesas decorrentes deste curso imprudente levaram ao financiamento, Flume mostra com beleza perspicaz como a Inglaterra foi longe demais. Seu antagonismo emuloso à França a deixava tão alerta para defender seus aliados que eles podiam contar com ela como uma força própria. As despesas decorrentes deste curso imprudente levaram ao financiamento, *ou seja, a dívida nacional* ; e isso nos levou a uma mansidão absurda, um pavor da guerra e aos latidos de paz do Quaker Bright; de modo que a Inglaterra não ousa disparar um obus quando a Rússia, ao contrário de suas promessas mais solenes, anexa Merv, Bokara e Khiva, e não consegue encontrar uma palavra a dizer quando a Alemanha está com o pé na garganta da França. Erros na defesa extravagante, erros na negligência parcimoniosa de um princípio, não diminuem sua importância; eles apenas enfatizam isso. Com uma profecia sem razão, Hume diz que ela se tornará "mais prejudicial de outra forma, gerando, como de costume, o extremo oposto, e nos tornando totalmente descuidados e indolentes em relação ao destino da Europa". É assim que estamos agora. Em uma enciclopédia francesa muito recente, *l'équilibre Européen* é considerada uma ideia bastante moderna, sem nada que lhe correspondesse na antiguidade. O escritor finge que se originou com a Igreja, e que Podichad, o Rei da Boêmia, enviou Marini a Luís XI. para apontar a necessidade de

um *Parlamento de Reis* para ajustar as questões entre a Igreja e o povo. Esta pode ser a primeira forma de um Congresso. Francis I. seguiu a mesma política e Henri IV. estendeu-o a uma ideia de uma república cristã de nações federadas, em oposição à monarquia universal. Essa ideia permitiu a Cromwell se intrometer como árbitro europeu, ao passo que ele deveria apenas ter atuado como moderador e equalizador de partidos. Leibnitz chamou a Casa de Hapsburgh de uma conspiração contínua contra os direitos do povo, e Richelieu conseguiu o *equilíbrio* instituída e introduzida no Tratado de Westfália, como princípio de direito das nações, embora com concomitante com os *Congressos* . Os príncipes assim reunidos conspiraram contra a Polônia, como poderia ter sido antecipado, e no curso de setenta anos, eles foram capazes de quebrar inteiramente o Equilíbrio de Poder na Europa. Cromwell, Richelieu, Napoleon e Bismarck, pela força, sutileza, chicane e franqueza brutal, derrubaram a própria base do princípio. Os ingleses, tendo a princípio incitado a guerra por meio de subvenções, agora caíram, muito frouxamente, na estúpida doutrina da não-intervenção. Congressos nunca deveriam ter sido permitidos. Esses "Parlamentos de Reis" só podem causar danos, pois não têm poder de controle para se referir. Eles carecem de um *Rei* acima dos Parlamentos, e como isso é *impossível* , os Congressos só podem se reunir para o mal. Os mais fortes são irresistíveis em tais congregações. O mais fraco não consegue justiça nem simpatia. Se eles entrarem em campo, todos estarão contra eles; se eles se submetem, são espoliados sem esperança de um remédio: ao passo que, anteriormente, um erro cometido pode despertar um sentimento de justiça em um vizinho, e assim induzi-lo a ajudar; ou, onde a justiça era fraca, o medo de um tratamento semelhante poderia oportunamente trazer a ajuda necessária.

170: 1 *Si* , para três.

172: 1 Read, *Qui mettra les Anglois en déconfiture* .

175: 1 Observe aqui quão diferente é a estimativa de Clarendon de James I. do lixo que Sir Walter Scott se entrega às custas do rei, naqueles romances seus dos quais metade do mundo tira suas noções de história.

176: 1 Latim, *por* , durante.

179: 1 Variante, *le tertre*, a colina ou terreno elevado.

184: 1 DD lê aqui *ne dira t-on qu'ouy* , e acho que o sentido o exige.

185: 1 Discrepâncias históricas devem ser registradas, pois elas confundem todas as investigações e forçam todo recém-chegado consciencioso a começar todo o trabalho de novo. Um escritor do "Livro dos Dias" finge ser particularmente preciso (ii 309), observando que "a tempestade na verdade aconteceu na segunda-feira, 30 de agosto, e deve ter sido bem passada antes da tarde de sexta-feira, quando Oliver deu seu último suspiro ." Rosse, em seu "Índice de datas", diz (v. *Tempestades*) que houve um em 3 de setembro. Carlyle ("Cartas de Cromwell", iii. 457) narra a tempestuosa segunda-feira, mas não a tempestuosa sexta-feira. Hume diz que uma violenta tempestade "imediatamente sucedeu a sua morte". Clarendon, que pode ser suposto saber melhor do que qualquer um deles, escreve (v. 648, ed. 1731 :) "sexta-feira) muito memorável para a maior tempestade de vento que já existiu. por algumas horas antes e depois de sua morte."

186: 1 Isso, é claro, é "viver de pão de cevada", como todo mundo traduz. Acho, entretanto, que se refere à frase *faire ses orges* , para enriquecer-se inescrupulosamente às custas dos outros. Se for assim, tornase perfeitamente aplicável no presente contexto [Noël]. Ele havia semeado sua aveia selvagem, e agora começou à *faire ses orges* .

186: 2 *Tant* , deveria, eu acho, ser *temporário* .

186: 3 Grego, κόπτειν, golpear = *golpe* ; pode até representar um *golpe de estado* . [Borel.]

186: 4 A construção é *mettant à des plus grands le pied sur la gorge* .

187: 1 *Foudre* metaforicamente, salitre, aqui bolas de fogo. A crença na época era que o fogo era obra de incendiários, e isso nunca foi refutado, embora tenha sido ridicularizado por aqueles que se propuseram à liberdade e à iluminação. Os Illuminati não permitirão que Londres seja assim queimada por outros; e é certo que eles próprios nunca colocarão fogo no Tamisa. O que Nostradamus afirma aqui, a história afirma. Isso é suficiente para o presente propósito.

187: 2 *La dame* . Garencières leva isso para a Basílica de São Paulo, outrora dedicada a Diana, que é a velha dama. Podemos tomá-lo como a Igreja-mãe, se quisermos; e não seria usando muita violência se lêssemos *le dome* ,

pois isso poderia muito bem significar, como em latim, *doma* , casa ou igreja, como São Jerônimo a usa *Domus Dei* , na verdade.

187: 3 Cherra, futuro do verbo *choir* , tomber, cair.

187: 4 *Secte* . Garencières pensa que isso significa as oitenta e sete igrejas que foram queimadas com a Igreja de São Paulo, pertencentes à mesma seita protestante. Podemos ler *sorte* .

188: 1 *Luite* , Romance, para *lutte* , batalha.

188: 2 Ver nota na página anterior.

191: 1 Variante, Luy, *satallites la mort degousteront* . 191: 2 Esteut ou *esleu* .

Revolução Francesa

O ADVENTO VULGAR. [EU. 160.]

Século VI. - Quadra 74.

La. Dechassée₁ an regne tournera,
Ses ennemies trouvés des conjurés:
Plus que jamais son temps triomphera,
Trois et septante à mort trop assurés.

Tradução .

Aquela que foi proscrita retornará ao reino,
Seus inimigos serão tratados como conspiradores;
Mais do que nunca, seu tempo (ou império) triunfará;
Setenta e três anos, seu domínio mortal está assegurado.

A Revolução (*la dechassée*), reprimida em 1816, obterá novamente o governo. Seus inimigos serão tratados como conspiradores e ele será mais forte do que nunca. Setenta e três anos estão garantidos em seu governo mortal. Dou isso como M. le Pelletier o faz, mas não vejo razão alguma para pensar que seja correto. Garencières o aplica a Carlos II. da Inglaterra,

e os setenta e três condenados à morte são aqueles que foram cúmplices no assassinato de seu pai. Isso é muito vago. Garençières lê *Le dechassé* . Aqui podemos observar que o próprio Napoleão [p. 280] data sua nobreza da batalha de Montenotte, 1797, Setenta e três anos somados a isso nos rendem a data notável da queda de sua dinastia em Sedan, 1870,
Século I .- Quadra 3. (22 de setembro de 1792.) [I. 162.]

Quand la lictiere du tourbillon versée,¹ Et seront faces de leurs manteaux²
couverts, La republique par gens nouveaux vexée,³ Lors blancs et rouges
jugeront à l'envers.

Tradução .

Quando a liteira é virada de cabeça para baixo pelo tufão, os Homens
mascaram seus rostos com o manto da hipocrisia. A república será
perturbada por homens recém-ressuscitados; O branco e o vermelho
julgarão pelos contrários.

Isso significa que os monarquistas (*les blancs*) e os republicanos (*les rouges*) julgarão tudo de pontos de vista totalmente opostos. O que estava em cima se tornará em baixo, quando a explosão levar o lixo para cima; e, novos homens subindo ao poder, o resto irá cobrir seus rostos com hipocrisia, como os homens fazem com suas capas em uma tempestade.

Século II .-- Quadra 30. [I. 163.]

Un qui les dieux d'Annibal infernaux Fera renaistre, effrayeur des humains.
Oncq '⁴ plus d'horreur ne⁵ mais pire journaux Qu'avint viendra par Babel
aux Romains.⁶

Tradução .

Haverá um que reviverá os deuses infernais
de Hannibal, um terror para a humanidade.
Nunca chegou por Babel nota horror
Nem pior dia de trabalho do que cairá sobre os católicos romanos.

O significado é, Napoleão se levantará, que despertará a maldição solene sobre Roma proferida por Aníbal, quando chamou os deuses infernais para testemunhar seu ódio a ela, para terror de todos os mortais. Nem Babel, na dispersão, trouxe ao mundo mais horror, nem dias de mais lavoura do mal para o presente ou semeadura para o futuro do que cairá sobre o mundo romano por ele. Isso é muito melhor do que limitá-lo apenas a uma área eclesiástica. Veremos que Carlos V. é uma espécie de protótipo de Napoleão, e Garençières aduz Carlos V. como cumpridor dessa profecia. Hannibal também é um protótipo de Napoleão no ataque à Itália ao cruzar os Alpes.

Século I .- Quadra 14. (1789-1793.) [I. 164.]

De gent esclave chansons, chants et requestes Captifs par₁ Princes et
Seigneur aux prisons, A l'advenir par idiots sans
tests Seront receus par₂ divine oraisons.

Tradução .

Canções, cantos e refrões da turba servil,
Enquanto os Príncipes e o Rei estão cativos na prisão, Serão recebidos no
futuro como oráculos divinos Por idiotas sem cabeça privados de
julgamento.

Canções - como a Marseillaise enquanto o rei e os príncipes estão presos no templo - canções da turba (*gent esclave*) são recebidas por tolos sem cérebro para declarações divinas, até mesmo orações (*divines oraisons*). *Vox populi, vox Dei*, é sempre a fórmula blasfema dos tolos, quando suína escolheu Barrabás para Pontifex ou Generalíssimo. Um povo cruelmente implorado; cujos fardos são agravados pela maldade em lugares elevados desnecessariamente, acima e além da dor, para a qual todo homem nasce pelo ato de nascer em um mundo de doença, tristeza e injustiça; suspira pesadamente com este fardo indevidamente amontoado, e aquele suspiro, aquele *vox populi*, sobe como um para-raios para provocar o fogo das nuvens, voltando carregado de eletricidade e trovão, - um *vox Dei* de terrível divindade. Mas quando a escória sobe na direção, como aconteceu com os revolucionários, e é seguida por algum *sabreur* brutalizado se

engrandecendo como rei do caos e da desordem, com gritos de aplausos subservientes da turba obscena, dizendo: "Herodes, tu és um deus", avox *populi* que dividiu o firmamento uma vez, é agora a *vox infernorum demonum*, todo o surgimento e resultado do qual é a bestialidade e a ilegalidade entronizada em desafio ao decálogo e ao céu. Daí em diante, o apelo de todos os homens bons e sãos é: "Vós que adorais a Deus, bom e só desde a eternidade, abaixo com eles." Os homens devem trabalhar e servir. Este fiat está no ar, está no mar, está na terra. É a *vox naturae*, em comparação com a qual a voz do povo, *vox populi*, nada é, para além de uma perturbação momentânea dos silêncios.

A quadra a seguir, apresento tudo o que pode ser considerado valioso. M. le Pelletier pensa que se relaciona com a criação de atribuições, em 19 de dezembro de 1789. Seria uma pena perder de vista sua identificação, se até mesmo alguns presumissem que era incorreta.

Século I. - Quadra 53. (19 de dezembro de 1789.) [I. 165.]

Las! qu'on verra grand peuple tourmenté, Et la loi sainte en totale ruine;
Par autres loix route la Chrestienté; Quand d'or d'argent trouvé nouvelle mine.

Tradução .

Ai de mim! Quão grande será um povo atormentado, E a santa lei em completa ruína colocada:
Por novas leis toda a cristandade é atormentada, Com uma nova mina de ouro e prata encontrada.

Veremos, infelizmente! o povo francês (*grand peuple*) agitado, a religião católica (*la loi sainte*) totalmente arruinada, toda a cristandade submetida a novas leis, quando a Assembleia Nacional decreta que quatrocentos milhões de atribuições serão emitidos (*nouvelle mine d'or* , etc.), garantidos pela propriedade do clero, no interesse da Revolução.

Comentaristas mais antigos aplicaram isso aos esquemas de papel-moeda da Lei 1716; e Garençières encontra a realização na descoberta das minas de ouro e prata hispano-americanas.

Uma emissão de papel-moeda devidamente regulamentada, baseada na tributação de um Estado, sem nenhum valor intrínseco em si mesma, sem dúvida poderia ser convertida em um meio circulante que funcionasse mais suavemente do que qualquer metálico, porque o valor de mercado do o minério, empregado como agora na cunhagem, está perpetuamente introduzindo uma flutuação de valores que entra em conflito com o padrão nominal da moeda, de modo que o padrão nunca é uniforme. A moeda exigida nunca equivaleria a uma décima parte da tributação aplicável. O papel poderia, portanto, ser destruído no Banco da Inglaterra ou emitido exatamente de acordo com as necessidades do comércio. A flutuação no valor de mercado dos metais não afetaria mais o meio circulante. Assim, uma das causas dos pânicos recorrentes pode ser removida para sempre. Mas podem os diretores ou ministros de bancos ter essa responsabilidade? Isso depende da honestidade e não há ninguém de sobra. *Século VII. - Quadra 14. (1789-1793.) [I. 166.]*

Faux exposer viendra topographie,
Seront les cruches₁ des monumens ouvertes, Pulluler secte, sancte
philosophie,
Pour blanches noires, et pour antiques vertes.

Tradução .

A topografia logo será falsificada,
As urnas e sepulcros violam,
As seitas se aglomeram e o sentimento balbuciante Preto colocado para o
branco e frutas verdes para o maduro.

A maldição esteja sobre eles por mudarem antigos marcos. As províncias se transformaram em departamentos (por decreto da Assembleia de 22 de dezembro de 1789). A sepultura dos Reis violada em St. Denis. Seitas profanas se espalharão, e uma filosofia sentimental de Rousseau e outros sofistas enlouquecidos, usurpando o ofício da religião, o preto representará o branco e o verde, o fruto bruto substituirá o maduro.

Século IV. - Quadra 24.

Ouy soubs Terre Sainte Dame₂ voix feinte, Humaine flamme pour Divine
voit luire: Fera des sœurs de leur sang terre tainte, Et les santos templos par
les impures destruire.

Tradução .

Ouçã do solo uma voz de Halidom,
Uma chama humana fingindo luz divina. O sangue das irmãs mancha a terra
de vermelho, E templos sagrados os impuros destroem. Isso, penso eu, se
refere à defesa sentimental dos Direitos do homem, como substitutos da
religião e da fé no movimento literário do século XVIII.

Ela compreenderia o evangelho da sujeira e do sentimentalismo de
Rousseau, a substituição da sabedoria pela inteligência por Voltaire e a
ciência dos enciclopédicos flutuando desorientados nas águas da incerteza,
em lugar do pensamento profundo dos pensadores solitários que os
precederam. Estes últimos foram homens que, até então caminhando
humildemente e sem associação em conspiração, interrogaram o universo,
divinamente semeado com enigmas em grande abundância por uma mão
invisível, até que adormeceram naquela mão e acordaram para as respostas
iluminadas.

O sangue das irmãs foi o massacre em massa de mulheres que distinguiu a
Revolução, enquanto os altares das igrejas foram profanados por mulheres
nuas, colocados ali para personificar a deusa da razão impura, fingindo *la
sante dame* .

A quadra 25 que segue isso no texto de Nostradamus, apresento agora; mas
este versículo 24, até onde eu vi, nunca foi comentado nem a conexão foi
apontada. No entanto, esta estrofe fornece as razões pelas quais as estrelas
ficaram sobrecarregadas para um povo que era ignorante, *par ces raisons* ,
como o leitor perceberá na segunda linha que se segue a esta.

Century IV.-Quatrain 25. [I. 167.]

Corps sublimes₁ sans fin à l'œil visibles, Obnubiler₂ viendront par ces
raisons.

Corps front comprins,₃ sens₄ chief₅ et invisibles. Diminuant les sacrées oraisons.

Tradução .

As estrelas infinitas são elos que iluminam a dúvida, E lançam a mortalha da noite sobre a alma:

Os olhos e a frente do homem, - e alma, - cerebral crescidos, Deus e Seu exército se retiram; e com eles oração!

M. le Pelletier considera que Nostradamus atribui esses efeitos aos raciocínios hostis à fé que os instrumentos ópticos aperfeiçoados introduzirão, pois sugerem uma pluralidade de mundos. Admito que, em muitas mentes, essa tem sido a tendência. Quase qualquer descoberta, dando uma nova indicação quanto à infinitude, lança uma série de cérebros inferiores, mas vigorosos, em novas linhas de raciocínio. Obtemos então uma grande multiplicação de volumes secundários, que fornecem Aristóteles picados ou joio para representar qualquer quantidade de linguagem exigida pelo público leitor. É claro que quanto mais longe você consegue ver pelo telescópio, mais você afasta o céu do habitante da terra, e ele o ama menos; pois amamos as coisas próximas, e não as remotas. O coração não é universal e não pode ser estendido a ele. Eu olho para o telescópio, para um homem comum, como um cano de esgoto, pelo qual ele pode escoar e perder a umidade de sua alma e viver o pior por isso depois; para a multidão de homens, inútil; para o homem científico, um meio de inflar e inchar; e para o pensador realmente sério e isolado, como o limiar do infinito que pode, embora ainda não o tenha feito, responder a alguns dos dez milhões de enigmas astrais semeados no espaço. O último indivíduo mencionado sozinho pode se beneficiar um pouco com isso. Mas eu questiono se alguma coisa disso tudo esteve presente para Nostradamus. responda a alguns dos dez milhões de enigmas astrais semeados no espaço. O último indivíduo mencionado sozinho pode se beneficiar um pouco com isso. Mas eu questiono se alguma coisa disso tudo esteve presente para Nostradamus. responda alguns dos dez milhões de enigmas astrais semeados no espaço. O último indivíduo mencionado sozinho pode se beneficiar um pouco com isso. Mas eu questiono se alguma coisa disso tudo esteve presente para Nostradamus.

Ele me parece, nessas duas quadras intimamente interligadas, ampliar muito sobre o tema de São Paulo (Rom. 1:28) que, como na Revolução Francesa, "eles não gostaram

para reter a Deus em seu conhecimento, Deus os entregou a uma mente réproba, "ou alguém sem juízo," para fazer coisas que não são convenientes. "De modo que a terra lhes deu vozes enganosas e falsas luzes para a luz divina, para matar mulheres e profanar os templos; e então que as próprias estrelas visíveis aos olhos, que deveriam ensinar a fé a todos, por essas razões se velarão e não deixarão nada para a humanidade, exceto as trevas da noite. Puro materialismo segue, Deus e Seu anfitrião se retira e a oração não é mais ouvida na terra.

Século I. - Quadra 60. [I. 168.]

Un empereur naistra près d'Italie,
Qui à l'Empire sera vendu bien cher: Diront avec quels gens il se ralie,
Qu'on trouvera moins prince que boucher.

Tradução .

Um imperador deve nascer perto da Itália,
Comprado pelo Império em uma taxa de falência: Você diria que o rebanho,
ele se reúne para si mesmo, Denote-o açougueiro em vez de um príncipe.

Um imperador nascerá na Córsega - Napoleão Bonaparte. Seu advento ao trono da França será prodigiosamente custoso para ela. Basta fazer com que se diga, da tribo da qual se cerca, que se parece mais com um açougueiro, com o aço pendurado ao lado, e aprendizes de matadouro, do que com um príncipe.

É natural que Bouys, que caçou Nostradamus em busca de quadras que servirão de adulação a Napoleão, tenha *esquecido* , *sub silentio* , inteiramente. Garencières, falando nisso, diz que é uma profecia para o futuro, pois até agora (1672) não se ouviu falar de tal imperador, nascido perto da Itália, que custou tanto e se revelou um açougueiro. *Século VI. - Quadra 23. [I. 169.]*

D'esprit de regne munismes₁ descriés, Et seront peuples esmeus contre leur Roy: Paix, saint nouveau, saintes loix empirées, Rapis₂ onc₃ fut en si trèsdur arroy.₄

Tradução .

A muralha da tradição derrubada,
O povo se levanta contra a unção do seu Rei ': Paz, um novo Santo, e as leis sagradas tornam-se piores, Paris nunca esteve em tal desordem.

As tradições da monarquia francesa são jogadas no chão e o povo se levanta contra o rei Luís XVI. A paz sucederá à anarquia quando Napoleão chegar ao poder. Pio VII., Para bajular o Imperador, irá interpolar o ritual no dia 15 de agosto com um novo santo, a festa de São Napoleão, ₅ que foi martirizado sob Diocleciano. A interferência do imperador prejudicará muito a Igreja, e os exércitos estrangeiros (1814-1815) reduzirão Paris a extremos às quais ela nunca havia passado.

Quanto à festa de São Napoleão, conta-se que, quando foi instituída pela primeira vez, sua impropriedade, se não blasfêmia, era muito discutido nos círculos católicos. Um padre irlandês de Roma estava um dia comunicando o estranho fato em uma mesa de jantar em Dublin, quando um cavalheiro irlandês exclamou com veemência: "Que atrevimento!" "Não não!" disse o sacerdote, "o que você quer dizer é a bemaventurada Assunção", pois esse dia cai no dia 15 de agosto.

Século I. - Quadra 31. [I. 170.]

Tant₁ d'ans en Gaule les guerres dureront, Outre₂ la course du Castulon₃
monarque: Victoire incerte₄ trois grands couronneront, Aigle, Coq-lune,
Lyon-soleil en marque.

Tradução .

A guerra prolonga-se na Gália por muitos dias, Além do curso de Castula, a Rainha;

A vitória incerta irá coroar três tronos, A Águia, Galo-lua, Leão-sol, em moedas.

A guerra civil e internacional durará na França muito depois de a efêmera República ter morrido. A vitória, sempre incerta, coroarà três casas sucessivas. Eles cunharão dinheiro com a águia imperial de Napoleão; o revolucionário galo gaulês aparecendo com a casa de Orleans, instituído pela revolução, e acrescentando o crescente de Maomé para os sucessos na Argélia; enquanto o Leão representa Luís XVIII. e Carlos X. da Monarquia Capetiana, com o sol representando o Catolicismo. Le Pelletier diz que o *Sol* simboliza o Cristianismo e a lua, Maomé ou Anticristo. Eu mesmo acho que seria melhor considerar o sol como o símbolo de Cristo; a *lua* como símbolo da democracia ateuísta ou do Anticristo.

Este Garençières pensado para ser interpretado em seu tempo Ele lê a segunda linha,
"Oltre la course du Castulon monarque,"

como, após a morte do rei da Espanha, um monarca castelhano. A águia como Carlos V. [outra analogia com Napoleão]. Henry II., Contemporâneo de Nostradamus e Soliman, que três coroas encontraram sob Leão com chances incertas na guerra.

A quadra que se segue é:
Século I. - Quadra 32.

Le grand Empire sera tost translaté, En lieu petit qui bientost viendra
croistre, Lieu bien infime d'exigue comté,
Où au milieu viendra poser son cetro.

Tradução .

O grande Império logo será traduzido em um pequeno lugar que rapidamente se expandirá. Um local indigno, um mero condado, do meio do qual ele virá para deixar de lado seu cetro.

Garencières interpreta isso de Carlos V., que, três anos antes de sua morte, renunciou a Espanha e os Países Baixos para Filipe II, seu filho, e o império para seu irmão Fernando. Em seguida, fechou-se no Escorial, em Castela, um mosteiro; que o filho posteriormente ampliou em um grande palácio. considerada pelos espanhóis como a oitava maravilha do mundo. Mas não estou ciente de que alguém ainda tenha apontado que isso se encaixa tão perfeitamente em Napoleão quanto em Charles. Seu império estava limitado a Elba - *Æthalia*, a ilha de fuligem (*lieu bien infime*); um mero condado era sua monarquia ali. Logo cresceu novamente em um império, mas ele apenas saiu de seu meio para renunciar ao seu cetro pela segunda vez e para sempre.

Depois desses floreios prelusórios relativos ao Advento Vulgar e à Revolução Francesa, devemos agora entrar em um tema mais especial; o assassinato do rei e o festival e a briga dos mendigos esfarrapados, chamada de Primeira República dos Sans Culottes.

Notas de rodapé

198: 1 Romance, *dechassé*, expulso.

199: 1 *Versée*, para *renversée*.

199: 2 Neste vento forte de revolução, os homens mascararão seus semblantes com o manto da hipocrisia.

199: 3 Latim, *vexata*, perturbado.

199: 4 *Oncques*, nunca, *nunquam*.

199: 5 Romance, *ne*, *ni*, nor.

199: 6 A ordem é " *Qu'avant oncq 'plus d'horreur ni plus pire à Babel qu'il n'advendrá aux Restes par les journaux* ." Esta é a leitura de M. le Pelletier, e ele a interpreta de Voltaire, os enciclopedistas e jornalistas do século XVII, que atacaram a fé e a Igreja de Roma. Mas certamente aquele como Hannibal era Napoléon, e o *journaux* neste antigo discurso não significa *periódicos* e jornais que não existiam e, portanto, nenhum nome na época do *Jornal* de Nostradamus significava um dia de trabalho, como poderia, em arar, ser feito por um homem com dois bois.

200: 1 latim, *por*, enquanto.

200: 2 Latim, *pro*, para.

203: 1 *Cruches* = urnas, urnas cinerárias. Garencières leu *urnes* .
203: 2 Sainte Dame eu considero ser equivalente ao nosso *Halidom* inglês, consistindo de Santo e Cúpula - um terminativo visto no reino e na cristandade, e significando governo ou senhorio. Também foi escrito como *Holidame* , como se se referisse à Virgem Maria. Claro, se essa fosse a etimologia correta, forneceria a tradução exata de *Sainte Dame* : mas, como é, é equivalente. Uma voz que finge ser da Santíssima Virgem pode muito bem ser representada por uma voz que finge ser da religião e da fé. Peguei isso de Garencières, e não do *tipo de texto* .

204: 1 *Sublimis* , alto, elevado.
204: 2 Latim, *obnubilare* , nuvem, obscuro.
204: 3 Romance, *comprins* , *compris* , contido em.
204: 4 *Sens* = *sans* , sem.
204: 5 *Chefe* = *chef* , Deus.
207: 1 latim, *munimen* , muralha.
207: 2 Rapis, anagrama, para Paris.
207: 3 Latim, *nunquam* , nunca.
207: 4 *Arroi* , para *desarroi* , desordem.

207: 5 "On désigne quelquefois sous ce nom un habitant d'Alexandrie dont le véritable nom est Néopol, qui fut martyrisé sous Dioclétien. Outre ce Saint, dont la vie est complètement inconnue, les bollandistes font mention d'un Napoléon, brillant cavalier, neveu dc Cardinal Fossa-Nuova, qui se tua en tombant de cheval à Rome en 1218. Saint Dominique, témoin de la douleur du pauvre cardinal, ressuscita le jeune homme. Napoléon reconnut ce bienfait en menant une vie fort chretienne et, quand il fut mort pour tout de bon, l'Église le béatifie. Toutefois, il n'avait pas sa place fixe dans le calendrier. Ce fut Pie VII. qui lui assigna pour sa fête la date du 15 août, dans le but sans doute de plaire à Napoléon Bonaparte."--"Grand Dictionnaire Universel du dixneuvième Siècle," par M. Pierre Larousse, tom. xi. p. 804. Paris: 1874.

208: 1 Latim, *tantum* , tanto. 208: 2 Romance, *oultre* , além.

208: 3 Latim, *castula* , túnica. Era uma espécie de anágua usada pelas mulheres junto à pele e presa sob os seios, que deixava à mostra.

Representa aqui a deusa da Liberdade Republicana, geralmente representada neste vestido das virgens romanas.

208: 4 Latim, *incerta* , incerto.

Luís XVI

Entramos agora no lamentável período compreendido no reinado de Luís XVI. - um período cujo único paralelo na história é o falso e ilegal julgamento de Carlos I. da Inglaterra; a perfectibilidade do homem sendo evidenciada apenas pela crescente selvageria e torpeza moral aumentada exibida no período posterior. A primeira quadra que foi aduzida como pertencente a este período nos séculos de Nostradamus é a de:

Século I. - Quadra 57. [I. 173.]

Par₁ grand discord la terre₂ tremblera,
Accord rompu dressant la teste au ciel,
Bouche sanglante dans le sang nagera,
Au sol la face ointe de laict et miel.

Tradução .

Por causa de grande discórdia, a terra tremerá.
A revolta destrói a velha ordem e levanta sua cabeça para o céu. A boca [do Rei] nadará em seu próprio sangue,
E sua frente, ungida com leite e mel, rolará sobre a grama.

Tremblement de terre é um terremoto e, desde a época de Virgílio, e muito antes disso, sempre foi considerado um presságio de convulsões do Estado; perturbação de todas as coisas enraizadas e firmes, e tipificando levantes da população.

Que é a boca do Rei que nadará em sangue é mostrado inequivocamente pela quarta linha que se segue, onde se diz que o rosto está ungido com o leite e o mel da sagrada ampola. Os reis da França foram coroados em Reims com o óleo que ali se guardava na *ampola la sainte* para esse fim.

O leite e o mel são apenas uma expressão figurativa; óleo e vinho, leite e mel representam igualmente a gordura da terra.

Sobre esta quadra, sobre o significado do qual ele manifestamente nada poderia saber, Garençières ingenuamente diz: "As palavras e o sentido são claros, e não posso acreditar que haja qualquer grande mistério oculto sob essas palavras." As palavras desprezam a mente dos homens ao pensar que entendem o que veem escrito; a partir disso, é claro que você pode compreender as palavras, mas nada compreender por compreendê-las. Oradores, por favor, tomem nota.

Century III .- Quadra 59. [Bouys, 55.]

Barbare empire par le tiers usurpé.
La plus grand part de son cantou mettra à mort. Par mort sénile par lui le
quart frappé; De peur que sang par le sang ne soit mort.

Tradução .

O império rude é usurpado pelo terceiro estado (tiers état). Isso matará a maior parte de sua família [real].

Um quarto [do reino] é atingido pela morte senil;
Por medo de retribuição de morte, dos filhos dos assassinados.

Isso deve estar relacionado a 1789, já que em nenhum país, exceto na França, o terceiro estado usurpou o poder exclusivo para si mesmo. Desde aquele período, a Câmara dos Comuns na Inglaterra tem seguido as mesmas linhas, de uma maneira mais dissimulada, gradual e, como alguns diriam, legal. Na edição de Lyon de 1558, a segunda linha lê *mettra à mort*, o que faz mais sentido, embora estrague o ritmo, a menos que o *a* in *mettra* possa sofrer elisão na velha prosódia francesa - uma questão que não tenho conhecimento para determinar. O quartirão que está sendo destruído, à medida que a velhice murcha um homem, deve ser entendido analogicamente com as vidas de cidadãos removidos pelo terror, ou emigração, ou espoliação de propriedade, ou tributação revolucionária, ou por prisão.

Bouys nos diz que *sang* deve ser entendido em Nostradamus por filhos, família, parentes, de modo que *que sang par le sang* aqui significaria, para que as famílias dos feridos não se levantassem contra os assassinos de sua carne e sangue. Essa reação realmente ocorreu no Sul, apesar de todas as precauções truculentas tomadas. As quadras não exibem nenhum tipo de método ou ordem cronológica em sua disposição. De modo que, entre os milhares e mais que existem, o comentarista deve caçar à vontade até encontrar algo saliente que lhe permita anexar a passagem a algum evento, quando frequentemente será conduzido aos resultados mais extraordinários. A usurpação pelas *camadas êtat* aqui, com tudo exceto a própria frase fornecida, e com os resultados que se seguiriam da usurpação tão inequivocamente estabelecida, fixa a pertinência da quadra quase tão perfeitamente como se ela tivesse sido encabeçada pela *Revolução Francesa*. No entanto, um leitor com menos observância e cuidado do que o necessário para manter a atenção que leva à descoberta pode prontamente ignorá-lo como jargão e mero absurdo. Mas, uma vez que você decifrou as frases curiosas e sua conexão, você não pode duvidar do significado, nem do vivido dom de expressão do autor na transmissão de ideias, com uma concisão mais do que tacitiana, embora menos artística. Você descobre que Nostradamus pode sugerir em uma frase de três palavras o que exigiria um longo parágrafo para torná-lo explícito de uma maneira comum. Este é verdadeiramente o idioma de profecia. Torna-se legível à luz do evento que prefigura, à medida que caracteres escritos em leite no papel tornam-se visíveis ao fogo ou quando colocados na luz quente do sol.

Século I. - Quadra 36. [Bouys, 56.]

Tard le monarque se viendra repentir, De n'avoir mis à mort son adversaire;
Mais viendra bien à plus haut consentir, (à ce) Que tout son sang par mort
fera défaire.

Tradução .

O monarca se arrependerá tarde demais Por não ter matado seu adversário;
Mas ele terá que permitir mais tarde,
Que toda sua família sofrerá por isso até a morte.

Tomando este como o significado, é claro que o adversário é o Duque de Orleans, - o centro de todas as conspirações e intrigas contra Luís, - que havia se esquecido de si mesmo como, em um leito público da justiça, em 1788, para sacudir o punho no fato do rei com uma expressão de semblante mais ameaçadora. Por isso, ele só foi mandado para o exílio quando deveria ter sofrido a morte. Na última linha *cantou* novamente significa família e parentes. Isso dificilmente poderia ser mais claro se os nomes fossem dados; mas, se Nostradamus aqui se desviasse do idioma secreto da linguagem profética, ele teria impedido o cumprimento do que estava afirmando. Coisas como essa podem acontecer por acaso, se você preferir, mas a teoria vacila sob a constante repetição de tais chances. Homens cujos nomes são proeminentes perante o mundo dificilmente podem ser introduzidos na profecia. Mas veremos em breve que Nostradamus é capaz de atribuir nomes com precisão onde os indivíduos são de categoria inferior, e que seus nomes podem passar despercebidos até que a história os registre com sua caneta de ferro.

Século IX. - Quadra 20. (Junho 20, 1791.) [I. 174.]

De nuict viendra par le forest de Reines, Deux pars, vaultorte, Herne la pierre blanche, Le moyne noir en gris dcdans Varennes: Esleu Cap. cause tempeste, feu, sang, tranche.

Tradução . [II. P., I. 174.]

À noite virá pela floresta de Reines

Duas partes, o rosto em volta, a Rainha uma pedra branca, O monge negro em cinza dentro de Varennes.

Boné escolhido. causa tempestade, fogo, sangue, corte.

Na tradução deste, Garencières deixa as duas palavras *vaultorte Herne* como no francês original, e não tenta a tradução. Ele também confunde Reines com Rennes, a principal cidade da Pequena Bretanha. Ele evidentemente não tem nenhuma concepção do significado da quadra. Bouys e Le Pelletier divergem em pontos menores ao traduzir essas palavras, *Forest*, Le Pelletier lê, em latim, como *fores*, gate, isto é, pelo portão da Rainha, e ele cita Thiers para mostrar ("Hist. Révol. Fran." i. 309) que a Rainha garantiu um portão secreto fora das Tulherias, pelo qual eles escaparam. Mas Bouys leva para a floresta de Reines, que fica na estrada

para Varennes. *Deux pars* é marido e mulher; *voltorte* , *ouvaultorte* , é uma encruzilhada ou uma estrada divergente; *vaulx* , um vale, e *torta* , tortuosa, diz Le Pelletier. Não se vê bem como construir uma encruzilhada disso.

Roquefort dá *volt* para rosto, e *torta* seria virada, o que me parece mais provável, no entanto, representa a estrada que passa por St. Menehould, a caminho de Montmédi. Isso, ao que parece, eles foram forçados a fazer acordos de postagem. Prudhomme ("Revol. De Paris", nº 102, p. 542) define a divergência até a vacilação ou mudança de ordens. Se isso ser a afirmação correta, então a minha etimologia da *cara sobre* para *vaultorte* encaixa-lo melhor. *Herne* é *Reine* , por metaplasma de *h* para *i* . Era permitido na escrita anagramática mudar uma letra em uma palavra, mas não

mais de um. O leitor pode consultar para isso o "Dictionnaire de Trévoux", abaixo do *Anagramme* . A pedra branca representa esta pedra real ou preciosa, a Rainha, que estava vestida de branco. O rei estava vestido de cinza. Prudhomme, na obra citada acima (p. 554), diz que usava um chapéu redondo, que escondia o rosto, e usava um casaco cinza-ferro (*gris de fer*), por isso parecia um carmelita.

Existem quase catorze páginas em oitavo de letras pequenas (p. 411) de De Bouillé, que seria bom, para imprimir, chamado "Detalhes da viagem du roi et de la reine à Montmédy et leur arrestation à Varennes dans le Clairmontais, le 22 de junho de 1791, "cheio de detalhes interessantes.

VAULTORTE

"Mais sobre verra que les circonstances changèrent entièrement jusqu'au moment de l'exécution de son projet; et ce qui était possible au mois de janvier 1791, ne l'était plus au mois de juin." - "Mémoires du Marquis de Bouillé, "p. 195, ed. 1821.

"Il [le roi] m'informait qu'il partirait, avec sa famille, dans une seule voiture qu'il ferait faire exprès. Dans la réponse que je fis au roi, je pris la liberté de lui représenter encore une fois que la route par Varennes offrait de grands inconvénients, à cause des relais qu'il fallait y placer pour supplyer à la poste ... J'engageai donc Sa Majesté à prendre la route par Reims, ou celle de Flandre, en passant par Chimay, et en traversant ensuite les Ardennes pour se rendre à Montmédy. Je lui représentait les inconvénients de voyager avec

la reine et ses enfants, dans une seule voiture *faite exprès* , et qui serait remarquée de tout le monde, "etc .--" Mémoires du Marquês de Bouillé, "p. 217.

Este vôo ocorreu em 20 de junho de 1791. No dia seguinte, a Assembleia Nacional suspendeu Luís XVI. de suas funções. No dia 1º de setembro, eles aprovaram outro decreto, que caso o Rei se rendesse à vontade do povo e se tornasse um Rei Constitucional, ele o faria. Isso ele devidamente assinou e atestou no dia 14 do mesmo mês; então *Capet fut esleu* . O título de rei dos franceses, em vez de rei da França, havia sido estabelecido desde outubro 16, 1789 ("Cyclopædia of Universal History"), que praticamente era a mesma coisa. Mas ainda assim, estritamente, foi só depois do voo que ele se tornou o *capitão de Esleu* . Madame Campan, em "Mémoires de MarieAntoinette", ii. 150, relata que os cabelos da rainha ficaram brancos em uma única noite e ela teve uma mecha de seus cabelos brancos presa em um anel para a princesa de Lamballe, com a inscrição *Blanchis par le malheur* . Ela havia se tornado *la pierre plus blanche encore* . Seu vestido era branco e sua pele também. A *tranche* representa a fatia, ou *couperet* , da guilhotina. Bouys foi um dos primeiros a explicar esta quadra por escrito, e ele diz que deve a explicação a M. de Vaudeuil, de Nevers, que escreveu sobre Nostradamus.

Século IX. - Quadra 34. [I. 177.]

Le part₁ solus,₂ Mary₃ sera mitré
Retour: conflict passera sur le thuille,
Par cinq cents: un trahyr₄ sera titré
Narbon: et Saulce par coutaux₅ avons₆ d'huile.

Tradução .

Só o marido aflito será mitrado em seu retorno. Um conflito acontecerá nas Tulherias por quinhentos homens. Um traidor terá o título - Narbon; e (o outro) Saulce, avô homem do petróleo, irá [entregá-lo] aos soldados.

O arreio quebrou em Montmirail e os deteve por duas horas (p. 247). O rei apareceu em Chalons e foi reconhecido pelo agente do correio, que se

calou. Tudo deu errado devido à mudança de data e perda de tempo na estrada. Em St. Mene, ele foi reconhecido novamente, e Drouet, o filho do agente do correio, cavalgou até Varennes para traí-lo.

No dia 15 de junho o Marquês de Bouillé recebeu uma carta do Rei, dizendo que sua partida seria adiada para o dia 20, à meia-noite; que ele não poderia tomar o Marquês de Agoult, recomendado a ele por Bouillé (como um "homme d'esprit, ferme et coragemux, qui pent se montrer si les circonstances l'exigent," p. 217), porque Madame de Tourzel, a governanta dos filhos, insistia em seu direito de lugar de nunca os abandonar; e essa consideração levou à decisão. Como se o Rei não pudesse deixá-los seguir em outro veículo! Qualquer coisa, ao invés de ser forçado a se mostrar na estrada como fez (p. 256).

Como tudo isso abortou será melhor compreendido lendo todo o relato de De Bouillé. Seus arranjos parecem ter sido magistrais, como o nobre soldado e estadista que foi; os arranjos do rei são vacilantes, tolos e até perversos. Neste relato, Monsieur Saulce não é visto de forma alguma.

Deve ser preenchido da seguinte forma. Louis XVI. sozinho, sem sua esposa, sofrerá a desgraça de ser coroado com o boné vermelho da Liberdade, chamado de boné ou mitra frígio, por ser o cocar dos sacerdotes de Mitras. Os quinhentos marselheses lideraram o ataque às Tulherias, um palácio iniciado por Catarina de Médicis (1564) no local dos fornos de azulejos (*le thuille*), e que não existia quando Nostradamus o escreveu (1555). O conde de Narbonne, ministro da Guerra, era da nobreza, e Saulce, pai, filho e neto, eram fornecedores e mercearias, ou petroleiros, de Varennes. O pai era *Procureur-sindic* de sua comuna. Esses petroleiros o traíram para a população, e ele foi preso *por custódia*. Esses furtos são típicos de traidores representativos das duas classes de *nobreza* e *bourgeoisie* que *fazem uma corte covarde à classe prolétaire*.

O Madame Campan antes aludido (ii. 158) relata que suas Majestades pousaram na mercearia do prefeito de Varennes, Saulce; e ele poderia ter salvado o rei. A rainha estava sentada na loja entre duas pilhas de velas empilhadas e conversava com madame Saulce.

The *Gazette Nationale* , 25 de junho de 1791, relatando o que aconteceu na Assembleia na noite anterior, anuncia que M. Martinet, ao se dirigir à Câmara, descreveu a conduta de Saulce como sábia e *heróica* , respondendo como fez às promessas e carícias do Rei e Rainha, "J'aime mon roi; mais je resteraí fidèle à ma patrie." O resultado de seu heroísmo foi que, dois meses depois, a Assembleia votou nele 20 mil libras como recompensa por sua exaltada *virtude citoyenne* . Se, na confusão que tão logo se seguiu, ele alguma vez recebeu o desperdício e ridículo dom de Judas, não há nada a mostrar; mas o boletim registrando o voto desses estadistas recém-chegados, liberais de dinheiro que não era deles, ainda existe. Temos aqui " *un Brute Français* , "imitando o romano, que amava muito César, mas de sangue melhor.

O relato de Thiers sobre o ataque às Tulherias, em 20 de junho de 1792 ("Révol. Fran.", li. 152), fornece uma imagem patética do rei aflito (*marri mitré*) da *touca* de dormir vermelha, na qual ele estava durante o dia. sonhando. O palácio foi evacuado por volta das sete da noite pela população, que efetuou sua entrada à força; mas, quando a multidão Dow se retirou pacificamente e em boa ordem, o rei, a rainha, sua irmã e os filhos se reuniram, derramando uma torrente de lágrimas. O rei parecia atordoado com o que acontecera; o boné vermelho ainda estava em sua cabeça; ele agora, pela primeira vez em várias horas, percebeu e jogou-o de lado com indignação.

Quanto aos quinhentos homens nomeados por nosso oráculo, o historiador da Revolução Francesa vem novamente em nosso auxílio (ii. P. 209), dizendo que Barbaroux havia prometido aos jacobinos a cooperação de seus Marseillais, que estavam a caminho para Paris. O projeto era reunir-se nas Tulherias e depor o rei (ii. P. 235). Eles chegaram em 30 de junho de 1792 e eram quinhentos homens. Ils étaient *cinq centavos* .

Aqueles que se importam em ver como Narbonne agiu contra o rei, podem consultar a "Histoire de la Révolution", de Bertrand de Molleville, para obter satisfação.

Esta certamente se destaca como uma das mais surpreendentes de todas as mil quadras de nosso estranho vidente. Doravante e até o fim dos tempos, falará por si mesmo sem comentários, se simplesmente enumerarmos os

fatos históricos como aqui antecipados em quatro linhas. O horror do rei ao se encontrar *mitré* . O deus Mitras é retratado em moedas neste mesmo boné, e seus sacerdotes fizeram dele seu adorno para a cabeça; além disso, fornece a etimologia viva da própria palavra *mitra* . Foi por muito tempo, antes que os franceses o adotassem, o emblema recebido daquele crime frenético que tem sido chamado de *Liberdade* . Não direi que o resultado disso é, como poesia, artisticamente belo; mas, como frase de expressão intensa, é tão concisa que de uma só vez, além da força hidráulica, parece capaz de comprimir um cacho de feno de modo que possa repousar em uma casca de mastro de faia. Digo, no entanto, que, assim considerados, Dante e Shakespeare dificilmente podem fornecer entre eles três frases de tal força comprimida; o assunto nele parece condensado em inflexível. *Mari sera mitré* , como acabamos de explicar, será considerada, quanto mais profundamente pensada, um milagre original na fraseologia. É uma profecia real e terrível em si mesma, mas para inventar uma frase que transmita a ideia pela fala humana à mente humana de outra pessoa é milagrosa. Pode dormir por séculos, como tem feito, por falta de interpretação; mas, quando devidamente interpretado, não pode ser resistido; isso perturba o entendimento; e, como uma frase, parece ser um milagre gerado expressamente para se tornar o veículo para transmitir outro milagre. Este horror do Rei mitrado é uma previsão distinta. O segundo ponto é seu retorno a Paris. Existe, em terceiro lugar, o conflito dos quinhentos. Em quarto lugar, o local, as Tulherias, - no tempo de Nostradamus, uma coisa do ar, onde as telhas ainda cozinham, quentes para o telhado das casas, enquanto a caneta estava escrevendo isso. Também aqui, se não é poesia, cumpre a função de poeta, que não dá ao nada arejado uma habitação local e um nome. Em quinto lugar, vem um nome intitulado Narbonne. Em sexto lugar, o de Saulce; e, finalmente, a entrega aos custódios. Aqui estão sete profecias distintas de eventos históricos: duas delas, nomes de homens que ainda não nasceram em um período de duzentos anos antes. E, eis que esses sete fatos são apresentados em quatro linhas!

Há um ponto de particular interesse a ser observado nessa primeira linha. Bouys (p. 62) observa que, embora seja a primeira linha, deve ser a última, já que a mitra foi o ato final de todo o drama; e ele supõe que Nostradamus queria tornar a traição mais proeminente na mente do leitor. Isso é falar

como um cronólogo. A primeira causa e a final são, em questões espirituais, uma. A vida e a morte do homem são reduzidas a dois pontos, e os epitáfios são suficientes sobre a maior parte das vidas dos mortais quando relatam as datas de nascimento e morte. "Sozinho ele voltou e foi mitrado." Como, passo a passo, tudo aconteceu *segue* necessariamente; e é assim que Nostradamus nos diz. Se ele tivesse se pesado com que ciência chama o método, ele teria destruído seu próprio instinto; como a ciência faz, assim como Saturno comeu a descendência de seus próprios lombos. A alma que faz isso deve procurar seus resultados, mas nunca pode pular para eles por profecia.

Antes de passarmos para a próxima quadra, pode ser instrutivo observar o tratamento que Garençières deu à previsão de gravidez que acabamos de atravessar. Ele traduz assim:

"O marido separado usará uma mitra, Retornando, batalha, ele ultrapassará o tyle, Por quinhentos um digno será traído, Narbon e Salces terão azeite por quintal."

"O versículo significa que um certo homem que era casado se separará de sua esposa e alcançará alguma grande dignidade eclesiástica. O segundo versículo é que, voltando de algum lugar ou empresa, ele será encontrado e lutará com, e compelido a escapar pelos ladrilhos de uma casa. O terceiro versículo é que um homem de grande valor será traído por quinhentos de seus homens. E o último que, quando essas coisas acontecerem, Narbon e Salces, que são duas cidades do Languedoc, colherão e farão muito petróleo."

Isso mostra alguma habilidade, mas que total ininteligível que alcançamos. Eu meramente o estabeleci para provar aos céticos e àqueles que se inclinam a classificar Nostradamus com autoridade entre impostores cujo jargão não vale a pena interpretar, que eles possam olhar para isso e aprender com isso dois fatos: primeiro, que antes do evento a previsão aconteceu, todas as chaves de interpretação estão faltando, a profecia parece jargão, e é assim para todos os propósitos práticos; mas que, em segundo lugar, uma vez que tenha acontecido, ou como podemos dizer beijada luz do sol, as chaves aparecem com ela, a luz e o entendimento despertam juntos.

Há luz em potência ou *em posse* agora; mas mesmo assim eles não vão desvendar segredos, se as chaves permanecerem nas mãos de pessoas ignorantes ou científicas [ou autos-suficientes, o que é quase a mesma coisa que científico], ou nas mãos de leitores de romances e estúpidos preguiçosos. Você não vai desvendar "as palavras dos sábios e seus ditados sombrios" lendo uma quadra uma vez. O intérprete deve abordar o trabalho de maneira simples e sem preconceitos; ele deve obter luz da história como ele pode, - de memórias, cartas, livros, - e aprender com o sucesso e o fracasso de comentaristas anteriores. Ele deve se contentar em trabalhar muito duro o tempo todo, e com pouco incentivo de outros; e então, finalmente, ele pode fazer algo, que até mesmo seus vizinhos podem permitir que seu trabalho seja, - de acordo com a inclinação ou agudeza da mente particular de cada um, - alguns uma descoberta, alguns uma revelação. Ele mesmo pode provavelmente sentir que uma paciência suprema teve mais a ver com fazer a coisa acontecer do que qualquer outra faculdade que poderia ser facilmente identificada. As coisas do espírito devem, é claro, ser discernidas espiritualmente, e toda conversa sobre faculdades quando se trata da alma individual deve soar um pouco paradoxal. Dividir a unidade única e indivisível da alma em partes e partes, revela no próprio proponente talvez alguma "falta de partes". Mas desde os primeiros tempos até agora, esta tem sido a maneira científica de tratar o entendimento humano; portanto, consideremos que está certo o suficiente. A alma quase sempre foi cortada em três e então deixada para se contorcer e se contorcer, e finalmente para se juntar novamente, da melhor maneira possível, como um verme no jardim. Se isso for de acordo com Aristóteles, que toda a Sorbonne professe isso com razão. O que importa como tratamos *uma* coisa, se nosso método fosse perfeitamente científico e de acordo com todo o resto dos fenômenos universais, e com uma interpretação correta da natureza? O que pode importar sobre o invisível, se apenas nossos olhos sabem como levar em conta as coisas que são vistas; isto é, das únicas coisas verdadeiramente sujeitas ao conhecimento do homem?

Século IX. - Quadra 92. [Bouys, 64.]

Le roi voudra en cité neufue entrer. Expugner Par ennemis l'on viendra.
Captif libère faux dire et perpétrer, Roi dehors estre, loin d'ennemis tiendra.

Tradução .

O rei entraria na cidade.

(Por inimigos expulsos, a França o obterá [ou] eles chegarão lá;) Será falso dizer e reiterar que o cativo está livre,

[E] que o rei que estiver fora [de Paris] se manterá afastado dos inimigos

N. le Pelletier não toca nesta quadra. M. Bouys dá sua interpretação, que não é muito convincente, e pensei em ignorá-la completamente. Mas o *captif libère* vincula-o de tal forma à viagem a Varennes da família real, que parecia preferível incluí-lo e deixar que o leitor o rejeitasse ou aceitasse, como ele achasse adequado. Outra influência determinante foi minha constatação de que a *cité neuve*, ou Montmédi, que o rei desejava alcançar, não era francesa quando a quadra foi redigida. Os séculos VIII, IX e X. não foram publicados com os primeiros sete, mas foram publicados em Lyon pela mesma editora, a saber, a de Pierre Rigaud. Moreri afirma que Nostradamus se sentiu encorajado pela recepção concedida aos sete séculos para publicar mais três (*isto é*, VIII., IX. e X.), em 1558. Há uma cópia agora na Bibliothèque Royale, à qual as autoridades dão a data de 1558. O nome de Pierre Rigaud aparece no título, mas sem data, o que é notável, já que o primeiro volume de 1555 tem esta impressão: "*Ce present livre a été achevé d'imprimer le IIII^e lour de may MDLV*," dando uma data como se fosse um natividade. M. le Pelletier questiona a precisão da data pretendida e pensa que deve pertencer a edição de 1566, de Pierre Rigaud. se assim for, esses três séculos dificilmente apareceram na vida de Nostradamus, embora sejam dedicados a seu patrono, Henrique II., - que morreu em 1559, - em uma epístola elaborada e interessante dedicatória. Ao abri-lo, Nostradamus diz que há muito duvida a quem devotar (*consagrar*) esses três séculos, mas finalmente tomou coragem para colocá-lo aos pés da realeza. Agora, a edição de 1566 afirma particularmente que as profecias *n'ont encore jamais esté imprimées*. Não se pode ler a Epístola Dedicatória sem ter certeza de que foi escrita para os olhos do Rei e, portanto, pelo menos já em 1558, mas provavelmente um ou dois anos antes. Portanto, presumo que ele os

apresentou ao rei em um belo manuscrito e que, tendo feito isso, permaneceu satisfeito e que a família, quando ele morreu, ao encontrar o manuscrito original, o colocou nas mãos de Rigaud para ser impresso.

Minha razão para investigar as datas é esta: que a investigação torna extremamente provável que a quadra acima tenha sido escrita antes de 1557, ano em que Montmédi foi tomada pela França, e, se assim for, explica a linha que eu coloquei um parêntese de uma maneira que nunca foi interpretada antes. *Expugner* não é francês agora; *expugnável* é tudo o que agora resta dele na língua. De modo a

Expugner par ennemis l'on viendra

pode, creio eu, ser considerada como uma explicação parentética referente à *cité neuve*, que ainda não era território francês, embora estivesse a ponto de se tornar tal, *l'on viendra par ennemies expugner*, por expulsão do inimigo, em 1557. Se esta tradução for considerada válida, ela fornece uma razão ainda mais para explicar esta quadra como uma das séries pertencentes à época revolucionária, e mais uma resgatada do labirinto de Nostradamus. Pareceria de Bouys, embora ele não apresente suas autoridades históricas, que imediatamente o rei fugiu, a França foi inundada com anúncios de que o prisioneiro estava livre e teve seu consentimento para se manter à distância *loin d'ennemis tiendra*. Se isso for estabelecido, torna-se certo que podemos determinar com precisão esta quadra. ("Histoire de la Révolution, par deux amis de la Liberté," em 7 vols., Vol. Vii. P. 126.)

Século VIII. - Quadra 87. [I. 179.]

Mort conspirée viendra en plein effect, Charge donnée et voyage de mort:
Esleu, créé, receu par siens, déffait. Sang d'innocent devant soy par₁ remort.

Tradução .

A morte incubada pela traição terá seu efeito total,
Uma carga imposta, uma viagem feita para a morte. Eleito, criado, recebido pelos seus e desfeito por eles. O sangue da Inocência (sobe) diante deles em remorso (eterno).

Bouys pensa, pela última linha que Nostradamus pretendia transmitir, que o rei sentia uma dor pungente pelas vítimas inocentes que sua derrubada deixaria sem proteção às ternas misericórdias dos Estados Gerais. O outro é melhor, conectando-o, como faz, com aquele caso análogo, onde a turba se amaldiçoou com sua própria boca, e disse: "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" (Mat. Xxvii. 25).

Século X. - Quadra 43. [I. 180.]

Le trop bon temps,² trop de bonté royale, Fais et deffais, prompt, subit,
negligence, Legier³ croira faux d'espouse loyalle, Luy mis à mort par⁴ sa
benevolence.

Tradução .

Muita boa fortuna, uma realeza muito frouxa,
Que faz e desfaz [nomeações] repentinas, precipitadas, negligentes,
Levemente acredita que sua leal Consorte é falsa,
E ordena que a boa natureza guie o caminho para a morte.

Esta é uma imagem da vida do gordo Rei Louis Seize. O pincel de um Velásquez, como não pode pintar a moral, dificilmente poderia colocá-lo tão bem diante dos olhos, como na vida. Ele não é uma imagem bem enquadrada, pendurada para inspeção em uma galeria de imagens, mas de carne e osso como a própria pessoa viva, e movendo-se conosco na galeria como um espectador e observador como nós. Temos aqui Luís XVI. diante de nós na carne.

" *Ele marca e desfaz compromissos ; sim, de fato*" Em pouco mais de dezoito anos, sessenta e sete ministros assumem o cargo e renunciam a ele. Aqui estão eles em ordem alfabética, como Bouys os enumera. Amelot, Barentin, Bertrand de Molleville, Boyne, Breteuil, Briene, Brogli, Beaulieu , Cahier de Gerville, Calonne, Castries, Champion de Cicé, Clavières, Chambonas, Clugny, Dabancourt, Danton, de Grave, Delessart, de Crosne, de Joly, d'Ormesson, Dabouchage, Dumourier, Duportail, Duport-Dutertre, Durantou, Foulon, Fourgueux, Fleurierès, Joly de Flemy, Lacoste, la Galaisières, Lailliac, la Jarre, la Luzerne, Lamoignon, Lambert, Laporte, Latour-Dupin, Lenoir, Liancourt, Leroux, Malesherbes, Maurepas,

Miromeguesuil, Montmorin, Montmorrey, Mimeguesuil, , Narbonne, Necker, Pastoret, Puységur, Roland, Sartines, Ségur, Servan, Saint-Germain, Saint-Priest, Sainte-Croix, Taboureaux, Tarbe, Terrier-Moncel, Thevenard, Turgot, Vergennes, Villedeuil. Vários desses serviram duas vezes, e Necker serviu três vezes; de modo que o número de ministérios no tempo mencionado é setenta e dois e alguma coisa que não tem paralelo na história como um curso de fazer e desfazer, de *fais e deffais* .

Seu temperamento era ingovernável e repentino, estendendo-se até mesmo a rudes bathos, mas logo acabou. Maurepas sempre dizia, você deve deixar o rei ter seu primeiro arremesso de humor, e então ele logo se recuperará. Em segundo lugar, sua negligência deixou tudo vagar, inclusive as finanças, até que a ruína trouxe o colapso. Você pode pensar que seus economistas extraíram seu axioma singular para a estatal, *Laissez faire* , do exemplo de seu mestre real. Ele caiu imediatamente na intriga do colar de diamantes pertencente a Maria Antonieta, que foi levado pela condessa de La Motte ao cardeal de Rohan. Há relatos de que ele até mesmo colocou sua esposa sob prisão em seu próprio quarto por vários dias. "Lui mis à mort par sa b n volence" exibe uma previsão maravilhosa, e está aberto para lá-la agora LOUIS *mis   mort* .

Século VI. - Quadra 92. [I. 182.]

Prince de beauté tant₁ venuste,₂
Um chef menée, le second fait,₃ trahy. La cité an glaive de poudre face₄
aduste,₅ Par trop grand meurtre la chef Feno₆ du Roi.

Tradu o .

O príncipe de beleza muito formosa (será)
Levado à cabeça, e então traído a um segundo (lugar). A cidade da espada,
com tocha de pólvora, queima a cabeça do Rei, odiada por seu assassinato
ilegal.

A edição de 1558 d  a leitura como acima, mas a linha não faz a varredura;
ele quer duas sílabas. Bouys, sem comentários, l  Prince Sera; Le Pelletier

entende *menée*

como sinônimo de *intrigas* . Mas eu deveria ler isso como um erro de impressão para *méné*. A cidade da espada é um nome gráfico para Paris, onde a guilhotina foi erguida pela primeira vez em 25 de setembro de 1792, tendo sido aperfeiçoada por Guillotin, o médico, cujo nome foi dado a ela. Roquefort dá a palavra *adusté* como *brûlé* ; mas Nostradamus o usa como verbo, *aduster* , na terceira pessoa do presente indicativo. Páris queimou a cabeça do rei com um maçarico, ou pólvora ardente, isto é, com cal viva; e, por tê-lo feito mal, o povo o odeia e deseja apagar os vestígios do assassinato perpetrado.

O corpo e a cabeça do rei foram colocados em uma cesta de vime e carregados, de acordo com De Montgaillard ("Histoire de France," iii. P. 415. janvier, 1793 ¹) para o cemitério da Madeleine, e lançado numa trincheira de doze pés de profundidade, que tinha sido espalhada com cal virgem; mais foi jogado no topo do corpo, de modo que a decomposição ocorreria instantaneamente. Quando a sepultura foi reaberta, cerca de vinte e quatro anos depois, para conceder um enterro mais decente às relíquias, nada restava além de alguns fragmentos de osso calcinado.

Garencières lê *Princesse de beauté tant venuste* , que não irá escanear melhor do que a linha da edição de 1558; mas ele traduz *au chef menée* , eu acho, como "será levado ao general", e a terminação feminina está certa. Isso ajuda a confirmar minha renderização acima. Sua anotação diz que a única dificuldade da quadra é quanto ao que se entende por cidade. Como, entretanto, ele não sugere qualquer alusão histórica, ele deixa todas as dificuldades sem solução.

Acho que a maioria dos leitores estará inclinada a admitir que esta é uma previsão muito extraordinária, e que *La cité au glaive* como um nome para Paris, e o que foi perpetrado lá, é poético e incrível em alto grau - um apelido que, uma vez ouvido, provavelmente ficará para sempre na memória. Conceber epítetos desta simplicidade e força constitui um autor ao mesmo tempo mestre da expressão; não importa quais sejam as deficiências do texto adjacente. Mas, quando você encontrar essas felicidades surpreendentes perpetuamente recorrentes para ilustrar fatos históricos, fatos que não virão ao conhecimento mortal por séculos após a morte do escritor, - rígido, de fato, deve estar o pescoço do leitor se ele não

pode dobrá-lo um pouco, como a um homem de Deus passando; ou, se ele preferir, para a divindade ocasional brilhando através da natureza do homem, que não, não pode morrer totalmente quando a morte tiver feito o seu pior. De Hecla aos trópicos, todas as criaturas racionais deveriam se alegrar com tal fato. Qual é o novo mundo de Colombo para isso? Ora, nada além de um novo hemisfério de sujeira. Um espírito, que pode ler o tempo futuro, deve ser um espírito cuja morada é a Eternidade. É essa esperança que se acende à medida que deciframos, na quietude da noite, runa sobre estranha runa do sábio oracular de Salon.

Século X. - Quadra 17. [I. 184.]

La Royne Ergaste₁ voyant sa fille blesme Par un regret dans l'estomach enclos: Cris lamentables seront lors d'Angolesme, Et an germain mariage forclos.

A estranha Rainha, vendo sua filha enfraquecer
Por causa do profundo pesar que ela suportou interiormente: Os gritos de Angoulême serão lamentáveis,
E o casamento com seu primo-germain encerrado.

A princesa casou-se com o duque d'Angoulême em 1799, mas não houve problema, *mariage forclos*. A rainha desejava casar sua filha com um príncipe alemão: daí toda a dor. O Abade Torné-Chavigny ('L'Histoire prédite et jugée par Nostradamus ', ii. 28) teve o mérito, M. le Pelletier diz, desta interpretação erudita. Não consigo ver isso, pois M. Bouys deu a mesma interpretação já em 1806, embora com uma particularidade um pouco menos minuciosa. A profecia assim desvendada é tanto mais maravilhosa, pois o acontecimento parece tão pouco digno de registro. Há a mesma exatidão e precisão mostradas como quando um reino está em jogo.

Século IX .- Quadra 77. [I. 185.]

Le regne prins₁ le Roy convicra, La dame prinse à mort jurés à sort, La vie a Royne fils on desniera, Et la pelli₂ au fort de la consort.

A edição de Pierre Rigaud lê *conjurera* para *convicra*, e isso, pelo menos, faz a varredura de linha, o que a *convicra* não faz. Bouys diz que em

algumas edições antigas se lê *conviera* , *commitari per viam* , e isso significaria providenciar o cortejo fúnebre do rei. Acho *conjurera* a melhor leitura, pois isso pode significar que eles condenaram o rei pelos jurados, ou júri, como a rainha estava na linha seguinte.

A assembleia condenará o Rei levado,

E a Rainha levada à morte por jurados jurados por sorteio; Eles negarão a vida ao delfim (*à Royne fils*),

E a prostituta do forte terá o mesmo destino.

Mediante a palavra *jurés* , na segunda linha, M. le Pelletier observa que a Convenção, erigindo-se em uma corte suprema de justiça, passou a condenar o rei à morte. Mas o julgamento de Maria Antonieta foi aprovado pelo *Tribunal révolutionnaire* , recentemente constituído, que procedeu por jurados escolhidos por sorteio, *jurés à sort* . Ele ainda diz que este júri é uma instituição emprestada da Inglaterra, e ele erroneamente imagina que tenha sido introduzido na Inglaterra na Revolução, e não existia lá, nem mesmo pelo nome, durante a vida de Nostradamus. Isso mostra o quão pouco um francês, mesmo quando bem lido, se preocupa com as instituições inglesas. Pettingal quase prova que os *juízes* romanos, e o grego δικασταί foram jurados. Tem havido uma grande e inútil disputa sobre se os anglosaxões tinham júris ou se participaram da Conquista. Se o fizessem, seria estranho, pois morreram na Normandia. Se a prática fosse romana, teria prevalecido na Inglaterra e na Normandia, ambas sob as formas de direito romano. Coca, Blackstone e muitos outros, mantêm confiantemente sua existência aqui antes da Conquista. Se fosse anglo-saxão, ainda seria romano. Se fosse de origem escandinava, ou se fosse teutônica, também teria prevalecido aqui antes da Conquista. De forma que toda a discussão tem um interesse meramente arqueológico; e deixa o julgamento por júri, não importa sua origem, coisa de uso imemorial nestas ilhas. Você também pode tentar, por análise química, para verificar quando o oxigênio entrou pela primeira vez como parte integrante do ar que os homens respiram. Se você pudesse resolver a questão, não adiantaria; enquanto o tempo perdido discutindo

caso contrário, poderia ser bem empregado. Mas o uso forense não era assim na própria França, como pensam os franceses modernos, pois nos *glossários* antigos, como o de Roquefort, você encontra *jurie* , não *jurée* : "Assise où l'on prononce sur le rapport des jurés".

Eles entregaram o pobre delfim ao *cordonnier* Simon, com ordens de deixá-lo morrer lentamente. Os vilões desumanos parecem ter sentido que não podiam condenar uma criança à execução pública; então eles dão ordens a um assassino para fugir com ele por mau uso e fome, um processo que teria rendido a guilhotina as boas-vindas e uma dádiva.

A última linha admite três interpretações. M. le Pelletier toma a *pellix* para defender a própria Convenção Nacional, dizendo que ela prostituiu a justiça ao condenar um príncipe inocente sobre o qual não tinha jurisdição. Mas claramente não tinha jurisdição sobre o rei ou a rainha. Em seguida, ele considera o forte como a *Conciergerie*, à qual consignou seus próprios membros, *consortes*, como uma introdução ao andaime. Isso é muito impressionante, mas a quadra não me parece ameaçar os membros da Assembleia. A unidade de concepção é mais bem mantida limitando seu significado ao destino da Realeza; e Bouys coloca uma interpretação excelente e convincente sobre ele, sem quebrar a unidade de propósito. Ele diz que se refere a Dubarri, a cortesã do rei, e que o forte é seu palácio de Luciennes, que antigamente era um forte ou forte. Isso é bom, se o Château de Luciennes o confirmar; mas a *forte* pode ser tão facilmente *tipo* com o velho *s* tipo, que é escassamente distinguível de um *f*, que eu acho que pode muito bem substituí-lo. Devemos então construir a última linha

"E [consignar] a prostituta ao destino da rainha consorte."

Esta interpretação requer menos força a ser empregada na linha, e menos explicação do que qualquer uma das outras.

As formas de *s* e *f* são quase idênticas. A leitura que traz simplicidade e remove obstáculos do caminho, geralmente se mostra a mais segura e a melhor. Aqui removemos a complicação introduzida pela palavra forte, que de outra forma requer explicação, e ela funciona: *a cortesã compartilha o mesmo destino com a Rainha*. Cabe agora ao leitor selecionar o melhor.

Sixaine 55. [I. 186.]

Un peu devant ou après très-grand 'dame, Son ame au ciel, et son corps
soub la coxo, De plusieurs gens regrettée sera,
Tous ses parens seront en grand' tristesse, Pleurs et souspirs d'une dame en
jeunesse, Et à deux Grands la deuil delaissera.

Tradução .

Um pouco antes ou depois de uma grande senhora,
A alma [de Madame Elizabeth se elevará] ao céu, seu corpo sob a lâmina,
Ela será entristecida por muitas pessoas;
Todas as suas ligações familiares serão lançadas em profunda tristeza, Uma
senhora muito jovem [Duchesse d'Angoulême irá derramar] lágrimas e
suspiros,
E dois grandes ficarão deprimidos com o luto.

Isso só pode ser confundido com Madame Elizabeth, irmã de Luís XVI, sua
sobrinha, a duquesa d'Angoulême, e os dois irmãos de Madame Elizabeth, o
conde de Provença e o conde de Artois. Esta não é uma das estrofes muito
marcantes, mas a previsão ainda é notável, e ocupa sua posição muito bem
como uma em uma série considerável.

Século I. - Quadra 58. [I. 187.]

Tranché le ventre naistra avec deux testes Et quatre bras: quelques ans
entiers vivra, Jour qui₁ Aquiloye₂ celebrera ses festes, Fossen, Torino, chef
Ferrare suivra.

Tradução .

O corte da barriga voltará a surgir com duas cabeças E quatro braços:
Aquiloye viverá vários anos,
Em grande força (*entiers*) o (*jour qui*) tempo que ele detém. Fossen,
Torino, Ferrara cairão sob seu domínio (*chef suivra*).

Esta é uma quadra muito acanhada, mas muito maravilhosa.

O ramo mais antigo dos Bourbons foi interrompido na pessoa de Maria
Antonieta (*le ventre tranchée*); surgirá novamente em duas cabeças, Luís
XVIII. e Carlos X. As duas cabeças sendo coroadas, os quatro príncipes
menores são chamados de braços e sem coroa. Eles são contados assim: O
Duque da Normandia, que morreu no Templo, 8 de junho de 1795; o duque
de Berri, assassinado em 13 de janeiro de 1820; o Duc d'Angoulême; e o
Duque de Bordéus, exilado em 16 de agosto de 1830, que, embora tivesse

tantas chances fechadas, morreu sem a coroa, - um braço apenas, não uma cabeça, uma mão tenazmente até o último segurando seu lenço branco como um bandeira. Zurique e Fossano representam, por sinédoque, o Piemonte e Ferrara os Estados Papais.

Isso nos leva ao final da série Louis Seize. Antes de passarmos a uma nova série, vamos apenas dar uma olhada no terreno que percorremos; e esforçarmos por estimar o valor dos fatos históricos prefigurados para nós por Nostradamus em seu livro mais de duzentos anos antes que o mais antigo deles começasse a fazer efeito no estágio de realidade.

Primeiro, vimos uma seção da nação, o terceiro estado, usurpando a única autoridade do governo e derrubando sobre o todo a desolação que foi testemunhada na Europa em 1789. Em seguida, o intrigante Duc d'Orleans foi retratado, e os pobres King foi visto arrependendo-se de não ter, quando insultado por ele, publicamente punido com a morte. A próxima foto era a do vôo notável

a Varennes, em que os próprios hábitos de viagem do Rei e da Rainha, até mesmo de suas respectivas cores, foram dados minuciosamente, e o nome preciso sugerido do Capet caído na estrada - caído, embora eleito pelo povo, *esleu cap* . No último momento, somos informados de que seu destino foi mudado pelo Rei, onde mudar significava seu destino. Ele foi então descrito como traído. Ele correu para as mandíbulas da morte, e os próprios nomes dos traidores, Narbonne e Saulce, foram dados; com o detalhe adicional, que ele foi levado de volta a Paris e mitrado com o gorro frígio, nas profanadas Tuileries, sob ditado de quinhentos marselhês. Em outra quadra, essa jornada é chamada de viagem da morte, e em uma linha nos é apresentado tudo o que aconteceu a Luís, o Desafortunado. Ele é eleito, criado rei, recebido por seu próprio povo e desfeito. A isso sucede aquela extraordinária imagem do próprio Rei: seu melhor amigo dificilmente poderia ter retratado o homem tão verdadeiramente para nós. Muito próspero no início, uma realza muito bem-humorada, de temperamento repentino, mas demorado em atos, fazendo e desfazendo ministérios trimestralmente, e finalmente feito até a morte por sua própria benevolência. Em seguida, temos uma estrofe dedicada a ele. Nós o vemos como um belo jovem feito chefe, depois deposto, e sua cabeça rolando do cadafalso na Cidade da Glave, até seu enterro em cal virgem na Madelaine,

um procedimento tão inédito no caso de reis. Então, aquela curiosa referência a *La Royne Ergaste* e o pequeno incidente do casamento de sua filha com D'Angoulême. Segue-se então a morte da Rainha, provocada por um júri, novidade importada da Inglaterra pelos inovadores da época; coroado pela crueldade com o delfim. Segue-se um sixaine mais ou menos curioso, transmitindo o destino de Madame Elizabeth, a irmã do rei; até fecharmos com uma brilhante quadra que exhibe, de forma simbólica, a interregno, quando a raça Bourbon cortada coloca novamente suas duas últimas coroas, acima da Lei da Águia ou *Alquiloie* , - provavelmente a última aparição que ela fará no palco da história. Acho que podemos concordar que não seria fácil comparar tal série de previsões verificadas relativas aos incidentes históricos mais marcantes, que se referem a um único reinado, de qualquer livro existente no mundo.

Notas de rodapé

211: 1 *Par* = *per* , latim, em razão de.

211: 2 Uma variante é o *trombe* . Dizem que os comentaristas modernos encontram nesta palavra o anagrama de Roma, pela síncope de *t* e *b* . Então você poderia, em *rompu* , por substituição de *e* para *p* e o ellision de *u*. Mas, como nada de bom vem de fazer também, sugiro deixá-los em paz.

217: 1 *Le part* é a mesma palavra que na última quadra, e aqui representa o marido.

217: 2 *Solus* , latim para *seul* .

217: 3 *Maria* , ou *marri* , vem da antiga palavra *Marrir* , *s'affliger* , e significa aflito, cheio de tristeza.

217: 4 *Trahyr* . *Traidor* , *traidor* , do latim *traditor* = *traidor* , traidor inglês.

217: 5 *Coutaux* M. Le Pelletier toma como soldados. *Par coutaux* = *por custodes* . Eles o entregaram nas mãos dos guardas. Acho que também pode significar *coustiller* , um soldado armado com o coustille, um cutelo curto e reto.

217: 6 *Avons* = *avus* , avô.

226: 1 Uma variante diz *despejar* .

226: 2 Construe Trop de bon temps.

226: 3 Legier, para légèrement. Linguagem romântica. 226: 4 *Par*, para

latim *per* , *por* causa de.

228: 1 *Tantum* , latim, muito.

228: 2 *Venustus* , latim, atraente.

228: 3 *Faict* , latim, *factus* feito.

228: 4 *Face* , latim, tocha de *fax* .

228: 5 *Aduste* , latim, *adustus* queimado.

228: 6 *Chef* , cabeça.

229: 1 Le corps et la tête placés dans un panier d'osier sont à l'instant même portés au cimetière de la Madeleine, jetés aussitôt dans une fosse profonde de douze pieds, ouverte de six, garnie et reconvenue de chaux vive, et dissous immédiatement. On l'inhume auprès des personnes qui avaient péri le 20 mai, 1770, jour de la fête donnée par la ville de Paris, à l'occasion de son mariage, et auprès des Suisses morts dans la journée du 10 août."

230: 1 *Ergaste* é *estranho* na edição de Pierre Rigaud. Ἐργαστήρ é um trabalhador, e M. le Pelletier diz que *Ergaster* é latino. Pode ser, mas não a encontro em Facciolati, embora *ergastulum* , uma casa de trabalho, seja oferecida ali. Quando Maria Antonieta estava no Templo, ela foi reduzida a trabalhar com as mãos, como uma operária (*ergaste*). Mas *ergaste* é o anagrama de *estrangeir* , com exceção de uma letra *n* . Provavelmente *estrangeiro* é a leitura preferível, visto que Maria Antonieta era austríaca e, portanto, *étrangère* .

231: 1 *Prins* , latim, *prensus* , levado, cativo.

231: 2 *Pellix* , latim, *pellex* , prostituta.

234: 1 Qui = latim *cui* , para o qual. 234: 2 Alquiloye = *Aquilæ lex* , lei ou regra da Águia Imperial.

A Convenção Nacional

Chegamos agora a uma nova divisão, e trataremos da Convenção Nacional, um período de cerca de três anos.

Século VIII. - *Quadra* 17. [I. 189.]

Les bien aisés subit₁ seront desmis;
Par les trois freres le monde mis en trouble.
Cité marine saisisront ennemies;
Faim, feu, sang, peste, et de tous maux le double.

Tradução .

Os [membros] abastados serão despedidos repentinamente,
Por causa de três irmãos o mundo sofrerá problemas.
Os inimigos devem tomar posse da cidade marinha;
Fome, fogo, massacre, praga, de males em dobro.

O privilégio deve ser abolido repentinamente. Os três irmãos que perturbam o mundo são o trio real, Louis XVI., Louis XVIII. E Charles X. Toulon é a cidade marítima. Voltaremos a encontrá-lo, mais adiante, no século VII. 13, onde é tratado de forma mais completa. M. le Pelletier interpreta *feu* como sendo guerra e *peste* como significando irreligião. Como todos os bens foram duplicados para Jó, aqui todos os males devem ser duplicados. Na noite de 4 de agosto de 1789, o privilégio feudal foi abolido repentinamente (*subit*). O clero e a nobreza foram destituídos de propriedades e títulos. Toulon, tomada pelos ingleses, é a *Cité marine* . Foi retomada, em nome de Luís XVII., Em 23 de agosto de 1793, pelos franceses; no 19 de dezembro, Marie-Antoinette e Égalité, Duc d'Orleans, sendo ambos executados durante o mandato britânico.

Século IX. - Quadra 17. [I. 191.]

Le tiers₁ premier pis que ne fit Neron,
Vuidez₂ vaillant que₃ sang humain respandre! Rédifier fera le forneron,₄
Siecle d'or mort, nouveau Roy, grand esclandre!

Tradução .

O terceiro se torna o primeiro pior do que Nero.
Veja quanto sangue humano valente ele esbanja!
Ela reconstruirá os antigos fornos de azulejos.
A era do ouro acabou, uma nova dinastia e um grande escândalo.

Isso se interpreta. M. le Pelletier explica a reconstrução dos fornos como a instalação de andaimes para consumir o clero e a nobreza. Eu mesmo não vejo a força ou necessidade disso. A idade do ouro cede à do ferro ou da espada; a nova dinastia (a napoleônica) é um vasto escândalo e reintroduz a pompa e o cerimonial nas Tulherias.

Século VIII. - Quadra 19. [I. 192.]

A₅ soustenir la grand' cappe₆ troublée, Pour l'esclaircir les rouges
marcheront: De mort famille sera presque accablée, Les rouges rouges la
rouge assommeront.

Tradução .

Eles *não* irão sustentar os grandes mas problemáticos Capetes, Os
vermelhos tomarão medidas para purificar seu número, Eles quase
exterminarão a família com a morte,
O vermelho dos vermelhos sobrepujará o vermelho. Isso anuncia com muita
força que o Reino do Terror começou. Os vermelhos farão o que lhes resta
para esmagar os Capetes, até que quase tenham aniquilado a família na
morte; e, então, os tintos mais vermelhos guilhotinarão os tintos, - os
montanheses os girondinos. Bouys não alude a isso, embora se pudesse
pensar que deva impressionar todos os leitores no que diz respeito ao que é
dito sobre a conduta dos tintos duplamente tingidos contra os tintos
moderados. Os erros de Garençières servem para mostrar como era
impossível adivinhar o significado de uma quadra no século XVII. Ele
imagina que isso se refira a alguma conspiração de cardeais vermelhos
contra um papa, a ser designado o vermelho.

Século VI. - Quadra 69. [I. 193.]

La pitié grand' sera sans loing tarder,
Ceux qui dônoyent seront contraints de prendre: Nuds, affamés, de froid,
soif, soy bander, Les monts passer commettant grand esclandre.

Tradução .

Uma visão de piedade não demorará muito,
Os esmoleiros logo serão forçados a implorar:
Famintos, sedentos, nus, proscritos e com frio.
Em bandos eles cruzam os Alpes, um escândalo que se vê.

Isso transmite um quadro convincente da emigração calamitosa que o clero da França passaria entre 1792 e 1801. Uma vez que a pista é fornecida, ela conduz de forma tão natural que quase se pode perceber a maneira como essas representações se apresentaram a Nostradamus. Sente-se que deve ter visto os eventos passando diante do campo de visão como visões, às vezes acompanhadas de palavras proferidas; caso contrário, como ele poderia obter sugestões de nomes? Mas, se foi assim que a intuição veio a ele, as quadras, que ele agora espalhava para cima e para baixo ao longo dos séculos em total desordem e desconexão, devem ter vindo a ele em uma sequência, tornando-os compreensíveis; mais ou menos, de fato, na própria ordem provavelmente em que a cronologia do registro histórico permite ao estudante cuidadoso substituí-los agora, tão logo sejam compreendidos por ele. Se assim for, apresenta-se um fato bastante curioso, de uma forma que se aproxima de algo como uma certeza, que é esta: a desordem deve ter sido o método do livro. Sabemos que geralmente sua prática era escrever o assunto em prosa e, à vontade, convertê-lo em quadras separadas rimadas; deve tê-los recolhido posteriormente em uma bolsa ou chapéu e, quando inextricavelmente misturado, contou-os às centenas. Acho bem possível que ele tenha achado que suas previsões se tornaram muito inteligíveis quando colocadas em sua ordem natural e na sequência de eventos. Sem dúvida, com relação aos eventos de seu próprio tempo e a serem cumpridos em breve, ele primeiro começou a perceber a necessidade de inverter ou deslocar a ordem. Estrofes consecutivas e interligadas formariam uma espécie de comentário e lançariam luz mútua umas sobre as outras; de modo que a adoção da desordem seguiria como medida de segurança pessoal. Ele pensava que suas palavras deveriam ser obscuras, como convém às palavras dos sábios; e que seria bastante tempo, se eles se tornassem claros quando apresentados a um leitor, que se daria ao trabalho de elucidá-los e revelar seu significado.

Século I. - Quadra 44. [I. 194.]

En bref ¹ seront de retour sacrifices, Contrevenans seront mis à martyre;
Plus ne seront moines, abbés, ne ² novices, Le miel sera beaucoup plus cher
que cire.

Esta quadra exhibe a supressão da católica adoração na França, que ocorreu em 10 de novembro de 1793. O que eles chamam de adoração da deusa da Razão foi estabelecido; e um retorno ao paganismo é o que a primeira linha significa.

Tradução .

Por um breve período haverá um retorno aos sacrifícios [étnicos], E aqueles
que se opõem sofrerão o martírio:
Não haverá mais monges, clérigos, nem noviços;
O mel vai valer mais do que cera.

A última linha significa que a cera será barateada, visto que nenhuma será consumida nas igrejas. O resto se explica. Garençières pode ver o significado das duas últimas linhas; mas os dois primeiros ele considera terem sido cumpridos na época de Henrique V. da França e Henrique VIII. da Inglaterra.

Século II. - Quadra 8. [I. 195.]

Temples sacrés¹ prime² façon Romaine, Rejetterons les gofres³ fondements,
Prennant leurs loix premieres et humaines, Chassant non tons des saints les
cultements.⁴

Tradução .

Os templos consagrados à moda da Roma primitiva, Eles rejeitarão os
fundamentos profundos [do Cristianismo]. Voltando às suas primeiras leis
humanas,
Eles não irão abolir totalmente todo o culto aos santos.

Este A le Pelletier explica ser uma previsão da *Fête de l'Être Suprême* , que foi nomeada por decreto da Convenção de 7 de maio de 1794 e celebrada a

8 de junho do mesmo ano com grande pompa.
Século V. - Quadra 33. [I. 196.]

Des principaux de cité rebellée. Qui tiendront₁ fort pour liberté r'avoir,
Detranchés₂ masles, infelice₃ , meslée, Cris, hurlements, à Nantes piteux
voir!

Tradução .

Os principais cidadãos da cidade revoltada, Que lutarão muito para
recuperar a liberdade. Os homens decapitados, uma mistura infeliz, Gritos,
uivos, em Nantes lamentável de ver.

Isso foi realizado em Nantes, na Bretanha, sob o Proconsulado de De
Carrier. A cidade havia, em 1793, se tornado o foco da reação da Vendéia
contra a Convenção Nacional. Os homens foram decapitados em geral, mas
muitos homens e mulheres foram despidos. Eles eram então amarrados, um
homem a uma mulher, em casais, ou pares, que seus torturadores diabólicos
chamavam de "casamentos republicanos". Nessa conexão diabólica (*infelice
meslée*), eles foram precipitados desamparadamente no Loire, em meio a
gritos e uivos de partir o coração. Nenhum crime mais vil jamais foi
cometido nesta terra, nem jamais poderá ser; a infâmia do homem e a
sujeira vingativa da luxúria não podem ir mais longe. A partir dessa
cunhagem extraordinária e combinação de palavras, *infelice meslée* , você
sabe, ou parece saber, que Nostradamus viu o horrível espetáculo em visão

Estant assis de nuict secret estude (*Século I. 1*).
Aqueles que acreditam que se trata de um recital ao acaso são de uma
formação cerebral singularmente constituída.
Século VIII. - Quadra 88.

Dans la Sardaigne un noble Roy viendra, Qui ne tiendra que trois ans le
royaume. Plusieurs couleurs avec soy conjoindra,₁ Luy mesme après soin
sommeil marrit₂ scome.₃

Tradução .

Na Sardenha, um nobre Rei virá,
que manterá o reino apenas durante três anos.
O tricolor o anexará [o Rei] a si mesmo;
Depois de muitas dores, ele dormirá aflito e ridicularizado.

Este é Charles Emmanuel IV. A República do tricolor, "le drapeau tricolor",
irá despojá-lo de sua propriedade continental; e ele se retirará para sua ilha,
governando por três anos, 1798-1802. Ele então abdica para seu irmão,
Victor Emmanuel I., e, *après soin* muito cuidado, vai dormir [no que diz
respeito a governar], e, residindo em Roma. triste e humilhado, assumirá o
manto de jesuíta e morrerá em 1819.

Notas de rodapé

238: 1 *Subit* significa *subito* , repentinamente.

239: 1 Tiers = terceiro.

239: 2 Vuidez = latim, *videte* , ver.

239: 3 Que = quanto.

239: 4 Forneron = latim, *fornax* , foinalha.

239: 5 A é o latim *a* , privativo.

239: 6 *Cappe* , é colocado por *Capet* .

241: 1 En *bref* , *temps* , compreendido. 241: 2 *Ne* , novamente usado para *ni*

.

242: 1 *Sacrés* , para *consacrés* .

242: 2 *Prime* , latim, *prima* , primeiro.

242: 3 *Gofres* é profundo, profundo.

242: 4 *Culturas* , latim, *culto* , adoração.

243: 1 *forte Tiendront* , vai lutar muito.

243: 2 *Detranchés* , Romance para *tranchés* , *tête* entendido.

243: 3 *Infelice* , latim, infeliz.

244: 1 *Le* para ser entendido antes *conjoindra* .

244: 2 *Marrit* , aflito.

244: 3 *Scome* , latim, *scomme* , gibe, taunt.

Pio VI

As próximas quatro quadras referem-se a Roma e ao Papa Pio VI.
Século V. - Quadra 57. [I. 199.]

Istra₁ de mont Gaulfier₂ et Aventin, Qui₃ par le trou advertira l'armée. Entre deux rocs sera prins₄ le butin, De SEXT₅ mansol₆ faillir la renommée.

Tradução .

Quando um exército [francês] for de Mont Gaulfier ao Aventino, haverá um homem aconselhando-os debaixo do buraco. A pilhagem será apreendida entre as duas rochas,
E a glória do sexto celibatário murchará.

Esta é uma estrofe muito curiosa. O nome de Montgolfier, o aeronauta, é visível o suficiente nas duas palavras separadas, *mont Gaulfier* . M. le Pelletier chama isso de figura gramatical do metaplasma; mas não é estritamente assim. Metaplasma é a formação de casos a partir de um nominativo inexistente. Isso é fazer com que duas palavras para coisas não existentes representem um nome próprio. Mas há uma singularidade ainda maior no emprego dela aqui. Pois Nostradamus, pelo que o entendo, faz esta montanha fictícia contrastar com o verdadeiro Monte Aventino. Ele o faz representar, creio eu, uma das duas rochas entre as quais o saque está preso. Os irmãos

Montgolfier eram fabricantes de papel em Annonay Ardèche e deram seu próprio nome à descoberta, que data de 5 de junho de 1783. Seus balões se abriram na parte inferior para serem enchidos, de modo que um homem colocado neles ficou sob o buraco, *par le trou* . Não sei em que ponto o Montgolfier foi flutuado para fornecer informações militares aos franceses, mas suponho que no lado italiano dos Alpes, de modo que daquela rocha ou montanha até a rocha Aventina seriam os pontos entre os quais o espólio estava apreendido. Mas o primeiro desses Nostradamus parece-me designar pelo nome do homem, que se presta mais a um jogo de palavras do que a um pico dos Alpes. M. le Pelletier diz que as duas rochas referem-se a Peter, *pierre* ser *rocha* . Um é Avignon, na França, e o outro Roma, na Itália, e o saque foi obtido pelo tratado de Tolentino, sob data de 19 de fevereiro de 1797. Com isso o Papa perdeu Avignon e Venaissin na França, Bolonha, Ferrara e a Romagna na Itália, e isso ele chama de duas rochas. O balão foi usado pela primeira vez para reconhecer a posição dos austríacos na batalha de Fleurus, em 16 de junho de 1794. Quase imediatamente após o tratado, o pontífice foi arrastado da Itália para morrer em Valence: assim

foi cumprida a profecia do *faillir la renommée* . Interprete como você pode, a menção do nome de Montgolfier tão apropriadamente neste contexto, deve sempre ser a prova mais sólida de que a previsão de Nostradamus foi milagrosa.

Século V. - Quadra 30. [I. 201.]

Tout à l'entour de la grande cité
Seront soldats logés par champs et villes: Donner Passaut Paris Rome
incité,₁ Sur le pont₂ lors sera faicte grand pille.

Tradução .

Percorrendo toda a grande cidade
Haverá soldados acampados nos campos e nas cidades: Um francês [Paris tomará] Roma animado;
Haverá então perpetrado no Papa uma grande pilhagem.

O Diretório Executivo, em desafio à Constituição que o proibia formalmente, acampou tropas em torno de Paris, *la grande cité* , em 4 de setembro de 1797. Isso era para reprimir, ou manter temor, a contra-revolução. Um francês [*Paris*], general Berthier, tomou Roma de assalto em 10 de fevereiro de 1798. o pretexto é que o general Duphot havia perdido a vida em um *émeute* [*dans Rome incité*]. Papa Pio VI. foi despojado de seus estados, preso em seu palácio e sujeito à pilhagem geral.

Século VIII. - Quadra 46. [I. 202.]

Pol₁ mensole₂ mourra trois lieües du Rosne; Fuis₃ les deux prochains₄
tarasc₅ destroys:₆ Car Mars₇ fera le plus horrible trosne De Coq, et d'Aigle,
de France Freres trois.

Tradução .

O grande celibatário morrerá a três léguas do Ródano; Os dois irmãos abatidos devem voar tumulto: Para a guerra deve fazer um trono mais horrível Para os três irmãos da França pelo Galo e Águia.

O papa, isto é, morrerá em Valence, a algumas léguas do Ródano. Os dois irmãos [depois Luís XVIII. e Charles X.], alarmado com o movimento da população, alça voo. A guerra inflige uma destruição triste no trono dos três irmãos [Louis XVI., Louis XVIII., Charles X.] pelo Orleans Cock e Napoleonic Eagle.

Século II .- Quadra 99. [I. 203.]

Terroir Romain qu'interpretoit Augure₁ Par gent₂ Gauloise par trop sera vexée: Mais nation Celtique craindra l'heure, Boreas₃ classe₄ trop loing l'avoir poussée.₅

Tradução .

O território romano que o papa governava Os franceses vexam cruelmente: Mas essa nação celta deve temer a hora em que avançou seu exército muito para o norte.

Eu considero isso principalmente de acordo com M. le Pelletier; mas talvez alguns pensem que o Papa não pode ser chamado de áugure sem grande violência. *Interprétoit* dificilmente pode representar um governo espiritual. Também é difícil fazer *classis* em exército. *Classis* representava as ordens do povo de Roma; que os dividiu em bandos e companhias para fins governamentais e eleitorais, não para a guerra. A única *classe* de guerra era a *frota*, e Garençières a torna pela *marinha*, embora ele esteja totalmente estrangeiro em todos os outros aspectos, em sua interpretação da quadra. Embora ele force um cumprimento na época de Henrique II. da França, ainda, evidentemente, Roma se refere, independentemente do que o Augur possa interpretar. O território romano foi duas vezes pisoteado pelos franceses: primeiro pelo general Berthier contra Plus VI, e novamente pelo general Miollis, que em 1809 destituiu o papa Pio VII. O dístico final é claramente uma previsão da derrota de Napoleão na Rússia. Isso não será afetado pela maneira como interpretamos classe; mas não consigo imaginar por um momento que Nostradamus empregaria o latim *classis* tão erroneamente para um exército, para o qual nenhum romano jamais o usaria. *Certamen classicum* é uma luta marítima, mas nunca empregada para combates em terra. O resultado desta minuciosa investigação verbal,

penso eu, terminará por estabelecer de forma mais notável a presciência e a previsão desse vidente consumado. Ele usa a palavra *classe* em uma de suas acepções do final do século XVIII ou início do século XIX, para aquele corpo de rapazes, que é convocado todos os anos na França por Lot para servir no exército; ou todos aqueles chamados às cores, que são sorteados para o serviço no mesmo ano. É uma palavra administrativa, que começou a ser usada a partir do recrutamento, e que morrerá novamente quando aquela fraude, passada às nações da Europa, for detectada e abolida; aquela instituição que fomenta a guerra e torna seus males, de outra forma intermitentes, permanentes e perpétuos sobre a humanidade. Ampliar a área dessa visão é condenar o recrutamento à morte e ao esquecimento. O alistamento é uma invenção de Belzebu, ao buscar seu banho de sangue, sob o pretexto eufônico de uma defesa patriótica do solo-mãe. *Mourir pour la patrie* é a mentira melancólica de Roget de l'Isle, que complementa, ou afoga, o verdadeiro grito de "Sangue por Moloch". Portanto, leremos, pela primeira vez agora, a passagem assim: Mas que a nação celta tome cuidado com a hora em que suas *colunas de recrutas* serão empurradas para longe demais para o nordeste boreal. Em resumo, tome cuidado com Moscou. Se esta antecipação do século dezesseis de um idioma do século dezenove não é nada, então que os Alpes sejam chamados de um pequeno morro e o mar oco, de uma taça. Aqui, encerramos a prefiguração do tormento papal de maneira apropriada; ele se fecha com uma terrível insinuação para seu algoz.

Notas de rodapé

245: 1 *Istra* = *ira* , irá, ou irá adiante.

245: 2 Montgolfier, o inventor da erostática.

245: 3 *Qui* , latim para quem, um homem que.

245: 4 *Prins* , tomado. 245: 5 *Sext* , para *sextus* .

245: 6 *Mansol* , *homem* , *sol* . *Manens solus* significa celibatário ou sacerdote sob votos.

246: 1 Latim, *incitatus* , agitado.

246: 2 *Pont* . pour Pontificat, ou Pontifex.

247: 1 πολὺς, grandioso, considerável.

247: 2 *Man. sol.*, *manens solus* , como antes.

247: 3 O ordo é, les deux prochains destroys fuiront le tarasc.

247: 4 *Prochain* = proche pai, que participa de uma herança.

247: 5 *ταραχή* = tumulto.

247: 6 Romance, *destrói* , aflito, abatido.

247: 7 *Marte* , deus da guerra.

248: 1 *Augur* , para sacerdote romano.

248: 2 *Gens* significa *nação* em latim.

248: 3 *Bóreas* é vento norte ou norte.

248: 4 *Classis* , latim, é um corpo de homens, usado aqui como exército.

248: 5 O *ordo* é, [où elle] aura poussé son armée trop loin vers le nord.

Regra Napoleônica

Século III. - Quadra 35. [I. 205.]

Du plus profond de l'Occident d'Europe,
De pauvres gens un jeune enfant naistra,
Qui par sa langue seduira grande troupe,
Son bruit au regne d'Orient plus croitra.

Tradução .

Na extremidade meridional da Europa Ocidental
Uma criança nascerá de pais pobres,
que com sua língua seduzirão o exército francês;
Seu bruto se estenderá até o reino do Oriente.

Na ilha da Córsega nasceu, de uma família antiga mas empobrecida, uma criança, Napoleão Bonaparte, cujas proclamações eletrizaram as tropas francesas. Sua expedição, por ordem do Diretório, ao Egito, que deveria arruinar sua carreira, conferiu-lhe renome mundial. Este homem não era eloqüente como os oradores são eloqüentes; verbosidade é seu dom. Mesmo a dotação de Cícero estava muito em palavras; e em sua multidão, que não falta estultícia: Salomão diz pecado. Uma infinidade de palavras se torna a apoplexia da razão. Mas as frases desse homem são todas portáteis, feitas para a mochila: elas voam para a boca como o relâmpago voa para o metal; poesia, paixão e energia estão neles, mas fundidos em um aerólito, até que caem como um raio

luminoso, apenas para queimar na memória do homem para sempre. Eles não são alados, mas calçados como um raio interligando-se com o espírito. Mas as palavras desse homem são o próprio espírito, e queimam seu nicho no Tempo, para durar o quanto quiserem. Pegue dois deles: "Soldados, quarenta séculos olham para baixo sobre vocês!" e novamente, "Eis o sol de Austerlitz!" Quando você fala, fale assim aos homens; tais palavras são atos; e não vem como alguém que golpeia o ar com o tubo do tibicen Ciceronical, mas como uma bala em sua coronha; falam pontas de espada, que pressionam entre as articulações e a medula. Mas vou parar por aqui, para fugir da oratória. Isso ainda pode ter seu preço e seduzir a trupe de zebras nos tribunais da falsidade legal, ou na sala de Babel perto do rio Minster.

Século I. - Quadra 76. [I. 206.]

D'un nom farouche tel proferé sera, Que les trois seurs₁ auront fato₂ le nom;
Puis grand peuple par langue et faict dira,₃ Plus que nul autre aura bruit et renom.

Tradução .

De um nome selvagem, haverá uma publicação que as três irmãs terão pelo mesmo nome:

Então ele liderará uma grande nação por língua e ações, E terá mais glória e fama do que qualquer outra.

Aqui M. le Pelletier toma *le proferé* por uma coisa colocada antes, e entende-o como sendo o prenome de Bonaparte, viz. Napoleão. Mas não consigo ver como esse é o significado de *proferé*. Essa palavra, se do latim *proferre*, nunca foi usada para *cognomen* ou *prænomen*. Um dos significados de *proferre* é *palam facere*, tornar público ou publicar, e acho que seria mais seguro interpretá-lo como fiz. Ainda chamará a atenção para o nome

Napoleão, em contraste com o nome de Bonaparte; porque, quando subiu ao trono como Imperador, adotou o novo nome e abandonou o anterior. Essa escolha de um novo nome parece ser um instinto natural da humanidade ao entrar em uma nova fase de vida. Os papas assumem um novo nome ao

assumir o posto pontifício; monges e freiras o fazem ao entrar na vida religiosa; plebeus deixam seu nome para trás quando são criados pares; as mulheres o fazem quando se casam; e aqui Napoleão o faz. Mas não acho desejável que isso seja indicado pela palavra *proferé*. Nostradamus diz que é um nome tão fatal que os próprios Parcæ irão adotá-lo. Ele então repete que vai liderar, - acho que devia ser seduzir (*séduira*), - a grande nação por palavras e ações, e elevar um nome sem rival no universo. Isso certamente era verdade, e a prefiguração disso é, além da negação do preconceito, maravilhosa.

Temos agora que lidar com a própria palavra, que fornecerá à investigação algumas dicas interessantes. Claro que alguns podem considerá-los complicados e rebuscados. Talvez não haja grande importância a ser atribuída a eles, mas devem interessar aos curiosos; e a curiosidade inocente tem um valor próprio. Quem poderia ver na estranha galeria de Sloane em Chelsea a forma, dimensão e valor do museu de Bloomsbury e suas afiliações?

Século IX. - Quadra 33. [I. 208.]

Hercules Roy de Rome et D'annemarc,₁ De Gaule trois Guion₂ surnommé, Trembler l'Italie et l'unde₃ de Saint Marc, Premier sur tons monarque renommé.

Tradução .

Hércules, rei de Roma e da Dinamarca, sob o nome de triplo gigante da França, fará a Itália tremer e a onda de São Marcos, o primeiro em renome de todos os monarcas.

Havia um Hércules celta fabuloso para atrair os homens pelas orelhas: *Par langue et faict il conduira*, como acabamos de ver, de modo que este Hércules significa a dinastia napoleônica. Quanto ao rei de Roma, Napoleão realmente assumiu esse título, e mais tarde ele o conferiu a seu filho por Maria Luísa. No "Memorial de Sainte-Helene", 1840 [i. 79], de Las Cases, conta-se que durante seu consulado alguém publicou uma genealogia ligando sua família aos antigos reis do norte. Este Napoleão ridicularizou nos jornais públicos, afirmando que sua nobreza datava apenas de

Montenotte ou do 18º Brumário. As coisas ainda não estavam maduras para as pretensões reais. A família Bonaparte na Itália remonta ao século XIII. Uma filial foi estabelecida em Treviso, a outra em Florença, e ambas ocupavam uma posição honrosa; um terceiro foi em Sarzana, em Gênova. Um Charles Bonaparte se estabeleceu na Córsega em 1612 e viveu na obscuridade, diz Le Pelletier, até que esta família de reis nasceu. Taine descobriu que a família era de *condottiere* stock, e De Staël e Stendal tinham, antes disso, ambos achado o caráter de Napoleão mais análogo a este do que a qualquer outro tipo conhecido por eles. Taine o considera um Sforza ou um Malatesta nascido com três séculos de atraso. Ele é tão inescrupuloso, investigador e ambicioso quanto Macchiavelli; e, curiosamente, o único livro₁ que ele é conhecido por ter anotado profusamente

é o "Príncipe" de Macchiavelli, que foi encontrado em sua bagagem em Waterloo e desde então publicado; e é um livro intensamente interessante; enormemente perverso e astuto, mas diabolicamente sábio nas travessuras alegres do Diabo. É um tratado científico sobre governo sem Deus no mundo. Seu axioma moral parece ser que mesmo o assassinato deve ser dirigido pelo bom senso nas mãos de um mestre artesanal. A esse respeito, acho que é até superior à clemência de César. O "Príncipe" evidentemente o fascinou profundamente. Ele trata seu autor de maneira quase imperiosa, como Bentley ou qualquer outro grande crítico faria, e aponta condescendentemente onde o padre é apenas um teórico e erra por falta de conhecimento, tal como só pode ser obtido do manejo prático dos negócios por um homem do calibre Napoleão. Não sei se você pode ler tão profundamente no próprio espírito (pois não mencionarei o coração no mesmo fôlego com Napoleão) do homem de sangue e cérebro, como você pode pelas entrelinhas a lápis por ele anotadas neste seu vade mecum italiano; de vez em quando, conforme ele recorre ao livro, ampliando a visão de geral para primeiro cônsul e de primeiro cônsul para imperador. Você parece estar sentado com ele, como em uma caverna mágica, com escritos terríveis que vêm e vão na parede antes de você, escritos que são as palavras deste livro, e são iluminados com uma fosforescência lúgubre, cuja luz emana seu próprio cérebro putrescente.

Não é historicamente verdadeiro dizer, como o faz M. le Pelletier, que a família vivia na obscuridade na Córsega. A casa de Ajaccio era a maior do lugar, até um palácio em comparação com as outras residências. O título de

Rei de Roma era precioso para Napoleão, pois o habilitava a reivindicar a sucessão ao Império de Carlos Magno. Embora Garencières, em sua interpretação, não consiga atribuir às palavras nenhum cumprimento individual, ele pode, a partir desse título, dizer que quem o pertence chegará ao Império Romano.

Guion é equivalente a Terræfilius ou Earthborn, e significa gigante; na verdade, quase parece uma variante dos géants; mas por que três gigantes da França? Não sei se isso já foi explicado. Hércules era mitologicamente distinguido por três símbolos (Martinii, "Etymologicon", s.v. Hércules), uma pele de leão, chave e três maçãs. As três maçãs eram, não ficar com raiva, não amar o dinheiro, não amar o prazer. Isso só precisa ser mencionado por causa da dupla triplicação e como marca até agora a propriedade do termo Hércules. Mestre de Roma, ou seja, Itália; de Veneza, ou seja, Áustria; de Paris, ou seja, França; governado por Napoleão como General, Cônsul, Imperador. Que ele foi "o primeiro dos monarcas mais renomados" não precisa de elucidação.

Século VIII. - Quadra 61. [I. 209.]

Jamais par le descouvrement du jour Ne parviendra an signe₁ sceptrifere₂
Que tout ses sieges₃ ne soyent en sejour,₄ Portant au coq don du TAG₅
armifere.₆

Tradução .

Jamais ele em plena luz do dia
Alcançar o símbolo do governo do cetro.
De todas as suas posições, nenhuma será de permanência estável,
conferindo ao galo gaulês um presente da Legião armada.

Em outras palavras, o imperador nunca desfrutará de um assento estável de governo firmemente estabelecido, e ele concederá à França, seja o legado ruinoso ou o legado ou a dádiva do alistamento militar legionário, que converte a Europa em um campo armado - um presente maligno , na verdade; ou aqueles que o preferirem, podem torná-lo um presente para a França de um enorme cemitério na Espanha e em Portugal, onde tantos

milhares de homens, seu melhor sangue, caíram. Mas o recrutamento é um problema mais amplo, e o mal mais permanente, visto que afeta a Europa até agora. Torna a paz um interlúdio para a guerra, e muito pouco menos custosa do que a guerra.

Nossa próxima quadra é uma grande raridade, pois parece ser em puro provençal, e extremamente agradável é, muito mais afinada, ao ouvido em termos de som do que a língua francesa atual; que é excelente para a conversa e para o salão, onde a sociedade faz caretas, mas onde as verdadeiras almas ficam mudas e a poesia deixou de ser possível; ou apenas possível à rebelião, como a de Victor Hugo.

Século IV .- Quadra 26. [I. 211.]

Lou grand eyssame se lèvera d'abelhos,
Que non sauran don te siegen venguddos. De nuech l'embousq. Lou gach
dessous les treilhos, Ciutad trahido per cinq langos non nudos.

Tradução .

O grande enxame de abelhas se levantará, Que ninguém pode dizer de onde
vieram. A emboscada da noite. O gaio₁ abaixo dos ladrilhos. Cidade traída
por cinco línguas não nuas.

“Um pavão muda de penas, e um gaio Assumia as penas finas,
E, pavoneando-se como um pavão, Pensou 'agora eu pareço divino.' ”

“O primeiro que o encontrou riu abertamente; Outros ele encontrou para
zombar;
Os pavões votaram nele um susto,
Seus irmãos gaios todos questionaram 'a visão', Mas ninguém o quis por
perto.

“De gaios bípedes como este, existem
milhares daqui até Zanzibar;
nós os chamamos de 'plagiadores!'
Mas cale-se! Para
deixar almas entreabertas Não é minha linha, eu queria. ”

As abelhas representam o exército bonapartista e o Império. A segunda linha é entendida, por M. le Pelletier, como se referindo à origem da família, e pode ser assim; mas acho que se refere à surpreendente rapidez com que os rouges, *sans-culottes* e republicanos, - no amor fingido com igualdade e liberdade, - foram encontrados para acolher a tirania e o governo de um, que costumava ser chamado de Monarquia. Guilhotinado dessa forma, os franceses o saudaram como um salvador da espada no novo ditador. Parece-me ser a conversão repentina de tais princípios opostos ao bonapartismo na noite de 18 de Brumário [9 de novembro de 1799], *De neuch l'embousq*, uma emboscada noturna, - que assusta Nostradamus. Certamente não havia dúvida de onde a família Napoleão surgiu; uma família com uma história mais ou menos rastreável por quinhentos anos dificilmente pode ser descrita com propriedade como uma "cuja origem está *perdido* na noite do tempo. "No entanto, este é o significado que M. le Pelletier gostaria que atribuíssemos a ele.

Em seguida, como o gaio da fábula, enfeitado com penas de galo-ervilha e despojos dos reis capetianos, Napoleão faz do palácio das Tulherias [*Treilhos*] seu quartel *general*. A cidade é entregue a ele pelos *cinq langos*, cinco prodigiosos faladores do manto comprido. Longe de estarem nus quanto a palavras ou roupas estavam, mas quanto a princípios muito nus e nus, totalmente incapazes de enfrentar face a face a audácia deste inescrupuloso cortante, este artilheiro de Ajaccio.

Os homens sem princípios e sem prática eram simplesmente cifras diante desse homem de prática, *par langue et fait*; este Hércules étnico de língua e espada; este servo, como Daniel disse, do "Deus das Forças"; este belzebu, praga da mosca, homem de *Vespres et mouches*, tornou-se um rei dinâmico. Onde os homens perderam sua virtude, os pobres cétricos se entregam a acreditar em uma mentira de sua própria autoria; eles têm que mentir em línguas, mas nunca uma mão entre eles para fornecer ajuda quando necessário.

Século VII. -- Quadra 13. [I. 213.]

De la cité marine et tributaire

La teste rase₁ prendra la satrapie: Chasser sordide₂ qui puis₃ sera contraire;

Par₄ quatorze ans tiendra la tyrannie.

Tradução .

O homem de cabelos curtos assumirá autoridade
no marítimo de Toulon, tributário do inimigo:
Ele posteriormente rejeitará como sórdidos todos os que se opõem a ele; E
por quatorze anos dirigiu uma tirania.

Os ingleses apreenderam Toulon em nome de Luís XVII e mantiveram-no
durante alguns meses até Bonaparte retomá-lo. Ele derrubou o Diretório
(*sordide*) e suprimiu seus partidários com a República, e gozou da tirania
por quatorze anos, de 18 de Brumário, 9 de novembro de 1799, a 13 de abril
de 1814. Já vimos que o *cité marine* é Toulon. Garençières imagina que isso
tenha sido cumprido quando Richelieu se tornou governador do *Havre de
Grace* , onde manteve seu tesouro e tiranizou por cerca de quatorze anos.

Século VIII. - Quadra 57. [I. 214.]

De soldat simples parviendra en império, De robbe courte parviendra à la
longue: Vaillant aux armes, en Eglise, où plus pire, Vexer ₁ les prestres
comme l'eau fait l'esponge.

Tradução .

De um simples soldado ele subirá ao império,
Do manto curto ele alcançará o longo:
Capaz de armas, no governo da Igreja ele mostra menos habilidade; Ele
levanta ou deprime os padres como água uma esponja.

Esta é uma quadra muito notável, que Bouys e Le Pelletier, e suponho que
todos os comentaristas franceses, declaram pertencer a Napoleão; e
certamente se encaixa muito bem nele. Mas, com quase tão pouco prejuízo
ao fato histórico, pode ser aplicado a Cromwell e, conseqüentemente,
Garençières o aplica. Ele escreve:

"Eu nunca conheci nem ouvi falar de ninguém a quem esta estrofe pudesse
ser aplicada, a não ser ao falecido usurpador Cromwell; pois de um simples
soldado ele se tornou Lorde Protetor, e de um estudante na Universidade ele

se formou em Oxford, ele era valente nas armas, e o pior clérigo que se podia encontrar; quanto a irritar os padres, quero dizer, o clero prelado, creio que ninguém foi além dele. "

As circunstâncias da Revolução Francesa e da época da Comunidade Britânica são tão semelhantes em muitos aspectos que não é surpreendente que uma descrição como esta de um soldado que tomou o poder e afligiu o clero deva caber quase que os usurpadores, Napoleão e Cromwell, quase Igualmente bem.

Napoleão foi tenente comum em 1785, cônsul vitalício em 1799 e imperador de 1804 a 1814. Trocou o manto curto pelo longo, é entendido por M. le Pelletier como sendo o manto consular do imperial. Não há necessidade de interpretar assim. O traje militar ou civil é o manto curto. Nostradamus dá pouca atenção, até onde vimos, à dignidade consular. Na última quadra, ele designa a duração da tirania, não como uma de dez anos, que representaria o Império, mas de quatorze, que considera o consulado e o império como um período. Se tomarmos o protetorado de Cromwell, no entanto, desde a morte de Carlos I. até a morte de Cromwell, o termo corresponderá à carreira imperial de Napoleão. Mas o interregno na Inglaterra foi um período de doze anos, e na França sob Napoleão foi de quatorze (*quatorze ans*) ; portanto, esta quadra não deve ser aplicada a Cromwell, embora em outros aspectos seja tão verdadeira para ele quanto para Napoleão.

Valente nas armas, mas em questões eclesiásticas menos bem-sucedidas, ele ainda os atormenta profundamente, penetrando em todos os lugares e cantos, como a água em uma esponja. Não podemos aceitar a tradução de vexare feita por M. le Pelletier como significando levantar e derrubar. Foi usado no sentido de perturbar,

cruciare , - para a raiva, *commovere* ; ou para assediar com cuidado, *curarum æstu fluctuare* ; mas nunca para inchar e comprimir alternadamente, como ao encher ou espremer uma esponja.

Século II. - Quadra 69. [I. 215.]

Le Roy Gaulois par la Celtique dextre,¹ Voyant discorde² de la grand Monarchie, Sur les trois parts fera florir son sceptre, Centre la Cappe³ de la grand Hierarchie.

Tradução .

O rei gaulês, por meio da mão em espada celta, Vendo a discórdia da grande monarquia, fará florescer seu cetro restaurando as três partes, contra os capetas e o papado.

Garencières entende como "o capitão da grande hierarquia", a Espanha na Holanda, que foi a grande defensora do papado. Sua aplicação disso à história não tem valor. Mas se entendermos Cap como Capet, e a conexão antiga da coroa francesa com a Hierarquia Papal, acho que extraímos um sentido melhor do que o de M. le Pelletier, o que torna o Capet e a Hierarquia um. As três partes restauradas, M. le Pelletier faz consistir em clero, nobreza e tiers état. Eu sinto que as três partes sob Napoleão foram Imperador, Senado e Câmara dos Deputados, que seria o chefe (ou Caput em vez de Capet), o Senado representa as classes superiores e as Câmaras o povo. Isso constituiria les trois partes da quadra.

Século I. - Quadra 88. [I. 216.]

Le divin mal surprendra le grand Prince, Un pen devant aura femme espousée;¹ Son appuy et credit à un coup² viendra mince,³ Conseil mourra pour la teste rasée.

Tradução .

Ele deve ter se casado com uma mulher pouco antes de A ira divina cair sobre o grande Príncipe;
E seu apoio diminuirá em uma atrofia repentina; O conselho perecerá desta cabeça raspada.

Este mal divino que surpreende o Príncipe pouco depois de seu casamento com Maria Luísa da Áustria e seu mesquinho repúdio a Josefina, é mais excelentemente traduzido por Garencières como "*a doença da queda* ,

chamada pelos gregos de *Epilepsia* e pelos latinos *Morbus sacer* ." Garencières era membro do London College of Physicians e um homem versado na nomenclatura médica de sua época; de modo que *le mal divin* aqui deve ser traduzido como epilepsia. Nunca foi assim traduzido, exceto por Garencières, e ele não tem nenhum pedido para torná-lo qualquer, embora, como uma mera questão de tradução, ele diga: "a construção do todo é fácil". Parece-me que esta previsão, assim interpretada, lançará luz de Nostradamus sobre o que a história até agora negligenciou, e exigirá a reescrita da vida de Napoleão desde a data de sua prostituição perversa do rito do casamento. Napoleão, Cromwell, Maomé, César, eram todos epiléticos e provavelmente Alexandre. Mas esse canalha em particular cometeu primeiro, pelo motivo puramente sórdido de auto-engrandecimento, um crime moral, e que provocou a convulsão do cérebro, que praticamente descarregou para sempre a poderosa jarra de Leyden ou bateria elétrica, com a qual este poderoso cérebro demônio havia distribuído torpedos impiedosos para a Europa, e morte a partir do vento quente Samyel. A vaidade inflada, o derrame epilético, a reação de forças externas sobre o centro enfraquecido, faziam com que a papa cerebral, ainda de poder gigantesco, entretivesse novos fantasmas mais enormes do que nunca, com uma força terrivelmente diminuída da razão, para trazê-los à luz pelo prático manipulação de fatos circunjacentes e tendências temporais. Agora, disse o tolo desta parábola ocidental, agora sou o mestre dos acontecimentos e posso nadar contra o mar - não com ele, como eu e os mortais comuns até agora fizemos, mas contra ele e para vencer. Bem, ele carregou o grande sonho para a Rússia, e até o pesadelo de Borodino. Ele também ainda encontrou uma declaração poderosa de glória lúgubre, com a qual prender aquele minuto maligno em letras de fogo e fósforo na cortina da eternidade: "Eis o sol de Austerlitz!" O iminente mot d'ordre, a velha obra, os velhos guardas e os velhos exercícios, guiados mais uma vez para a vitória de Pirro; dois assim condenarão um reino. Leitor, leia Ségur [Comte de Ségur, "Napoléon et la Grande Armée," liv. vii. CH. viii. p. 179], e lá percebemos o gigante desmiolado e tagarelado sobre seu filho bastardo chamado "Rei de Roma" e o que mais pertence a mon étoile effacée. "Todos os apoios diminuem", diz Nostradamus, "e o conselho perecerá da cabeça raspada." Garencières está certo e o diagnóstico é verdadeiro. É a doença da queda. Isto não é Jove fulminante que atinge o cambaleante Pagod de fora,

como aconteceu com César, mas uma retirada epilética de eletricidade de dentro, para trás. O imperador e o império logo rolarão juntos na poeira; a análise póstuma do homem, e de todas as obras más feitas por ele, embora os bons vivam depois.

Século I. -- Quadra 4. [I. 127.]

Par₁ l'univers sera faict un monarque Qu'en₂ paix et vie ne sera longuement:
Lors se perdra la piscature barque, Sera regie en plus grand detriment.

Tradução .

Por todo o universo um monarca surgirá, Que não terá muito tempo em paz nem vida; A casca de São Pedro então se perderá, sendo dirigida para o seu maior prejuízo.

O imperador Napoleão, revivendo as pretensões ao antigo império ou universo romano, não desfrutará de paz nem de vida por muito tempo. Em seu tempo, o Santo Seat, *la piscature barque*, deve guiar-se para o maior prejuízo, a ponto de ser lançado fora e perdido (sob Pio VII.).

O Papa Plus foi feito prisioneiro pelo general Miollis em 6 de julho de 1809 e levado para Savone, depois para Fontainebleau, e mantido sob estrita guarda por Napoleão até 10 de março de 1814, quando foi posto em liberdade. Garencières interpreta isso como tendo sido cumprido na época de Henrique II. da França, que foi morto por Montgomery no pátio. Durante todo o seu reinado, ele esteve em guerra com o imperador Carlos V. Este imperador saqueou Roma e o papa Clemente VII. foi feito prisioneiro (*vide* Garencières, "Tibre", p. 77).

Século V .- Quadra 60. [I. 218.]

Par teste rase viendra bien mal eslire, Plus clue sa charge ne porte₁ passera;
Si grande₂ fureur et rage fera dire Qu'à feu et sang tout sexe tranchera.₃

Tradução .

Na cabeça tosada, a França terá feito uma escolha tão ruim; Será mais pesado do que sua força lhe permitirá resistir. Tão grande fúria e raiva farão

os homens dizerem Que ele exterminará o sexo masculino com fogo e espada.

O período de cumprimento deste evento M. le Pelletier dá como estendendo-se de 1813 a 1815. Ele não pede nenhuma outra interpretação além daquela fornecida pela tradução.

Século IV. -- Quadra 82. [I. 219.]

Amas s'approche venant d'Esclavonie,⁴ L'Olestant⁵ vieux cité ruynera,
Fort desolée verra sa Romanie,
Puis grande flamme esteindre ne scaura.

Tradução .

Uma tropa se aproxima, passando por Sclavonia; O destruidor vai arruinar uma cidade velha; Ele verá toda a Romênia desolada,
Nem saberá como extinguir tal incêndio.

Uma massa de tropas está vindo de Esclavônia. O destruidor, Napoleão, vai arruinar a velha Moscou de uma vez, e ver a Romênia desolada; tal conflagração ele não saberá como extinguir. Foi Rostopchin, em 1812, demitido Moscou para evitar que os franceses passassem o inverno ali, e isso definiu o destino da campanha.

Século II. - Quadra 44. [I. 220.]

L'aigle poussée¹ entour² de pavillions,
Par autres oyseaux d'entour³ sera chassée, Quand bruit des cymbres⁴ tube,⁵
et sonnaillons⁶ Rendront le sens de la dame insensée.

Tradução .

A águia, flutuando em sua nuvem de bandeiras, Por outros pássaros circulando é derrotada em casa. Até a trombeta rouca da guerra e o estridente clarim, Recorde seus sentidos para a dama insensata.

Esta é uma das poucas quadras que se prestam livremente a uma representação poética. A águia napoleônica conduzida de volta à França com todas as suas bandeiras em retirada, ou perseguida por outras águias ao redor, austríacas, russas, prussianas. O barulho de címbalos, trombetas e clarins restaura a França à razão, a dama insensata.

A anotação de Garencières aqui é extremamente engraçada e não deve ser deixada de registrar. Diz ele: "É uma águia expulsa das tendas por outros pássaros, quando uma senhora louca recupera os sentidos com o ruído de címbalos, trombetas e sinos."

Século X.- Quadra 86. [I. 221.]

Comme un gryphon viendra le Roy d'Europe, Accompagné de ceux
d'Aquilon,⁷

De rouges et blancs conduira grand₁ troupe, Et iront contre₂ le Roy de
Babylon.

Tradução .

Como um grifo virá o Rei da Europa, Acompanhado com os do norte. De
vermelho e branco haverá um grande número, E eles irão contra o rei da
Babilônia.

O Rei da Europa é Luís XVIII .; virá como 2 grifos (Griffon, γρύχ γρύπος, um animal fabuloso, com bico em forma de gancho: v. Liddell e Scott; v. *Griffe* , Noel; *Griffeau* , Roquefort, Littré, Gwillim, Brunet, etc.), acompanhado dos do norte. Ele conduzirá grandes batalhões de uniformes vermelhos e brancos, *ou seja* , ingleses e austríacos, e eles marcharão como um só contra o rei da Babilônia, que é Paris. Louis, como descendente de Hugh Capet, pode ser denominado o primeiro dos reis europeus. O rei de Paris é Napoleão, que governou a Revolução lá e trouxe ordem à confusão ou Babel. Mas podemos trazê-lo para casa, para Paris, ainda mais intimamente do que isso, pois o antigo nome de Paris era Lutetia, ou lugar de lama, onde os sapos, *crapauds* , ou rãs francas moravam, e de cuja lama, ou *bourbe* , veio a família Bourbon. De modo que Paris, sua cidade principal, *en calembour* , produz *Bourbe ville*, *Babilônia*, *Babel* .

Garencières pensa em ver Gustavus Adolphus aqui como o mais eminente Rei da Europa em seus dias, e ele veio de Aquilon, o norte, e guerreou contra o imperador, que era o rei da Babilônia, por apoiar o papado ou pela Babel da confusão. Ele tinha regimentos vermelho, branco, azul e amarelo e verde, na esperança de criar emulação entre eles. Se ele tivesse regimentos vermelhos e brancos, poderíamos ter hesitado e ido mais longe para examinar para onde a pista levaria. Mas o que começa provando muito é como outra ultrapassagem e erra completamente o alvo.

Século VI. - Quadra 89. [I. 222.]

Entre deux cymbes₁ pieds et mains attachés De miel face oingt et de laict
substanté, Guespes et mouches, fitine,₂ amour, fachés, Poccilateur₃ faucet₄
Cyphe₅ tenté.

Agora, com bastante esforço, limpamos o caminho para um

Tradução .

Entre duas prisões, mãos e pés atados,
Com o rosto ungido com mel e alimentado com leite, Exposto a vespas e
moscas e atormentado pelo amor de seu filho, Seu copeiro falsificará o
cálice que visa o suicídio.

M. le Pelletier traduz o seguinte: Napoleão, depois de ser consagrado por Pio VII, e ungido da ampola sagrada com mel e leite, sofreu dupla prisão em Elba e em Santa Helena. As abelhas imperiais - pois assim traduz as vespas e as moscas - estão desoladas quanto ao amor pela criança, e seu cirurgião, Yvan (*pocillator*), falsificou a morte por veneno, na noite de 12 para 13 de abril, 1814. Agora, como não eram seus próprios soldados que o atormentavam, acho que devemos ler *faché* : ele estava desolado por vespas, moscas, seu filho e o amor. Seus soldados são chamados de *abeilles* antes, nunca *guêpes* ; estes são os atormentadores do inimigo, que não o deixam abdicar em favor de seu filho (φυτόν). Faremos melhor aqui se seguirmos o exemplo de Garencières, tirado da vida de Artaxerxes, rei da Pérsia. Os persas puniam os envenenadores colocando-os entre dois cochos, aqui chamados de barcos, com o rosto descoberto, embebidos de mel para

atrair as vespas e moscas, e os alimentavam com leite para prolongar o tormento, que se recusassem, corriam agulhas em seus olhos de forma mais persuasiva, e depois os deixou até que os vermes os comessem. O que quer dizer: ele foi atormentado entre duas prisões física e mentalmente, com a ruína de sua família, de tal forma que teria ficado contente de ter escapado de tudo por envenenamento. Sempre que Napoleão ficava totalmente frustrado em seus planos, ele evidentemente tentava recorrer ao que nunca merecera, a simpatia humana; de nem desejado. Ele mostrou pela primeira vez esse amolecimento, mais do cérebro do que do coração, em Borodino, como já dissemos.

Vamos agora tomar o conteúdo do que aconteceu na abdicação, conforme fornecido por M. le Pelletier do *Manuscrit de 1814*, do Barão Faim. Ele abdicou [aqui podemos dizer: "Ai daquele que constrói uma cidade com sangue" (Habacuque, ii. 12)] em Fontainebleau 4 de abril de 1814, reservando a Regência para a Imperatriz Maria Luísa e seu filho. Ele entrou em desespero quando descobriu que os aliados eram os senhores de Paris e rejeitou tais condições. O Barão Faim era seu secretário particular, e descreve o que ocorreu na noite de 12 e 13 de abril, antes do dia de sua abdicação incondicional. Fontainebleau realmente se tornou uma prisão sob a vigilância de estranhos. Não havia termos sobrando para ele salvar até mesmo sua vida. Mesmo assim, ele deixou o dia terminar sem ceder.

Por alguns dias, ele parecia totalmente preocupado em girar algum projeto. Sua conversa girava sempre em torno da morte voluntária que os grandes homens da antiguidade cortejavam quando em situações como a sua. A Imperatriz havia chegado a Orleans a caminho de se juntar a ele, mas ele deu ordens para não permitir que ela o fizesse. Ele temia que tal entrevista pudesse desencorajá-lo quanto à resolução que meditava.

Foi uma noite terrível de suspense; os longos corredores do palácio ressoavam com os passos dos criados indo e vindo, as velas estavam acesas nos aposentos privados. O Doutor Yvan é repentinamente chamado para comparecer, o Duque de Vincence é chamado e eles se apressam em buscar o Duque de Bassano na Chancelaria; todos são levados para o quarto, quando entram um após o outro. Soluços e suspiros escapam, mas nenhuma palavra ainda é deixada para satisfazer a curiosidade. De repente, o médico

sai do apartamento, desce para o pátio, encontra um cavalo pronto selado e abandona o local a galope.

Tudo o que transparece na ocasião é que, na retirada de Moscou, Napoleão se dera um meio de fuga, caso caísse vivo nas mãos do inimigo. Yvan, seu cirurgião, dera-lhe um pacote de ópio, que desde então carregava ao pescoço. O manobrista ouviu-o se levantar durante a noite e viu pela porta entreaberta que ele misturou alguma coisa em um copo d'água, bebeu e voltou para a cama. Ele rapidamente sentiu que seu fim estava se aproximando, e seus seguidores mais confiáveis foram chamados à sua cabeceira, Yvan entre os demais; mas, quando ouviu Napoleão reclamar que a ação do veneno era muito lenta, ele abandonou Fontainebleau precipitadamente, como vimos.

Sobreviveu um sono muito pesado, acompanhado de transpiração abundante, e quando ele acordou os sintomas haviam desaparecido, sendo a dose insuficiente ou o tempo o privando de sua eficácia. Napoleão, espantado com o fracasso, simplesmente exclamou: "*Dieu ne le veut pas !*" e professando, talvez pela primeira vez em sua vida, ceder à Providência, resignou-se silenciosamente ao seu novo destino, A bordo do *Northumberland* ele reprovou fortemente o suicídio. Teria sido instrutivo ouvir os argumentos empregados por este gigante intelectual, meramente como um acrobata mental exibindo, e mostrando até que ponto o intelecto pode ser eficaz para ilustrar o caminho do dever. Mas em nada a opinião de Napoleão valeria tão pouco quanto em uma questão de moral, onde o instinto da alma é o principal guia. Os ratos comeram seu coração, diz-se, em um ínterim da dissecação médica. Eu duvido; ele próprio comera muito antes de deixar Brienne.

Na manhã do dia 13, Napoleão se levantou e se vestiu como sempre. Suas objeções haviam desaparecido e seu próximo ato foi ratificar o tratado - um ato solene, que ele aproveitou na primeira oportunidade que se ofereceu para trair e quebrar.

Século X. - Quadra 24. [I. 227.]

Le captif prince aux Itales₁ vaincu
Passera Gennes par mer₂ jusqu'a Marseille, Par grand effort des forains₃
survaincu, Sauf₄ coup de feu,₅ barril liqueur d'abeille.

Tradução .

O príncipe cativo, conquistado, é enviado para Elba;
Ele navegará pelo Golfo de Gênova até Marselha.
Por um grande esforço das forças estrangeiras ele é vencido, Embora ele
escape do fogo, suas abelhas produzem sangue pelo barril.

Fez o bloqueio em 1º de março de 1815 e desembarcou em Cannes, perto de
Marselha, cruzando o Golfo de Gênova, até ser derrotado em Waterloo no
dia 18 de junho, "procurando a morte", diz Le Pelletier, "sem poder
encontrar ele, "(où il sera sauf de coups de feu). Quando a fumaça sobe do
abismo, "os homens buscarão a morte e não a encontrarão; e desejarão
morrer, e a morte fugirá deles" (Apocalipse IX. 6). Napoleão sai da ilha
Æthalia, ou fumaça metálica, e escapa da artilharia assassina que mata seus
homens, embora fosse muito mais apto ele deveria morrer. Sua colmeia não
é queimada com fogo, mas outro licor além do mel flui livremente - o
sangue vital de suas abelhas.

Century II .- Quatrain 70.

Le dard du ciel₆ fera₇ son standue,₈ Morts en parlant, grande execution. La
pierre en l'arbre, la fiere gent₁ rendue, Bruit humain monstre₂ purge
expiation.

A terceira e a quarta linhas nenhuma delas fará a varredura. *La fiere genit*
deve ser escrita como *la fier' gent* , *fier* sendo lida como uma sílaba.
Bruit , na quarta linha, deve ser lido como uma sílaba. Garencières tem
Brait , que, embora não tenha significado, mostra talvez que era uma sílaba.
Tradução .

O raio atingirá seu estandarte;
Ele morrerá falando palavras orgulhosas, grande é a execução. A pedra está

na árvore, a nação orgulhosa cede,
O monstro purga sua fama humana pela expiação.

O raio do céu deve derrubar seu padrão, e ele falha ou morre ³ proferindo palavras arrogantes. Uma execução terrível foi feita. A pedra ⁴ está na árvore. A orgulhosa nação cede. O herói purga por expiação sua fama humana.

Apesar de todas essas dúvidas interpostas, isso nos dá uma quadra de sentido suficientemente claro, ao transmitir duas ideias norteadoras; uma derrubada providencial e poderosa de um líder gigante e fanfarrão de palavras exageradas; e de uma nação orgulhosa dividida em batalha, como uma árvore o é pelo golpe de um trovão. O quadro convincente não é indigno de Waterloo ou da Batalha de Mont Saint-Jean, como os franceses a chamam; mesmo que não seja impossível encontrar alguma outra batalha desde a morte. de Nostradamus que pode representar quase tão bem, senão tão completamente, como o tremendo dia de Waterloo, junho: 18, 1815. Os ingleses parecem meio temerosos de mencionar o dia com orgulho, por medo de ferir as suscetibilidades francesas. Mencioná-lo de forma insultuosa ou com espírito hostil é imperdoável; mas falar dele com modéstia e gratidão, e de Wellington como um grande soldado e benfeitor para nós, é apenas viril e apropriado. O homem que não tem coragem de fazer isso com firmeza e inofensividade na companhia de franceses é apenas um dos muitos covardes entre nós, que levam os franceses a pensar que, por maiores que tenham feito nossos pais no passado, o espírito fugiu de nós que os repetiria no futuro.

Século IX. - Quadra 86. [I. 230.]

Du Bourg la reyne parviêdront droit à Chartres, Et feront près du pont
Anthoni pause:

Sept pour la paix cauteleux comme martres, Feront entrée₁ d'armée à Paris
clause.₂

Tradução .

De Bourg la Reine eles marcharão em Chartres, Eles acamparão perto de Pont Anthony: Sete chefes pela paz, cautelosos como martas, Devem entrar em Paris isolados de seu exército.

Os generais das sete nações unidas devem, sob pretexto de paz, mas realmente por ciúme da França, diz M. le Pelletier, e em virtude da capitulação de 3 de julho, entrar em Paris; agora isolada de seu exército (*clos d'armee*), que recua sobre Chartres, passando por Bourg la Reine e Pont d'Anthony, onde acampa. A quadra não diz isso de forma óbvia, mas devemos supor que é o exército francês que vai para Chartres. Não somos, entretanto, obrigados a acreditar que os sete astutos e parecidos com uma marta apenas fingiram estabelecer a paz por inveja da França. Toda a Europa e a própria França suspiraram pela paz; e se, quando vitoriosos, os inimigos estivessem inclinados a retomar o que a França havia roubado deles separadamente, isso não seria maravilhoso. As sete nações signatárias dos tratados de 1815 foram Inglaterra, Áustria, Prússia, Rússia, Espanha, Suécia e Portugal.

Esta é uma previsão muito notável e mostra que embora Nostradamus seja um profeta nacional da França, e quase todas as suas mil quadras giram em torno dela e de seus interesses, ele raramente exhibe uma partícula de partidarismo, e você não saberia que ele era um francês de qualquer palavra que ele deixe cair. Ele se limita estritamente à expressão de sua visão na frase mais concisa e nas palavras mais convincentes que ele pode usar para esse propósito. Acho que não há nenhum outro exemplo conhecido de temperança inviolável. Um homem se senta em seu estudo e profecias; compromete suas visões para papel em prosa; os transforma deliberadamente depois, e a sangue frio, na poesia mais vigorosa que ele conhece; sacode em um chapéu, como observamos anteriormente, todas as quadras juntas, e, quando ele destruiu efetivamente toda a sequência e ordem, conta até centenas; então, sem uma palavra de nota ou comentário, ele os envia em espécie ao mundo para afundar ou nadar; ser ridicularizado ou admirado, ser compreendido ou enganado, perecer ou sofrer; até que o período em que seu cumprimento nos séculos de tempo seja realizado, e o mundo adormecido desperte para o milagre, que também dormiu, ao lado do mundo adormecido, até que a luz surgiu para tornar ambos claros uma vez.

Século II .- Quadra 67. [I. 232.]

Le blonde au nez forche₁ viendra commettre₂ Par₃ la duelle₄ et chassera
dehors:

Les exilés dedans fera remettre,
Aux lieux marins commettant₁ les plus fors.₂

Tradução .

O de cabelos claros entrará em choque com o nariz adunco Pela segunda
vez, e o expulsará:

O exilado o substituirá por dentro,
Remetendo o mais forte do partido para uma fortaleza no mar.

Louis XVIII. é designado *Le blond au nez fourchu* de acordo com Le
Pelletier. *Le blond* é, sem dúvida, o signo dos Capets, como mostram várias
outras estrofes de Nostradamus, mas não o nariz aquilino, creio; isso, creio
eu, é destinado a Napoleão. De modo que Luís XVIII. entra em conflito
com o nariz adunco, ou Napoleão, pela segunda vez e o expulsa; aquele que
antes foi exilado, agora o substitui por dentro. Os mais fortes, ou seja,
Napoleão e seus oficiais, estão comprometidos *aux lieux marins* ; o que
significa para os ingleses, que vão para o mar em navios, ou então para
Santa Helena, uma prisão no mar.

Século X. - Quadra 90. [I. 233.]

Cent fois mourra le tyran inhumain; Mis à son lieu sçavant et debonnaire:
Tout le senat sera dessous sa main, Fasché sera par malin ₃ temeraire.

Tradução .

O tirano desumano morrerá cem vezes; Um rei erudito e debonário tomará
seu lugar: Todo o senado estará sob seu controle,
E ele será entristecido por um criminoso ousado.

Napoleão é o tirano desumano que morreu cem mortes: uma por sua
tentativa de suicídio; outra Elba, com suas cinzas cinerárias e fuliginosas;
outro Waterloo; e, por último, Santa Helena, com suas dez vezes dez horas

de remorso, arrependimentos e falsificações de estudo da história de sua vida. *Debonnaire* é, com Nostradamus, um epíteto da família Capet e representa, sem dúvida, Luís XVIII. colocado em seu lugar. O rei considera o Senado bastante submisso à sua vontade, mas fica profundamente comovido com a ousada tentativa do criminoso Louvel contra o Duque de Berri, em 13 de fevereiro de 1820.

Esta é a excelente interpretação de M. le Pelletier. Bouys (p. 80), escrevendo em 1806 sob a plena influência do demônio de Napoleão, dá-lhe uma leitura muito diferente. O tirano desumano com ele não pode ser ninguém senão Robespierre, que, com um tiro de pistola, se esforçou para acabar com a si mesmo inutilmente, mas explodiu metade de seu rosto, sofrendo trinta horas de terrível tormento, e finalmente foi arrastado para o lugar de execução em meio às maldições da população. O *sçavant et debonnaire* para Bouys é, claro, Napoleão. O *malin téméraire* é um Georges esquecido, cuja conspiração deu um pouco de ansiedade momentânea a Napoleão. Aqui terminam os oráculos atribuídos a Napoleão por A le Pelletier. Mas Bouys apresenta vários outros, que se relacionam suficientemente com o imperador para serem enumerados aqui. É doloroso ver como os homens manipulam essas coisas para se adequar às suas teorias. Daremos agora uma quadra que Bouys cita, por considerá-la favorável a Napoleão; mas ele omite cuidadosamente o próximo a ele no mesmo século, puramente, ao que parece, porque é desfavorável a Napoleão,

Século II. - Quadra 29. [Bouys, 82.]

L'oriental sortira de son siège,
Passer les monts Apenons voir la Gaule: Transpercera le ciel, les eaux et
neige, Et un chacun frappera de sa gaule.

Tradução .

O oriental vai abandonar seu posto,
Para cruzar os Apeninos e ver depois da Gália: Ele transfixará o céu, o gelo
da montanha e as neves, Golpeando cada um deles com sua varinha mágica.

O oriental, *ou seja* , Napoleão no Egito, deixará seu exército para trás, depois de quase se tornar maometano; retornar e cruzar os Apeninos e os Alpes para cuidar do Diretório e de seus feitos na França. Ele logo subjugará os elementos e a Natureza por suas estradas maravilhosas sobre as montanhas de gelo e neve, e atacará cada um como com a vara de Moisés, ou a vara de um mágico; para a palavra arcaica e incomum *gaule* pode significar isso, bem como um interruptor de condução. Bouys perde o significado mais claro da primeira linha, mas está determinado que representará Napoleão, então ele considera Oriental como sendo a Córsega, como estando a leste de Toulon. A passagem do Monte São Bernardo com cavalaria e artilharia ele dá com bastante razão; os Alpes devem ser introduzidos para os Apeninos. A quadra que se segue a esta ele passa *sub silentio* , pelo motivo acima indicado, embora seja prenhe de significado; e como isso deveria ter acabado. olhado por M. le Pelletier, não consigo entender; mas assim é.

Século II. - Quadra 30. [II. 45.]

On qui les dieux d'Annibal infernaux, Fera₁ renaistre, effrayeur des humains. Oncq' plus d'horreur ne plus pire journaux, Qu'avint₂ viendra₃ par Babel aux Romains.

Tradução .

Aquele a quem os deuses de Aníbal, das regiões mais baixas, farão nascer de novo [será], um terror para a humanidade. Nunca haverá mais horror, nem mais dias maus, Venha sobre os romanos. A confusão será assim antes de Babel.

Aníbal e Napoleão são os únicos grandes generais que alguma vez forçou seu caminho militar sobre os Alpes com sucesso; Hannibal, com seu *acetum* , vinagre ou machadinha, como alguns interpretaram Tito Lívio; e Napoleão para cavalaria e peças pesadas de artilharia. Ele parecia ser o cartaginês maravilhoso nascido de novo das sombras do Hades, um flagelo e mangual dos homens: a própria Babel não piorou na confusão que caiu sobre Roma, e a Igreja de Roma por meio dele. Já demos isso antes, mas repita-o aqui com mais ampliações, pois pertence

mais a Napoleão do que à Revolução. Garençières acha que foi cumprido quando Carlos V. saqueou Roma. Se considerarmos, como eu, que as duas estrofes são inseparáveis, elas caberão apenas em Napoleão.

Chegamos agora a uma quadra que M. le Pelletier negligenciou, mas que Bouys (p. 83) com alguma razão atribui a Napoleão.

Século IV. - Quadra 54.

Du nom qui onque₁ ne fut un Roi Gaulois Jamais ne fut un foudre si crantif.
Tremblant l'Italie,₂ l'Espagne et les Anglois, De femme estrangiers₃
grandement attentif.

Tradução .

De um nome que nunca pertenceu ao rei gaulês, Nunca houve um raio tão terrível.

Ele fez tremer a Itália, a Espanha e os ingleses. Ele cortejou uma senhora estrangeira com assiduidade.

Bouys introduz em sua interpretação disso uma boa dose de adulação tola a Napoleão; fingindo que ele não era apenas *crantif* em *relação* aos seus inimigos, o que devemos considerar *uma causa de terror* , mas também que ele próprio era *crantif*

muito terno da vida de suas tropas. Para provar esta proposição monstruosa, ele cita a besteira proferida por ele antes da batalha de Austerlitz: "Lamento pensar em quantos desses bravos rapazes perderei. Sinto por eles como se fossem realmente meus próprios filhos. Na verdade, às vezes censuro-me por esse sentimento de ternura; às vezes temo que isso pode acabar me tornando incapaz de continuar a guerra. " Este foi, de fato, um medo heroico, diz Bouys. Estamos contentes em deixar seu heroísmo lutar com sua hipocrisia; prevemos qual virá na primeira queda.

Garençières traduz que o guerreiro, seja ele quem for, seguirá atrás de mulheres estranhas; e isso caberia a Napoleão, embora não especialmente. Mas achamos melhor interpretá-lo com Bouys como uma indicação da Imperatriz Josefina, que era de sangue crioulo e, portanto, estrangeira; ou Marie Louise, igualmente estrangeira. No último caso, *Estrange* representaria austríaco (v . Century I., Quatrain 83).

Século VIII. -- Quadra 53. [I. 269.]

Dedans Bolongne voudra laver ses fautes,¹ Il ne pourra au temple du soleil
Il volera faisant choses si² hautes,
En hierarchie n'en fut oncq un pareil.

Tradução .

Em Boulogne ele compensaria suas deficiências, mas não pode penetrar no templo do sol.

Ele se apressa para realizar as coisas mais importantes. Na hierarquia, ele nunca teve um igual.

Esta é uma quadra singularmente interessante. Recebeu três interpretações diferentes; todos os três um tanto curiosos, Garencières abre a bola. Ele diz que há duas cidades chamadas *Bolloin* , uma na Itália, outra na França; ou seja, Bolonha na Itália e Boulogne na França. Ele pensa que Boulogne é pretendido, e que Richelieu, um homem de coisas altas, e além da hierarquia, jurou, um pouco antes de sua morte, que se se recuperasse faria uma peregrinação a Boulogne; ao Templo dos Milagres ali, dedicado à Virgem, aqui descrito como o *Sol* , daquela passagem no Apocalipse, "E apareceu uma mulher vestida de sol"; mas o cardeal escolheu o caminho da morte, que conduziu, não por Bolonha, às sombras abaixo, e certamente não ao Templo do Sol. Isso tem um interesse próprio, mas, como interpretação, está totalmente fora do alvo. Richelieu em uma peregrinação arrependida ao Templo do Sol teria sido admirável como uma caricatura em Rabelais; mas, não haveria assunto mais adequado para a pena de Nostradamus do que se uma senhora de título fosse a Aix-les-Bains para tomar as águas lá. E observe, ele teve que inventar um Templo do Sol para enviá-lo, pois nunca existiu tal templo em Bolonha.

Temos também Le Pelletier testando sua mão, e ele percebe isso em Luís Napoleão, em sua escapada de 1840. Quando ele foi feito imperador, sua façanha italiana é representada como uma fuga para o *Templo do Sol* . Mas como ele poderia supor que aquele mortal inferior, a ser referido em *n'en fut oncq un pareil* , eu não posso adivinhar.

Bouys e outros atribuem isso a Napoleão, e sua intenção de descer sobre a Inglaterra de Boulogne na flotilha. Não há uma coluna ali, ridiculamente construída para comemorar o fracasso? Não existe também uma medalha de Boulogne cunhada (Ford's "Spain", i. 272) com uma das falsidades napoleônicas (uma série interminável) impressa em seu rosto, que diz "Descente en Angleterre frappé à Londres"? Esses são os toques ridículos; mas agora vamos entrar na interpretação séria e ver o que isso nos renderá. Em Boulogne, o imperador se empenhará em apagar a Inglaterra do mapa da Europa e, assim, redimir todas as suas deficiências anteriores nessa direção. Ele promete a si mesmo a satisfação de ditar seus termos em Londres, e possivelmente entretido, em seu estranho cérebro, algum sonho de que seria coroado naquela pedra de confirmação da realeza de Scone na Abadia de Westminster; onde, conta a tradição, o Templo de Apolo foi abalado pelo terremoto de 154 DC, o Templo do Sol. Mas *Il ne pourra au temple du soleil*, diz Nostradamus: e a história achou adequado neste como em tantas outras ocasiões para endossar a previsão do profeta. Bouys acrescenta: "Napoléon finira par faire la conquête de l'Angleterre;" mas Bouys não é Nostradamus; e Napoleão, como Richelieu, foi para as sombras abaixo de Santa Helena, e não foi para o Templo do Sol nem para a Pedra do Scone. Ele foi embora, no entanto, de Boulogne para coisas muito grandes, como os homens contam as grandezas; e não tinha igual na hierarquia dos reis.

Notas de rodapé

251: 1 *Seur* = sœur.

251: 2 *Fatum*, latim, fado, destino.

251: 3 *Duira*, para conduir.

252: 1 Δαν-αρχή, Princedom of Dan. Os antigos reis da Dinamarca fingiram derivar de Dan, sétimo filho de Jacó, dizem.

252: 2 Γῆς υἱός, filho da terra. *Terræfilius*, gigante.

252: 3 *Unda*, onda, *onde*.

253: 1 O título deste livro é "Machiavel Commenté par N^{on} Buonaparte," 1816, publicado por H. Nicolle, 12, Rue de Seine. Tenho uma cópia, mas não há nenhuma no Museu Britânico. O Prefácio e o Discurso Introdutório sobre Macchiavelli são repletos de habilidades.

A tradução do "Príncipe" em francês ocupa a coluna da esquerda de cada

página e parece bem feita; na coluna da direita encontram-se as anotações do imperador, onde ocorrem, caso contrário, fica em branco. Eles têm as iniciais G., RC ou E - Geral, Cônsul Republicano, Imperador, - de acordo com o período em que Napoleão supostamente os escreveu. Algumas das observações são inteligentes, mas talvez dificilmente mostrem o domínio de Napoleão; que, certo ou errado, sempre foi o de um torno de ferro. Agora imagino que seja uma falsificação engenhosa, mas é bastante curioso para merecer mais investigação. Esta nota de rodapé, como se verá, não corresponde ao que disse no texto. Escrevi isso com a impressão de que o documento era genuíno, e seria justo, se o livro fosse verdadeiro. Mas deixo como está, embora diga ligeiramente contra mim mesmo, pois o contraste entre o primeiro e o segundo pensamento parece-me instrutivo. Isso mostra que, deixe um homem andar pela fé certa ou errada,

255: 1 *Signum* , estandarte, estandarte ou talvez símbolo de governo ou dominação.

255: 2 *Sceptrum ferre* , tendo o cetro, reinando.

255: 3 *Siége* , posição, situação.

255: 4 *En séjour* , permanente, durável.

255: 5 *Coq*, o galo gaulês.

255: 6 *Tago* , ou *tango* , para tocar ou pegar, diz le Pelletier; mas não dá muito bom senso. Talvez τάγμα, um corpo regular de soldados, em Dion Cassius representa a legião romana. Garencières lê aqui *TAG à misère* , "A etiqueta para a miséria", e diz que é miséria vir da Portugal para a França, sendo o Tag o *Tejo* , onde está situada Lisboa. Isso pode ser bem interpretado como significando o dano causado ao império pelos sucessos de Wellington na guerra peninsular.

257: 1 O gaio, é claro, é a fábula de Esop daquele pássaro, com penas mais finas do que as suas. A elegante representação de La Fontaine [iv. 9, Ed., 1838] de *Le Geai paré des plumes du Paon* , quando Nostradamus escreveu, ainda não havia tomado forma. O original é tão acessível que pode bastar apresentar aqui a versão em inglês.

258: 1 Esta frase curiosa aponta manifestamente para Napoleão usando cabelo curto, em estilo militar, como distinto dos cachos esvoaçantes da linha de Capet, - barbeado em contraste com peruca. Esta é uma das muitas

coincidências que conectam a Comunidade da Inglaterra com a repetição francesa dela na Revolução. Croppies, ou Roundheads, distinguiam os insurgentes hipócritas da Comunidade dos cavaleiros com seus cachos esvoaçantes. Os cavaleiros conservadores usavam perucas; os whigs minaram os perucas.

258: 2 *Sordide* deve ser escrito *sordid* ' , e *teste* , *test* ' , se desejarmos que a linha escaneie.

258: 3 *Puis* , para depois.

258: 4 Latim, *per* , pendente.

259: 1 Latim, *vexare* , aumentar, inflar, de acordo com Le Pelletier; mas Facciolati não dá esse significado. "Vexed Bermoothes" dá isso.

261: 1 *Dextera* , latim, mão direita ou mão em espada.

261: 2 *Discorde* deve ser *discord* ' , ou a linha não será digitalizada. Esses podem ser assuntos menores, mas aqueles que os consideram sem importância não são sábios. É uma excelente regra na literatura não permitir que nada permaneça errado que possa ser corrigido por um pouco de erudição e indústria. No mundo é muito diferente; aí você nunca deve consertar nada, pois tudo que está errado tem uma multidão de amigos latentes, que lutarão ferozmente em sua defesa.

261: 3 *Cappe* , para Capet, diz M. le Pelletier. O tipo de texto apresenta uma variação aqui como *la Chappe* . Isso não ajuda em nada, exceto quando mostra pela variante que há algo que deseja alterar. A linha não fará a varredura enquanto está. Acho que deveria ser alterado para *le Cap* . Se representa Capet é Masculino, e quando ocorreu antes, na Quadra 20 do Século IX, foi dado como *Cap Esleu* .

262: 1 Essas duas linhas fornecem um hiperbatonista e serão melhor transpostas, que o grande Príncipe terá se casado com uma mulher antes que a ira divina caia sobre ele.

262: 2 Isso é equivalente a *tout d'un coup*, de repente.

262: 3 Esta linha é muito longa em trinta centímetros; *appuy et credit* significam a mesma coisa e um deve ser omitido. A linha deve ser corrigida assim:

Et son appuy a un coup viendra mince.

264: 1 Par é latino, *per* , *por* toda parte.

264: 2 é igual a *qui en* .

265: 1 O tipo texte fornece *porteiro* , com *porte* como variante. M. le Pelletier incorpora isso em seu texto. Devo substituir a palavra que ele exclui. Além disso, devo considerar *passera* como uma forma do latim *patior* e do francês *pâtir* e, portanto, ler *pâtira* . *Porter pâtira* significará, então, suportá-la. *A carga* , para a escansão, deve ser *cohrada* .

265: 2 *Grande* deve ser *grande* ' , para a escansão.

265: 3 *Tranchera* deveria ler *il tranchena* .

265: 4 Esclavonie é colocado para a Hungria moderna

265: 5 *Olestant* é outra variação do nom fatidique de Napoleon, de ὄλλυμι, para destruir, ὀλλέσθαι.

266: 1 *Poussée* , para *repoussé* .

266: 2 *Entour* deve ser *entour* ' , para *entouré* .

266: 3 *Entour* aqui é para *entourage* .

266: 4 *Cymbres* , κύμβη, pratos.

266: 5 *Tubo*, *tuba* , trombeta.

266: 6 *Sonnaillons* , literalmente, o toque de sinos, mas talvez o clarim possa servir.

266: 7 Esta linha não pode ser verificada; devemos ler de *l'Aquillon* .

267: 1 Isso requer, para gramática e escansão, *grande* .

267: 2 O *E* em *contre* deve sofrer elisão, assim: *contr* ' . Está certo no de Garencières.

268: 1 κύμβη, é uma xícara, geralmente, em grego. M. le Pelletier fornece κύμβος como uma cavidade ou precipício. Não encontro o significado de precipício. Há uma grande dificuldade em definir o significado aqui. Κύμβη significa uma xícara, um barco, uma carteira e também é como κύβη, a cabeça. Talvez devêssemos simplificar a questão, limitando-nos estritamente à palavra latina, *Cymba* , que é barco ou esquife. Sempre um barco leve, como no Georgics, i. 136, onde os barquinhos eram feitos de *alnos cavatas* , os amieiros ribeirinhos escavados. É mais uma embarcação para um pequeno lago do que para o mar; como Ovídio diz encantadoramente:

"Nãõ ideo debet pelago se credere, signa Audet in exiguo ludere cymba lacu."

Mas, então, que sentido teria, "um homem estando entre dois barcos, mãos e pés amarrados?" Entre dois abismos, M. le Pelletier interpreta; mas, então, não descobrimos que, seja em grego ou latim, a palavra produz esse significado. Ele o interpreta de Elba e Santa Helena. Mas uma ilha já foi chamada de abismo; Acho que tão raramente como sempre κύμβη quis dizer um. Hesychius dá κοῖλος μυχός, um recesso oco, a penetralia dos apartamentos das mulheres, e ele adiciona também βυθός, a profundidade do mar, para explicar κύμβος. No "Lexicon Etymol." De Martinius, há uma citação muito curiosa de Isidore, Bk. 19., o que faz com que o *cymba* seja o espaço ocupado por um navio no deslocamento da água abaixo dele. Acho que de tudo isso podemos extrair um significado para os *pratos deux* . Como dois lugares, ou prisões rebaixadas, escavadas no mar, ele será colocado, mãos e pés amarrados. A linha, para digitalizar corretamente, deve ter a palavra *et* omitida.

268: 2 *Fitine* , φυτόν, planta, rebento, filho.

268: 3 *Pocillator* é o copeiro.

268: 4 O *fautor* é um impostor, para enganar.

268: 5 *Scyphus* , taça. Há uma adequação singular nesta palavra, quer seja pretendida ou não por Nostradamus, pois Ateneu descreve os Boéotianos como primeiro usando enormes taças de prata para beber, ou scyphi, que eram denominadas Hercúleas, porque Hércules, que gostava muito de festejar, as usava , e primeiro inventou o grito de "não toque no calcanhar!" *ut libantes nihil in calice vini relinquerent* . O leitor terá em mente o *Hércules de Gaule* de uma antiga quadra.

272: 1 Itales, *Ætalia* , Elba.

272: 2 *Par mer* , Golfo de Gênova.

272: 3 *Forains* , latim, *foris* , estranhos.

272: 4 *Sauf* , latim, *sabous* , inglês, seguro.

272: 5 *Sauf de coup de feu*.

272: 6 *Le dard du ceil* é o raio.

272: 7 Latim, *ferire* , golpear.

272: 8 *Estandue* é padrão.

273: 1 Latim, *gens* , nação.

273: 2 Latim, *monstrum* , prodígio.

273: 3 *Morts* deve ser lido *Meurt* , talvez, como referindo-se a Napoleão, que, mostrou grande prazer, é dito, quando descobriu que Wellington pretendia. para lutar com ele. Não pode referir-se, como Le Pelletier gostaria que fizesse, ao célebre *mot* de Cambronne ou do general Michel, pois ficou provado que nunca foi proferido, mas fabricado por um wit *après coup* .

273: 4 A pedra está na árvore. Le Pelletier entenderia aqui o *silex* , o machado de sílex das idades primitivas. Isso me parece muito improvável, e eu preferiria ler, com Garencières, a pedra em thunderstone ou aerólito, que parece ser muito menos forçado.

274: 1 Hyperbaton. a construção é *feront entrée a Paris clos d'armée* .

274: 2 Latim, *clausus* , fechado, isolado do exército francês.

275: 1 *Forche* , fourchu ou bifurcada. Latim, *furca* , fisdado.

275: 2 *Commettre* , reticências para *se commettre* , para entrar em *conflito* com qualquer um.

275: 3 Latim, *por* , através ou por meio de.

275: 4 Latim, *duo* , uma segunda repetição.

276: 1 Remessa.

276: 2 *fors positivos* , leia *fortes positivos* .

276: 3 *Malignus* , latim, um criminoso.

278: 1 *Fera* deve ser *feront* , eu acho.

278: 2 *Avint* Acho que significa *avant* .

278: 3 *Viendra* para *viendront* .

279: 1 *Onque* deve ser *oncq* ' , para fazer a varredura.

279: 2 Itália é a leitura do *tipo de texto* . Bouys lê *Itale* , e então esta linha fará a varredura.

279: 3 *Estrangers* provavelmente foi pronunciado com apenas duas sílabas, mas é difícil fazer essa varredura de linha.

280: 1 *Fautes* , a serem tomados como deficiências. 280: 2 *Si* -- muito.

Louis XVIII e Louis Philippe

Chegamos agora à Restauração de Luís XVIII.

Preságio 38. [I. 235.]

Roy salué Victeur,₁ Impereateur,₂
La foy faussée. Le Royal fait₃ congru:₄
Sang₅ Mathien₆ Roy fait₇ supereateur,₈
De gent₉ superbe humble₁₀ par₁₁ pleurs venu.₁₂

Esta é uma quadra muito irregular.

Tradução .

O Rei é saudado vencedor e dominador,
O juramento falsificado: O Rei se faz conhecido novamente: Neto de Luís XIV. torna-se rei,
é chamado de volta pelo povo orgulhoso e humilhado até as lágrimas.

Louis XVIII. é proclamado Rei em 3 de maio de 1814, mas o povo tira Napoleão de Elba em 1 de março de 1815, quebrando assim a fé. Louis XVIII. (Le Royal) é novamente reconhecido, 8 de julho de 1815; o neto de Luís XIV. (cantou Æmathien), um nome conferido por Nostradamus a Luís XIV., que assumiu o emblema do Sol, sendo Æmathien filho de Aurora, que abre as portas do sol da manhã. Este neto se torna agora rei indiscutível, a humilhada nação francesa chamando-o de volta com lágrimas.

Século X. - Quadra 16. [I. 236.]

Heureux au regne de France, heureux de vie, Ignorant sang, mort fureur et rapine, Par nom flateur₁ sera mis en envie:
Roy desrobé,₂ trop de foye en cuisine.

Tradução .

Feliz no reino da França, feliz na vida,
Livre de sangue, morte violenta e rapina furiosa, Ele terá um nome

lisonjeiro e será um objeto de desejo: Um rei aposentado, com muita fé na cozinha.

Aqui vamos pegar Luís XVIII. como restaurado ao trono da França: sua vida passa feliz, sem experiências violentas de sangue, morte, raiva ou rapina. O nome lisonjeiro de *Desiré* foi dado a ele, que é profeticamente sugerido nas palavras "*il sera mis en envie*". Ele não dedicará atenção suficiente aos seus deveres públicos, de modo que possa ser descrito como *desrobé*, aposentado ou retido em casa; e ele ficará muito viciado em desfrutar da mesa, *trop defoye en cuisine*. A gastronomia era proverbial; a obesidade daí decorrente o tornava inerte, de modo que aos poucos foi deixando os negócios de Estado vagarem, sem lhes dar a devida atenção.

Século III .- Quadra 96. [I. 238.]

Chef de Fossan₃ aura gorge couppée Par le ducteur₄ du limier et levrier; Le faict patré₁ par ceux du mont Tarpée,₂ Saturne en Leo ₃ 13 de Fevrier.

Tradução .

Um príncipe de Fossano terá sua garganta cortada pelo guardião de seus cães e galgos:

A tentativa será feita por aqueles da rocha Tarpeiana, Saturno estando em Leão em 13 de fevereiro.

Fossana é colocada, por sinédoque, para a Sardenha. Um príncipe, portanto, da Sardenha será esfaqueado pelo Guardião do Canil, instigado pelos republicanos, quando Saturno se opõe ao signo do Leão, em 13 de fevereiro de 1820. M. le Pelletier, que parece um tanto erudito no casas das estrelas, diz que Saturno estava em oposição e não em conjunção com Leão nesta ocasião. Mas Nostradamus deixa em aberto. A rocha tarpeiana é figurativamente empregada para representar a *montanha*, ou os demagogos e os republicanos em geral. O Mons Tarpeius foi nomeado pela primeira vez de assassinato e foi por muito tempo uma cena de assassinato. Tarpeia, que traiu o Capitol aos sabinos, foi esmagada por seus escudos no portão, e seu pai, Spurius Tarpeius, foi jogado nas ameias por ordem de Romulus. Crianças malformadas ao nascer eram arremessadas de suas alturas. Era mais conhecido como Capitolino, assim chamado (*caput Toli*)

da cabeça de Tolus, encontrada lá ao cavar as fundações para o Templo de Júpiter: assim, o lugar do crânio, um Gólgota do início de Roma. Mais tarde, os criminosos foram condenados a serem expulsos dela. Muitas dessas associações mortais estavam, sem dúvida, presentes na mente de Nostradamus, e fizeram esta montanha da morte parecer-lhe adequada para prenunciar a morte que deveria emanar das montanhas francesas. Demorar-se sobre isso é de interesse fisiológico, pois mostra quão intimamente as naturezas do poeta e do profeta se sobrepõem; de modo que, como nas cores do arco-íris, não há linha a ser traçada para determinar onde uma começa ou termina outra: - podem ser vistas, mas não cortadas.

O Duque de Berri era filho de Maria Teresa de Sabóia, casado com o Conde d'Artois, sendo ela filha de Victor-Amédée III., Rei da Sardenha. Este sardo deveria ter governado a França e, com apenas uma intervenção, ter seguido o curso na ocupação do trono. Louvel, o assassino, o esfaqueou vindo da ópera, e vestiu o uniforme do rei no momento do atentado. A previsão é novamente maravilhosa em prefigurar cada abreviatura particular dos nomes dos dois indivíduos. As nacionalidades são fornecidas, o chamado de Louvel e o dia do mês. Se tudo isso for acaso, alguns poucos estúpidos prefeririam isso ao que eles sabem da Certeza.

Século V. - Quadra 4. [I. 240.]

Le gros mastin de cité dechassé,¹ Sera fasché de l'estrang² alliance: Après aux champs avoir le cerf chassé,³ Le loup et l'ours se donront⁴ defiance.

Tradução .

O grande mastim perseguido da cidade
será afligido pela estranha aliança:

Quando o veado for levado para os campos, o lobo e o urso começarão a
desconfiar um do outro.

O Duque de Bordéus é o grande mastim, destronado em 9 de agosto de 1830 por Luís Filipe, na época dos cães, quando a estrela *Sirius* se opõe. *Le Grand Chien* queimando no horizonte é sinônimo de *gros mastin* ; a cidade, claro, é Paris. Charles X.,

que gostava de perseguição, é transformado de grande caçador em cervo. O lobo é Louis Philippe, um nome que se presta a Lou. P. O urso representa, de acordo com M. le Pelletier, *la Montagne*, na assembleia, porque os ursos fazem seu covil nas situações mais elevadas. Não precisamos insistir nessa semelhança ou característica apontada por Le Pelletier.

Há seis quadras devotadas por Le Pelletier ao duque de Bordeaux, - o Henri Cinq que nunca existiu, - aquele príncipe real que todos os príncipes deveriam ver para descer do céu. Mas como nós, que não somos da realeza, vimos que nada veio dele; e que, estando agora morto, nada pode sair dele, passaremos as seis quadras em silêncio. As quadras de Nostradamus se prestam muito gentilmente à elucidação, uma vez que você encontra a pista, mas eles se recusam persistentemente a ter um significado lido neles de fora.

M. le Pelletier elaborou o significado das seis quadras, sobre Luís Filipe com tantos conhecimentos engenhosos que devemos dar todas elas, e deixar que o leitor as tome por sua própria avaliação.

Século VI. - Quadra 84.

Celuy qu'en₁ Sparte Claude₂ ne peut regner, Il fera tant par voye seductive,
Que du court, long le fera araigner,₃ Que contre Roy fera sa perspective.₄

Tradução .

Aquele que fará com que o coxo não reine em Paris,₁ Ele efetuará tanto em seu caminho sedutor
Que do curto ao longo ele alcançará,
Quem trouxe para suportar seu engano contra o rei.

O significado disso é que Louis Philippe d'Orléans fará com que o Duque de Bordéus seja incapaz de segurar as rédeas do governo em Paris. A substituição anagramática de Sparte por Paris é duplamente engenhosa, na medida em que Licurgo em Esparta estabeleceu uma assim chamada realeza dupla. É claro que o cargo não poderia ser o de rei, mas havia o nome, senão o fato, e isso é suficiente para este príncipe de analogistas

habilitados, Nostradamus. Luís Filipe conseguirá isso pelos caminhos da sedução e usurpará com sucesso o trono de seu sobrinho (araigner), colocando-se em oposição, diz Le Pelletier, ao seu rei legítimo. *Faire sa perspective* ele faz oposição. Não acho que seja esse o significado da frase. Há um trecho de Fontenelle (não posso me referir a ele em suas obras no momento), em que ele fala de uma perspectiva que fará um imperador ou um mendigo da mesma figura, de acordo com o ponto de vista a partir do qual você olha isto. Isso é uma ilusão de ótica. Descartes, em seu "L'Homme", menciona as fotos colocadas no final dos corredores para enganar os olhos de maneira agradável e acrescenta: "L'exemple des tableaux de perspective montre combien il est facile de s'y tromper." E então havia aquelas perspectivas que Holbein e seus contemporâneos costumavam introduzir em suas imagens, de uma caveira, ou uma cabeça de morte, tão pintada que você não poderia dizer exatamente o que era até chegar ao ponto de vista correto, por um processo inverso do encurtamento. Pelas palavras uma *perspective*, imagino que Nostradamus quis dizer que Luís Filipe usou seu engano contra o rei.

Século V .- Quadra 69. [I. 250.]

Plus ne sera le Grand en faux sommeil, L'inquietude viendra prendre repos:
Dresser phalange₁ d'or, azur, et vermeil, Subjurer Afrique, la ronger jusques
os.

Tradução .

Le Grand não fingirá mais um sono falso;
Sua inquietação agora se acalmará na segurança, Organizará seu exército
sob o ouro, azul e vermelho, Subjugará a África, roendo-a até os ossos.
Louis Philippe, agora rei, e assim se tornará le Grand, diz M. le Pelletier
(embora, quando aplicado ao indivíduo, pareça um nome impróprio), agora
desmascarará seus projetos e tomará seu repouso em segurança. Ele adotará
o tricolor da Revolução e completará a conquista da Argélia; Pelissier
assando os refugiados em cavernas, até os ossos. Tudo menos a palavra
Grande justifica a interpretação com exatidão.

Século I .- Quadra 39. [I. 251.]

De nuit dans lict le supresme₁ estranglé, Pour avoir trop sejourné blond
esleu, Par trois₂ l'Empire subrogé₃ exanclé₄ A mort mettra carte₅ et paquet
ne leu.₆

Tradução .

Quando a França for dominada por três partidos, O último da família será
estrangulado à noite na cama, Por ter emprestado muito ao belo Capet.
Morreu porque um papel e um pacote não foram lidos.

Quando a França for dominada por três alternadamente (orleanistas,
republicanos, bonapartistas), o príncipe de Bourbon, Condé, último de sua
raça, será estrangulado, à noite em sua cama, por desejar segui-lo na suíte
do duque de Bordeaux. Um novo testamento, devidamente selado, a favor
do Bourbon, mas não lido, é a causa da sua morte. O "não lido" significa
não lido pelo Duque de Bordéus, a favor de quem foi desenhado. A
Baronne de Feuchères, cujos interesses eram aliados aos de Louis Philippe,
derrotou-o com o assassinato. M. le Pelletier absolve Luís Filipe da
cumplicidade no crime, mas observa que o interesse da barona
era aliás o do rei. Seu crime foi incitado pelo desejo de acabar com o novo
testamento, pelo qual ela seria uma grande perdedora. É curioso que
Garencières considere esta quadra cumprida em Filipe II. da Espanha, que
teve seu próprio filho, Don Carlos, estrangulado na cama. A coincidência
do nome Philip é singular, mas as duas linhas restantes ele não tenta
interpretar.

Século VIII. - Quadra 42. [I. 253.]

Par avarice, par force et violence
Viendra vexer les siens chef d'Orleans; Près Saint Memire₁ assaut et
resistance, Mort dans sa tante,₂ diront qu'il dort leans.₃

Tradução .

Por cupidez e abuso de poder, força e violência, O chefe de Orleans virá a
atormentar os seus; Perto de St. Memire, haverá resistência; Morto em seu
palácio, ele dormirá para sempre.

A avareza sempre foi culpa de Louis Philippe. Por extorsão e abuso, ele levantou resistência em Saint Meri; dentro e perto da igreja ele forçou os republicanos à submissão, *dort inclina se* a brincar com o nome, nunca mais mostrou energia, mas dormiu um sono como a morte em seu palácio (*dans sa tente*). A insurreição sufocada ocorreu em 5 e 6 de junho de 1832.

Século IX.- Quadra 89. [I. 254.]

Sept ans sera Philipp; fortune prospere: Rabaissera des Arabes effort;
Puis son midy perplex₄ rebors₅ affaire, Jeune Ognion₆ abismera son fort.

Tradução .

Sete anos a fortuna de Philip prosperará bem;
Ele vai derrotar todos os esforços dos árabes;
Em seu embaraçoso período intermediário, tudo vai contra a corrente, o
jovem Ogmion vai dominar seu forte.

A fortuna favorecerá Louis Philippe nos primeiros sete anos. Ele vai reprimir os árabes. Mas no meio de seu reinado a questão oriental surgirá e o cobrirá de desgraça (isso culminou em 15 de julho de 1840). Nos próximos sete anos, tudo irá contra a *corrente* , e a nova República (*jeune Ogmion*) irá derrubar seu trono e sua Bastilha; a Paris que ele pensava ter fortificado com tanta força.

Garencières apresenta novamente Filipe II. da Espanha, e parece haver alguma analogia entre esses dois reis. O espanhol também prosperou por cerca de sete anos e, na pessoa de seu irmão, Don Juan da Áustria, venceu os turcos na Batalha de Lepanto. Garencières lê *Barbares* para árabes. Mais tarde, ele teve que matar seu filho, e foi combatido pelo jovem Ogmion; o rei, Henri Quatre, da França e Navarra.

Século V. - Quadra 92. [I. 255.]

Après le siege tenu dix-sept ans, Cinq changeront en tel revolu terme: Puis sera l'un esleu de mesme temps, Qui les Romains ne sera trop conforme.

Tradução .

Após o trono ter sido detido por dezessete anos, Cinco devem mudar quando aquele mandato terminar: Então, ao mesmo tempo, um será eleito, que não será muito conforme aos desejos dos romanistas. Após o reinado de Luís Filipe, durante dezessete anos, cinco de seus filhos perderam o trono com ele; e com muita manobra nunca fui capaz de reapreciá-lo. Eles eram o Conde de Paris, representante de Chartres, Duc de Nemours, Joinville, Montpensier e Due d'Aumale. A eleição que se seguiu foi a de Luís Napoleão, cuja política mista, ou nenhuma, não convinha nem ao Partido Revolucionário nem aos católicos romanos. Não há nada aqui, exceto os dezessete anos para conectar isso com Louis Philippe. Pois os cinco que mudaram com a revolta seriam seis se o próprio Luís Filipe fosse contado, e ele certamente deveria ser. As duas linhas finais são muito vagas e podem ou não pertencer a Luís Napoleão. Limito-me a citar, como uma das ingenuidades de M. le Pelletier.

Há três profecias citadas relacionadas ao duque de Chartres, que parecem bastante bem interpretadas; e seriam muito maravilhosos se estivessem sozinhos ou se relacionassem com alguém cujo destino fosse de alguma importância no livro de abertura da história. Todo o pouco interesse de Luís Filipe está centrado em si mesmo, e, portanto, omito as três quadras relativas a seu filho, não porque não sejam curiosas, se corretamente interpretadas do filho, mas que, mesmo supondo que assim sejam, o Dívida de Chartres é uma pessoa e um personagem que não merece uma menção séria na história. A fofoca de uma barbearia na época de Nostradamus seria ainda mais interessante para qualquer investigador racional dos assuntos humanos.

Notas de rodapé

283: 1 Latim, *vencedor* , conquistador.

283: 2 Latim, *Imperator* .

283: 3 Latim, *factum* , ação, ato.

283: 4 *Congnu* = connu, conhecido.

283: 5 *Sang* , filho ou neto.

283: 6 *Mathien* , *Æmathien*. 283: 7 Latinismo, *factus* , feito, tornado.

283: 8 Latim, *superador* , regra, dominador.

283: 9 Latim, *gens* , nação.

283: 10 *Humble* = humilhado, talvez *humilde* .

283: 11 Latim, *por* , por razão de.

283: 12 A ordem é, "venu à cause des pleurs de la superbe nation humiliée."

284: 1 O texto original está corrompido aqui, mas isso produz o melhor sentido.

284: 2 *Desrobé* , retirado ou calado.

284: 3 Fossano é a leitura alternativa, uma cidade nos Estados da Sardenha.

284: 4 Guardião dos cães e galgos.

285: 1 Latim, *patratus* , feito, cometido.

285: 2 A rocha tarpeiana em Roma.

285: 3 Latim, Leão, o signo astronômico do Leão.

286: 1 *Dechassé* = chassé, expulso.

286: 2 *Estrangeiro* tem novamente o significado de estrangeiro, ou fora da família.

286: 3 O pedido é *après avoir chassé le cerf aux champs* .

286: 4 *Donront* = *donneront* .

287: 1 *Celuy qu'en* = *Celuy qui fera qu'en* .

287: 2 Latim, *Claudus* , coxo. Este Le Pelletier antes se esforçou, com surpreendente destreza, para mostrar ser o Duque de Bordéus.

287: 3 Toda essa linha é difícil. *Araigner* , na língua românica, significa pleitear e obter uma causa contra outra pessoa. A *corte* e *muito tempo* que tínhamos antes, no século VIII., 57, aplicou-se a Napoleão, passando de soldado a imperador de manto comprido; aqui ele teve que se referir a Talma para ensiná-lo a carregá-lo. Agora, novamente, significa a ascensão de um mero dignitário à realeza.

287: 4 Latim, *qui* .

288: 1 *Sparte* = Paris. As letras *te* podem ser consideradas uma única letra, ev sendo mudo. Ele então se converterá, de acordo com a regra do anagrama.

289: 1 Falange, bandeira, padrão, escreve M. le Pelletier. Até onde posso descobrir alguma coisa, esta afirmação parece estar totalmente errada. A palavra "falange", quando ligada a assuntos militares, sempre significa um corpo de homens em ordem militar. Pode, no plural, até representar exércitos indefinidamente. No singular, é muito confuso. Pode representar um grupo de vinte e oito homens ou oito mil (Potter's "Antiquities", ii. 56).

Danet diz seis mil homens. Gibbon introduz uma de suas frases desleixadas constantemente recorrentes sobre isso - absurda na verdade, mas filosófica na forma. Ele está comparando a legião com a falange (i. 22) e nos diz: "Foi logo descoberto por reflexão, bem como pelo evento", que não poderia contender com a legião. É óbvio aqui que, se tivesse sido descoberto por reflexão, nunca teria sido tentado pelo evento. Isso de certa forma justifica o sarcasmo de Porson, de que os alunos deveriam traduzir o Gibbon para o inglês. Como uma variedade agradável, Smith define o número quando completo em cerca de dezesseis mil homens. Sentimo-nos inclinados a dizer que esses guias clássicos estão nos conduzindo para aquele fosso, que nunca é longe de se procurar, quando cegos os conduzem. Martinius, em seu curioso "Lex. Phil.", Cita Plínio para mostrar que os africanos primeiro lutaram contra os egípcios fustibus, com bastões, que eles chamaram de falanges no plural, ou falange no singular, de modo que é uma palavra africana. פֶּלַח? L? G, em hebraico phalag, é um bastão. Também existe uma aranha chamada phalangion; e como as lanças das cinco primeiras fileiras em uma falange eram entrelaçadas, eram como uma teia de varas. Muitos podem considerar tudo isso extremamente inútil; talvez eles admitam que é curioso; em caso afirmativo, devo considerá-lo útil. Há muito descobri que tudo o que é muito curioso é útil. Isso coloca a mente em movimento agradável e muitas vezes lança uma nova luz sobre coisas que antes não tinham interesse e pareciam obscuras. De qualquer forma, agora estabelecemos que a falange não deve ser tornada padrão, mas tropas, exército.

290: 1 Latim, *supremus* , o último.

290: 2 A ordem é, "Quand l'Empire sera exanclé par trois subrogés."

290: 3 latino, *subrogatus* , substituído; leia *subrogés* .

290: 4 *Exancillatus* , submetido a, sob o jugo de.

290: 5 latim, *charta* , papel

290: 6 Romance, *ne leu* , não lido.

291: 1 *Sainct Memire* é o anagrama de S'Meri. Para fazer com que esta passe, M. le Pelletier gotas uma *m* e um de *e* .

291: 2 *Tante* deve ser lido *tente* .

291: 3 *Leans* é uma palavra antiga para *là dedans* .

291: 4 Latim, *perplexus* , perturbado.

291: 5 *Rebors* = *rebours* ; *à rebours* é contra a corrente.

291: 6 *Ognion* é *Ogmios* , o Mercúrio Céltico ou Hércules Gálico. Tem figurou em 1792, 1848, e novamente após a guerra alemã, 872. Nos dois primeiros períodos eles colocaram a figura deste Hércules em suas cinco peças de francos, com aquele exercício ocioso, Liberté, Égalité, Fraternité. Este *vocabulo* , *Ogmion* , é equivalente a *Oignon* , cebola ou raiz bulbosa do lírio. Se pudesse haver alguma dúvida sobre isso, Nostradamus teve o cuidado de removê-la, chamando-a de *flor de lis le grand mercure d'Hercule* , no século X. 79.

República, 1848 e Napoleão III

Século IX. - Quadra 5. [I. 261.]

Tiers₁ doigt du pied au premier semblera,
A un nouveau monarque de bas haut:₂
Qui₃ Pyse et Luques tyran occupera,
Du precedent coriger le deffaut.

Tradução .

O terceiro₄ será um degrau para o trono,
Para um novo monarca de posição baixa ao topo;
Ele, como tirano, terá assumido um posto militar na Toscana, ₅ E procurará
corrigir os defeitos de seu antecessor.

A Assembleia Nacional de 1848 servirá como um apoio para Luís Napoleão passar da vida privada para uma posição conspícua. Em sua juventude, ele se preocupou com a Revolução da Toscana e se propôs a corrigir o defeito de seu antecessor.

Isso pode significar que ele pretendia guiar a França melhor do que Luís Filipe, ou do que em quatro anos a República havia feito, ou, o que é mais provável de acordo com suas Idées Napoléoniennes, levar a cabo a política de seu tio Napoleão I. Não posso pensar que se refira a Napoleão II., Duc de

Reichstadt. Toda a aplicação da quadra não é muito clara nem muito importante.

A quadra em Cavaignac, creio eu, dificilmente foi decifrada de maneira satisfatória, então omiti-a.

Século VIII. - Quadra 43. [I. 265.]

Par le decide₁ dc deux choses bastards, Nepveu du sang₂ occupera le regne;₃ Dedans Lectoyre₄ seront les coups de dards, Nepveu par peur pliera l'enseigne.

Tradução .

Pela queda ou ruína de duas coisas bastardas O sobrinho de sangue ocupará o império; Em Lectoyre haverá mortes por flechas, O sobrinho dobrará seu estandarte por muito medo.

Com a derrubada de Luís Filipe e dois governos bastardos da República, Luís Napoleão agora sucederá ao trono, um sobrinho pelo sangue de Napoleão Bonaparte; e, o que não se sabe, foi o único da família Bonaparte nascido no Palácio das Tulherias. Posteriormente, na batalha em Lectoyre (os *golpes de Estado* devem ser considerados simplesmente como uma batalha), o sobrinho empunhará seu estandarte por medo.

Escrevendo em 1866, M. le Pelletier observa particularmente que a época ficou indeterminada e, quanto ao enigma de *Lectoyre*, nada pode ser conhecido até que o evento tenha ocorrido.

Ele pode então ser interpretado, ele pensa, em algumas das expressões idiomáticas conhecidas por Nostradamus - grego, hebraico, latim, céltico, Languedoc, etc. Ele considera o padrão para apresentar um enigma adicional e pergunta: "Que padrão?" Não reconheço bem essa dificuldade. O padrão imperial por ele adotado, seja ele qual for. Enrolar um padrão é fechá-lo e fechá-lo, de modo que ninguém mais se apegue a ele. Simboliza que a causa que representa foi finalmente levada ao solo e que não está mais voando.

Quanto à palavra *Lectoyre*, agora sabemos que, se for para ser interpretada, terá de ser encontrada em conexão com Sedan, - a mais nobre reminiscência

relacionada com a qual é que foi o local de nascimento daquele grande soldado e homem maior, o marechal Turenne. Ele pode muito bem ser chamado de *La gloire de Sedan* , enquanto Napoleão, o Pequeno, também apropriadamente pode ser designado como *Cédant de la gloire* , com aquela insígnia enrolada, *qu'il par peur pliera* . ¹

Depois de muita dificuldade e pesquisa, finalmente encontrei dois mapas antigos, impressos em Amsterdã por Blaeuw; um datado de 1620 e o outro de 1650, denominado "Les Soverainetez de Sedan". Em ambos, a cidade em guerra de Sedan é apresentada, situada na margem direita do rio Meuse, enquanto na margem esquerda é mostrado um extenso território denominado *Grand Torcy* e *Petit Torcy* . Em outro mapa, é dado como *Torsy* . Esses mapas não fornecem nenhuma indicação dos pontos da bússola. Mas, de outro mapa, indicando-os, a curva do rio em que a cidade está assentada parece correr de leste a oeste; e, em caso afirmativo, Torcy fica ao sul ou sudoeste de Sedan. Em um mapa mais moderno, aparece como *Le Grand Torcy* e é descrito como deitado "sur la route impériale de Mezieres a Sedan. "Evidentemente, portanto, temos o direito de colocar *Le Torcy* em Sedan. Os franceses devem determinar por si mesmos, por seu gabinete militar, se o acampamento francês foi montado nos prados de *Le Torcy* ; mas nada pode alterar o grande fato, como agora, pela primeira vez, deixou claro que o *Nepveu du cantou enrolou* seu estandarte para sempre em Sedan ou *Lectoyre* , como diz o oráculo. Agora *Lectoyre* é o anagrama preciso, letra por letra, de *Le Torcey* , embora a grafia mais comum seja sem o segundo *e* , *Le Torcy* . Se formos considerar isso como uma coincidência casual, meu único comentário adicional será que um acaso como este é tão milagroso quanto qualquer milagre no mundo poderia ser.

No que diz respeito às palavras " *nepveu du sang* ", havia uma caricatura muito popular na França na época da candidatura à presidência francesa, composta por duas fotos. Em uma delas, o príncipe de Joinville se recomendava ao povo francês para a eleição, tendo o jovem conde de Paris pela mão e dizendo: "Sou tio de meu sobrinho". Por outro lado, Luís Napoleão pressiona seu terno apontando para uma estatueta de Napoleão Bonaparte e pronunciando as palavras: "Sou sobrinho de meu tio"; mostrando como *nepveu du sang* designa caracteristicamente o príncipe

Louis Napoleon. Quase se pode dizer que ele próprio o escolheu como cognomen.

Século VIII .- Quadra 44. [I. 267.]

Le procrée naturel d'Ogmion₁

De sept à neuf du chemin destorner: A roy de longue amy et₂ au my hom₃
Doit à Navarre fort de Pau prosterner. Proponho aqui tornar o significado o mais claro possível sem uma tradução.

Napoleon III. (*le procrée*), o descendente natural da República Francesa (*Ogmion*), desviará do caminho certo por sete ou nove anos antes de sua queda. Le Pelletier interpreta o contrário. Ele diz que a guerra na Itália começou no sétimo ano do Império, 1869, e a partir dessa data ao longo dos nove anos seguintes mudou sua política. Acho que a linha significa que de sete a nove anos antes do final de seu reinado, ele mudou sua política. Ou seja, de sete anos anteriores ao encerramento de seu reinado, quando Charles August Louis, Duc de Morny, morreu, *ou seja* , em 1865; e mesmo nos dois anos anteriores, as coisas tomaram um rumo diferente. De Morny não exerceu mais controle ativo, e foi a cabeça que me guiou o tempo todo. Quando ele morreu, todos correram para a destruição. O *roi de longue* e seu amigo *meu hom* , Le Pelletier afirma ser Victor Emmanuel e Garibaldi; um de raça longa e outro de baixo nascimento, o fundidor de sebo. Acho que é Frederic William, *de longue vie* , e Bismarck, o homem *biválvula* , que se torna, se o lermos como *my-homme* . Tenho uma ótima ideia de que à *Navarre* é um erro de impressão para *le nepveu* . Seja *fort de Pau* pode significar com sua saúde restabelecida por ficar em Pau ou não, não sei dizer. Mas, de qualquer forma, acho que as duas últimas linhas devem ser lidas juntas, e que ele deve se prostrar diante do rei e de seu amigo. Todo o reinado de Luís Napoleão deve ser representado como um fracasso, se você lê-lo com Le Pelletier; o meu o torna um fracasso nos últimos sete a nove anos. Meu rei e amigo causam a catástrofe muito abaixo da data que ele fará. Minha emenda ao *le nepveu* certamente esclarece o significado. A explicação de Pau não é tão compreensível quanto eu gostaria; se *Ham* fosse uma variante, teria falado por si mesma.

A Quadra 53 do século VIII, que já expliquei como a flotilha de Napoleão Bonaparte, M. le Pelletier fixa como a ridícula expedição de Louis

Napoleão a Boulogne, e a campanha italiana depois que ele se tornou imperador; mas acho que ele falha totalmente na leitura dos símbolos.

Século V. - Quadra 8. [I. 270.]

Sera laissé feu vif, mort caché,
Dedans les globes, horrible espouvantable, De nuict a classe₁ cité en poudre
lasché, La cité à feu, l'ennemy favourable.

Tradução .

Fogo vivo, morte oculta, será deixado
Em bombas, uma coisa horrível e assustadora:
por uma banda à noite a cidade será queimada com pólvora; A cidade
parece em chamas, mas ajuda embora pretenda destruir.

O mercúrio fulminante (*feu vif*) em bombas em uma explosão terrível
contém a morte oculta. A cidade, Paris, será surpreendida com a pólvora
liberada (*lasché* , solta) por assassinos à noite. A cidade parecerá em
chamas. Mas o inimigo (apesar de si mesmo) se mostrará favorável a
Napoleão. Esta, é claro, é a tentativa de Orsini de 14 de janeiro de 1858.

O próximo versículo segue o tópico.

Século V. - Quadra 9. [I. 271.]

Jusques au fond la grand arq₂ demolue₃ Par chef captif l'amy anticipé,₄
Naistra de dame front, face chevelue, Lors par astuce duc₅ mort atrapé.

Tradução .

Quando o peristilo é completamente demolido
Pelo prisioneiro chefe, o amigo sendo levado antes, Uma trama nascida da
mulher, barba comprida e rosto peludo; Então, pela astúcia, o líder
capturado será executado.

O peristilo (*la grand arq'*) da ópera será completamente destruído. Pieri, o
amigo de Orsini, o chefe cativo, é apreendido previamente por Hébert,
chefe do serviço de detetives, que o reconheceu na multidão. A trama foi

concebida nas lojas secretas dos Demagoguy [*de Dame*], cujos membros usam barba e cabelos compridos. Orsini, o líder do conjunto, ficará astutamente surpreso com as confissões de Gomez no restaurante Broggi, para onde fugiu, e, sendo levado, será condenado à morte.

Não me sinto muito confiante quanto a essa interpretação, mas dou tanto quanto a encontro em M. le Pelletier.

Século V. -- Quadra 10. [I. 272.]

Un₁ chef Celtique dans le conflict blessé, Auprès de cave₂ voyant siens mort abatte, De sang et playes et d'ennemis pressé, Et secours par incogneus₃ de quatre.

Tradução .

O chefe celta é ferido na contenda,
Vendo a morte golpear seus amigos perto do teatro, Cercado de sangue e feridas e pressionado por inimigos, Ele escapa dos quatro₄ assassinos, por ajuda desconhecida.

O imperador, levemente atingido no olho por um fragmento de vidro, verá seu povo espalhado pela morte sobre a entrada da Grande Ópera. Pressionado pelos conspiradores, quatro ao todo, ele receberá ajuda desconhecida; se de anjos ou espíritos puros, M. le Pelletier não sabe dizer. Agora sabemos que ele ainda precisava ver Sedan; mas seria curioso se os espíritos puros tivessem se interessado muito em proteger o assassino de sangue frio do Champs de Mars. e Coup d'État.

Século VI. - Quadra 4. [I. 273.]

Le second chef du regne D'annemarc,₁ Par ceux de Frize₂ et l'Isle Britannique, Fera despendre₃ plus de cent mille marc,₄ Vain exploicter voyage en Italique.

O segundo da corrida napoleônica no poder fará com que a Inglaterra e Hanover gastem 100.000 marcos em fortificações e material de guerra.

Temendo uma invasão após o esforço de Orsini, ele irá explorar a campanha italiana, embora em vão, já que não colherá os resultados que espera.

Isso corresponde tão claramente ao que aconteceu que provavelmente a maioria concordará que é uma previsão muito notável.

Século III .- Quadra 37. [I. 274.]

Avant l'assaut l'oraison₅ prononcée,
Milan prins₆ d'Aigle par embusches deceus,₇ Muraille antique par canons
enfouciee, Par feu et sang à mercy pen receus.

Tradução .

Antes do ataque, uma arenga é pronunciada;
Lombardia é tomada pela águia, sendo isolada por uma emboscada. Uma
parede antiga conduzida por canhões,
Fogo e sangue, mas pouca misericórdia demonstrada.
Antes da declaração de guerra, o imperador pronunciará (1º de janeiro de
1859), na presença do corpo diplomático, um discurso ameaçador contra a
Áustria. Lombardia (Milão, parte para o todo) será cedida pela Áustria no
Tratado de Zurique (17 de outubro de 1859); A Áustria, uma velha muralha,
cederá ao canhão, ao fogo e ao sangue.

Século V. - Quadra 20. [I. 275.]

De là₁ les Alpes grande armée passera Un peu devant naistra monstre
vapin,₂ Prodigeux et subit₃ tournera₄
Le grand Tosquan à son lieu plus propin.₅

Tradução .

Um grande exército passará além dos Alpes,
Um pouco antes de um malandro prodigioso chegar ao poder; Ele levará o
grão-duque da Toscana
para sua casa mais próxima com uma rapidez surpreendente.

Em 1859, o exército de Napoleão III passará pelos Alpes. Um pouco antes, um bandido proeminente chegará à frente, que de repente e de uma forma surpreendente conduzirá o Grão-Duque da Toscana a buscar refúgio na Áustria (*son lieu le plus propin*).

Devemos notar aqui que Nostradamus, sempre que emerge da impassibilidade da *secret estude* , deve exibir uma hostilidade profunda ao gênio da Democracia e da Revolução. Portanto, há pouca dúvida de que o epíteto poderoso aqui empregado para o *monstre vapin* se relaciona com o Garibaldi de camisa vermelha.

Agora chegamos ao ponto que cobre o último dos Oráculos de Nostradamus cujo comentário ainda foi capaz de se colocar diante do mundo com seu significado tornado transparente pela correspondência de interpretação com um evento da história. O número de tais correlações de ocorrência com a previsão fica imensamente aquém do número das próprias quadras. Na verdade, apenas cerca de cento e cinquenta e um em mil. O resto não dá cintilação ainda, mas jaz sem sinal de existência rastreável, morto como uma pederneira, até que o golpe de ferro do calcanhar do Tempo desenvolva a centelha. *Lateat cintilula forsan*. Um ou dois Presages e dois ou três Sixains também foram resolvidos. Suficiente, acreditamos, foi aberto para mostrar que tesouro é esse em que entramos, quão rico em curiosidade, se não em nada mais. O que ainda pode estar perdido no volumoso restante de oitocentos e cinquenta, é impossível dizer; se, embora não identificados, eles já foram realizados, ou ainda estão para florescer no futuro. Se nada mais foi feito com Nostradamus do que este livro oferece, ainda assim a obra deve, por uma razão ou outra, se destacar como o livro mais maravilhoso de seu tipo que já foi escrito ou impresso neste mundo. Ele agora tem que ir em frente e ter sua chance, boa ou má, de ser notado ou negligenciado entre a massa de material impresso, em grande parte lixo, que dilui nossa vida. Certamente é calculado, tanto quanto pode assegurar qualquer atenção, para chocar severamente os preconceitos agora prevalecentes entre a humanidade. O meio-educado achará difícil ler, e perturbador, talvez, pensar sobre; enquanto o científico pode até denunciá-lo como uma nuvem de gafanhotos de escuridão medieval em sua tendência. Sem dúvida, deve ter o efeito que Nostradamus em seu prefácio a seu filho diz muito graficamente

que terá, "que possible fera retirer le front à quelques uns." Embora, como ele repete, as previsões possam ser enevoados, eles serão compreendidos por homens de bom senso e se tornarão mais claros à medida que a ignorância se extingui; qual deve ser nosso cuidado agora.

A todos os opositores, reúno-me, senhores, investiguem, por favor, todos os pontos em questão da maneira mais minuciosa possível; encontre todas as falhas em meu trabalho, e no dos outros comentaristas Nostradâmicos, que você puder; exponha tudo o que é fraco ou ilusório, onde quer que seja. Vamos ver, então, até que ponto todo o aprendizado e agudeza que você pode trazer para suportar, juntamente com qualquer preconceito estabelecido, e seu rancor por ser perturbado em uma sonolência confortável, podem sugerir, para derrubar o que outros homens até agora, e eu agora, temos tanto esforço para reunir e dar forma. Conscientemente, não estabeleci uma única palavra com qualquer outro desejo senão que a verdade prevaleça; e se a sua crítica pode estabelecer o oposto, eu ainda repetirei: "Deixe a verdade prevalecer." Mas eu não acho que você pode fazer isso: e se não, há apenas uma outra coisa, aberta aos eruditos e sábios, que pode ser feita, - isto é, reescrever suas filosofias, de modo a abrir espaço para a recepção desta parte um tanto estranha da verdade que aqui entrou no caminho de nossas velhas teorias, e não pode ser tirado do caminho novamente. Ao leitor realmente competente e franco, nada tenho a acrescentar além de implorar-lhe que se refira às palavras finais de meu prefácio, pois a ele descobrirão que contêm toda a minha mensagem.

Notas de rodapé

294: 1 *Tiers, pour le tiers* État. A terceira ordem agora reivindica governar a si mesma.

294: 2 *De bas haut* , para *de bas en haut* elevado de uma posição baixa para uma posição mais alta e visível.

294: 3 Latim, *qui* , ele, quem.

294: 4 O terceiro estado servirá, como um dedão do pé para a primeira fila, um trampolim para o lugar.

294: 5 Lucca e Pisa representam toda a Toscana, onde, em 1831, Luís Napoleão e Carlos Bonaparte, seu irmão mais velho, tinham, com um

canhão servido por ele e alguns guerrilheiros italianos, se possuído de *Civita-Castellana* , no Pontifício Estados.

295: 1 Latim, *decidium* , uma palavra que não é de uso clássico, significando ruína ou queda.

295: 2 Romance *cantado* , família.

295: 3 Latim, *regnum* , império.

295: 4 *Lectoyre* , uma cidade na França, no departamento de Gers. Garencières adota a variante *Lectoure*, que ele diz ser uma cidade da Gasconha. A palavra repete-se, século VII. 12, e lá ele diz que é uma cidade da Guiana. *Lectora* era o nome latino. Era um lugar muito forte e pitoresco; mas, a menos que possamos descobrir que seja um anagrama, não há nada que conecte a cidade de alguma forma com a fortuna de Luís Napoleão.

296: 1 A palavra *pliera* é, naturalmente, apenas uma transposição arcaica de *pleira* . A linha aqui não pode de forma alguma ser feita para escanear, sendo duas sílabas ou um pé inteiro curto. Sugiro que seja lido *Nepveu* (du sang) par peur *pleira* l'enseigne.

297: 1 *Ogmion* já foi explicado como o símbolo da República Francesa.

297: 2 O tipo de texto lê *et amy au* .

297: 3 *My-hom* , diz Le Pelletier, é *demy-homme* , um homem de baixo nascimento, e *Roy de longue* = *raça de vieille* . Prefiro ler *de longue vie* e compreender o Rei da Prússia; e *my-hom* eu considero o homem-bivalve, ou Bismarck.

299: 1 latim, *classis* , banda; *à classe* , por uma banda [sic?]. Pode ser melhor renderizar *classe* aqui como "crash", *κλασις* , *brisure* . *De nuict la classe* , um acidente noturno.

299: 2 Latim, *arca* , peito ou barragem.

299: 3 Latim, *demolitus* , demolido. 299: 4 Latim, *antecaptus* , apreendido de antemão.

299: 5 Latim, *dux* , líder.

300: 1 latim, *inus* , o primeiro.

300: 2 Latim, *cavea* , teatro.

300: 3 Romance, *incógnito* , desconhecido.
300: 4 Os quatro eram Orsini, Pieri, de Rudio e Gomez.
301: 1 grego, Δαν-ἀρχή, como tínhamos antes.
301: 2 *Frise* , Hanover.
301: 3 Latim, *dependere* , pesar, gastar.
301: 4 M. le Pelletier calcula que o marco dourado era igual a 250 gramas, ou 100.000 marcos = 10.000.000 francos.
301: 5 Latim, *oratio* , *harangue* .
301: 6 Romance, *prins* , *pris* , levado.
301: 7 Latim, *decisus* , cortado.
302: 1 Delà, para *au delà* .
302: 2 Italiano, *vappa* , patife.
302: 3 Latim, *subito* , de repente.
302: 4 *Il tournera* , para *il fera tourner* . 302: 5 Latim, *propinque* , à mão, próximo.

Apêndice

Os retratos genuínos e espúrios de Cromwell são numerosos a tal ponto que quase podem ser chamados de inumeráveis; pois eles nunca podem ser contados, já que nenhum homem pode chegar até eles para calculá-los. Diz-se que sua autoridade principal depende das obras de quatro artistas, Lely, Cooper, Walker, Faithorne. Acredita-se que Samuel Butler, autor do sempre maravilhoso "Hudibras", tenha pintado uma semelhança, mas isso não conta para nada, pois agora não deve ser identificado como existente em qualquer coleção. Os primeiros três são pintores, o quarto é um grande gravador.

Em tudo isso, o Sr. Frederic Harrison declara descobrir "semelhança singular" ["Cromwell", p. 32,] mas considera que Cooper é o mais bem-sucedido de todos. Acho que a primeira é uma afirmação muito enganosa. e um que pode ser refutado por qualquer um que compare a semelhança de Cooper, como dada nas "Cartas de Cromwell" de Carlyle com a imagem de Walker na National Portrait Gallery. Eles diferem em cada particular, - em caráter, característica, temperamento e conformação. Eles dificilmente concordam, mesmo na verruga. Não há nada que os identifique como representando o mesmo indivíduo. Ou Lely copiou Cooper ou Cooper

copiou Lely, e eles, é claro, correspondem um ao outro; mas a verdade é muito sacrificada à lisonja por esses dois pintores da corte, para que possamos supor que seu trabalho corresponde perfeitamente ao modelo. Os exemplos de Faithorne que estão prontamente acessíveis na Sala de Impressão do Museu não transmitem uma ideia adequada do homem. Nem se parecem com o trabalho de Cooper, Lely ou Walker. Há uma impressão de perfil de Houbraken, uma performance excelente, que é interessante por mostrar que tanto o queixo quanto a testa recuaram bastante. Há também uma gravura muito peculiar da medalha de Thomas Simon, que é muito bonita como obra de arte. Mas aqui, novamente, o ângulo facial é simplesmente vil, com olhos diminutos muito mesquinhos e o vestido quase clerical. A gravura do Cooper no Sidney College mostra a verruga na sobrancelha esquerda em vez da direita.

De tais coisas discrepantes, parece-me quase impossível derivar qualquer noção correta a respeito do rosto de Cromwell, exceto que o ângulo facial da face lateral deve ter sido excepcionalmente ruim. No entanto, o Sr. Harrison é capaz de se expressar da seguinte forma:

"Nenhum semblante humano registrado é mais familiar para nós do que aquele rosto largo e sólido com nariz vermelho espesso e proeminente; a sobrancelha retorcida pesada, com sua verruga histórica; olhos firmes, penetrantes, tristes; queixo quadrado e boca fechada; escassos tufo de cabelo nos lábios e no queixo; longas mechas castanhas soltas descendo em ondas até o ombro. Todo o ar respirando energia, firmeza, paixão, pena e tristeza. A versão extravagante de Carlyle é fornecida abaixo. 1

Sendo esta derivada de uma falsidade, ela mesma deve ser falsa. Mas não é um tanto curioso que amigos e inimigos de Cromwell devam sentar-se contentes diante desta miniatura admiravelmente executada de Cooper, sem dedicar um segundo pensamento ao seu valor representativo como um retrato do homem em questão? Sua felicidade artística não deve significar nada para o investigador histórico. Considerado um mero retrato, este Cooper é tão sem valor quanto a apresentação de Alexandre o Grande por Veronese; ou como qualquer retrato chique de Oliver seria, se enviado por alguma mão moderna e habilidosa para a próxima exposição de maio na Burlington House.

Nosso sentimento de surpresa aumenta, quando passamos a lembrar que possuímos um original autêntico para passar, na forma de uma máscara ainda existente que foi tirada na morte. Os historiadores desenham seus próprios retratos em bico de pena, mas não falam sobre isso ou fazem apenas menção casual a ela como "a máscara das estátuas", como se correspondesse em todos os detalhes ao primoroso pigmento invenção de Samuel Cooper. Os romancistas se deliciam com os detalhes coloridos reunidos na história; e os historiadores se divertem com o romance quando isso os impede de pesquisar os detalhes áridos. Nesse caso, a fofoca histórica aparece para ilustrar a rigorosa veracidade de Cromwell. Quando Lely estava para tirar seu retrato, ele teria ordenado que ele fosse fiel na representação de cada mancha e defeito, para pintar verrugas e tudo, ou ele não seria pago. Lely sabia o que isso significava e agiu de acordo. Todos os pintores de retratos lisonjeiam, eles devem garantir uma prática; mas, eles devem selecionar o melhor aspecto possível, por enquanto

é o que professa ser, uma semelhança. Agora, o ponto forte do seu pintor de corte é jogar com habilidade o que não está lá. Nisto Lely e Cooper conseguiram admiração.

Walker, em seus vários retratos, nos dá outro conjunto de variedades. Sua imagem na Galeria de Retratos [Granger, "Biog. Hist.," Iii. p. 290.] com o filho de Cromwell, Richard, como página amarrada no lenço do pai, foi finamente gravado por Pierre Lombart. Nesta foto, que é um pouco de madeira, temos um cavalheiro de aparência mediana indo para a batalha. Devemos olhar para um homem três ou quatro vezes antes de individualizá-lo na memória. Sr. Ninguém cavalgando para lugar nenhum em particular é derivada a impressão. Sobre a gravura, no entanto, Evelyn diz, e ele conhecia Cromwell perfeitamente bem, "que dá a mais forte semelhança com ele". Nele, ele descobre fisiognomicamente "personagens da maior dissimulação, ousadia, crueldade e ambição, em cada golpe e toque". Não posso dizer nada sobre isso, pois não vi a gravura Lombart. A imagem não transmite a ideia.

Como a arte era dócil e subserviente naqueles dias, é bem ilustrado em outra gravura de Cromwell do mesmo Lombart. Esse artista havia feito, depois de Vandyke, um "Charles a cavalo", do qual apagou o rosto e

substituiu o de Cromwell. A figura esguia do rei tinha que cumprir seu dever pelo pesado cervejeiro de Huntingdon. Mas os tempos mudam, e nós com eles. Então Pedro restabeleceu o rei. Deve haver impressões dessa impressão virada em seus três estados; sem dúvida, cópias foram vendidas em todas as fases. O rei está morto. Deus salve o Protetor! O Protetor está morto. Deus salve o rei! O leão morto nunca é tão bom para a multidão quanto o asno vivo; independentemente de a última criatura ser muito mais representativa. Uma qualidade muito procurada nos governadores modernos.

Há um retrato de Cromwell afixado em "Life of Oliver Cromwell" de Isaac Kimber, que ele publicou anonimamente [Granger, iii. 297]. Isso é pronunciado nas "Cartas do Sr. Hughes" como sendo as fotos de família autênticas de Cromwell. Vertue o gravou em 1724 para a "História da Inglaterra" de Rapin e, quando Granger escreveu, o quadro estava nas mãos de Sir Thomas Frankland, da Old Bond Street. Suponho que ainda esteja nas mãos dos Frankland-Russells de Checkers Court, que também possuem um molde de gesso do rosto de Cromwell. Pela cortesia da família, tive permissão para examinar isso; mas parece-me ter um bom valor e não tem história.

Chegamos agora ao busto de terracota de Edward Pierce, que está na National Portrait Gallery, que dizem ter sido tirado da vida. Pierce era um artista da segunda geração. Seu pai, de mesmo nome cristão, era pintor e assistente de Vandyke. Nosso Edward foi treinado para uma estatuária, e porque o aluno de Edward Bird: ele também atuou como assistente de Sir Christopher Wren, e diz-se que construiu São Clemente os dinamarqueses com ele. Ele fez um busto de Wren, para o teatro em Oxford, e também

um de Newton, morreu na rua Surrey em Strand e foi enterrado no velho Savoy. Este busto de Cromwell foi, ao que tudo indica, modelado por ele a partir de um molde tirado da vida, e deve, portanto, quanto à medida e volume, ser do tamanho natural.

Tive a amabilidade do Sr. George Scharf, da National Portrait Gallery, de tirar as dimensões deste busto por medida, mas praticamente não são muito úteis, visto que a cabeça tem uma grande abundância de cabelos curtos e

encaracolados que, claro, em terracota torna-se perfeitamente sólida e, portanto, aumenta a circunferência da cabeça em muitos centímetros.

A circunferência, com cabelo e tudo, em sua testa é de 28 $\frac{2}{8}$ polegadas. Da nuca ao osso frontal, onde se une ao nariz 15 $\frac{4}{8}$ " Largura do carro até a orelha no nível do orifício central de cada orelha o mais próximo possível de 6 $\frac{2}{8}$ "

Esta última medição é, creio eu, correta, mas é uma dimensão que só uma grande pinça poderia tomar com absoluta certeza. É tão pequeno, porém, que tenho certeza de que as outras duas dimensões devem estar muito longe de dar a verdadeira formação óssea, de modo que terão de ser deixadas várias polegadas para o cabelo. Novamente, a medida entre a ponta do nariz e a parte de trás da cabeça (9 $\frac{5}{8}$ polegadas) também exigiria que fossem feitas deduções para um chumaço de cabelo na parte de trás. Esta medida, quando reduzida, e combinada com a terceira medida dada, indica um crânio subdimensionado para um homem de constituição larga, com um metro e setenta de estatura.

Quanto à fisionomia, o nariz, embora longe de ser fino, é um tanto aquilino, sendo o melhor de todos os traços do rosto. A testa é baixa, malformada e mesquinha. A boca é firme, cruel, enganosa. A papada e o queixo sensuais e grosseiros quase até a brutalidade. É o rosto de um homem de paixões baixas, possivelmente ambicioso, mas de grande duplicidade, de um tipo inferior, o tipo de alguém que brotou de um estrato inferior da sociedade do que sua história indica que ele brotou; e você pode prontamente supor que, em trocas de bufonaria grosseira com o soldado mais rude de seu corpo, ele estaria em sua própria província e em casa. O retrato de sua mãe mostra que ela também tinha sido uma mulher de feições rudes, muito masculina.

É bom talvez mencionar aqui um busto que Grose em uma carta a Granger em 1774, chama de "um busto magistral e espirituoso de Oliver Cromwell por um Bannier." Estava então na coleção do Sr. Gostling. Ele diz que é como aquela gravura dada na "História" de Rapin. Imagino, portanto, uma representação extravagante e de valor histórico muito pequeno.

Os historiadores especialistas e, claro, o público em geral junto com eles, estão perfeitamente satisfeitos com o Cromwell apresentado a eles por

Samuel Cooper. Confesso que a considero uma apresentação muito risível e de crédito quase impossível. Não acho o busto de Pierce satisfatório, mas certamente considero que é a única semelhança que tenho

teve a oportunidade de examinar que transmite até mesmo uma dica do que pode ser considerada a verdadeira aparência do homem. Resta apenas uma maneira de resolver esta questão. É muito lamentável que, com tanto pretensão de desejo de exatidão histórica, tivéssemos permitido que se passassem duzentos e cinquenta anos sem fazer a menor tentativa de resolver essa questão.

Aprendemos com as "Viagens" de Breval que no Antigo Palácio de Florença há um elenco preservado de Oliver Cromwell. O molde foi obtido do rosto de Cromwell *alguns minutos após sua morte* "por meio da destreza administrativa do residente da Toscana em Londres". Este, ou um molde dele, deve ser imediatamente assegurado para nossa National Portrait Gallery. Uma cópia custaria muito pouco em tempo, dinheiro ou problemas para ser protegida; e, quando garantidos, três ou quatro deveriam ser fundidos em bronze e colocados em diferentes museus de modo que um incêndio não pudesse destruir todos eles de uma vez.

Tenho quase certeza de que será encontrado para confirmar o busto de Pierce, como sendo mais parecido com Cromwell do que qualquer outra coisa que possuímos. E, além disso, como o trabalho de Pierce não é de forma alguma uma grande conquista na arte do escultor, espero encontrar no elenco de Florença indicações características que estão ausentes do trabalho de Pierce. A grandeza da alma é incompatível com o rosto que Pierce nos dá. Mas confesso que não vejo grandeza alguma que possa ser expressa por um homem cuja história é a de Oliver. Seu sucesso básico, o mundo pode adorar, se quiser. Eu desprezo o sucesso se ele deve ser obtido pelos métodos de Cromwell. Observo que os grandes da história são sempre mesquinhos de fato; e eu bem sei que você deve dizer a todos os homens que triunfaram, que nenhum moralista investigador chegue perto de você. Lamentável e desprezível é o homem que pode invejar os grandes na grandeza de seus crimes. Não espero que o gesso, se adquirido, torne a leitura melhor para Cromwell; mas, se for o caso, estou pronto para dar a

ele todas as vantagens disso. No momento, considero que o rosto é vilão, como o homem.

". . . ducitur unco,
Spectandus: gaudent omnes. Quæ labra? Quis illi Vultus erat? Nunquam, si
quid mihi credis, amavi

Hunc hominem."
JUVENAL, x. 66.

Mesmo assim, com ou sem amor, chegamos ao fim; e se confirmarmos
Pierce, a carne e os ossos do homem assim revivido também confirmarão os
epítetos de Nostradamus, que primeiro me induziram a entrar nesta
investigação.

“Senhor, vejo que és profeta.” *João* iv. 19

"Quod est ante pedes, nemo spectat: cœli scrutantur plagas." - Cic., *Divin.*,
Ii. 13

Concedido, um porco é a sabedoria mais próxima.

Μάντις ἄριστος, ὅστις εἰκάζει καλῶς .-- WITSIUS, *Miscel.*, P. 14

O melhor analogista é o melhor profeta.

"L'observation des analogies universelles a été negligée, et c'est pour cela
qu'on ne croit plus a la divination." - LEVI, *Clef des Mystères*, p. 216

Μαντεῖον, ἐπὶ χεῖλεσι βασιλέως, ἐν δὲ κρίσει οὐ μὴ πλανηθῇ τὸ στόμα
αὐτοῦ .-Prov. xvi. 10, LXX.

Há adivinhação nos lábios de um rei, e o julgamento não falha em sua boca.

ENVOY

Notas de rodapé

306: 1"Tem cerca de um metro e meio ou mais; um homem de estatura
sólida e forte, e porte agora digno, em parte militar: a expressão de sua
coragem e inteligência devota, --- energia e delicadeza com base na
simplicidade. Cinquenta e quatro anos de idade. , se foi em abril passado;
pele clara e avermelhada, bronzeada pelo trabalho árduo e pela idade;
cabelos castanhos claros e bigode estão ficando manchados de cinza. Uma
figura de imponência suficiente; - não adorável para o homem - espécie de
chapeleiro, nem fingindo ser assim .Estatura maciça; grande cabeça maciça,
de aspecto um tanto leonino, 'oficina evidente e depósito de um vasto

tesouro de peças naturais.' Verruga acima da sobrancelha direita; nariz de proporções aquilinas rombas consideráveis; lábios rígidos, mas abundantes, cheios de todas as sensibilidades trêmulas, e também, se necessário, de toda ferocidade e rigidez; olhos profundos de amor, chamem-nos de graves, chamá-los de severos, olhando por baixo daquelas sobrancelhas ásperas, como se estivessem em uma tristeza ao longo da vida, e ainda não pensando que é uma tristeza, pensando que é apenas trabalho e esforço: - no todo. uma cara de leão nobre e direita, e uma cara de herói. "(Carlyle," Cromwell Letters ", ii. p. 435).

“Aquele que sabe algo que vale a pena comunicar e não o comunica, que seja enforcado pelo pescoço.” *Talmud, Sucah* , p. 58

OceanofPDF.com